

ELISABETE CRISTINA FIGUEIRAS RIBEIRO DE JESUS PEREIRA

**Cartas ao Editor: Construções discursivas do EU e do OUTRO na  
imprensa regional Algarvia em língua inglesa**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
2018

ELISABETE CRISTINA FIGUEIRAS RIBEIRO DE JESUS PEREIRA

**Cartas ao Editor: Construções discursivas do EU e do OUTRO na imprensa regional Algarvia em língua inglesa**

Doutoramento em Comunicação, Cultura e Artes  
Especialidade em Estudos Culturais

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**

Doutora Merja Sinikka Nousia de Mattos Parreira  
Doutora Kathryn Mary Torkington



UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

2018

## **Declaração de autoria de trabalho**

### **Cartas ao Editor: Construções discursivas do EU e do OUTRO na imprensa regional Algarvia em língua inglesa**

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

---

Elisabete Cristina Figueiras Ribeiro de Jesus Pereira

## **Copyright**

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## Resumo

Esta tese apresenta um estudo interdisciplinar sobre o modo como a comunidade britânica no Algarve representa discursivamente a identidade e a alteridade em cartas ao editor recolhidas em jornais em língua inglesa e dirigidos a esta comunidade.

A crescente comunidade de britânicos no Algarve faz parte de uma tendência migratória contemporânea denominada *Lifestyle Migration*, com práticas e objetivos diferentes da migração mais economicamente motivada. Esta forma de migração é geralmente empreendida por indivíduos relativamente afluentes, a tempo inteiro ou parcial, para locais que são percebidos como oferecendo melhor qualidade de vida. A partilha de um projeto e repertório comuns faz com que possamos considerar a comunidade de leitores/escritores como uma comunidade de prática, em que os membros negociam significados no âmbito da construção de novas *'classed identities'* no espaço algarvio.

O presente estudo insere-se no âmbito dos Estudos Culturais, usando uma abordagem de Análise Crítica do Discurso. Para a análise do *corpus* recorre-se a uma conjugação de metodologias, nomeadamente Teoria do Posicionamento e Abordagem dos Atores Sociais, que possibilitem revelar posicionamentos e temas recorrentes e explicar os efeitos que certas escolhas discursivas têm na formação de uma identidade atribuída ao 'eu' e ao 'outro'. A *'Appraisal Theory'* será o outro recurso metodológico, cujo objetivo será permitir analisar as avaliações e julgamentos que os leitores/escritores fazem do 'outro'.

A importância das cartas ao editor enquanto esfera pública democrática para identificar assuntos de preocupação e interesse ou ventilar desabafos será outro aspeto discutido neste estudo. Embora a razão de ser das cartas ao editor seja incluir o leitor, a participação no espaço de debate poderá não ser acessível a todos.

Este estudo pretende demonstrar que a construção discursiva da identidade e alteridade esconde correntes ideológicas ou *'master narratives'*, no que diz respeito ao projeto migratório, de pertença e de *'becoming'*, levando à criação de grupos, inclusivos ou exclusivos e reforçando a semelhança ou diferença entre indivíduos.

**Palavras-chave:** cartas ao editor, *lifestyle migration*, identidade, alteridade, discurso, Algarve

## **Abstract**

This thesis presents an interdisciplinary study on the way in which the British community in the Algarve discursively represents identity and otherness in letters to the editor selected from newspapers written in English and locally produced for this community.

The ever-growing community of British in the Algarve is part of the contemporary migratory trend of *lifestyle migration*, whose practices and objectives differ from more economically motivated migration trends. This type of migration is generally undertaken by relatively affluent individuals, full time or part time, to places which are perceived as offering a better quality of life. Sharing a common project and repertoire constitutes the community of readers/writers as a community of practice, in which members negotiate meanings in the range of (re)creation of new ‘classed identities’ in the Algarve.

The study takes a cultural studies framework and a critical discourse analysis approach. For the purpose of the corpus analysis I draw on a combination of different methodologies, namely positioning theory and social actors approach, which may help to reveal recurrent positionings and storylines as well as to explain the role that certain discursive choices play in the construction of identities conferred on the ‘self’ and the ‘other’. Appraisal Theory provides the means to analyse evaluations and judgements which readers/writers make of others.

A further subject for discussion is the importance of letters to the editor as part of the democratic public sphere in order to identify matters of interest and concern or to vent grievances. Although the goal of letters to the editor is to include readers, participation in the public debate may prove not to be accessible to all.

This study aims to demonstrate that the discursive construction of identity and otherness conceals ideological undercurrents or master narratives as far as the migratory, ‘belonging’ and ‘becoming’ projects are concerned, leading to the creation of ingroups or outgroups, inclusive or exclusive, and reinforcing the similarities or differences between individuals.

**Key words:** letters to the editor, *lifestyle migration*, identity, otherness, discourse, Algarve

## **Dedicatória**

**Ao meu pai**

## Agradecimentos

São muitas as pessoas e instituições a quem gostaria de agradecer a contribuição para que este trabalho fosse levado a bom termo.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer às minhas orientadoras, Doutoradas Merja Parreira e Kate Torkington, pelo incentivo, ensinamentos e apoio constante ao longo de todo o projeto.

Agradeço também aos colegas docentes e não docentes do *campus* de Portimão, ao núcleo de Línguas I, à Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo (ESGHT- Universidade do Algarve), à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS – Universidade do Algarve) e ao CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação).

Agradeço a todos os professores, escolas e instituições de ensino por onde passei o saber e as ferramentas que me foram ensinadas e transmitidas.

À minha amiga Alexandra agradeço todo o incentivo e apoio nos momentos de desespero.

Obrigada aos meus pais pelos valores e crenças que me transmitiram. Agradeço ao meu pai, ‘por estar sempre ao meu lado no seu cavalo de pau’.

Finalmente, à minha família, que acreditou em mim quando eu duvidava, um especial agradecimento pela paciência e apoio nos momentos mais difíceis. Obrigada por todos os sacrifícios que fizeram comigo. Ao Zé Pedro e Francisco agradeço por serem o meu refúgio no meio do caos e da ‘loucura’. Ao Beto, obrigada por ser o meu porto seguro em meio às tormentas.

## ÍNDICE

Declaração de autoria do trabalho .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Dedicatória .....	ix
Agradecimentos .....	x

### **Capítulo 1 Enquadramento Estrutural do Trabalho**

<b>1.1. Introdução</b> .....	1
1.1.1. Âmbito da investigação .....	1
1.1.2. Objetivos gerais .....	3
1.1.3. Questões de Partida .....	5
1.1.4. Organização da tese .....	7
1.1.5. Motivações para o tópico de investigação .....	7
1.1.6. O posicionamento da investigadora no trabalho em curso .....	9
<b>1.2. Contexto da Investigação</b> .....	10
1.2.1. Panorama subjacente ao tópico de investigação .....	10
1.2.2. Breve descrição do trabalho de investigação proposto .....	12
1.2.3. Breve descrição do enquadramento teórico e metodológico .....	14

### **Capítulo 2 Enquadramento Teórico e Metodológico**

<b>2.1. Estudos Culturais: breve contextualização</b> .....	19
<b>2.2. Análise Crítica do Discurso</b> .....	21
2.2.1. Noções Gerais de Análise Crítica do Discurso .....	21
2.2.2. Estudos Culturais e Análise Crítica do Discurso: pontos de contacto .....	24
2.2.3. O porquê de uma análise crítica .....	27
<b>2.3. Conceptualização da Abordagem dos Atores Sociais</b> .....	29
2.3.1. Recontextualização das práticas sociais através do discurso .....	30
2.3.2. Práticas sociais .....	32
2.3.3. O processo de recontextualização .....	35
2.3.3.1. Transformações ocorridas durante a prática de recontextualização .....	35
2.3.4. A Abordagem dos Atores Sociais. Porquê? .....	39

<b>2.4. <i>Appraisal Theory</i>: Julgamento e Apreciação</b>	41
<b>2.5. Teoria do Posicionamento</b>	43
2.5.1. Conceptualização da Teoria do Posicionamento	43
2.5.2. Direitos e deveres	44
2.5.3. Dever supererrogatório	45
2.5.4. Posição e posicionamento	46
2.5.4.1. 1º vértice: posições	49
2.5.4.2. 2º vértice: atos/ações	50
2.5.4.3. 3º vértice: storylines/enredos	51
2.5.5. Modos de posicionamento	52
2.5.5.1. Posicionamento de 1ª e 2ª ordem	52
2.5.5.2. Posicionamento performativo e justificativo	52
2.5.5.3. Posicionamento moral e pessoal	53
2.5.5.4. Posicionamento tácito e intencional	54
2.5.5.5. Tipos de posicionamento intencional	55
2.5.6. A Teoria do Posicionamento na análise às cartas ao editor	60
<b>2.6. <i>Lifestyle Migration</i></b>	67
2.6.1. Concetualização de <i>Lifestyle Migration</i>	68
2.6.2. Imigrante, expatriado ou <i>lifestyle migrant</i>	70
2.6.3. <i>It is a lens rather than a box</i>	72
2.6.4. <i>Lifestyle Migration</i> como projeto e processo reflexivo	74
2.6.5. <i>Lifestyle Migration</i> no Algarve	78
<b>2.7. Conceitos Operacionais</b>	89
2.7.1. Uma perspetiva da identidade	89
2.7.2. O discurso na construção da identidade	91
2.7.3. Comunidade de prática	95
2.7.3.1. Comunidade britânica no Algarve	95
2.7.3.2. Concetualização de comunidade de prática	97
2.7.3.3. Os britânicos no Algarve enquanto uma comunidade de prática	98
2.7.3.4. Negociação de significado	101
2.7.4. <i>Bonding and bridging capital</i>	103

## Capítulo 3 Cartas ao Editor

<b>3.1. Imprensa Regional Algarvia em Língua Inglesa</b> .....	105
3.1.1. Retrato da imprensa regional algarvia .....	105
3.1.2. Imprensa regional em língua Inglesa .....	106
3.1.2.1. <i>The Portugal News</i> .....	109
3.1.2.2. <i>Portugal/Algarve Resident</i> .....	111
3.1.3. Um caso de <i>minority media</i> .....	115
3.1.4. A esferícula pública britânica .....	118
<b>3.2. Cartas ao Editor</b> .....	122
3.2.1. Introdução .....	122
3.2.2. Critérios de seleção .....	124
3.2.3. Práticas de seleção editorial no <i>Algarve/Portugal Resident</i> e <i>The Portugal News</i> .....	127
3.2.4. Perfil do leitor/escritor .....	135
3.2.5. Cartas ao editor vs. Comentários .....	137
3.2.6. Análise de Conteúdo das cartas ao editor no <i>Algarve/Portugal Resident</i> e <i>The Portugal News</i> .....	139
3.2.7. Carta ao editor enquanto género textual .....	140
3.2.8. Diferentes abordagens ao estudo das cartas ao editor .....	145
3.2.9. A carta ao editor enquanto espaço de negociação de identidade .....	146
3.2.10. Classe e distinção na comunidade de expatriados .....	147

## Capítulo 4 Análise do Corpus

<b>4.1. Constituição do corpus</b> .....	150
<b>4.2. Metodologias e métodos de análise para este estudo</b> .....	150
<b>4.3. Análise temática e de posicionamento das cartas ao editor</b> .....	153
<b>4.4. As storylines do corpus</b> .....	154
4.4.1. <i>This peaceful and beautiful country</i> .....	155
4.4.1.1. <i>Storyline 1 - It could only happen here</i> .....	156
4.4.1.2. <i>Storyline 2 – They are not doing their job</i> .....	158
4.4.1.3. <i>Storyline 3 - I find it absolutely disgraceful</i> .....	164
4.4.1.4. <i>Storyline 4 – The Algarve should not be seen as a golden goose</i> ....	170
4.4.2. <i>The right kind of Brit</i> .....	177

4.4.2.1. <i>Storyline 5 - What are these people doing here?</i> .....	177
4.4.2.2. <i>Storyline 6 – So, if you’re a tourist</i> .....	181
4.4.2.3. <i>Storyline 7 – Who do you think you are?</i> .....	183
4.4.2.4. <i>Storyline 8 - I know better than them</i> .....	189

## **Capítulo 5 Discussão e Interpretação dos Resultados**

<b>5.1. Tipos de Posicionamento nas cartas ao editor</b> .....	199
<b>5.2. Quem é o ‘outro’?</b> .....	201
<b>5.3. Como é o ‘outro’?</b> .....	203

## **Capítulo 6 Conclusões**

<b>6.1. Respostas para as questões de partida</b> .....	206
<b>6.2. Contribuição para a investigação</b> .....	211
<b>6.3. Limitações da investigação</b> .....	212
<b>6.4. Sugestões para investigação futura</b> .....	212
<b>7. Bibliografia</b> .....	214

## Índice de tabelas

<b>Tabela 2.1.</b> - Tipos de posicionamento intencional .....	56
<b>Tabela 2.2.</b> - Questões aplicadas nos Censos 2011 .....	85
<b>Tabela 2.3.</b> - Número de cidadãos britânicos e irlandeses residentes em Portugal por faixa etária à data dos Censos 2011 .....	86
<b>Tabela 2.4.</b> - Cidadãos britânicos residentes em Portugal .....	87
<b>Tabela 3.1.</b> - Política de correio de leitores no <i>TPN</i> e <i>A/PR</i> .....	129

## **Índice de figuras**

<b>Figura 2.1.</b> – A relação entre textos, práticas discursivas e práticas socioculturais a partir de uma perspectiva crítica .....	25
<b>Figura 2.2.</b> – Triângulo de posicionamento .....	49

## **Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos**

**ACD** (Análise Crítica do Discurso)

**AAS** (Abordagem dos Atores Sociais)

**APCT** (Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação)

**A/PR** (*Algarve/Portugal Resident*)

**CaE** (Cartas ao Editor)

**CdP** (Comunidade de Prática)

**ERC** (Entidade Reguladora para a Comunicação Social)

**LC** (Linguística Crítica)

**LM** (*Lifestyle Migration*)

**OCS** (Órgãos de comunicação social)

**RIFA** (Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo)

**RU** (Reino Unido)

**SEF** (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras)

**TPN** (*The Portugal News*)

**UE** (União Europeia)

**VFR** (*Visiting Friends and Family*)

# Capítulo 1

## Enquadramento Estrutural do Trabalho

### 1.1. Introdução

Esta tese propõe a investigação da representação discursiva do ‘eu’ e do ‘outro’ nas cartas ao editor a jornais algarvios em língua inglesa. Abordamos esta questão a partir da perspetiva socio-construtivista, de que a identidade e a alteridade se constroem através do discurso e da negociação de significado que tem lugar através daquele. O panorama contextual mais amplo, em que este estudo tem lugar é o da *Lifestyle Migration*, uma tendência migratória contemporânea, cada vez mais global e globalizada e que em Portugal tem o seu expoente máximo no Algarve.

Este capítulo introdutório apresentará uma contextualização em termos do âmbito da investigação, objetivos gerais, questões de partida e organização da tese. De seguida, será apresentado o contexto de investigação, focando o panorama subjacente ao tópico de investigação, descrevendo brevemente o trabalho proposto e o enquadramento teórico.

#### 1.1.1. Âmbito da investigação

*‘at the same time any real theory of communication is a theory of community’*

Raymond Williams, 1961

O excerto de Raymond Williams acima citado une dois conceitos distintos e simultaneamente impossíveis de dissociar. A necessidade de comunicação só existe para além da singularidade, só fazendo sentido quando mais de um indivíduo está envolvido no processo. Por conseguinte, a comunicação concretiza-se se quando há comunidade ou, vistas as coisas de outra maneira, a comunidade toma forma a partir do momento em que há comunicação entre ela.

Assim, o presente estudo parte de um ponto de vista socio-construtivista do discurso, que advoga que ao produzir discurso, se contribui para a construção e propagação de

uma determinada visão do mundo, dos outros e de nós mesmos e tem como objectivo aferir, através da análise de práticas discursivas de expatriados britânicos no Algarve, como é construída a identidade e a alteridade nas cartas ao editor. Para esse efeito, foram recolhidas quarenta cartas ao editor em duas publicações de imprensa regional algarvia dirigidas à comunidade de expatriados: *Portugal/Algarve Resident* e *The Portugal News*.

Propomos um modelo de análise que contribua para o acréscimo de conhecimento no âmbito mais geral dos Estudos Culturais, utilizando a Análise Crítica do Discurso (ACD) como abordagem e Teoria do Posicionamento, Abordagem dos Atores Sociais e ‘*Appraisal Theory*’ como ferramentas de análise, por permitirem a apresentação detalhada e sistemática de resultados tangíveis sobre a representação discursiva da identidade e da alteridade no *corpus* seleccionado.

Outro ponto de ancoragem teórica relaciona-se com o público, a quem os dois jornais são dirigidos e também ele o autor das cartas ao editor. Referimo-nos aos expatriados britânicos, também designados por *lifestyle migrants*, definição que alude a uma tendência de imigração mais recente, teorizada por Benson e O’Reilly (2009, 2016) e que difere do tipo mais comum de migração, economicamente motivada. De acordo com as autoras, o que é procurado pelos ‘novos migrantes’, partilha traços comuns, nomeadamente um retorno ao que se percebe como uma simplificação da vida, envisionando um estilo de vida mais satisfatório, que conduza à realização pessoal do indivíduo.

A diáspora, neste caso, na forma de *lifestyle migration*, co-existe com tensões, que interessam explorar no âmbito da relação do indivíduo com o ‘outro’: uma primeira remete para o facto de simultaneamente existir ligação com o ‘lar ancestral’ enquanto se constrói um novo. A segunda para a existência de negociações entre a identidade antiga (local) e nova (global). Estas tensões produzem o ‘espaço da diáspora’, onde fronteiras de inclusão e exclusão, de pertença e de ‘*otherness*’, de oposição ‘nós’ e ‘eles’ são negociadas e aceites ou contestadas. Por esse motivo, uma vez que a ACD assenta no princípio de que a relação entre o discurso e o significado nunca é arbitrário, no sentido em que a escolha de um determinado género ou estratégia retórica traz consigo pressuposições, significados, ideologias e intenções, ligando práticas culturais e sociais e os valores e assunções que subjazem ao discurso (Kress *apud* Paltridge, 2012: 191),

aquela torna-se a abordagem mais conveniente para investigar as questões de partida que se tomam por base neste trabalho.

### **1.1.2. Objetivos gerais**

Este estudo tem três objetivos principais: o primeiro consiste em acrescentar conhecimento sobre a comunidade britânica no Algarve. Para esse efeito iremos apoiar-nos no conceito de *Lifestyle Migration* para explicar as características particulares do movimento migratório de cidadãos britânicos com destino ao Algarve e em dados estatísticos do SEF e Censos para descrever a evolução desta tendência nos últimos anos.

O segundo objetivo prende-se com a investigação do modo como a comunidade de expatriados retrata a sua identidade e a alteridade. Interessa-nos perceber quem é visto como o ‘outro’ e porque razão, como se representam os leitores/escritores de cartas ao editor, com quem alinham e encontram aspetos em comum. Propomo-nos fazê-lo estudando manifestações do seu discurso espontâneo na forma de cartas ao editor e, mais concretamente, analisando como os autores de cartas ao editor se posicionam a si próprios e aos outros em termos de identidade e alteridade.

Esta questão liga-se a uma outra, o terceiro objetivo, que é estabelecer uma relação entre o discurso produzido pelos indivíduos desta comunidade a discursos ideológicos mais abrangentes e subterrâneos, tão subtis e disseminados a ponto de frequentemente não nos apercebermos que o estão a (re)produzir.

O verdadeiro desafio será levar a cabo este projeto sem ser demasiado simplista e redutora, pois há que ter em mente que as quarenta cartas que constituem o *corpus* são uma janela entreaberta para uma comunidade discursiva, que permite entrever a complexidade e variedade de posicionamentos, mas que não mostra uma imagem completa. Por outro lado, como poderei analisar uma parte do discurso produzido pela comunidade britânica no Algarve sem generalizar sobre toda ela?

Uma breve revisão de literatura sobre *Lifestyle Migration* servirá como base para a definição do conceito. Seguidamente proceder-se-á a uma análise crítica do discurso do *corpus* e do posicionamento, organizando as narrativas em ‘*storylines*’ com o objetivo de

aferir como se posicionam discursivamente os autores das cartas em relação à sua identidade e à alteridade.

As Cartas ao Editor são escritas por residentes estrangeiros e interpelam, questionam e respondem a outros residentes estrangeiros, entabulando um diálogo permanente constante, que tem por base comum uma herança linguística e cultural partilhada em concordância/confronto consigo mesma e com a cultura do país/região de acolhimento.

Assim, os Estudos Culturais constituem o pano de fundo da abordagem, recorrendo-se à Análise Crítica do Discurso como ferramenta para investigar a construção discursiva da identidade e da alteridade. O conceito de '*Lifestyle Migration*' revela-se útil na contextualização da comunidade discursiva em estudo.

A identidade é um processo em permanente negociação efectivado através de práticas discursivas. Relativamente ao primeiro objetivo, prevê-se chegar à conclusão de que os autores do *corpus* em análise são, de facto, o que se pode considerar '*lifestyle migrants*', partilhando de características semelhantes às compiladas por Benson e O'Reilly (2009). Espera-se encontrar grande heterogeneidade em termos de posicionamento relativamente à identidade, sua e do 'outro'. Ademais, prevê-se que os autores do *corpus* não se identifiquem com o conceito de *Lifestyle Migration*, uma vez que é maioritariamente utilizado em contexto académico. A globalização da migração com fins recreativos é uma importante tendência contemporânea, que no Algarve, se traduz na presença de uma comunidade de '*lifestyle migrants*'. Compreender o modo como (re)produz discursivamente a sua identidade e a alteridade é fundamental para (re)pensar os efeitos da presença desta comunidade na região.

Pretende-se contribuir para a discussão da inter-relação entre discurso e identidade combinando diferentes teorias e disciplinas (Estudos Culturais, ACD e '*Lifestyle Migration*'). O 'outro' representa aquilo que o indivíduo não é, e frequentemente, este define a sua identidade em oposição ao 'outro'. Assim, a análise discursiva assume ser, no presente estudo, uma ferramenta fundamental, através da qual se pretende expor as estruturas sociais e culturais que produzem grupos de ideias sociais e culturais, das quais emanam representações do 'outro'. A análise discursiva das cartas ao editor pretende expor as relações de poder e localizar o discurso dentro de relações históricas,

culturais e sociais de um grupo específico, que é o da comunidade de ‘*lifestyle residents*’ no Algarve.

### **1.1.3. Questões de Partida**

Este trabalho de pesquisa tem como base teórica os Estudos Culturais e a Análise Crítica do Discurso, que proporcionam o enquadramento geral para a obtenção de resposta às perguntas de partida. Por esse motivo, iremos adiante, evocar alguns dos fundamentos gerais e mais particulares que serão importantes para este trabalho. Abaixo incluo as minhas três questões de partida, para uma melhor compreensão da problemática de investigação:

**QP1: Como se caracteriza a comunidade discursiva que escreve cartas ao editor?**

**QP2: Como são representadas discursivamente a identidade e a alteridade nas cartas ao editor?**

**QP3: Como se ligam os posicionamentos discursivos identificados a discursos ideológicos vigentes?**

Relativamente à QP1, consideramos importante descrever e caracterizar a comunidade britânica no Algarve em termos estatísticos, bem como do projeto migratório em que se integram. A comunidade britânica no Algarve compreende muitas situações diversas, desde o turista ao residente naturalizado, passando por uma enorme variedade de situações diferentes.

Será importante compreender e explicar como circulam as práticas discursivas dentro da comunidade de britânicos no Algarve, que existe porque há uma coincidência nas condições de vida escolhida (todos estão de alguma forma ligados a Portugal), porque, fruto da globalização, foram criadas estruturas e circunstâncias que permitem a *Lifestyle Migration* e porque os espaços media permitem e encorajam a criação de uma comunidade discursiva.

Os indivíduos que participam no diálogo da comunidade discursiva destes média são parte integrante da estrutura e têm algo a dizer sobre ela, seja porque apoiam e

concordam com determinado ponto de vista, seja porque dele discordam e o refutam. Ao fazê-lo, contribuem para a produção e reprodução de determinadas ideologias. Neste ponto, a QP1 interliga-se com a QP3 e contribuirá para a obtenção de respostas para a última pergunta.

Neste trabalho de investigação, o *corpus* é constituído por apenas um tipo de documento, 40 cartas ao editor de dois jornais direcionados para a comunidade de falantes britânicos em Portugal, mais especificamente no Algarve.

O *Algarve/Portugal Resident*, um dos jornais usados para recolher as cartas ao editor que constituem o *corpus*, dispunha até há algum tempo atrás na sua página *online*, de uma secção de crónicas redigidas por residentes britânicos, algumas com temas relacionados com o modo de vida, língua ou costumes portugueses, que poderiam igualmente constituir um manancial de discurso espontâneo, passível de ser analisado criticamente para responder às perguntas de partida. No entanto, a grande desvantagem seria o número muito reduzido de atores sociais que iriam produzir esse discurso, podendo constituir um entrave à obtenção de resultados fiáveis.

Assim, para responder à QP2 optou-se por coligir um *corpus* constituído por cartas ao editor, por permitir a análise de discurso, que ocorre natural e espontaneamente, sem a necessidade de direccionar o diálogo para determinada campo, como aconteceria na entrevista e dispondo de um número mais amplo de sujeitos.

A QP3 tem como objetivo identificar posicionamentos discursivos nos documentos em estudo e verificar se existe uma ligação a discursos ideológicos dominantes, que de alguma forma, privilegiem certos tipos de identidade e alteridade em detrimento de outros, considerados menos desejáveis. Os conceitos de ‘*taste*’, classe e distinção de Bourdieu (1984) serão aqui debatidos e a sua importância equacionada na formação de *ingroups* e *outgroups* (Putnam, 2000) no seio da comunidade discursiva. Neste campo, será importante focar relações de poder, os sistemas económicos e a sua tendência globalizante, que formam estruturas da sociedade, que permitem que a *Lifestyle Migration* exista, nomeadamente no Algarve.

#### **1.1.4. Organização da tese**

No primeiro capítulo apresenta-se o âmbito e os objetivos gerais do estudo, introduzem-se as questões de partida, expõem-se as motivações e posicionamento para a investigação. Estabelece-se igualmente o panorama subjacente ao estudo e descreve-se o trabalho de investigação proposto, bem como o enquadramento teórico envolvente. O segundo capítulo trata o enquadramento teórico e metodológico, apresentando e definindo conceitos operacionais, teorias e abordagens que serão usados ao longo do trabalho, problematizando e aprofundando o objeto de estudo. Neste capítulo é apresentada a conceptualização teórica da Análise Crítica do Discurso, e mais especificamente, a Abordagem dos Atores Sociais, *Appraisal Theory*, a Teoria do Posicionamento e é dada uma definição do conceito de *Lifestyle Migration*.

O terceiro capítulo aborda a carta ao editor, fazendo o levantamento e descrição do panorama da imprensa regional algarvia em língua inglesa e suas especificidades. Seguidamente, aprofunda-se o estudo relativamente à definição, critérios de seleção, perfil do escritor/leitor e principais abordagens no estudo das cartas ao editor. O capítulo quatro trata da análise propriamente dita, primeiramente apresentando o *corpus* selecionado e a metodologia para a análise, seguida da análise e da sua ligação a um posicionamento moral.

O capítulo cinco trata a discussão e interpretação dos resultados obtidos de uma maneira mais global e abrangente. Finalmente, no capítulo seis apresentam-se as conclusões, avalia-se o estudo e a sua contribuição para esta área de conhecimento, reflete-se sobre as limitações e formulam-se sugestões para investigação futura.

#### **1.1.5. Motivações para o tópico de investigação**

As minhas férias foram sempre passadas no Algarve. Mesmo enquanto criança era possível constatar a atribuição de um posicionamento ‘superior’ conferido a quem vem de fora, primeiro os portugueses de outras zonas do país e no topo da pirâmide, os estrangeiros. Em comum há o facto de que ambos os grupos possuíam, em diferentes graus, algum desafogo financeiro, que permitia a deslocação para o Algarve no período de férias.

O termo ‘bifes’ ou ‘camones’, maioritariamente aplicado aos britânicos, mas que depressa passou a ser usado para fazer referência a todos os estrangeiros do Norte da Europa, ouvi-o pela primeira vez no Algarve. Qualquer atitude ou costume fora do normal ou estranho da sua parte era mitigado com a desculpa de que aquelas pessoas eram ‘estrangeiros’. Foi também aqui que primeiramente tomei contacto com os ‘estrangeiros’ e que despertou o meu interesse pela língua e cultura britânicas, tendo representado um papel muito importante na escolha do meu percurso académico e profissional.

Ao iniciar a minha vida ‘adulta’, optei por mudar de local de residência para o Algarve por motivos, que vim a descobrir no decurso da minha investigação, são muito semelhantes ao que descrevem os ‘*lifestyle migrants*’: abandonar uma vida urbana que se vê como oferecendo pouca qualidade e começar num outro local, que se imagina oferecer mais tempo para a conjugação da vida profissional e familiar, maior proximidade com a natureza, o bom tempo, uma vida mais simples, em resumo. De certo modo, também faço parte de um movimento migratório dentro do meu próprio país, em que um destino de férias se transforma no destino de residência, com vista a uma vida com mais qualidade.

Por outro lado, as minhas primeiras experiências profissionais consistiram em trabalhar para e com ‘estrangeiros’, com todas as estranhezas a nível cultural, que isso implica de parte a parte. Aí também me apercebi que o relacionamento entre estes ‘estrangeiros’ e os portugueses geralmente termina no final do dia de trabalho, uma vez que as atividades sociais se fazem em grupos só de portugueses ou só de estrangeiros. Há com toda a certeza exceções e indivíduos, portugueses ou estrangeiros, que circulam confortavelmente entre um grupo e outro. Mas, regra geral, não foi isso que constatei. A vida social é feita com pessoas provenientes do mesmo contexto, com ênfase na questão da uma comunidade, na partilha de uma origem, língua e experiência migratória semelhante.

Tal facto é intrigante, na medida em que, regra geral, este tipo de migrante é considerado relativamente endinheirado e ‘civilizado’ é geralmente bem-vindo e, à partida, não encontraria problemas de integração pela parte da população local. Por outro lado, ensinei durante alguns anos Português para Estrangeiros e encontrei um paradoxo: os britânicos constituíam uma minoria dos interessados em aprender a língua

do país em que vivem, sendo um dos maiores e mais antigos grupos de residentes estrangeiros no Algarve.

Tais questões despertaram em mim o interesse em encontrar uma resposta para elas, ou pelo menos, para poder contribuir com conhecimento sobre a questão da identidade que os britânicos no Algarve conferem a si próprios e aos outros, quem é para esta comunidade ‘o outro’ diferente, quem é o ‘us’ e o ‘them’ a partir do seu ponto de vista.

### **1.1.6. O meu posicionamento na investigação em curso**

As teorias e metodologias (Estudos Culturais, ACD, Teoria do Posicionamento, e ‘*Appraisal Theory*’) usadas como enquadramento para a investigação em curso têm em comum o facto de serem assumidamente engajadas e comprometidas com os mais vulneráveis e desprotegidos, com os que não têm voz, ou com aqueles cuja voz não é ouvida. Ao contrário do que costuma ser usual nas disciplinas e abordagens do enquadramento teórico usadas neste trabalho de investigação, o objeto de estudo é a construção discursiva da identidade e da alteridade de uma comunidade, que apesar de minoritária, é simbolicamente associada com privilégio e à qual geralmente não é atribuída uma posição desfavorecida ou que tem falta de uma voz pública.

Como é do conhecimento geral, a atividade económica algarvia apoia-se principalmente no setor do turismo e quem vive ou trabalha no Algarve sente que, de alguma maneira, contribui direta ou indiretamente para a consolidação dessa mesma indústria. É importante satisfazer o turista, para que tenha vontade de regressar, ou em muitos casos, para que escolha o Algarve para residir. A necessidade de satisfazer o turista endinheirado, maioritariamente proveniente de países do norte da Europa, tem como consequência a criação de negócios que visam cumprir esse objetivo, de uma paisagem familiar e aprazível para o público ao qual se dirige, em que imperam *slogans*, publicidade, informação ou reclames em língua inglesa. Assim, assistimos ao caso de uma minoria num país estrangeiro, que goza privilégios geralmente conferidos a uma maioria numérica. Tal facto não deixa de causar alguma estranheza, não obstante sabermos que a posse de capital económico potencia o acesso desigual ao capital social, cultural e simbólico.

A constatação destes factos fez despertar a minha curiosidade sobre que tipo de relações de poder existiriam entre a comunidade de expatriados no Algarve e os portugueses. Mais especificamente, uma vez que a minha formação inicial recaí no estudo da língua, literatura e cultura britânicas e a minha atividade profissional consiste em lecionar a língua inglesa (frequentemente a alunos que trabalham ou irão trabalhar no ramo do turismo e cujos programas de inglês reforçam a necessidade de conhecimento e adaptação às preferências e particularidades dos turistas estrangeiros), pareceu-me natural que escolhesse esta comunidade como objeto de estudo.

No início da pesquisa e investigação para este trabalho pressupus que o ‘outro’ que iria encontrar nas cartas ao editor seria um ‘outro’ português e que o espaço das cartas ao editor seria maioritariamente um espaço de ‘desabafo’ em relação aos costumes e hábitos portugueses. No entanto, no decorrer do trabalho, apercebi-me que o ‘outro’, que, à partida, esperava que fosse português, nem sempre é o mais visado na secção de espaço de opinião na imprensa regional algarvia em língua inglesa.

## **1.2. Contexto da Investigação**

Nesta secção estabelecemos o contexto para o estudo em curso, explorando brevemente o contexto de investigação sobre o tópico da comunidade de expatriados ingleses em Portugal. De seguida, descrevemos em traços largos o tipo de estudo que propomos efetuar. Finalmente, ilustramos o tipo de enquadramento teórico, que será usado para responder às questões de partida.

### **1.2.1. Panorama subjacente ao tópico de investigação**

A comunidade britânica no Algarve, embora ainda relativamente pouco estudada, foi alvo de alguns estudos importantes. Parreira (1997; 2000; 2002; 2013) produz, ainda nos anos 90 do século passado, investigação sobre a comunidade de expatriados em Portugal, culminado na sua tese de doutoramento (2002) sobre a construção textual da identidade do leitor na imprensa de língua inglesa publicada em Portugal durante os anos 70 e no final dos anos 90, incidindo o seu trabalho sobre o estudo das realizações textuais do leitor estrangeiro no contexto português.

Já nas primeiras décadas do século XXI, Torkington (2009; 2011; 2015), David (2012; 2014; 2015), Ribeiro (2015) ou Sardinha (2015) debruçaram-se sobre o estudo da comunidade, a partir da perspectiva teórica da *Lifestyle Migration*. São dignos de nota os trabalhos de doutoramento de Torkington, que aborda a construção discursiva de ‘*place-identity*’, entendido como a relação entre a construção discursiva de ‘lugar’ e as construções discursivas das multiplicidades da identidade colectiva e individual de *lifestyle migrants* britânicos em Portugal, baseando-se em dados provenientes de entrevistas com expatriados britânicos no Algarve, e de David, que explora o caso da rádio, enquanto média minoritário, neste caso, uma estação de rádio com programas produzidos por e para *lifestyle migrants*, a partir de um ponto de vista etnográfico.

No campo da pesquisa sobre cartas dos leitores na imprensa portuguesa, Marisa Torres da Silva realizou um estudo, em que problematiza as noções de espaço público e de democracia deliberativa e examina as práticas associadas à secção de cartas ao editor, verificando nesse processo, comportamentos e atitudes próprias da comunidade jornalística, relativamente ao seu próprio trabalho e ao leitor/escritor. Por último, intenta compreender as razões, pelas quais alguns destes correspondentes se podem transformar em “públicos” e dirigir uma carta a um jornal ou revista.

Sob o conceito geral de ‘*Lifestyle Migration*’ têm surgido uma grande multiplicidade de estudos, que focam a realidade de cada país, mais especificamente, ou de grupos sociais ou camadas etárias específicas. Importa notar, que sendo a mobilidade um traço cada vez mais presente na vida moderna, bem como a migração motivada pelo consumo de determinado ‘estilo de vida’ ou ‘*lifestyle*’, com todas as alterações a nível social, cultural e, porque não, ao nível da identidade, mais premente se torna o estudo da migração e estabelecimento de comunidades de expatriados em países como Portugal.

No presente estudo pretendemos analisar cartas dos leitores aos editores de duas publicações regionais algarvias direccionadas à comunidade britânica no Algarve, por serem uma produção espontânea desta e para esta comunidade em particular, com o objectivo de aceder aos posicionamentos discursivos usados por esta comunidade para construção dos conceitos de alteridade/identidade. Importa compreender e explicar como se posicionam os leitores/escritores das cartas ao editor relativamente ao ‘outro’ e identificar as temáticas e padrões discursivos mais recorrentes. Para esse efeito, estabelecer-se-á uma fundamentação teórica no âmbito dos Estudos Culturais e da

Análise Crítica do Discurso, recorrendo a abordagens e metodologias interdisciplinares. A Análise Crítica do Discurso é, por definição, uma escola dinâmica, que permite diferentes abordagens, teorias e metodologias com diferentes fundamentações epistemológicas, visto que aborda fenómenos sociais complexos. De acordo com os pressupostos teóricos da ACD, a análise das cartas ao editor tem por base ‘*an interest in the properties of ‘naturally occurring’ language use by real language users*’ (Wodak, 2009).

### **1.2.2. Breve descrição do trabalho de investigação proposto**

A tese será desenvolvida quer na vertente teórica/descritiva, quer na vertente prática/analítica. É um estudo multidisciplinar que visa contribuir para o conhecimento da comunidade britânica residente no Algarve, visto que, para além de ser importante para a economia regional e nacional, é uma das comunidades mais representativas e antigas na região, mas simultaneamente, algo isolada e auto-suficiente, facto que se pode constatar através da presença de periódicos em língua inglesa sediados em Portugal desde os finais da década de 30 do século passado. A tese tem como objetivo estudar a construção discursiva da identidade e da alteridade, tendo por base teórica a Análise Crítica do Discurso (ACD) e aplicando-a a cartas ao editor a partir da perspetiva teórica da ACD. A análise é feita através da análise de fatores linguísticos (van Leeuwen, 2008), análise de ‘posicionamento’ (Harré *et alia*, 2009; Harré, 2012; Langenhove & Harré, 1999a) e com recurso também à “Appraisal Theory” (Martin & White, 2005), bem como também através do estudo e descrição da comunidade britânica residente no Algarve no contexto da *Lifestyle Migration*.

O espaço dedicado à intervenção dos leitores na imprensa é um espaço onde é dada relevância a algumas vozes em detrimento de outras, de acordo com os critérios de selecção (relevância, entretenimento, brevidade e autoridade) propostos por Wahl-Jorgenson (Richardson, 2007) e usados pelos editores jornalísticos para a selecção de cartas ‘publicáveis’. Embora em certa medida as cartas publicadas possam ser tomadas como representativas dos pontos de vista e das preocupações quotidianas do público-leitor, Grey and Brown (*apud* Richardson, 2007) demonstraram as cartas ao editor não são representativas da opinião pública ‘*and in fact more closely reflect the opinions and arguments of an ‘articulate minority*’’. Assim, a secção de cartas ao editor é o espaço

onde uma elite privilegiada pode, discursivamente, (re)produzir, negociar, intensificar ou mitigar identidade(s), na medida em que estes posicionamentos discursivos se ligam a discursos hegemónicos, que legitimizam certos tipos de identidade em detrimentos de outros.

A comunidade estrangeira falante de inglês como primeira língua residente no Algarve já conta com pelo menos cinco décadas e tem sido relativamente pouco estudada. Esta comunidade compreende muitos tipos diferentes de indivíduos e de motivações: existem aqueles que se radicaram no Algarve devido à reforma da vida activa, aqueles que se estabeleceram no Algarve e têm vida activa, aqueles que já nasceram em Portugal e que constituem as segundas e terceiras gerações de migrantes, entre outros. Inclui igualmente outros tipos de visitantes, desde o turista ao visitante sazonal.

Assim sendo, torna-se importante estabelecer como panorama de investigação o conceito de *Lifestyle Migration*, enquanto tendência migratória intra-europeia relativamente recente, cujo fluxo corre no sentido Norte-Sul, ao contrário da migração de cariz económico e que inclui indivíduos em busca de um estilo de vida percecionado como mais satisfatório. Os indivíduos que empreendem este tipo de migração possuem características comuns, que simplisticamente se podem resumir no desejo de abandonar um estilo de vida, que se considera não ser positivo e no recomeço de vida num outro espaço físico, que se percebe poder oferecer um estilo de vida melhor (O'Reilly & Benson, 2007). Argumentamos que a comunidade britânica no Algarve faz parte desta tendência migratória.

Neste estudo iremos concentrar-nos em três questões: como se caracteriza a comunidade britânica no Algarve, como é que esta representa discursivamente a identidade e a alteridade e aferir como se ligam os seus posicionamentos discursivos a discursos ideológicos vigentes. Para esse efeito, iremos recorrer a um enquadramento teórico nas áreas dos Estudos Culturais e Análise Crítica do Discurso e recorrer a uma conjugação de metodologias para analisar o discurso produzido pela comunidade britânica, na forma de cartas ao editor. A análise irá incidir no tipo de posicionamento conferido aos atores sociais, na avaliação que é feita do seu comportamento e nas estratégias discursivas de representação de atores sociais usadas para o fazer, recorrendo à Teoria do Posicionamento, *Appraisal Theory* e Abordagem dos Atores Sociais. A fonte do *corpus*

é constituída por cartas ao editor dos jornais regionais *Algarve Resident* e *The Portugal News*, nos anos de 2013 e 2017.

### **1.2.3. Breve descrição do enquadramento teórico e metodológico**

Enquanto abordagem estrutural considerou-se, numa primeira fase, o uso da Análise de Discurso, pois tem como objetivos investigar padrões linguísticos nos textos, a relação entre linguagem e contextos sociais e culturais em que é usada, as diferentes visões do mundo expressas através da linguagem, as relações entre os participantes, que influenciam o uso da linguagem, bem como os efeitos que o uso da língua tem sobre as identidades e relações sociais, visões do mundo, identidades e o modo como estas são construídas através do uso do discurso (Paltridge, 2012: 2). No entanto, apesar de a Análise de Discurso poder ser usada para dar resposta à QP2<sup>1</sup>, apresentaria algumas limitações, no que diz respeito à QP3<sup>2</sup>. Assim, a Análise Crítica do Discurso surgiu como um aliado natural, uma vez que se orienta para ‘*the use of discourse in relation to social and cultural issues such as race, politics, gender and identity and asks why the discourse is used in a particular way and what the implications are of this kind of use*’ (Paltridge, 2012: 186). Enquanto a Análise de Discurso se concentra no uso da linguagem no texto e no seu significado contextual, a Análise Crítica do Discurso ocupa-se com o estudo do discurso como meio de perpetuação social da dominação e de estruturas de poder, sendo uma ferramenta útil para a investigação na área dos Estudos Culturais. Por outro lado, iremos recorrer ao conceito de *Lifestyle Migration* para enquadrar a comunidade britânica no Algarve, em termos da sua motivação migratória e expectativas de vida. Argumentamos que a mudança para um novo contexto social económico e cultural acarreta uma necessidade de recriação da sua identidade relativamente ao ‘outro’ encontrado.

Em termos de metodologias, recorreremos à Teoria do Posicionamento, uma vez que o carácter dinâmico do posicionamento permite aceder a um catálogo de tipos de posições que existem aqui e agora e que podem não ser necessariamente encontrados noutras circunstâncias de local e tempo. Langenhove & Harré (2009a) alertam para o facto de que o conteúdo de uma posição ser definida em termos de direitos, deveres e obrigações de falar (o que pode ser dito), com respeito às forças sociais, sendo que, uma vez que

---

<sup>1</sup> QP2: Como são representadas discursivamente a identidade e a alteridade nas cartas ao editor?

<sup>2</sup> QP3: Como se ligam os posicionamentos discursivos identificados a discursos ideológicos vigentes?

estas propriedades morais são especificadas local e momentaneamente, as posições serão instáveis no conteúdo também. Estando os indivíduos constantemente ocupados no posicionamento de si próprios e no de outros, as formas concretas que tais posicionamentos irão ter diferem de acordo com as situações em que ocorrem.

Langenhove & Harré (2009a) levantam uma questão, de modo bastante pertinente, relativamente à existência de variações nos posicionamentos dos próprios indivíduos. Para responder a esta questão deve-se distinguir entre três aspetos:

- 1) Os indivíduos variam na sua capacidade de se posicionar a si próprios e aos outros (a sua mestria ou domínio das técnicas necessárias).
- 2) Os indivíduos variam na sua disposição ou intenção para posicionar e ser posicionado.
- 3) Os indivíduos também diferem no poder para alcançar atos de posicionamento.

Enquanto as primeiras duas variações são atributos individuais, a última é de cariz social, pois os poderes derivam de localizações específicas em ordens e sistemas sociais. As diferenças individuais no processo de posicionamento são independentes de poderes sociais de posicionamento atribuídos e podem estar relacionadas com o que Langenhove & Harré (2009a) denominam de ‘*conversational dominance*’ e ‘*conversational charisma*’. Mais uma vez, estes são atributos que podem ser adquiridos pela existência de capital cultural em abundância ou, inversamente, pela sua deficiência/ausência.

O posicionamento pode também variar de acordo com tipo de atores (altamente individualizados ou apoiando-se fortemente em estereótipos culturais). O enredo/*storyline* pode ser inventado ou retirado de um repertório cultural. As pessoas também diferem na sua habilidade para a invenção de uma narrativa. Poderão também haver variações, na medida em que os diferentes modos através dos quais uma pessoa se posiciona a si próprio estão relacionados uns com os outros ou não.

Estes fatores de diferenciamento na capacidade e possibilidade de se posicionar a si e aos outros de modo mais ou menos eficaz referidos por Langenhove & Harré (2009a) poderão estar ligados à existência e/ou criação de capital económico, social e cultural (Bourdieu, 1984) por parte dos intervenientes. Bourdieu afirma que o capital é

desigualmente distribuído e há na teoria do posicionamento algumas similitudes com esta posição, uma vez que Harré definiu a teoria do posicionamento como estando baseada no princípio de que *'not everyone involved in a social episode has equal access to rights and duties to perform particular kinds of meaningful actions at that moment and with those people. In many interesting cases, the rights and duties determine who can use a certain discourse mode'* (2012: 193). Assim, uma vez que de auto- ou alter-posicionar difere de acordo com a capacidade individual ou relevância social de cada um, a análise discursiva poderá ser uma ferramenta útil para explicar em que se fundamentam essas diferenças, identificar em que circunstâncias e porque razão são aceites ou contestadas.

Moghaddam & Harré afirmam que a teoria do posicionamento é essencialmente sobre como as pessoas usam o discurso para se posicionar a si próprias e aos outros numa grelha de referência moral, em que frequentemente se utilizam categorias maniqueístas de divisão entre bem e mal: *'positioning theory is about how people use words (and discourse of all types) to locate themselves and others. Often, positioning has direct moral implications, such as some person or group being located as "trusted" or "distrusted," "with us" or "against us," "to be saved" or "to be wiped out."* (2010: 2).

O discurso ocupa um lugar fulcral na Teoria do Posicionamento, enquanto formador do universo de possibilidades e restrições de cada indivíduo, bem como do julgamento, na forma de louvor ou condenação, conferidos aos atores envolvidos: *'at the heart of all conflicts is the form of words people use to position themselves and "the enemy" with respect to rights, demands placed on others, and demands placed on them by others (Moghaddam et al. 2000). It is with words that we ascribe rights and claim them for ourselves and place duties on others.'* (2010: 2). Em conjunto com a *'Appraisal Theory'*, que se concentra no modo como *'writers/speakers approve and disapprove, enthuse and abhor, applaud and criticise, and with how they position their readers/listeners to do likewise'* (Martin & White, 2005: 1) poderá dar acesso ao conjunto de valores e de ideologias que permeiam o discurso dos expatriados britânicos no Algarve.

Uma vez que o objeto de estudo da teoria do posicionamento é o discurso, aquela torna-se uma ferramenta adequada para, em conjunto com a ACD e a Abordagem dos Atores

Sociais, trazer à luz as relações de poder que se estabelecem na comunidade discursiva de britânicos no Algarve e perceber como esta negocia a sua identidade e alteridade. Ainda que essa negociação seja imparável e os posicionamentos efémeros, a teoria do posicionamento poderá ser útil na obtenção de respostas às questões de partida 2 e 3 (QPs 2 e 3).

Assim, consideramos que o conceito de enredo ou *storyline* é de primordial importância, em ambos os significados do termo. Por um lado, há o conceito de enredos/*storylines* maiores, temas ou histórias, que são comuns a várias cartas ao editor e que traduzem uma história conhecida de todos, como por exemplo, o enredo/*storyline* da ineficiência das forças policiais ou o da insegurança. Por outro lado, o conceito de enredo/*storyline* enquanto acontecimento ou história vivido e narrado por um determinado ator. A análise aqui proposta fará uso dos dois conceitos, usando o conceito de ‘*storyline*’ maior para a organização dos temas encontrados e ‘*storyline*’ menor, em referência ao enredo individual de cada carta ao editor.

São também particularmente importantes os modos de posicionamento propostos por Langenhove & Harré (1999a) e Harré & Langenhove (2012), nomeadamente, o posicionamento moral e pessoal, tácito, e intencional, bem como o conceito de ‘*supererogatory duty*’, uma vez que se prende essencialmente com valores e julgamentos morais. Nas cartas ao editor frequentemente existem casos de redescrição retórica, em que uma (ou mais) interações são relatadas e em que é exigido ao leitor um posicionamento forçado, na medida em que lhe é pedido que tome uma posição, por um ou por outro lado.

A organização da análise de posicionamentos das cartas ao editor usando o conceito de *storylines* ou enredos poderá, do meu ponto de vista, proporcionar um modo de aceder aos discursos dominantes ou ‘*master narratives*’ (Bamberg, 2011: 182), ligando os posicionamentos discursivos identificados a discursos ideológicos vigentes, que legitimam certos tipos de identidade em detrimento de outros (QP3). Sempre que seja pertinente, recorrer-se-á à Abordagem dos Atores Sociais (AAS) para justificar e explicar o efeito de determinada escolha discursiva na representação do(s) ator(es) social(is).

Para colmatar a análise de posicionamento recorreremos à *Appraisal Theory*, nas vertentes de Julgamento e Apreciação, e Abordagem dos Atores Sociais, com o intuito de demonstrar o efeito conseguido pelos tipos de posicionamento escolhidos pelos leitores/autores das cartas ao editor.

## Capítulo 2

### Enquadramento Teórico e Metodológico

#### 2.1. Estudos Culturais: breve contextualização

O presente trabalho de investigação está enquadrado na área dos Estudos Culturais. De acordo com du Gay (1997: 1-2) os estudos da cultura sofreram uma grande expansão nas últimas décadas do século XX por duas razões. Em primeiro lugar, devido à crescente importância das práticas culturais e das instituições na vida social, visível na crescente importância dos *mass media*, dos sistemas de informação globais e das novas formas de comunicação, que têm um grande impacto na organização das nossas vidas e no modo como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo à nossa volta. Por outro lado, houve uma mudança de paradigma no campo das ciências sociais e da sociologia, uma vez que o estudo da cultura deixou de ser considerado como uma consequência das mudanças económicas e políticas e, portanto, de estar subordinado a elas. A cultura passou a ocupar uma posição de destaque, por direito próprio, *vis-à-vis* com áreas como a economia e passou a aceitar-se que, uma vez que todas as práticas sociais são práticas plenas de significado, consequentemente, são fundamentalmente culturais.

Assim sendo, para a realização de uma prática social, é necessário que lhe demos significado, de maneira que a produção de significado se torna uma pré-condição para o funcionamento de todas as práticas sociais, sendo central integrar uma explicação das condições culturais das práticas sociais na fundamentação sociológica de como funcionam. A consequência mais óbvia é a importância que a análise e descrição cultural adquiriram como parte integrante da produção de conhecimento sociológico. Assim, Bennet define os Estudos Culturais como um empreendimento interdisciplinar *'concerned with the analysis of cultural forms and activities in the context of the relations of power which condition their production, circulation, deployment and, of course, effects'* (1998: 60 *apud* Threadgold, 2003: 5).

No entanto, contrariamente ao que é habitual noutras áreas de conhecimento, os Estudos Culturais não têm uma área de estudo bem delimitada, pois têm como ponto de partida uma noção muito ampla de cultura, incluindo o estudo de uma grande variedade de

práticas sociais. Para além disso, os Estudos Culturais não têm princípios, teorias e métodos próprios, funcionando com recurso a disciplinas das ciências sociais, artes e humanidades. Assim, devido à natureza ambígua da área de estudo, torna-se difícil, senão impossível chegar a uma definição básica sobre o que são os Estudos Culturais (Sardar & Van Loon, 1999). É esse o motivo de Angela McRobbie se referir a esta indefinição como *'the messiness of cultural studies'* (1992: 722 *apud* Threadgold, 2003: 5-6).

Hall (1993), ao mesmo tempo em que tenta demonstrar o quão difícil é definir cabalmente o que são os Estudos Culturais, apresenta alguns traços em comum daquilo que ele apelida de *'um movimento de pensamento intelectual'* (1993: 99): os Estudos Culturais têm uma visão socio-construtivista da linguagem, uma vez que consideram que as realidades e subjetividades são construídas na e pela linguagem e que os sujeitos se constroem, bem como aos seus mundos através dos usos diários da linguagem. As relações de poder, os aspetos social e cultural são construídos e desconstruídos neste processo, cuja atividade é caracterizada pela narratividade, uma vez que as mesmas histórias contadas de maneiras diferentes podem alterar o mundo social. Para além disto, os Estudos Culturais são uma formação discursiva, no sentido Foucauldiano e o objetivo de trabalhar na linguagem e com a linguagem é o resultado de uma política engajada com a mudança social. Os Estudos Culturais não têm uma origem definível, têm múltiplos discursos e diferentes histórias, de acordo com as conjunturas e momentos históricos do passado, instáveis nas diversas formações, diferentes trajetórias, metodologias e posições teóricas. (Hall, 1993: 98-99).

No entanto, afirma Hall, os Estudos Culturais não são uma amálgama de teorias, nem aquilo que se deseja que seja ou que é conveniente que seja em determinado momento. A dificuldade na sua definição reside no facto de os Estudos culturais se modificarem de acordo com o momento histórico e por uma *'tensão'* inerente: a recusa em fechar e circunscrever a área de estudo, ao mesmo tempo em que é necessário definir algumas posições no âmbito dos Estudos Culturais: *'Here one registers the tension between a refusal to close the field, to police it and, at the same time, a determination to stake out some positions within it and argue for them. That is the tension--the dialogic approach to theory'* (Hall, 1993: 99).

Hall reconhece como um ponto de viragem nos Estudos Culturais o reconhecimento do papel central da linguagem e da linguagem metafórica em qualquer estudo cultural, como fonte de significado, reconhecimento de heterogeneidade e multiplicidade, poder cultural e, mais importante, da origem da identidade: *'The refiguring of theory, made as a result of having to think questions of culture through the metaphors of language and textuality, represents a point beyond which cultural studies must now always necessarily locate itself. The metaphor of the discursive, of textuality, instantiates a necessary delay, a displacement, which I think is always implied in the concept of culture'* (Hall, 1993: 105).

## **2.2. Análise Crítica do Discurso**

### **2.2.1. Conceptualização teórica da Análise Crítica do Discurso**

Trazer à luz os diferentes modos através dos quais os atores sociais se representam a si próprios e aos outros e identificar possíveis ideologias que contribuem para a construção e que subjazem a estes discursos é um dos objetivos deste estudo. Para isso, é necessário aceder ao que está subjacente e implícito no discurso, para, como refere Kress (1991 *apud* Paltridge 2012: 191), aceder à visão que os indivíduos têm de si mesmos e dos outros e do seu mundo.

Fazendo uso dos princípios da abordagem dos atores sociais introduzida por van Leeuwen (2008), os dados serão analisados com o propósito de destrinçar a forma como a identidade e a alteridade são (re)produzidos no discurso de expatriados britânicos no Algarve em cartas ao editor dos jornais *Algarve/Portugal Resident* e *The Portugal News* publicadas em 2013 e 2017.

Para investigar e dar resposta às perguntas de partida recorrer-se-á à conjugação de metodologias, com um enquadramento geral numa abordagem de ACD. Esta última será alvo, neste capítulo, de uma breve descrição dos seus princípios gerais. Van Dijk define ACD como:

*‘a type of discourse analytical research that primarily studies the way social power abuse, dominance and inequality are enacted, reproduced and resisted by text and talk in the social and political context. With such dissident research, critical discourse analysts take explicit position, and thus want to understand, expose and ultimately to resist social inequality’* (2001).

A Análise Crítica do Discurso surge no início dos anos 90, fruto de um simpósio em que participaram alguns humanistas com interesse na área da Análise de Discurso: Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak (Wodak & Meyer 2009). Influenciados por pensadores e linguístas como Foucault, Bourdieu, Halliday, entre outros, a ACD evolui a partir da Linguística Crítica (LC).

Gouveia (2002) identifica a publicação de *Language and Control* (Fowler *et al.*, 1979) e de *Language as Ideology* (Kress & Hodge, 1979; Hodge & Kress, 1993), como obras seminais que deram origem à LC, diferente da até aí praticada e de que a ACD é herdeira. A visão da linguística, dominante até ali afirmava que o significado podia ser separado do estilo ou expressão e assentava na separação entre estrutura linguística e uso linguístico.

Em resposta, Fowler *et alia* (1979) utilizaram uma abordagem funcionalista, i.e., partindo do princípio que a capacidade linguística de produção de significado é um produto da estrutura social e, seguindo M.A.K. Halliday, defendem que ‘os significados sociais e as suas realizações textuais devem ser incluídos no escopo de uma descrição gramatical’ (Gouveia, 2002).

O que é inovador na LC (termo usado pela 1ª vez em *Language and Control*) é a demonstração de que ‘os grupos e as relações sociais influenciam o comportamento linguístico e não-linguístico dos sujeitos, incluindo a sua actividade cognitiva’ (Gouveia, 2002). Fica a ideia de que a linguagem usada, o é inconscientemente, mas que reflete uma visão do mundo, ‘derivada da relação que os falantes têm com as instituições e a estrutura sócio-económica das sociedades de que fazem parte’, sendo que essas mesmas sociedades cunham e difundem essa visão (Gouveia, 2002).

Descrevendo a gênese da ACD, Wodak & Meyer, referem que nas décadas de 60 e 70 do século passado surgiram novas disciplinas no ramo das humanidades e ciências sociais que, muito embora provenientes de diferentes contextos disciplinares, e contendo grande variedade de métodos e objetos de investigação nos campos da semiótica, pragmática, psico e socio-linguística, etnografia da fala, análise da conversação e estudos discursivos, tinham em comum sete dimensões:

- Interesse em propriedades que ocorrem naturalmente no uso da linguagem pelos falantes;
- Foco em unidades maiores do que palavras ou frases isoladas. As novas unidades básicas de análise são textos, discursos, conversas, atos de fala ou eventos comunicativos;
- A extensão da linguística para além da gramática frásica (por frases) em direção a um estudo da ação e da interação;
- A extensão a aspetos de interação e comunicação não-verbal (semiótica, multimodal, visual): gestos, imagens, cinema, a *internet* e multimédia;
- Foco em movimentos e estratégias (sócio)-cognitivos interacionais;
- O estudo das funções do contexto de uso da língua (social, cultural, situacional e cognitivo);
- Uma análise de um vasto número de fenómenos de gramática textual e de uso da língua: coerência, anáfora, tópicos, macroestruturas, atos de fala, interações, ‘*turn-taking*’, signos, cortesia/boas maneiras, argumentação, retórica, modelos mentais, e muitos outros aspetos do texto e do discurso; (2009)

Fairclough questiona a razão de a análise de discurso ser ‘crítica’. Responde a essa questão referindo que a ACD se concentra naquilo a que chama “*social ‘wrongs’ of the day*” (2009), analisando as suas origens e causas e as possibilidades de superar essas mesmas maleitas sociais: ‘*It analyses and seeks to explain dialectical relations between semiosis and other social elements to clarify how semiosis figures in the establishment, reproduction and change of unequal power relations (domination, marginalization, exclusion of some people by others) and in ideological processes, and how in more general terms it bears upon human ‘well-being’.*’ (Fairclough, 2009:163)

A análise daquelas relações é necessária, diz Fairclough, uma vez que a lógica e dinâmica de qualquer sociedade, incluindo o modo como a semiose funciona nelas, não são completamente transparentes para todos, ou seja, *‘a forma em que aparecem às pessoas é parcial e enganadora’* (2009). Por outro lado, *‘a crítica é orientada para a análise e explanação, com enfoque nas relações dialéticas, nos modos como a lógica e dinâmica dominantes são testados, desafiados e interrompidos pelas pessoas e para a identificação de possibilidades para resolver males e melhorar o bem-estar’*. É, portanto, necessário que a investigação levada a cabo pela ACD seja *‘retroductable’* (Wodak e Meyer, 2009), o que significa que as análises devem ser transparentes, de modo a permitir que qualquer leitor possa seguir as pistas e compreender análises textuais detalhadas.

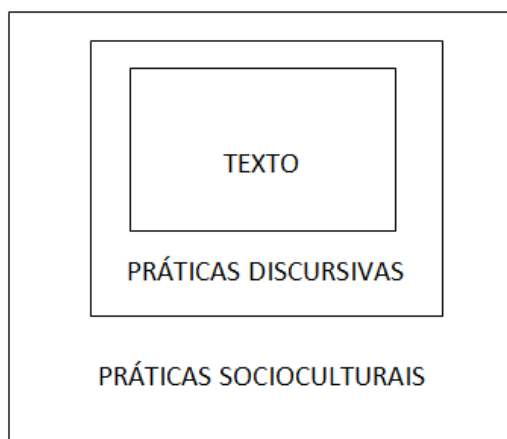
### **2.2.2. Estudos Culturais e Análise Crítica do Discurso: pontos de contacto**

A amplitude de acção dos Estudos Culturais traz vantagens, pois permite a escolha das ferramentas mais adequada ao estudo de determinada prática cultural específica. Assim, existem certos pressupostos gerais que estão na base dos Estudos Culturais (Sardar & Van Loon, 1999), comuns também à ACD e que neste estudo se tomam por base.

O primeiro pressuposto assenta na existência de uma relação entre prática cultural e poder, i.e., o exame de determinada prática cultural implica igualmente aceder à sua relação com as estruturas de poder, que, por sua vez, influenciam e moldam as práticas culturais. O segundo diz respeito à integração social das práticas sociais, na medida em que os Estudos Culturais partem do princípio que a cultura e a sua manifestação através das práticas culturais não é uma entidade distinta do contexto social e político no qual se manifestam. Por conseguinte, o seu objectivo é compreender a cultura como objecto de estudo, bem como o contexto sociopolítico que lhe dá origem, voltando a agir sobre este através da exposição de resultados de investigação e da tomada de consciência generalizada. O último pressuposto decorre do segundo e depreende que existe um comprometimento com a reconstrução social através do envolvimento crítico, dando origem a um compromisso de identificação e modificação das estruturas de domínio, sempre que se verifique desigualdade.

Em sintonia com os pressupostos enunciados pelos Estudos Culturais, a ACD aborda o discurso como uma prática social, o que implica uma relação dialética entre determinada instância discursiva e o contexto (a situação, a instituição e/ou estrutura social) que lhe deu origem. Desta forma, o evento discursivo é formado e constrangido pelo seu enquadramento, mas também tem o poder de agir sobre ele, modificando-o, dado que o discurso *'is socially constitutive as well as socially conditioned – it constitutes situations, objects of knowledge, and the social identities of and relationships between people and groups of people. It is constitutive both in the sense that it helps to sustain and reproduce the social status quo, and in the sense that it contributes to transforming it'* (Fairclough & Wodak, 1997).

O esquema abaixo, perspectivado por Fairclough (1992), resume bem a relação entre texto, discurso e práticas socio-culturais, evidenciando a integração social do discurso.



**Figura 2.1.: A relação entre textos, práticas discursivas e práticas socioculturais a partir de uma perspectiva crítica (adaptado a partir de Fairclough 1992:73)**

Johnstone (2008) defende que o discurso enquanto *'construção social da realidade'* pressupõe uma relação recíproca em que o discurso é moldado pela linguagem e em que esta o molda igualmente; que o discurso é moldado pelo discurso que o antecede e pelo que o segue, i.e., é marcado pela intertextualidade; é influenciado pelo género que utiliza, mas também molda e desenvolve as possibilidades desse mesmo género; que o propósito do texto influencia o discurso e este também molda as categorias de objectivos possíveis dos textos.

De acordo com o proposto por du Gay (1997), qualquer análise de um texto ou de um artefacto cultural deve ser feita com recurso ao circuito cultural (representação, identidade, produção, consumo e regulação). Uma vez que se trata de um circuito, é possível iniciar o estudo a partir de qualquer uma das suas fases, desde que se compreendam todas as etapas. Estas estão de tal modo interligadas e sobrepostas na ‘vida real’, que a sua distinção só ocorre para facilitar a análise.

Ainda segundo du Gay (1997), a noção de circuito cultural sugere que a criação de significado faz parte de um processo contínuo e infinito. Enquanto os produtores de um produto cultural tentam codificar nos seus produtos um significado ou associação em particular, esse não é o final do processo, uma vez que a história do produto não termina aí, nem estes constituem os únicos significados que poderá ter. Não é possível conhecer o que esses produtos podem vir a significar para aqueles que os vierem a usar. Ou seja, os significados não são apenas criados e transmitidos pelos seus criadores e recebidos passivamente pelos seus consumidores. Ao invés, os significados são ativamente produzidos/feitos aquando do seu consumo, através do uso que as pessoas dão a estes produtos nas suas vidas cotidianas.

Da mesma maneira, estabelece uma ligação entre discurso como prática social/cultural que produz e reproduz estruturas de poder. Van Dijk (1998) refere-se ao papel essencial do discurso nesse processo, afirmando que *‘it is through discourse that many ideologies are formulated, reinforced and reproduced.’* A ACD tem por objetivo proporcionar um modo de explorar este facto e de, por sua vez, desafiar algumas das ideologias e valores sociais, culturais e políticas, que estão escondidos e subjacentes aos textos.

*Since discourse is so socially consequential, it gives rise to important issues of power. Discursive practices may have major ideological effects – that is, they can help produce and reproduce unequal power relations between (for instance) social classes, women and men, and ethnic/cultural majorities and minorities through the ways in which they represent things and position people. (Fairclough & Wodak, 1997)*

Ainda em comum com os Estudos Culturais, há o facto de a ACD assumir o seu engajamento e declarar abertamente os seus interesses, apesar de ser metodologicamente rigorosa. A filosofia e âmbito de estudo da ACD tomam partido pelos desfavorecidos e oprimidos, expondo relações de poder desiguais através do estudo do discurso e do modo como é utilizado.

*CDA sees itself not as a dispassionate and objective social science, but as engaged and committed. It is a form of intervention in social practice and social relationships [...] But CDA is not an exception to the normal objectivity of social science: social science is inherently tied into politics and formulations of policy, as for instance Foucault's (1971, 1979) work convincingly demonstrated. What is distinctive about CDA is both that it intervenes on the side of the dominated and oppressed groups and against dominating groups, and that it openly declares the emancipatory interests that motivate it. The political interests and uses of social scientific research are usually less explicit. This certainly does not imply that CDA is less scholarly than other research: standards of careful, rigorous and systematic analysis apply with equal force to CDA as to the other approaches.* (Fairclough & Wodak, 1997)

Deste modo, a construção da identidade é realizada através do modo como o sujeito se representa a si próprio e tudo aquilo que lhe é exterior, e com grande preponderância, 'do outro', através de sistemas semióticos, nomeadamente, através do discurso e da forma como este é usado. O conceito de ideologia proporciona uma estrutura conceptual, através da qual interpretamos e fazemos sentido das condições materiais por nós vividas.

### **2.2.3. O porquê de uma análise crítica**

A ACD é descrita como um '*research program*', um programa de pesquisa (Wodak & Meyer, 2009). Gouveia (2013) identifica a ACD como uma disciplina e coloca algumas questões pertinentes sobre a ACD, nomeadamente, se é um método, uma abordagem, uma teoria e/ou uma metodologia. Em resposta às suas questões, Gouveia responde que a ACD é simultaneamente todas estas coisas '*dependendo a sua caracterização, em parte, da perspectiva de olhar que adotarmos*'. Refere ainda que a ACD é '*fundamentalmente uma metodologia de investigação social de base linguística*.'

Fairclough aprofunda a ideia da diversidade que caracteriza a ACD dizendo: '*CDA focuses not just upon semiosis as such, but on the relations between semiotic and other social elements*' (2009). Por esse mesmo motivo, Fairclough enfatiza a necessidade de a ACD '*ser integrada num enquadramento transdisciplinar*', pois ao juntar diferentes disciplinas e teorias para estudar determinadas questões, '*it [ACD] sees 'dialogue' between them as a source for the theoretical and methodological development of each of them*' (idem).

É necessário definir o que significa ‘crítica’ e ‘discurso’ quando se fala de ACD. A ACD nunca foi, nem nunca tentou ser ou proporcionar uma teoria única ou específica. Da mesma forma, também não existe uma metodologia específica característica da pesquisa em ACD. Uma das características da ACD é ser multifacetada, derivando de várias bases teóricas e orientada para diversos dados e metodologias. Os investigadores da ACD apoiam-se numa grande variedade de abordagens gramaticais. Também as definições de ‘discurso’, ‘crítica’, ‘ideologia’ e ‘poder’ são numerosos. Assim, qualquer crítica à ACD deve especificar a que investigação ou investigador se refere.

Wodak e Meyer propõem a noção de ‘escola’ ou programa para a ACD. Este programa ou conjunto de princípios tem mudado ao longo dos anos.

Sendo a ACD uma ‘escola’ tão heterogénea, tal pode ser confuso para alguns. Mas, por outro lado, permite debates contínuos para que ocorram mudanças nos objetivos e fins e inovações. Em geral, a ACD, enquanto escola ou paradigma, é caracterizada por um número de princípios:

- 1) todas as abordagens são orientadas para um problema e por essa razão, são interdisciplinares e ecléticas;
- 2) a ACD é caracterizada por interesses comuns em desmistificar ideologias e poder através da investigação sistemática e ‘*retroductable*’ (significa que tais análises devem ser transparentes, de modo a permitir que qualquer leitor possa seguir as pistas e compreender tais análises textuais detalhadas).
- 3) Os investigadores da ACD procuram tornar as suas posições e interesses explícitos, ao mesmo tempo em que retêm as suas metodologias científicas e enquanto permanecem auto-reflexivos relativamente ao seu processo de pesquisa (Wodak & Meyer, 2009).

É por este motivo que van Dijk denomina a ACD de ‘*discourse study with an attitude*’ (2015:466). Ao investigar ‘the way social-power abuse and inequality are enacted, reproduced, legitimated and resisted by texts and talk in the social and political context’ (van Dijk, 2015:466), o analista crítico de discurso ‘assume uma posição clara’, escolhendo um lado da barricada (o dos mais fracos e desfavorecidos) e engajando-se na ‘compreensão, exposição e desafio da desigualdade social’ (van Dijk, 2015: 466).

A ACD tem assumido crescente importância como metodologia e enquadramento teórico desde a sua criação, provavelmente porque permite ao investigador um leque de escolhas bastante variado de abordagens. Este é um dos aspetos que mais atrativos da ACD e, simultaneamente, a sua grande fraqueza, uma vez que sendo as suas fronteiras tão ténues, se torna difícil saber onde começa e acaba a ACD.

O outro aspeto da ACD que a torna cativante para o investigador das ciências sociais, é o facto de ser ‘crítica’ e de ter em conta o facto de o investigador ter um posicionamento próprio, o que poderá ter alguma influência na investigação. Todavia, o facto de se admitir a sua existência e o facto de que o investigador pode e deve assumir o lado dos mais fracos e desprivilegiados na barricada, é, sem dúvida, um fator atrativo.

### **2.3. Conceptualização da Abordagem dos Atores Sociais**

A ACD inclui múltiplas abordagens aos estudo do discurso. Uma delas, que nos parece adequada para o estudo em curso, é a de Van Leeuwen (2008), denominada de Abordagem dos Atores Sociais. Van Leeuwen conceptualizou uma abordagem para análise crítica do discurso, cujo enquadramento analítico se apoia, por um lado, no trabalho de Foucault, que faz uso de um conceito de discurso enquanto construção semântica de aspetos específicos da realidade, que sevem os interesses de contextos históricos e/ou particulares e por outro lado, em M. A. K Halliday, que preconiza um conceito de ‘registo’ como uma variedade semântica da língua, i.e., um dialeto social que é distinto na sua semântica em vez de na fonologia e lexico-gramática.

A abordagem subjacente ao enquadramento é o conceito de recontextualização de Bernstein (1990), onde este argumenta que na mudança do contexto, em que o conhecimento é produzido, para o contexto pedagógico, em que é reproduzido e disseminado, têm lugar mudanças semânticas de acordo com princípios de recontextualização que seletivamente se apropriam, recolocam, se concentram novamente e se relacionam com outros discursos, para constituir a sua própria ordem (van Leeuwen, 2008: vii). Van Leeuwen vai mais longe e aplica o princípio de recontextualização de Bernstein a todos os tipos de discurso, assumindo que todos os discursos recontextualizam práticas sociais e que todo conhecimento se baseia na prática (idem: vii).

Os princípios de recontextualização usados pelo autor estão ligados a elementos-chave das práticas sociais: Atores e os seus papéis e identidades; Ações e os seus estilos performativos; ‘*Settings*’ ou cenários; e por fim, ‘*Timings*’. O processo de recontextualização implica mudanças, que podem acontecer em qualquer um dos elementos mencionados, excluindo, modificando ou acrescentando elementos: ‘*In the process of recontextualization, aspects of any of these [key elements of social practices] may be excluded from the discourse or transformed, and recontextualization may also add elements such as purposes and legitimations for the actions*’ (van Leeuwen, 2008: vii).

Assim, adverte van Leeuwen, algumas recontextualizações eliminam muito do detalhe concreto das práticas sociais que recontextualizam e podem concentrar-se mais na legitimação ou crítica, enquanto que outras se concentram nas práticas sociais em si mesmas, contendo poucos elementos de legitimação ou crítica.

### **2.3.1. Recontextualização das práticas sociais através do discurso**

A ideia seminal da AAS é a de que o discurso é uma prática social recontextualizada. Uma assunção importante para esta teoria é a de que na modernidade o significado foi relegado para um plano secundário e a função tornou-se central, dando origem àquilo que van Leeuwen, citando Zijderveld, denomina ‘*the supersedure of meaning by function*’ (2008: 3).

De acordo com van Leeuwen (2008), o significado por função pressupõe uma ação social racionalizada, em que já não é a representação consensual que une os membros da sociedade, mas os procedimentos de uma prática comum. Para além disso, os significados perdem a sua importância e tornam-se fragmentados e heterogêneos enquanto que a ação social se torna cada vez mais regimentada, homogeneizada e procedimentalizada. Também em relação à homogeneidade do género e heterogeneidade discursiva se processam modificações: assiste-se a uma maior pluralidade de discursos, mas também ao aumento da regulação e homogeneização de formatos e géneros. No seguimento desta tendência, nota-se uma diminuição de procedimentos, formatos e modelos, que se tornam mais poderosos, e um aumento de discursos, que se tornam menos poderosos.

Fazendo uma revisão do pensamento anterior, van Leeuwen (2008) faz notar que tanto antropológicos como sociólogos, principalmente na tradição europeia e americana, chegaram à conclusão de que a representação se baseia na prática, ou seja, naquilo que os indivíduos fazem. No entanto, na linguística, tradicionalmente as coisas processaram-se de maneira inversa, sendo que são os sistemas a gerar processos em vez de serem os processos a gerar. Quando os linguístas começaram a estudar textos nos anos 70, muitos se depararam com a dificuldade de conceptualizar a produção e interpretação de textos sem recurso à experiência e à prática. J. R. Martin, nos anos 80, enquanto desenvolvia a sua teoria de géneros, reintroduziu o campo de discurso (*'field of discourse'*), usando, desta feita, análise de coesão lexical para construir sequências de atividades representadas, em vez de sequências de atividades comunicativas que constituem género. No entanto, os exemplos usados por Martin são de textos de procedimentos em que existe congruidade entre a ordem do texto, enquanto atividade, e a ordem de atividades que representa.

Van Leeuwen expressa a sua visão, algo diferente da de Martin, nos seguintes termos: *'I will take the view that all texts, all representations of the world and what is going on in it, however abstract, should be interpreted as representations of social practices. In analyzing expository or argumentative texts, I will not replace 'activity sequences' with concepts such as 'thematic structures' (Lemke, 1983, 1985) or implication sequences (Martin et al., 1988). Instead, I will analyze all texts for the way they draw on, and transform, social practices'* (2008: 5). Van Leeuwen sublinha o facto de as práticas sociais serem distintas das representações de práticas sociais: a diferença está em 'fazer' e em 'falar sobre isso'. Aqui deve ressaltar-se a pluralidade de discursos: existem muitas maneiras possíveis de representar as mesmas práticas sociais.

Para esse efeito, Van Leeuwen (2008) recorre ao conceito de recontextualização de Bernstein, que dele fez uso, aplicando-o a práticas educacionais. De acordo com Bernstein, o conhecimento é ativamente produzido nas altas esferas do sistema educacional e depois introduzido num contexto pedagógico nas esferas mais baixas, onde é objetivado e usado para servir o fim contextualizado de um 'discurso de ordem' ou de educação moral, no sentido preconizado por Durkheim. Van Leeuwen faz uso do conceito de Bernstein num sentido mais geral e liga-o ao termo 'discurso', como o

entende Foucault, *‘in the sense of social cognition, of “a socially constructed knowledge of some social practice,” developed in specific social contexts, and in ways appropriate to these contexts, whether these contexts are large, for instance multinational corporations, or small, for instance particular families, and whether they are strongly institutionalized, for instance the press, or less so, for instance table dinner conversations.’* (2008: 6). Dado que os discursos são cognições sociais, *‘socially specific ways of knowing social practices’* (Van Leeuwen, 2008: 6), eles podem ser, e são, de facto, usados como recursos para representar práticas sociais em texto. Isto significa que é possível reconstruir discursos a partir de textos que neles se baseiam.

No *case study* que Van Leeuwen (2008) apresenta (o primeiro dia de escola), o *corpus* é genericamente diverso, mas simultaneamente uno, uma vez que todos os textos representam a mesma prática social ou algum aspeto dela. Os documentos variados que Van Leeuwen utiliza *‘not only represent what is going on, they also evaluate it, ascribe purposes to it, justify it, and so on, and in many texts these aspects of representation become far more important than the representation of the social practice itself.’* (2008: 6)

### **2.3.2. Práticas sociais**

Neste ponto, será útil clarificar o que entende Van Leeuwen por prática social. Este autor define práticas sociais como *‘socially regulated ways of doing things’* (2008: 6), ao mesmo tempo em que alerta para o facto de a palavra *‘regulated’* não dever ser entendida no sentido de ser a única forma, de entre várias disponíveis, através da qual a coordenação social pode ser conseguida. Assim, diferentes práticas sociais podem ser reguladas de diferentes maneiras e em diferentes graus, por exemplo, através de prescrição severa, tradições, influência de peritos e modelos carismáticos ou através dos constrangimentos dos recursos tecnológicos usados. No seu estudo, Van Leeuwen (2008) parte do princípio que todas as práticas sociais realizadas incluem todos os seguintes elementos:

#### **a) Participantes**

Uma prática social precisa de um conjunto de participantes em certos papéis (instigador, agente, afetado, beneficiário). A recontextualização pode excluir alguns dos participantes da prática que recontextualiza. No caso estudado por Van Leeuwen

(2008), os participantes-chave (jornalista e leitores) não são realizados no, nem pelo texto. O texto apenas realiza as ações do jornalista (reportar). Os outros elementos da prática social são geralmente vistos como contexto. Mas, uma vez que o conceito de prática social combina texto e contexto, o último conceito torna-se redundante.

#### **b) Ações**

O fulcro de qualquer prática social é um conjunto de ações executadas sequencialmente, que podem: ser fixas, em menor ou maior grau; permitir ou negar escolha, i.e., para alternativas que digam respeito a maior ou menor número de ações de alguns ou de todos os participantes; permitir concordância, i.e., simultaneidade de diferentes ações durante toda ou parte de uma sequência. Van Leeuwen refere que, dependendo das práticas sociais, os padrões recontextualização podem variar: *'different social practices involve different degrees of freedom, different margins for resistance – and different modes of enforcing conformity'* (2008: 9).

#### **c) Modos performativos**

As representações de práticas sociais estão cheias de *'stage directions'* ou *'performance modes'*, em que são fornecidas instruções, de forma mais ou menos velada, sobre como executar as práticas sociais. No caso analisado por van Leeuwen, que envolve o primeiro dia de escola e seus os preparativos, os modos performativos tornam-se mais evidentes.

#### **d) Condições de elegibilidade relativamente aos participantes**

Diz respeito às qualificações que os participantes têm de ter para ser elegíveis para desempenhar determinado papel numa prática social particular. Tais condições de elegibilidade fazem referência a outras práticas sociais. No caso do presente estudo, estão envolvidas as práticas sociais de leitura da imprensa regional para residentes estrangeiros, bem como as práticas sociais de leitura da imprensa regional para residentes estrangeiros, bem como a prática social de escrever cartas ao editor.

#### **e) Estilos de apresentação**

As práticas sociais envolvem certos requisitos corporais e de vestuário, que van Leeuwen denomina de *'presentation styles'*. Estes podem ser prescritos explicitamente (uniformes, código de vestuário,) ou não, sendo que as práticas sociais variam bastante

em termos da liberdade que permitem aos participantes. Tal como os modos performativos, os estilos de apresentação podem aplicar-se a toda uma prática social ou a partes dela (por exemplo, tirar o chapéu em funerais) e tal como com as condições de elegibilidade, ligam-se às práticas preparatórias (vestir-se, barbear-se, arranjar cabelo, maquilhagem, entre outras). Os estilos de apresentação podem ser mais ou menos severos, mas estão sempre presentes.

#### **f) Tempo**

As práticas sociais têm lugar mais ou menos em ocasiões definidas: os constrangimentos temporais podem ser mais ou menos severos, mas estão sempre presentes. No caso das cartas ao editor, há uma linha temporal de resposta ou comentário, que tem de ser mantida, i.e., uma carta em que se reage a determinada notícia ou carta tem de ser temporalmente próxima, senão deixa de fazer sentido, podendo até implicar que o editor a não publique por estar desfazada em questão de tempo.

#### **g) Locais**

As práticas sociais estão também relacionadas com locais específicos. As práticas também podem implicar mudar de um local para outro. Em relação às cartas ao editor, o local refere-se ao espaço da imprensa em que as cartas são publicadas, quer em formato tradicional ou digital.

#### **h) Condições de elegibilidade relativamente aos locais**

Tal como as condições de elegibilidade para os participantes, as condições de elegibilidade para locais refere-se a práticas preparatórias (construção, decoração de interiores, limpeza, etc.). Diferentes instituições sociais irão permitir diferentes graus de liberdade com respeito a cada um dos aspetos mencionados.

#### **i) Recursos: ferramentas e materiais**

Os adereços necessários para determinada prática ou alguma parte dela podem conectar-se com outras práticas, como, por exemplo, o cumprimento de horários;

#### **j) Condições de elegibilidade relativamente aos recursos**

Tal como acontece com no caso dos participantes e das localizações, as ferramentas e materiais estão sujeitas a condições de elegibilidade. No que diz respeito ao estudo em curso, as condições de elegibilidade relativamente aos recursos têm que ver com a posse de capital cultural, que permita a participação na página de opinião da imprensa.

### **2.3.3. O processo de recontextualização**

Van Leeuwen (2008: 12) distingue três possibilidades de recontextualização da prática social: a primeira é uma sequência de ações não linguísticas (como por exemplo, vestir-se ou tomar o pequeno-almoço); a segunda é constituída por uma sequência em que ações linguísticas e não-linguísticas se alternam; por fim, a terceira possibilidade é uma sequência de ações linguísticas (e/ou outra ação semiótica), ou na aceção de J.R. Martin, um qualquer género. Todavia, a prática social recontextualizante tem sempre de ser uma sequência de atividades linguísticas e/ou outra atividade semiótica, enfim, um género.

A recontextualização, não só **torna explícitas as práticas sociais recontextualizadas**, em maior ou menor grau, mas também **as faz passar pelo filtro das práticas em que estão inseridas**. Este processo geralmente **não é transparente** para os participantes da prática de recontextualização, estando geralmente incorporado no seu senso-comum, nos seus hábitos de narrar, relatar aos outros, naquilo que consideram serem os fins da prática de recontextualização. A recontextualização é recursiva, i.e., pode ter lugar múltiplas vezes, afastando-nos do ponto de partida da cadeia de recontextualizações (Van Leeuwen, 2008: 12-13).

#### **2.3.3.1. Transformações ocorridas na prática de recontextualização**

Durante o processo de recontextualização tomam lugar transformações, que constituem o cerne do processo de análise discursivo da AAS. Passaremos ao seu resumo, que será importante na análise do *corpus* do presente trabalho.

##### **a) Substituições**

Pode dar-se a substituição de elementos da própria prática social com elementos semióticos, sendo que, com esta ação, novos significados são adicionados. O tipo de

substituição que ocorre depende do contexto para o qual a prática é recontextualizada. Alguns participantes poderão ser particularizados e nomeados, outros generalizados e agregados, outros objetivados através de nominalizações, ou especializados (van Leeuwen, 2008: 17-18).

#### **b) Exclusões**

A recontextualização pode envolver a eliminação de elementos da prática social. Nomes generalizados para sequências de atividade completas ou grandes partes delas não implicam necessariamente exclusão, uma vez que as atividades podem ser referidas noutros locais do texto. Quando este não é o caso, isto faz com que os detalhes sejam excluídos. Estes detalhes podem ser fornecidos pelo leitor, em casos em que a sua inclusão pareceria condescendente.

O detalhe pode ser suprimido por outras razões: irrelevância, por exemplo. Tudo depende do contexto: detalhes sobre as práticas de pesquisa e escrita de um livro são irrelevantes num artigo de jornal, mas em relatórios de pesquisa, num contexto entre especialistas da área, mais do que relevante, é um requisito, dizendo respeito às condições de elegibilidade (van Leeuwen, 2008: 18).

#### **c) Reorganizações**

Os elementos da prática social, desde que tenham uma ordem coerente, podem ser rearranjados, espalhados pelo texto de variadas formas, motivados pelas preocupações com a prática de recontextualização: a estrutura genérica do texto/ato de fala. As atividades podem ser reorganizadas para ir ao encontro de à finalidade persuasiva e exortatória que as constituem enquanto prática social (van Leeuwen, 2008: 18).

#### **d) Adições**

É possível adicionar elementos à prática social recontextualizada.

#### **e) Repetições**

Pode dar-se a repetição de um mesmo elemento de várias formas diferentes, através de repetições, sinónimos, substituição e adição de novos elementos. Mas a cada nova expressão que é usada, novos ângulos e novas características semânticas são adicionados, criando um conceito mais multifacetado. Assiste-se a uma contínua

formação de conceitos em que o conceito resultante funde as características semânticas de todas as expressões usadas como sinónimos (van Leeuwen, 2008: 19).

#### **f) Reações**

No corpus de análise poderão surgir exemplos de reações subjectivas de alguns participantes em relação às atividades que constituem a prática social. Não é claro, à partida, se as reações devem ser vistas como parte da estrutura da prática social em si ou como elementos adicionados na prática de recontextualização. Frequentemente, as reações podem estar relacionadas com as preocupações de uma prática social em recontextualização ou podem ser comportamentalizadas e, nesse caso, tornar-se ações em si mesmas. O que interessa no campo da análise não é como se ‘sentem’ os participantes (se esses sentimentos reais existem no texto, podem ser considerados elementos adicionados durante a recontextualização), mas se os participantes (re)agem de acordo com as expectativas sociais (van Leeuwen, 2008: 19).

#### **g) Finalidades**

As finalidades da mesma prática social podem ser construídas de maneira diferente em diferentes recontextualizações da mesma prática. Aquelas não são partes intrínsecas de atividades ou de sequências de atividades, de modo a poderem ser conhecidas explicitamente. Elas são adicionadas às atividades e às sequências de atividades no discurso. Por essa razão, são frequentemente razão de controvérsia e debate (van Leeuwen, 2008: 20).

#### **h) Legitimações**

As recontextualizações podem adicionar a resposta ao ‘porquê’ às suas representações de práticas sociais, i.e., adicionar legitimações, razões pelas quais determinada prática social ou parte(s) dela tem de ter lugar ou tem de ter lugar da maneira que tem. Os textos não só representam as práticas sociais, mas explicam-nas e legitimam-nas ou deslegitimam-nas ou criticam-nas.

As mesmas práticas sociais, ou partes delas, podem ser legitimadas de diferentes modos, dependendo das preocupações subjacentes à prática em recontextualização. Os mesmos discursos de legitimação podem servir para legitimar práticas sociais diferentes. Os domínios de conhecimento usados para legitimar ou deslegitimar práticas sociais têm

distribuições específicas pelas práticas de recontextualização, determinados pelas relações sociais que obtêm nas práticas sociais em recontextualização (diferenças de classe e de gênero) e pela natureza das práticas que estão a ser recontextualizadas;

O papel da legitimação varia de importância de acordo com os textos. Alguns são quase inteiramente sobre legitimação ou deslegitimação e fazem apenas referência básica às práticas sociais que legitimizam ou deslegitimizam. Em outros textos a legitimação desempenha um papel menor ou está ausente. As práticas de senso-comum são as mais profundamente ideológicas de todas, mas acontece que foram as mais acérrimamente debatidas quando primeiro foram institucionalizadas. Bourdieu (*apud* van Leeuwen, 2008: 20) chama-lhe ‘*general amnesia*’, porque já se perdeu o rasto do raciocínio que levou a que fossem consideradas de senso-comum e mais ou menos inquestionáveis (van Leeuwen, 2008: 20-21).

### **i) Avaliação**

As recontextualizações podem adicionar avaliações a elementos das práticas sociais ou a práticas sociais (ou partes delas), como um todo. Em si próprios tais julgamentos não são legitimações e podem aparecer em textos sem serem adicionalmente legitimados. No entanto, estão em último caso, sempre relacionados com legitimações. Mas existem sempre uma dicotomia entre moralmente bom / moralmente mau e outros tipos de ‘bom’ e ‘mau’: funcionalmente bom/mau (útil), esteticamente bom/mau (belo, elegante) ou emocionalmente bom/mau (satisfatório).

O ‘moralmente bom’ tem uma clara ligação com o discurso de legitimação (as leis de Deus, as leis da Natureza, as leis da sociedade, ou uma combinação destas diferentes leis). Isto aplica-se a avaliações comuns, que se relacionam com o discurso normativo do que é considerado desejável ou louvável em cada época ou estágio de desenvolvimento humano, cuja origem, tal como foi referido anteriormente, está envolto numa bruma de ‘amnésia geral’.

Outros tipos de ‘bom’ ou ‘mau’ referem-se às práticas sociais em si mesmas. Ou seja, enquanto um discurso de legitimação é necessário para legitimar ‘avaliações morais’, outras avaliações há que são legitimadas pela prática em si, ou pelas finalidades ou reações ligadas a ela (prática) numa dada prática de recontextualização. Neste último

caso, a avaliação ultrapassa a moralidade e não mais pode ser legitimada, exceto de forma circular.

Existe um elemento avaliativo nas reações (de positivo a negativo), mas as reações são sentidas ou exprimidas pelos participantes das práticas recontextualizadas e não pelo agente de uma reconstituição alternativa de uma prática, que pode ser citada ou relatada dentro duma recontextualização (van Leeuwen, 2008: 20-21).

#### **2.3.4. A Abordagem dos Atores Sociais. Porquê?**

Uma das características da ACD é a sua diversidade em termos de abordagens. No entanto, há três pontos que Wodak e Meyer (2009) referem ser fulcrais em qualquer análise ACD:

1. Enquadramento teórico – a ACD é eclética. Uma grande variedade é possível, desde teorias mais abrangentes a teorias linguísticas, embora cada abordagem enfatize diferentes níveis.
2. Não há um cânone de coleção de dados, mas a ACD frequentemente trabalha especificamente com dados existentes, i.e., textos que não foram especificamente produzidos ou criados para os projetos de pesquisa respetivos.
3. Operacionalização e análise são orientadas para um problema e implica perícia linguística.

O maior ponto de confluência relativamente às abordagens ACD *'is a shared interest in social processes of power, hierarchy-building, exclusion and subordination'* (Wodak & Meyer, 2009:32). Wodak e Meyer (2009:32) continuam, alertando para o facto de nem todas as recomendações serem consistentemente seguidas ou de poderem ser implementadas totalmente, devido a constrangimentos de variada ordem.

Para responder às perguntas de partida deste trabalho de investigação, nomeadamente a QP2, considera-se adequada a Abordagem dos Atores Sociais (AAS) teorizada por van Leeuwen, uma vez que a sua abordagem apresenta um enquadramento para analisar como os participantes de práticas sociais podem ser representados no discurso,

esboçando e exemplificando a importância crítica e social das categorias deste enquadramento e detalhando a realização de cada categoria.

*'Social Actors Approach' (SAA) refers to a broad scope of sociological and linguistic theories, especially to those explaining the role of action to establish social structure: representation is ultimately based on practice, on that which people do – it is the primacy of practice which constitutes the theoretical core of SAA. Therefore, SAA introduces sources from Malinowski to Parsons, and from Bernstein to Bourdieu. This idea of individual actors permanently constituting and reproducing social structure is linked with a Foucauldian notion of discourse, somewhat similar to DA and DRA' (Wodak e Meyer, 2009:26-27).*

Conforme já foi referido, van Leeuwen teorizou uma ferramenta para a análise crítica do discurso, que, ao contrário de muitas outras formas de ACD linguisticamente orientadas, não parte de operações linguísticas, mas sim de *'um inventário semântico dos modos, a partir dos quais os atores sociais podem ser representados e estabelece a relevância crítica e sociológica das suas categorias antes de responder à questão de como são realizadas linguisticamente'* (2008: 23).

Todavia, a descrição da representação de atores sociais de van Leeuwen será fundamentada pela linguística. A diferença jaz em o seu primeiro foco ser nas categorias sociológicas em detrimento das categorias linguísticas e em a rede de sistema que apresenta abranger uma variedade de fenómenos linguísticos e retóricos, encontrando a sua unidade no conceito de *'ator social'* em vez de num conceito linguístico como *'grupo nominal'*: *'I would therefore prefer to ask: how can the agents of verbal processes be represented – impersonally or personally, individually or collectively, by reference to their person or their utterance, etc. – without privileging any of these choices as more literal than others, and without thereby also privileging the context or contexts in which one or the other tends to occur as more normative than others?'* (van Leeuwen, 2008: 24)

Van Leeuwen baseou a sua teoria dos atores sociais no conceito de recontextualização de Bernstein, que pressupõem que todas as representações do mundo e dos seus fenómenos constituem representações de práticas sociais concretas. Por concentrar-se essencialmente no modo como os utilizadores da língua representam os atores sociais, a AAS revela ser de grande importância para analisar a representação discursiva do

'us/them' nas cartas ao editor, uma vez que abrange categorias como a exclusão e inclusão dos atores sociais no discurso, a sua representação como grupos (assimilação) ou como indivíduos (individualização), as maneiras como os atores sociais podem ser categorizados (funcionalização, categorização, identidade relacional), bem como as estratégias que podem ocultar a agência humana por trás de instituições ou fazendo uso de qualquer artifício (impersonalização), por exemplo, através de nomes cujo significado não inclua a característica 'humano', como sejam a abstração ou a objetivização realizada por referência metonímica (especialização, '*utterance autonomization*', instrumentalização, somatização (van Leeuwen, 2008).

De grande importância para o presente estudo é o facto de a transição para a reprodução destas representações no discurso ser marcada por uma mudança ao nível semântico, relacionada com os atores sociais, os seus papéis e identidades, bem como com as suas ações e estilos performativos, sendo que no processo de recontextualização um participante pode excluir ou transformar os atores sociais e/ou adicionar legitimações a qualquer um deles. Um resultado possível da recontextualização é a imputação de intenções, valores, e preconceitos que podem revelar uma ideologia subjacente do interlocutor (van Leeuwen, 2008, p. vii). Assim sendo, a teoria dos atores sociais é uma ferramenta útil para a obtenção de resultados para as QP2 e QP3.

#### **2.4. *Appraisal Theory*: Julgamento e Apreciação**

A '*Appraisal Theory*' incide no estudo dos recursos linguísticos, através dos quais os atores sociais expressam, negociam e naturalizam determinadas posições intersubjetivas e, em última análise, ideológicas. Mais especificamente, esta teoria atenta particularmente à linguagem da avaliação, atitude, emoção e julgamento, bem como a um conjunto de recursos que explicitamente posicionam propostas e proposições de um discurso: '*we can locate appraisal as an interpersonal system at the level of discourse semantics*' (Martin & White, 2005: 33). Para a teorização da '*Appraisal Theory*' descrita nesta secção baseio-me essencialmente em Martin & White (2005).

Esta teoria divide os recursos avaliativos em três grandes domínios semânticos: '*attitude*' (valores através dos quais os falantes produzem julgamentos e associam respostas emocionais / afetivas com participantes e processos), '*engagement*' (recursos

usados para posicionar a voz do enunciador em relação às várias proposições e propostas transmitidas por um texto, bem como os significados pelos quais o enunciador reconhece ou ignora a diversidade de pontos de vista colocados em risco pelos seus enunciados e com os quais negociam um espaço interpessoal para as suas próprias posições dentro dessa diversidade) e *'graduation'* (valores através dos quais os falantes graduam, aumentando ou diminuindo, o impacto interpessoal, a força ou o volume dos seus enunciados, e através dos quais graduam, mitigando ou sublinhando, o objeto das suas categorizações semânticas).

O sub-sistema *'attitude'* inclui os significados pelos quais os enunciados atribuem um valor ou avaliação intersubjetiva aos participantes e processos por referência às respostas emocionais ou a sistemas de valores determinados culturalmente. A *'attitude'* também se divide em três sub-sistemas: *'affect'*, *'judgement'* e *'appreciation'*. No presente estudo, iremos apenas utilizar o sub-sistema *'attitude'* e apenas na vertente de *'julgamento/judgement'* e *'appreciation/apreciação'*.

O subsistema de atitudes na categoria *'julgamento/judgement'*, engloba significados que servem para avaliar o comportamento humano de forma positiva e negativa por referência a um conjunto de normas institucionalizadas. Segundo Martin & White, ao entrar no campo do julgamento *'we move into the region of meaning construing our attitudes to people and the way they behave – their character'* (2005: 53). Assim, o julgamento está envolvido quando o enunciador fornece uma avaliação de um ator social com referência aos atos ou disposições desse mesmo participante. As normas sociais avaliadas/julgadas baseiam-se em regras e regulamentos ou expectativas sociais e sistemas de valor mais ou menos definidos. Assim, na categoria do julgamento, podemos avaliar o comportamento como moral ou imoral, como legal ou ilegal, como socialmente aceitável ou inaceitável, como louvável ou deplorável, como normal ou anormal e assim por diante, podendo essa avaliação ser realizada na forma de advérbios (*honestly, dishonestly*), atributos e epítetos (*courageous, corrupt*), nominalizações (*a brute, a hero*) ou verbos (*to lie, to achieve*).

Quando avaliamos objetos e fenómenos naturais em vez do comportamento humano, fazendo referência aos seus princípios estéticos e outros sistemas de valorização social entramos no domínio da apreciação: *'With appreciation we turn to meanings construing*

*our evaluations of 'things', especially things we make and performances we give, but also including natural phenomena'* (Martin & White, 2005: 56). A apreciação, positiva ou negativa, pode ser dividida em termos da nossa *reação* às coisas, de acordo com a sua *composição* e com o seu *valor*. A reação regista os efeitos de impacto do objeto no indivíduo (cativante ou aborrecido, por exemplo), bem como percepções quanto à qualidade do objeto ou fenómeno (o indivíduo gosta ou não do que experienciou). Em termos de composição, avalia-se o equilíbrio e a complexidade, enquanto que o valor aprecia 'se valeu a pena' a experiência.

Na análise do *corpus* iremos fazer uso das categorias de julgamento e apreciação para explicar de o que traduzem os posicionamentos conferidos aos outros, na tentativa de '*unpack what people say and do in their use of discourse in relation to their views of the world, themselves and their relationships with each other*' (Kress, 1991 *apud* Paltridge 2012: 191).

## **2.5. Teoria do Posicionamento**

Este capítulo tem como objetivo principal definir a teoria do posicionamento, bem como explicar alguns dos seus conceitos chave, nomeadamente a importância das noções de direito e dever, a conceção de posição, posicionamento, triângulo de posicionamento e, finalmente, os diferentes modos de posicionamento. De seguida, primeiramente irei abordar as motivações para a escolha da teoria do posicionamento e em segundo lugar, definir que áreas da teoria do posicionamento se considera serem úteis para este trabalho de investigação.

### **2.5.1. Conceptualização da Teoria do Posicionamento**

A teoria do posicionamento teve início na produção escrita feminista nos anos 80. Já nesse momento existiam dois significados diferentes do conceito, embora ainda pouco distintos. O primeiro, usado para fazer referência '*to the personal, historical, social and cultural attributes of a person, as these were overtly ascribed by some pattern of discursive acts.*' (Harré, 2012: 194). O segundo, bastante próximo do primeiro, refere-se a um '*cluster of beliefs, some implicit and some explicit, as to the rights and duties*

*proper to a person who was taken to have the ascribed attributes, or at least claimed to have them.*' (Harré, 2012: 194).

Uma vez que a ambiguidade de significados no uso do conceito persistia, posicionamento passou a designar *'rights and duties'* e pré-posicionamento os processos discursivos pelos quais os direitos e deveres são atribuídos ou aos quais se resiste. Em 1990 Davies e Harré desenvolveram o conceito de posicionamento *'to facilitate the thinking of linguistically oriented social analysts in ways that the use of the concept 'role' prevented'* (Davies & Harré, 1990: 43). Este novo conceito sublinha o aspeto dinâmico das interações, uma vez que *'role'* tem um carácter eminentemente *'static, formal and ritualistic'* (Davies & Harré, 1990: 43). Enquanto o papel/*'role'* não muda, a posição (aquilo que cada um faz e diz) adotada pelo ator social é a sua interação, momento a momento, condicionada por aquilo que aquele percebe como sendo os seus deveres e direitos.

A *role theory* é explicativa de crenças constantes e duradouras acerca dos direitos e deveres atribuídos aos indivíduos, mas não explica as atribuições mediadas pelo discurso, que são constantemente feitas, nem a resistência a essas mesmas atribuições. A teoria do posicionamento tem como objetivo o estudo de *'descriptive processes by which people were ascribed, took up, refused, contested, and so on- the rights and duties they found themselves with in the local social world.* (Harré, 2012: 195). O autor reforça a ideia de que há um pano de fundo de ordem moral, cujo propósito é *'to highlight practices that inhibited certain groups of people from performing certain sorts of acts'* (idem). Assim sendo, uma vez que a identidade é produzida em práticas discursivas locais, a teoria do posicionamento atribui grande importância às restrições tácitas pelas quais os indivíduos se regem. Fazendo uso da dicotomia Saussuriana *'langue/parole'*, Davies e Harré (1990) sugerem que a primeira é um mito e só a segunda, pelo seu carácter real e concreto é o domínio onde o posicionamento pode ser compreendido e estudado.

### **2.5.2. Direitos e deveres**

No final dos anos 90 do século passado houve a necessidade de introduzir uma nova dimensão no campo da psicologia social. Existem três componentes na abordagem

psicológica a qualquer fenómeno: o que o ator social pode/consegue fazer (as suas capacidades), o que o ator social faz, de facto e um terceiro aspeto, que atua como ligação entre os primeiros dois, que diz respeito ao que é permitido/proibido ao ator social fazer.

O segundo domínio surge por ação conjunta do primeiro e terceiro domínios. O primeiro e terceiro domínios são discursivos e a sua interação é cognitiva, sendo que o último domínio é o campo da teoria do posicionamento e não existia anteriormente no campo da psicologia social e está intimamente ligado psicologia cultural e ao estudo da psicologia enquanto fenómenos cultural (Harré, 2012: 192).

Assim, o posicionamento consiste na adjudicação de atributos aos indivíduos, bem como no posicionamento numa localização de direitos e deveres, com as coisas que são permitidas ou proibidas fazer. Ora, central na teoria do posicionamento é a existência de direitos e deveres e a convicção de que esses atos e deveres nos permitem agir ou falar de determinada maneira.

Os meus direitos são aquilo que os outros têm de fazer por mim, porque têm a capacidade e o poder para o fazer, enquanto que os meus deveres são, desta feita, o que tenho de fazer pelos outros, porque tenho o poder e a capacidade para amenizar a vulnerabilidade de outrem: *‘If I (we) have a vulnerability that you (they) have the power to remedy, then you have a duty to remedy my vulnerability and I have a right to be the recipient of the exercise of that power.’* (Harré, 2012: 197). A colaboração com Dan Robinson produziu uma definição de deveres explicada como *‘what one owes another by reference to the other’s vulnerabilities and rights as what the other owes by reference to his/her powers’* (idem).

A *teoria do posicionamento* reconhece a desigualdade no acesso aos meios, neste caso, sociais, de que cada indivíduo tem ao seu dispor e Harré começa por estabelecer que *‘in all human interactions, there are asymmetries in the resources for social action that are available to each individual in concrete circumstances’* (2012: 193). No mesmo artigo, Harré explica que nem todos os envolvidos num episódio social têm acesso igual aos deveres e direitos para executar determinadas ações significativas naquele dado momento e com aquelas pessoas em concreto. São os deveres e direitos de cada um que

determinam quem pode usar certo modo de discurso: *‘We can explain the differences in the availability of rights and duties to act in certain ways for a person in a certain situation by reference to the social and personal attributes of that person in that situation.* (Harré, 2012: 194). As atribuições usadas na construção do posicionamento são frequentemente baseadas nas crenças (locais) acerca da competência, experiência e personalidade do indivíduo, bem como das categorias a que essa pessoa pertence (género, raça ou faixa etária, por exemplo).

### **2.5.3. Dever supererrogatório**

Na esteira do que já foi dito em relação a direitos e deveres, Harré introduz o conceito de dever supererrogatório, enquanto pulsão para realizar qualquer ato social, com base, não numa obrigação, mas no sentido ético, de algo que deve ser feito, porque é benéfico, correto e recomendável. O ator social não tem de fazê-lo (ou advertir, compelir ou instigar outros a fazê-lo), fá-lo, porque tem a ver com o seu sistema de crenças, indo para além daquilo que é prescritivo e obrigatório, *‘this is a felt demand on the basis of a personal conviction that something **should** (itálico para destaque no original) be done. In taking on a supererogatory duty, the moral force is felt only by the individual who feels committed to that duty. Such a duty has no legal or even customary force.’* (Harré, 2012: 198) A força de um dever supererrogatório pode tornar-se tal, particularmente quando sentida por um grande número de indivíduos ou quando alguns deles detêm capacidade de influência social, que pode tomar uma forma regulamentar ou legislativa.

### **2.5.4. Posição e posicionamento**

Conforme já foi referido, o conceito de posicionamento é uma alternativa dinâmica ao conceito de papel ou ‘role’. Harré & Langenhove identificam 3 fenómenos sociais: indivíduos (tratados como ‘complex, causally interacting ‘things’), instituições (tratados como ‘groupings of people, personnel or staff) e sociedades, (tratados como ‘higher order aggregates of people in groups’) (1999a: 15). Uma vez que são ‘thing-like substances’ (Harré & Langenhove, 1999a:15), cada um deles pode ser localizado numa grelha espaço-temporal do mundo natural. Esta grelha, segundo os autores, tem-se mantido pouco questionada como o enquadramento em que os fenómenos sociais são considerados.

Assim, Harré & Langenhove defendem que esta grelha é desadequada para estudar estes fenómenos (individuação, identidade de fenómenos e entidades sociais). Em alternativa propõem uma grelha referencial de pessoas/conversações, em que os atos de fala são considerados a substância da realidade social e em que as pessoas são vistas como locais para os atos sociais. Consequentemente, os conceitos de espaço e tempo são reajustados, de maneira coincidir com esta nova categorização: o espaço passa a designar um conjunto de localizações possíveis e reais ou um conjunto de pessoas, e não necessariamente um espaço tri-dimensional; em relação ao tempo, fala-se de tempo psicológico em vez de tempo diacrónico, significando que a distinção entre passado, presente e futuro é esbatida e fluida. As ocorrências dos atos são os momentos de tempo social. Com este tipo de grelha referencial de pessoas/atos, o campo social é composto por processos básicos:

- 1) Conversas/diálogos e outros intercâmbios simbólicos de ordem imediata;
- 2) Práticas institucionais e os usos de práticas societais;
- 3) Todas as formas de práticas discursivas;

Harré & Langenhove identificam o ponto 1) como a unidade mínima constitutiva do reino social. É através da interação dialógica que o mundo social é criado, da mesma forma que as coisas causalmente ligadas de acordo com as suas propriedades constituem o mundo natural. Através das conversas/diálogos são criados os atos sociais e os ícones societais criados e reproduzidos. Tal é conseguido através de dois processos discursivos: posicionamento e redescrição retórica (*'rhetorical redescription'*, no original), ou 'a construção discursiva de histórias acerca das instituições e acontecimentos macrossociais, que os tornam inteligíveis enquanto ícones societais' (Harré & Langenhove, 1999a:16). Na teoria do posicionamento o discurso detém uma importância central na formação da identidade: *'Many, if not most, mental phenomena are produced discursively.'* (Harré & Langenhove, 1999a:16)

Bamberg enfatiza a importância da análise do posicionamento para chegar às escolhas discursivas que os falantes fazem para posicionar os outros, sendo que nesse processo, 'revelam' ou 'escolhem' determinadas facetas de identidade pessoal, uma vez que a análise do posicionamento *refer[s] broadly to the close inspection of how speakers*

*describe people and their actions in one way rather than another and, by doing so, perform discursive actions that result in acts of identity.* (Bamberg, 2011: 182).

Uma ‘posição’ é assim resumidamente definida como ‘*a cluster of short-term disputable rights, obligations and duties*’ (Harré, 2012: 193) e ‘*a cluster of beliefs with respect to the rights and duties of members of a group to act in certain ways*’ (idem: 196). Harré detalha ainda mais a definição, aprofundando o facto de as crenças em relação aos direitos e deveres poderem ser enunciadas de forma mais ou menos explícita, sendo que a atribuição de posições é sempre questionável. O conjunto de crenças pode ser de natureza tácita ‘*existing only as immanent features of unchallenged patterns of action*’ (ibidem: 196) ou explicitamente formuladas, cristalizadas na forma de regras e convenções.

Paralelamente é enfatizado o carácter efémero e não-duradouro das posições. Aliás, Harré reforça a ideia de que é a esta negociação constante envolvida no processo de atribuição de posições que se designa posicionamento: ‘*Because positions are ephemeral compared with roles the focus of research interest must include the social cognitive processes by which positions are established. This dynamics is positioning - that is, processes by which rights and duties are assigned, ascribed or appropriated and resisted, rejected, or repudiated.*’ (Harré, 2012: 196). O posicionamento é um processo dinâmico e constantemente negociado, em que uma posição pode ser aceite, contestada, reformulada, desafiada, num sistema que se poderá prolongar indefinidamente e baseado na construção discursiva de histórias pessoais ‘*that make a person’s action intelligible and relatively determinate as social acts.*’ (Langenhove & Harré, 1999a: 17)

Langenhove & Harré distinguem entre um tipo de posicionamento ‘natural’, que é aquele que advém da ordem social previamente convencionada e um tipo de posicionamento de apropriação, em que um dos atores sociais usurpa uma posição dominante, que naturalmente não lhe caberia: ‘*[P]ositions may emerge ‘naturally’ out of the conversational and social context. But sometimes an initial seizure of the dominant role in a conversation will force the other speakers into speaking positions they would not have occupied voluntarily, so to say. Initial positionings can be challenged and the speakers thereby sometimes repositioned.*’ (1999a: 18). Assim, o contexto social pode dar o mote para o posicionamento inicial (um professor na sala de

aula pode assumir uma posição de autoridade e, enquanto aluno de uma escola de condução, irá assumir uma posição mais passiva, de quem está a receber informação/conhecimento, um seu direito, que o instrutor de condução tem o dever de prestar).

Todavia, esse posicionamento ‘natural’ pode ser contestado ou até mesmo arrebatado, levando a que as posições sejam redefinidas. No exemplo dado acima, o professor, habituado a ter uma posição social dominante, pode recusar ao instrutor a liderança e forçá-lo a uma posição mais subserviente, ao que este poderá aceder ou recusar.

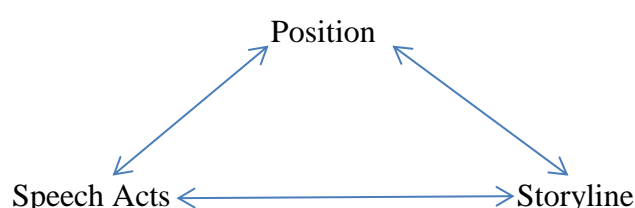


Figura 2.2.: Triângulo de Posicionamento, adaptado de Harré *et alia* (2009:18-19)

Na teoria do posicionamento a estrutura das conversas/diálogos é tri-polar, com vértices correspondentes a posições, storylines (enredos) e atos de fala relativamente determinados: *‘Positions are related both to the storylines realized in the unfolding of episodes and to the acts that are the meanings of the intentional actions of the people who take part.’* (Harré, 2012: 194). Uma vez que os pólos são interdependentes, a análise pode iniciar-se em qualquer um dos vértices.

#### 2.5.4.1. 1º vértice: posições

O primeiro vértice diz respeito às posições. Ao adotar uma posição ou ao ser atribuída uma posição a alguém numa interação assiste-se a um efeito imediato no modo como os atos de fala são interpretados. As posições e os atos de fala estão incorporados nas storylines (enredos) que estão a ser vividos pelos atores em qualquer situação/momento. Os enredos e os atos de fala estão integrados com as posições em qualquer interação real e o conhecimento implícito de *story-lines*/enredos e os atos de fala relativos a uma história têm de ser presumidos em atores sociais competentes. O posicionamento assenta no pressuposto *‘If I (we) have a vulnerability that you (they) have the power to remedy,*

*then you have a duty to remedy my vulnerability and I have a right to be the recipient of the exercise of that power.’* (Harré, 2012: 197)

O facto de Harré partir do princípio de que para cada dever há proporcionalmente um direito dá origem ao que o autor denomina de ‘*symmetry presumption*’ ou presunção de simetria assente na premissa de que ‘*in our time and place, our moral universe is built around a general presumption that for every duty there is a right and a right for every duty*’ (Harré, 2012: 197). Até que ponto esta regra poderá ser integralmente aplicada às interações humanas é questionável, uma vez que depende da vontade e do sistema de crenças de cada indivíduo. Poderão haver direitos ou deveres que os indivíduos não queiram ou não possam exigir/cumprir e que não se sintam na obrigação de os cumprir/prestar. Se todos agissem com base neste pressuposto, não haveria desigualdade, nem crime ou pobreza. No entanto, se os deveres e direitos são meramente aquilo que percebemos como tal, entidades flexíveis e subjetivas, então até o crime pode ser justificado na medida em que se considere que os ricos têm o dever de partilhar (de boa vontade ou não) com quem é mais desfavorecido.

#### **2.5.4.2. 2º vértice: Atos / ações**

Harré faz uma distinção entre ato e ação, sendo que uma ação é definida como ‘*a meaningful, intended performance (speech or gesture)*’, enquanto um ato ‘*is the social meaning of an action*’ (Harré, 2012: 198). Sempre que se fala de ação, faz-se referência à ação intencional por um agente humano, enquanto que ato diz respeito ao significado que o agente e outros envolvidos dão a essa ação.

Harré (2012:198) afirma que a ‘*Positioning Theory has been applied, for the most part, to verbal interactions, to episodes unfolding as conversations*’. Assim, uma ação poderá ser traduzida por uma força ilocucionária, como por exemplo, fazendo um elogio a alguém e o ato dirá respeito à sua força perlocucionária, ou seja, ‘*material and social consequences of the speech action being understood in that way, given that meaning*’ (Harré, 2012: 198).

### 2.5.4.3. 3º vértice: *storylines* / enredos

Tal como aconteceu no caso dos conceitos ‘posição’ e ‘posicionamento’, também o conceito de ‘*storyline*’/enredo surgiu na génese da teoria do posicionamento com dois significados diferentes:

1. Para descrever o desenrolar da estrutura de um episódio em termos de uma história familiar, em termos de conhecimento geral, como por exemplo, um conto infantil;
2. Para fazer referência às histórias relatadas pelos atores sociais, talvez como ‘*accountive moves*’, justificações para tornar um enredo vivido inteligível e/ou legítimo.

Segundo Harré (2012: 198), as ‘*storylines*’ ou enredos têm lugar em excertos de vida ou ‘*strips of life*’, que decorrem de acordo com convenções narrativas estabelecidas, sendo que algumas são explícitas (é o caso de cerimónias, jogos com regras estabelecidas ou procedimentos no tribunal, em que as posições estão pré-determinadas e há procedimentos que serão ocupados por atores específicos), enquanto que outras são implícitas.

Os enredos implícitos não dispõem de um modelo, que auxilie na interpretação dos posicionamentos dos atores envolvidos. É necessário mais informação do que nos enredos explícitos e é a análise narratológica que pode ajudar a revelá-los. Está dependente do princípio de que ‘*strips of life*’/excertos de vida são geralmente histórias vividas para as quais já existe uma história narrada. A mesma história pode ser expressa verbalmente ou através de diferentes *media* e empregando um posicionamento diferente, consoante o público a quem seja narrada: ‘*It can easily be seen that the social force of an action and the position of the actor and interactors mutually determine one another. Conversations have storylines and the positions people take in a conversation will be linked to these storylines.*’ (Langenhove & Harré, 1999a: 17)

### **2.5.5. Modos de posicionamento**

Langenhove & Harré (1999a) criaram uma estrutura bem definida de análise do posicionamento, que distingue entre posicionamentos de variada ordem, consoante seja aceite ou recusada (e negociada), reflexa ou atribuída a/por outrem, tácita ou deliberada, pessoal ou moral.

#### **2.5.5.1. Posicionamento de 1ª e 2ª ordem**

Langenhove & Harré (1999a; Harré & Langenhove, 2010) começam por explicar, que sendo a distinção mais básica de todas, o posicionamento de 1ª ordem se refere ao modo como as pessoas se localizam a elas próprias e aos outros num espaço essencialmente moral, usando várias categorias e *storylines*/enredos. O posicionamento de 1ª ordem é, assim, um ato inicial de posicionamento e não é questionado, isto é, é aceite pelos atores como existindo o dever moral de falar ou agir assim. Podemos pensar num médico que se dirige ao paciente numa posição de autoridade em questões de saúde. Se tal posicionamento não for questionado pelo paciente, estamos perante um posicionamento de 1ª ordem.

Um posicionamento de 2ª ordem implica o questionamento e negociação do ato de posicionamento de 1ª ordem realizado dentro da mesma conversa/interação. Se o paciente, por qualquer razão pessoal, não partilhar do mesmo sistema de valores e não reconhecer ao médico autoridade sobre a sua saúde, poderá questionar e recusar a atribuição primária de posições e ambos terão de proceder a uma renegociação de posições dentro do seu enredo/*storyline*. Em qualquer dos casos, há um efeito perlocucionário imediato, pois os atores sociais envolvidos irão reagir em relação a uma ação.

#### **2.5.5.2. Posicionamento performativo e justificativo**

Seguidamente, Langenhove & Harré (1999a; Harré & Langenhove, 2010) propõem uma outra distinção, entre posicionamento performativo e justificativo. O posicionamento performativo é diferente do posicionamento de segunda ordem ou reflexivo, onde os

atos estão sujeitos a desafio ou revisão de um posicionamento de 1ª ordem realizado dentro da mesma conversa. O posicionamento performativo pressupõe a realização/execução de algo após o posicionamento de 1ª ordem.

‘*Accountive positioning*’, a que chamarei posicionamento justificativo, tem a função de explicitamente prestar contas sobre o posicionamento prévio enquanto ato social em si mesmo. Desta forma, os posicionamentos de 1ª ordem podem ser questionados de duas maneiras: dentro da própria conversa ou dentro de outra conversa acerca da 1ª conversa (aqui já implica um posicionamento de 3ª ordem, i.e., um ato de reposicionamento realizado num novo contexto daquele em que o posicionamento de 1ª ordem teve lugar).

Langenhove & Harré chamam a atenção para o facto de ambas as situações serem exemplo de posicionamento justificativo, uma vez que ambas envolvem ‘*talk about talk*’ (1999a: 21; Harré & Langenhove, 2010:112). Assim, posicionamentos de 2ª ordem podem culminar em posicionamento justificativo no contexto de uma discussão que continua. Se ocorrer fora da discussão inicial (posicionamento de 3ª ordem), pode envolver outras pessoas que não aquelas que tomaram parte na discussão original.

No caso de algum dos intervenientes relatar a conversa/interação a outros, estamos perante uma situação de ‘*rhetorical redescription*’, ou seja, uma redescrição retórica do acontecimento, em que não se repetirá integralmente tudo o que foi dito pelos intervenientes, mas em que se procederá à narração de um episódio. Neste caso, os intervenientes na redescrição retórica estão eles próprios envolvidos em posicionamentos de 1ª ordem.

### **2.5.5.3. Posicionamento moral e pessoal**

O posicionamento moral diz respeito ao posicionamento de alguém num papel social reconhecível, por exemplo enquanto juiz ou pai.

*‘People can be positioned with regard to the moral orders in which they perform social actions. It is often sufficient to refer to the roles people occupy within a given moral order or to certain institutional aspects of social life to make actions intelligible and to understand the positions that people take.’*  
(Langenhove & Harré, 1999a:21; Harré & Langenhove, 2010:112)

Este reconhecimento do papel desempenhado faz com que seja compreensível e/ou justificável a atribuição ou apropriação de determinado posicionamento de 1ª ordem na interação. Se a interação disser respeito a um posicionamento de 2ª ordem, em que, por exemplo, o adequado exercício das funções conferidas pelo posicionamento moral for questionado, então o enredo/*storyline* entre os atores pode mudar de posicionamento moral para posicionamento pessoal, em que elementos pessoais sejam trazidos à história como forma de justificação para o não cumprimento de determinado papel.

*‘Thus, people can not only be positioned morally, they can also be positioned in terms of their individual attributes and particularities. Such personal positioning can range from rather general, using very broad categories (e.g. Jones is a nice nurse), to very detailed in which several elements of the person’s characteristics including their life-history are brought in (...).’* (Langenhove & Harré, 1999a:22; Harré & Langenhove, 2010:113)

Langenhove & Harré (1999a; Harré & Langenhove, 2010) alertam para o facto de que quando as pessoas são posicionadas ou se posicionam a elas próprias, isto irá sempre incluir, tanto um posicionamento moral quanto pessoal. Além disso, quanto mais as ações de alguém não forem capazes de ser tornadas inteligíveis por referência aos papéis (*roles*), tanto mais se tornará proeminente o posicionamento pessoal.

### **Posicionamento de si próprio e posicionamento do outro**

Neste ponto, Langenhove & Harré (1999a; Harré & Langenhove, 2010) reforçam a ideia de o posicionamento ser uma prática eminentemente discursiva. Assim, quando posicionamos o outro, isso também implica um posicionamento de nós próprios.

*‘Within a conversation each of the participants always positions the other while simultaneously positioning him or herself.’* (Langenhove & Harré, 1999a:22).

#### **2.5.5.4. Posicionamento tácito e intencional**

Langenhove e Harré (1999a; Harré e Langenhove, 2010) distinguem entre ainda entre posicionamento intencional ou tácito. Segundo eles, a maioria dos posicionamentos é de natureza tácita, pois as pessoas envolvidas não se auto-posicionam ou aos outros de modo intencional ou consciente. No entanto, quando alguém age com determinada

intenção em mente (usando artifícios com a mentira ou a provocação), o posicionamento de 1ª ordem pode ser intencional. Os posicionamentos de 2ª e 3ª ordem têm sempre de ser intencionais, sendo que simultaneamente ocorre um posicionamento tácito de 1ª ordem.

Em relação às práticas de posicionamento, existem 3 tipos de práticas discursivas: as práticas de 1ª ordem, em que as pessoas se posicionam a elas próprias, aos outros e são também posicionadas por eles. Este tipo de diálogo compreende atos de posicionamento de 1ª ordem, maioritariamente de natureza tácita; as práticas de 2ª ordem, em que atos de posicionamento do 1º tipo se tornam o tópico ou alvo. Este tipo de diálogo-posicionamento ocorre dentro, mas é acerca da *storyline*/enredo decorrente; e finalmente as práticas de 3ª ordem, que são práticas discursivas, nas quais o diálogo-posicionamento tem um tópico de posicionamento de 1ª ou 2ª ordem, que ocorreu numa outra prática discursiva, distinta da presente.

#### **2.5.5.5. Tipos de Posicionamento Intencional**

*‘Positioning always takes place within the context of a specific moral order of speaking.’* (Langenhove & Harré, 1999a:23). Os autores ressaltam a importância do contexto da ordem moral, que deve ser sempre levada em conta nas interações/diálogos e nos posicionamentos que aí possam ocorrer. O que A possa dizer a B é relativo aos deveres, direitos e obrigações dentro da ordem moral, em que o processo discursivo ocorre. É por esse motivo que Langenhove & Harré afirmam que a distribuição capacidade de auto e alter-posicionamento pode ser desigual, dependendo da ordem moral em que a interação tenha lugar:

*‘The rights for self-positioning and other-positioning are unequally distributed and not all situations allow for or call for an intentional positioning of the participants.’* (1999a:23)

Tendo em conta todos os contextos de ordem moral possíveis, Langenhove & Harré (1999a) e Harré & Langenhove (2010) identificam 4 formas distintas de posicionamento intencional (relativamente a situações discursivas em que ocorrem):

1. Situações de auto-posicionamento deliberado;
2. Situações de auto-posicionamento forçado;

3. Situações de posicionamento deliberado de outros;
4. Situações de posicionamento forçado de outros;

Estes 4 tipos de posicionamento são fruto das dimensões performativa/justificativa e *self/other* já introduzidas nestes capítulos de Langenhove & Harré (1999a) e Harré & Langenhove (2010).

	<b>Posicionamento Performativo</b>	<b>Posicionamento Justificativo</b>
<b>Auto-posicionamento</b>	auto-posicionamento deliberado	posicionamento forçado por outrem
<b>Alter-posicionamento</b>	posicionamento deliberado do Outro	posicionamento forçado do Outro

Tabela 2.1. Tipos de posicionamento intencional. Adaptado a partir de Langenhove & Harré (1999a:24) e Harré & Langenhove (2010:114)

### **a) Auto-posicionamento deliberado**

De acordo com Langenhove & Harré (1999a) e Harré & Langenhove (2010) o auto-posicionamento deliberado ocorre em cada conversa/diálogo, onde o objetivo é expressar a identidade pessoal. Pode ser feito de 3 maneiras diferentes:

- 1) Enfatizando a agência do actor/autor (apresentando o seu curso de ação como uma de entre várias possibilidades);
- 2) Referindo-se ao ponto de vista único do sujeito;
- 3) Referindo-se aos acontecimentos da biografia;

Os autores colocam então a questão de como é o posicionamento conseguido nas 3 possibilidades atrás referidas? As práticas discursivas constituem o meio, através do qual a identidade é demonstrada. Langenhove & Harré (1999a:24) e Harré & Langenhove (2010:115) defendem que os seres humanos têm de exibir uma identidade pessoal (cuja singularidade é conseguida gramaticalmente pelo uso da 1ª pessoa do singular) e uma identidade social (*instances of type*).

Dado que ao assumir uma identidade única, o indivíduo/ator está na posse dos mecanismos necessários para oferecer explicações para o comportamento pessoal, tem à sua disposição 3 meios para o fazer (Langenhove & Harré, 1999a:24):

- 1) Fazendo referência aos seus poderes e ao direito de o exercer;
- 2) Fazendo referência à sua biografia (o que fez ou viu, etc. e o que lhe aconteceu)
- 3) Fazendo referência às experiências pessoais tidas como legitimação de determinadas pretensões ou reivindicações, por exemplo lembrando a sua ‘expertise’ ou perícia/especialização;

Quando alguém está comprometido com um processo de auto-posicionamento deliberado, isto implica que está a tentar atingir objetivos específicos com o seu ato de auto-posicionamento. É necessário que se assuma que esse indivíduo tem um objetivo em vista. Assistimos à introdução de um elemento de **intenção deliberada** na estrutura, o que pode acontecer em qualquer um dos pólos da tríade: (position/storyline/social force of ou atos de fala).

*‘The stories people tell about themselves will differ according to how they want to ‘present’ themselves.’ (Langenhove & Harré, 1999a:25)*

É sabido que a mesma história pode ser contada de maneiras muito diferentes, de acordo com o modo como o ator quer ser percebido pelos outros. Assim, Langenhove & Harré, (1999a) e Harré & Langenhove (2010) propõem utilizar 5 categorias de auto-apresentação (propostas por Jones & Pittman em 1982), que na teoria do posicionamento estão localizadas como ‘descrições-projeto’ no pólo narrativo (storyline):

- *Ingratiation*
- *Intimidation*
- *Self-promotion*
- *Exemplification*
- *Supplication*

*‘A special case of intentional self-positioning is when people position themselves in a story told to themselves. Such positioning can again take many forms’ (Langenhove & Harré, 1999a:25).*

Langenhove & Harré (1999a:26) propõem uma hipótese inicial: a de que os atos privados de auto-posicionamento estão em conformidade com a estrutura tripolar de atos públicos de posicionamento de EU e do OUTRO. (Langenhove & Harré, 1999a:26)

### **b) Posicionamento Forçado por Outrem**

Este tipo de posicionamento só difere do auto-posicionamento deliberado no sentido em que a iniciativa agora depende de outro indivíduo em vez da pessoa envolvida / a ser posicionada. Este processo de posicionamento pode ser individual ou institucional. Regra geral, as instituições estão interessadas em posicionar pessoas em 2 casos:

- 1) Quando a instituição tem o poder oficial para fazer julgamentos morais acerca de pessoas externas à instituição;
  - a) a instituição pede às pessoas que prestem contas do que estão (ou não) a fazer. Ao ser solicitado às pessoas que prestem contas pelo seu comportamento, é-lhes solicitado que se posicionem enquanto agentes (legal, quasi-legal practices);
- 2) Quando decisões acerca de pessoas dentro da instituição têm de ser tomadas;
  - a) Ocorre quando uma instituição quer classificar as pessoas, que se espera que funcionem dentro da instituição, executando uma gama de tarefas em coordenação com as tarefas de outras (recrutamento e contratação de pessoal):

*‘When an institution asks a person to position him or herself, this will always result in a positioning of the person asked to position him/herself. In other words, institutions ask persons to position themselves in order to have information upon which to base their own positionings of the envisaged person as well.’ (Langenhove & Harré, 1999a:27)*

### **c) Posicionamento deliberado do Outro**

Este tipo de posicionamento pode ser feito tanto na presença como na ausência da pessoa posicionada. Na ausência da pessoa pode ser entendido como ‘bisbilhotice’ ou ‘falar da vida dos outros’. Sabini & Silver (1982), citados por Langenhove & Harré (1999a: 27), argumentam que ‘*gossiping can be understood as a medium of self-disclosure*’, na medida em que ao tomar uma posição acerca do comportamento de outra:

*‘people also ‘dramatize themselves’: it points to behaviour which could be but is not the behaviour of the person who is gossiping. The discursive act of gossiping also positions the persons involved in the gossiping.’* (Langenhove & Harré, 1999a:27)

Ao comentar e tomar posição sobre o comportamento alheio, o sujeito posiciona-se numa grelha de valores morais diversa da do objeto de deliberação. Também demonstra confiança na pessoa com quem estamos a ter este tipo de conversa. De certa maneira, é um aliado do modo de pensar do enunciador, cria um endogrupo (*in-group*) e um exogrupo (*out-group*).

O posicionamento deliberado quando a pessoa que está a ser julgada e criticada está presente cria um local no enredo/*storyline* do falante, que pode ou não ser adotado pela pessoa posicionada. Tal posicionamento pode tomar a forma de uma reprimenda moral. Poderá também estar ligado à questão de ‘*taste*’ no sentido bourdieusiano, enquanto gosto ligado a uma classe social elevada/dominante e à posse da capital cultural ou falta dele, uma vez que poderá constringer a possibilidade de ação social. O (não) possuir suficientemente um recurso como o capital cultural, maioritariamente adquirido através da origem social e do acesso à educação, pode restringir a capacidade e a possibilidade de posicionamento discursivo numa posição de mais poder ou pode, pelo contrário, conferir esse atributo.

### **d) Posicionamento forçado do Outro**

Tal como o posicionamento deliberado do ‘outro’, o posicionamento forçado do outro pode ocorrer na ausência ou na presença da pessoa que está a ser intencionalmente posicionada. Tal pode ocorrer numa situação em que dois intervenientes numa interação dialogal forcem um terceiro a tomar uma posição no conflito. A forma mais dramática

de posicionamento forçado do outro por uma instituição é um julgamento criminal. O julgamento permite/força o réu a posicionar-se e também permite a outras pessoas (defesa e acusação) posicioná-lo.

### **2.3.6. A Teoria do posicionamento na análise às cartas ao editor**

De um modo geral, as cartas ao editor têm como objetivo uma prática social, geralmente a de reclamar contra alguma coisa, mas também pedir ou dar informação, elogiar, contestar, entre outras razões. A secção de cartas ao editor '*serves as forums for opinion, dialogue and debate*' (Richardson, 2007:149). Wahl-Jorgensen refere que as cartas ao editor constituem '*one of a few arenas for public discussion by regular citizens*' (2002:69), um espaço de debate, bem como '*an important site for the (re)production and/or resistance of discourse on and around notions of 'We-dom' and 'They-dom'*' (Hartley, 1992 *apud* Richardson, 2007:149), ou seja, a criação de grupos de '*us*' contra '*them*'. Assim, nas cartas ao editor dos dois jornais selecionados para este estudo, encontram-se algumas motivações mais habituais para a redação daquelas, nomeadamente:

- a) cartas de apoio ou desacordo escritas em resposta a artigos previamente publicados. É uma manifestação de opinião, aquilo que Nielsen denomina de género '*criticism*' (2010: 30-31);
- b) cartas de repto, apoio e elogio (recaem nas categorias de '*appeal*' e '*criticism*' (Nielsen, 2010: 30-31) ;
- c) cartas de reclamação (podem recair tanto no género '*criticism*', quando se referem ao desempenho do jornal, como de '*storytelling*', quando dizem respeito a uma situação vivida e relatada pelo leitor/escritor);
- d) cartas de aviso, informação (solicitação ou prestação da mesma). Tal como no ponto anterior, geralmente baseiam-se numa experiência pessoal, que é transmitida aos demais leitores, recaindo no género '*storytelling*' (Nielsen, 2010: 30);
- e) cartas que põem determinado assunto à discussão entre a comunidade leitora. São temas que constituem um foco de preocupação para o leitor/escritor, em que este exprime a sua opinião e que este propõe que seja debatido no seio da

comunidade de leitores. Podem, ou não, dirigir um repto a identidades coletivas, mas o objetivo principal é a troca de opiniões, no sentido de encontrar um discurso consensual que defina uma posição da comunidade. Baseiam-se frequentemente numa história pessoal, que motiva a discussão, recaindo no género ‘*storytelling*’ (Nielsen, 2010: 30);

Um modo de analisar a identidade e a alteridade nas cartas ao editor e responder à QP2 (Como são representadas discursivamente a identidade e a alteridade nas cartas ao editor?) poderá ser através da análise temática e do posicionamento, que por vezes, revela um mesmo fio condutor, um argumento semelhante.

A teoria do posicionamento desenvolveu-se como um método de análise direcionado para revelar as ‘*storylines*’ e as imputações de direitos e deveres (explícitas ou implícitas), resistência a essas mesmas imputações para realizar ações, expressando atos sociais apropriados às situações reconhecidas pelos participantes num dado ‘*strip of life*’ ou excerto de vida. A análise revela uma determinação mútua dos significados das ações sociais como atos, ‘*storylines*’/enredos vividos manifestando-se e distribuições locais de direitos e deveres para agir de determinada maneira (Harré, 2012:191).

Harré (2012:196) define uma ‘posição’ como sendo ‘*a cluster of beliefs with respect to the rights and duties of the members of a group to act in certain ways.*’ Estas crenças, segundo o autor, podem ser tacitamente aceites ou formuladas explicitamente na forma de regras e convenções. Além disso, as posições são efémeras e, por esse motivo, devem ser incluídos os processos sociais e cognitivos, através dos quais as posições são estabelecidas. É a este processo que se dá o nome de ‘positioning’, i.e., ‘*processes by which rights and duties are assigned, ascribed, or appropriated and resisted, rejected, or repudiated*’ (Harré, 2012:196). O resultado visível dos atos de posicionamento é um padrão de crenças implícitas e explícitas dos indivíduos e entre o grupo relevante, no qual decorre a ação. A análise de posicionamento nas cartas ao editor poderá ser uma ferramenta útil para revelar os tais padrões de crenças de que fala Harré e pôr a nu as relações entre os indivíduos e os grupos na comunidade britânica de expatriados no Algarve.

A análise temática poderá também revelar padrões, ‘*storylines*’, que mostram que, apesar de os autores das cartas poderem estar a expor assuntos diferentes, há correntes subterrâneas de discurso, que discorrem sobre outras coisas diferentes dos assuntos imediatos das cartas, estando ligadas a posições de (mais ou menos) poder, de ideologia, de discursos dominantes que perpassam a nossa sociedade, e mais concretamente, o conjunto de limitações e possibilidades locais e comuns à comunidade de prática que produz o discurso em análise.

Paralelamente ao uso da Teoria do Posicionamento, recorrer-se-á à ‘*Appraisal Theory*’ (Martin & White, 2005) para esmiuçar os julgamentos, a nível da estima social e sanção social, ao nível da avaliação de carácter do ‘outro’. Conforme já foi referido, os julgamentos com base na Estima Social dizem respeito ao destaque, à capacidade e tenacidade ou persistência<sup>3</sup>, ou seja, exprimem admiração ou crítica em termos de quão normal, capaz ou persistente o comportamento do ‘outro’ é. Ao nível da Sanção Social louva-se ou condena-se, tendo por base a veracidade e a conduta ética<sup>4</sup> do outro, aferindo quão honesto ou ético determinado ator social revela ser.

Neste trabalho de investigação propomo-nos analisar a identidade e alteridade nas cartas ao editor, usando uma perspetiva discursiva, em que se considera que o funcionamento individual está incorporado e é construído através da interação social dentro de duas comunidade (britânica e portuguesa). A análise é baseada em discurso e interação que ocorre naturalmente nas páginas de jornais dedicadas à opinião dos leitores em 2013 e 2017.

Espera-se que a análise de posicionamento possa revelar as posições/identidades assumidas pelos autores das cartas, bem como as que são conferidas ao ‘outro’, uma vez que se preocupa em ‘*revealing the explicit and implicit patterns of reasoning that are realized in the ways that people act towards others*’ (Harré *et alia*, 2009:5). Neste cenário, discutiremos como estes posicionamentos e ‘*storylines*’ são usados com o objetivo específico de conferir identidade e alteridade e criar endogrupos (*in-groups*) e exogrupos (*out-groups*), bem como criar ‘*bonding*’ e ‘*bridging capital*’.

---

<sup>3</sup> Em Martin & White (2005: 52-56) estes termos são designados ‘normality’, ‘capacity’ e ‘tenacity’ ao nível da Estima Social e ‘veracity’ e ‘propriety’ ao nível da Sanção Social.

<sup>4</sup> Em Martin & White (2005: 52-56) estes termos são designados ‘veracity’ e ‘propriety’ ao nível da Sanção Social.

*The upshot of acts of positioning is a pattern of explicit and implicit beliefs, held by individuals and among the relevant group in which the action is going.*’ (Harré, 2012: 196)

Conforme refere Harré na citação acima, a conclusão da análise dos atos de posicionamento revela um padrão de crenças, que são relevantes tanto para os indivíduos, como para o(s) grupo(s) entre os quais se movimentam. Este facto é bastante importante, uma vez que poderá contribuir para o apuramento de respostas para as questões de partida, nomeadamente a caracterização da comunidade discursiva de expatriados britânicos no Algarve e a representação discursiva da alteridade e identidade a partir do ponto de vista da mesma comunidade de expatriados.

Harré *et alia* (2009:6) também ressalvam o facto de a teoria do posicionamento trazer à discussão uma dimensão a que geralmente é dada pouca atenção nos processos de cognição e que são *‘concepts and principles from the local moral domain, usually appearing as beliefs and practices involving rights and duties’* (Harré et alia, 2009:6).

Muito embora a comparação dos resultados deste estudo possam revelar aspetos semelhantes e recorrentes ao de outros estudos paralelos sobre a mesma temática (*vide*, por exemplo, Lawson, 2015 e Torkington, 2011), existem aspetos locais e endógenos a que é necessário atentar.

*‘There are many semi-independent moral domains in the human world, including moral beliefs, overtly expressed or immanent in the practices of the culture.’* (Harré et alia, 2009:6)

Em termos de teoria do posicionamento, a tese de M. Lawson (2015) analisa o posicionamento através de narrativas direcionadas<sup>5</sup>, ou seja, numa entrevista é solicitado aos sujeitos participantes que relatem a história da sua migração em busca de um estilo de vida mais gratificante, para responder à questão de como os migrantes britânicos em Ariège (França) constroem e definem a sua identidade através do discurso, enquanto

---

<sup>5</sup> Além de entrevistas/narrativas, M. Lawson também analisa o discurso espontâneo ocorrido num fórum *online* dedicado ao apoio de migrantes britânicos em Ariège.

que no caso do presente estudo, intenta-se, entre outros objetivos, aferir como são representados discursivamente a identidade e a alteridade dos expatriados britânicos no Algarve, não através de entrevista e da narrativa da experiência com o ‘outro’ encontrado no Algarve, mas através de cartas ao editor, em que a narrativa, em forma de ‘*small stories*’ (Bamberg & Georgakopoulou, 2008), são ocorrências espontâneas de discurso.

Poderá argumentar-se que a narração, as ‘*small stories*’, em detrimento do diálogo, apresenta posicionamentos unilaterais, na esteira do que referem Langenhove & Harré (2009a: 31), que não se prestam à visualização do posicionamento que um interveniente faz do outro e vice-versa: ‘*While oral conversations always imply some reciprocal positioning, the written text is a unilateral act.*’ No entanto, no caso das cartas ao editor, existe muitas vezes um diálogo, se não ‘*in situ and in vivo interactive practices*’ (Bamberg, 2011: 182), mas uma interação intercalada e sequencial, que se prolonga no tempo de publicação dos jornais.

Neste processo de posicionamento do ‘outro’ nas diferentes *storylines*/enredos encontrados nas cartas ao editor, além de ser possível ver como posicionam discursivamente o ‘outro’, por inerência os atores sociais formam também imagens e posicionamentos para si próprios num contexto local que diz respeito à comunidade de expatriados britânicos no Algarve.

*By attending to features of the local context, in particular normative constraints and opportunities for action within an unfolding story-line, it becomes clear that access to and availability of certain practices, both conversational and practical, are determined not by individual levels of competence alone, but by having rights and duties in relation to items in the local corpus of sayings and doings. These acts are constitutive of unfolding story-lines which are often realized in conversations, but not necessarily exclusively so. In conversational form they are more readily available for analysis. For this reason alone narratology is a close ally of positioning theory. Narratological analysis reveals the normative constraints on the unfolding of a story-line, constraints which are*

*expressible in the alternative language of locally valid patterns of rights and duties.* (Harré *et alia*, 2009:6)

O caráter **dinâmico** do posicionamento permite aceder a um catálogo de tipos de posições que existem aqui e agora e que podem não ser necessariamente encontrados noutros locais/tempos. Langenhove & Harré (2009a) alertam para o facto de o mesmo modo que o conteúdo de uma posição ser definida em termos de direitos, deveres e obrigações de falar com respeito às forças sociais, do que pode ser dito, sendo que, uma vez que estas propriedades morais são especificadas local e momentaneamente, as posições serão instáveis no conteúdo também. Estando os indivíduos constantemente ocupados no posicionamento de si próprios e no de outros, as formas concretas que tais posicionamentos irão ter diferem de acordo com as situações em que ocorrem.

Langenhove & Harré (2009a) levantam uma questão, de modo bastante pertinente, relativamente à existência de variações nos posicionamentos dos próprios indivíduos. Para responder a esta questão deve-se distinguir entre três aspetos:

- 1) As pessoas variam na sua capacidade de se posicionar a si próprias e aos outros (a sua mestria / domínio das técnicas)
- 2) As pessoas variam na sua disposição ou intenção para posicionar e ser posicionado
- 3) Também diferem no poder para alcançar atos de posicionamento

As primeiras duas variações são atributos individuais, enquanto a última é de cariz social, pois os poderes derivam de localizações específicas em ordens e sistemas sociais. As diferenças individuais no processo de posicionamento são independentes de poderes sociais de posicionamento atribuídos e podem estar relacionadas com o que Langenhove & Harré (2009a) denominam de ‘*conversational dominance*’ e ‘*conversational charisma*’. Mais uma vez, estes são atributos que podem ser adquiridos pela existência de capital cultural em abundância ou, inversamente, pela sua deficiência/ausência.

O posicionamento pode também variar de acordo com tipo de atores (altamente individualizados ou apoiando-se fortemente em estereótipos culturais). O enredo ou *storyline* pode ser retirada de um repertório cultural ou ser inventado. As pessoas também diferem na sua habilidade para a invenção de uma narrativa. Poderão também

haver variações, na medida em que os diferentes modos através dos quais uma pessoa se posiciona a si próprio estão relacionados uns com os outros ou não.

Estes fatores de diferenciamento na capacidade e possibilidade de se posicionar a si e aos outros de modo mais ou menos eficaz referidos por Langenhove & Harré (2009a) poderão estar ligados à existência e/ou criação de capital económico, social e cultural (Bourdieu, 1984) por parte dos intervenientes. Bourdieu afirma que o capital é desigualmente distribuído e há na teoria do posicionamento algumas similitudes com esta posição, uma vez que Harré definiu a teoria do posicionamento como estando baseada no princípio de que:

*not everyone involved in a social episode has equal access to rights and duties to perform particular kinds of meaningful actions at that moment and with those people. In many interesting cases, the rights and duties determine who can use a certain discourse mode. (2012: 193)*

Moghaddam & Harré (2010:2) afirmam que a teoria do posicionamento é essencialmente sobre como as pessoas usam o discurso para se posicionar a si próprias e aos outros numa grelha de referência moral, em que frequentemente se utilizam categorias maniqueístas de divisão entre bem e mal.

*Positioning theory is about how people use words (and discourse of all types) to locate themselves and others. Often, positioning has direct moral implications, such as some person or group being located as “trusted” or “distrusted,” “with us” or “against us,” “to be saved” or “to be wiped out.” At the heart of all conflicts is the form of words people use to position themselves and “the enemy” with respect to rights, demands placed on others, and demands placed on them by others (Moghaddam et al. 2000). It is with words that we ascribe rights and claim them for ourselves and place duties on others. These may be as mundane as the rights and duties that shape the micropolitics of a family, or as grandiose as those claimed by imperialists or ethnic cleaners in the name of God or expediency or even science.*

Uma vez que o objeto de estudo da teoria do posicionamento é o discurso, aquela torna-se uma ferramenta adequada para, em conjunto com a ACD, trazer à luz as relações de poder que se estabelecem a comunidade discursiva de britânicos no Algarve e perceber como esta negocia a sua identidade e alteridade. Ainda que essa negociação seja constante e efêmera, a teoria do posicionamento poderá ser útil na obtenção de respostas às questões de partida 2 e 3 (QPs 2 e 3).

Assim, consideramos que o conceito de enredo ou *storyline* é de primordial importância, em ambos os significados do termo, discutidos anteriormente neste capítulo, porque há enredos/*storylines* maiores, que são comuns a várias cartas ao editor e que traduzem uma história conhecida de todos, como por exemplo, o enredo/*storyline* da ineficiência das forças policiais ou o da insegurança. Por outro lado, também considero importante o conceito de enredo/*storyline* enquanto acontecimento ou história vivido e narrado por um determinado ator.

Interessa-nos igualmente os modos de posicionamento propostos por Langenhove & Harré (1999a) e Harré & Langenhove (2012), o posicionamento moral e pessoal, tácito, e intencional, bem como o conceito de ‘*supererogatory duty*’. Nas cartas ao editor encontra-se muitas vezes o fenómeno da redescrição retórica, em que uma (ou mais) interações são relatadas e em que é exigido ao leitor um posicionamento forçado, na medida em que lhe é pedido que tome uma posição, por um ou por outro lado.

A organização da análise de posicionamentos das cartas ao editor usando o conceito de *storylines* ou enredos poderá, do nosso ponto de vista, proporcionar um modo de aceder aos discursos dominantes ou ‘*master narratives*’ (Bamberg, 2011: 182), ligando os posicionamentos discursivos identificados a discursos ideológicos vigentes, que legitimam certos tipos de identidade em detrimento de outros (QP3).

## **2.6. *Lifestyle Migration***

Este capítulo tem três objetivos principais. Primeiramente pretende definir-se o conceito de *Lifestyle Migration*, com vista à caracterização da comunidade discursiva de residentes estrangeiros no Algarve. De seguida, pretende-se apreciar se o conceito de

*Lifestyle Migration* é usado por estes expatriados para construir discursivamente a sua identidade e/ou a de outros. Outro aspeto importante é a reflexão sobre a influência do processo migratório em termo de (re)criação da identidade, da negociação de significado a nível local e dentro de uma comunidade constituída por outros indivíduos, com que se partilha o projeto de migração.

### **2.6.1. Concetualização de *Lifestyle Migration***

O conceito de *Lifestyle Migration* é relativamente recente e teve origem na necessidade de criar uma categoria que abrangesse um tipo de migração com características próprias. Os estudos-marco nesta área no início do século XXI são de Urry (1998), King *et alia* (2000) e O'Reilly (2000). Estes autores tinham consciência de que estavam a estudar um fenómeno de migração diverso do que existia até ali, uma mistura entre turismo e migração, caracterizado por '*urges to be elsewhere*' (Sheller and Urry, 2004: 2), a que alguns chamam turismo residencial, transnacionalismo, '*retirement migration*' (migração sénior), '*leisure migration*', '*(international) counterurbanization*', '*second-home ownership*', '*amenity-seeking*' ou '*seasonal migration*' (Benson & O'Reilly, 2009).

Uma vez que nenhuma das conceptualizações atrás referidas conseguiu unificar os vários elementos do que O'Reilly e Benson consideram ser um fenómeno mais lato e complexo, estas autoras sugerem o uso de uma 'definição dinâmica' intitulada *Lifestyle Migration*:

*'To offer a dynamic definition, which remains open to amendment in the light of new empirical data, lifestyle migration is the spatial mobility of relatively affluent individuals of all ages, moving either part-time or full-time to places that are meaningful because, for various reasons, they offer the potential of a better quality of life.'*  
(Benson & O'Reilly, 2009).

Assim, *Lifestyle Migration* difere de outros tipos de migração na medida em que não é motivada por razões económicas, mas que se torna possível, porque os migrantes detêm o capital económico para o empreender. É um fenómeno global, em que as

comunidades de origem e destino são muito variadas. Ao contrário da migração económica, que tem uma orientação de sul (mais pobre) para norte (mais rico), na *Lifestyle Migration* os migrantes provêm do norte em direção ao sul, menos industrializado e com um clima mais ameno. A razão principal que motiva estes migrantes é uma mudança de estilo de vida com direção a um local que é percebido como oferecendo mais qualidade de vida.

Enquanto os migrantes política ou economicamente motivados são vistos como ‘fugindo’ de uma vida sem as condições mínimas, para os *lifestyle migrants* a migração é ‘*an anti-modern, escapist, self-realization project, a search for the intangible ‘good life’*’. (Benson & O’Reilly, 2009). As razões para empreender a migração estão por vezes relacionadas com o ‘escape’: escape da história individual ou comunitária do indivíduo, escape devido a circunstâncias da vida que se alteraram, escape do bulício e ‘*rat race*’ da vida moderna e das cidades. Apesar dos diferentes projetos de vida, os *lifestyle migrants* partilham de traços comuns naquilo que buscam encontrar no destino: um estilo de vida alternativo, um retorno à ‘*good life*’ ou ‘*simple life*’ a um ritmo mais calmo e natural e encaram a migração como uma oportunidade para a realização pessoal do indivíduo através da vivência de um estilo de vida a que sempre se aspirou ou idealizou: ‘*lifestyle migration is about escape, escape from somewhere and something, while simultaneously an escape to self-fulfilment and a new life – a recreation, restoration or rediscovery of oneself, of personal potential or of one’s ‘true’ desires*’ (Benson & O’Reilly, 2009).

Assim, o projeto de migração é visto como um despertar, um ‘começar de novo’ e como fuga a algumas características, quer reais, quer imaginadas, da vida passada, nomeadamente a rotina, o individualismo, materialismo e consumismo do modo de vida contemporâneo, o crime, a imprevisibilidade e risco na vida profissional, a incerteza acerca de futuro económico, o receio da criminalidade crescente. Em alternativa, os *lifestyle migrants* procuram ‘*a slow and more meaningful way of life that is characterized, at least in part, by leisure and relaxation.*’ (Benson & O’Reilly, 2009). Há a perceção de mais autonomia, tanto na carreira profissional, como no tipo de vida que se escolhe viver e é dada prioridade às considerações sobre *lifestyle* no que respeita a decisões migratórias: ‘*For many migrants, establishing a more favourable work-life balance was a key feature of the ‘good life’ of imagined futures lives*’ (Benson &

O'Reilly, 2009). *Lifestyle* passa a ser uma motivação, uma explicação sobre porque se dá a migração e aquilo que esperam da sua migração. Para migrantes relativamente afluentes, que são frequentemente o objeto de pesquisa da *Lifestyle Migration*, a posse de recursos financeiros, aliada à facilidade de movimentação devido a um relativo privilégio<sup>6</sup>, proporciona oportunidades para concretizar essas motivações.

Como disso fizeram prova os estudos de O'Reilly (2000) e Lawson (2015) sobre os expatriados britânicos em Espanha e em França respetivamente, nem sempre os migrantes britânicos são afluentes e por vezes e nem sempre o projeto de migração é bem sucedido, muitas vezes, por falta de recursos económicos. A relativa afluência associada com este tipo de migração não implica que os migrantes sejam necessariamente ricos nos seus países de origem, *'it is rather the case that they can mobilise capital, assets and resources in ways that make their aspirations for a better way of life possible within the destination. [...] In other words, the capitals that they possess has an enhanced currency when they move.'* (Benson & O'Reilly, 2015)

### **2.6.2. Imigrante, expatriado ou *lifestyle migrant*?**

No contexto português o termo usado em Portugal para designar o fenómeno *Lifestyle Migration* é turismo residencial. Não é feita distinção de maior (*seasonal visitors, second-home owners* ou *more permanent settlers*), mas é geralmente usado para referir turistas residenciais do Norte da Europa (Torkington, 2010). Uma crítica frequentemente dirigida à *Lifestyle Migration* é a de que, uma vez que a maioria dos migrantes procura melhorar a sua qualidade de vida, o conceito nada tem de novo. Seja para fugir da pobreza ou porque se deseja um estilo de vida mais agradável, isso é migrar em busca de qualidade de vida.

No entanto, utilizam-se termos diferentes para fazer a distinção entre os migrantes, consoante a origem, recursos financeiros e motivações para a migração. Torkington faz notar que o termo 'imigrante' parece ser usado para fazer referência a *'those of African, Asian, or Brazilian origin (i.e. migrants from the former Portuguese colonies) as well as Eastern European labour migrants, so when 'immigration' is discussed in the*

---

<sup>6</sup> Nacionalidade e passaportes de países relativamente privilegiados (Europa e América do Norte, por exemplo).

*Portuguese media or academic circles it never seems to include Northern Europeans.*' (Torkington, 2010). Em resposta à questão inicial sobre se a comunidade britânica usa o termo '*lifestyle migrant*' para se referir a si própria, verificamos que a expressão não é usada nem para propósitos de auto-caracterização nem para designar o movimento migratório de que fazem parte. Usam a expressão *expatriates* ou *expats* para se referirem a si próprios e à sua comunidade. *Lifestyle Migration* é um termo usado predominantemente em círculos mais restritos, principalmente acadêmicos.

O mesmo se passa com os termos '*immigrant*' e '*expat*': '*Why are white people expats when the rest of us are immigrants?*' é a questão levantada por M. R. Koutonin (2015) num artigo publicado no *The Guardian*. A autora demonstra que enquanto o termo '*immigrant*' é usado para referência a asiáticos, africanos e árabes, '*expat*' está reservado a '*western white people*' (Koutonin, 2015) numa clara manifestação de eurocentrismo e discriminação. É um exemplo flagrante da reprodução da ideologia de superioridade racial manifestada e perpetuada no vocabulário que usamos no dia-a-dia. Um outro artigo publicado no *The Wall Street Journal* também se debruça sobre a diferença de significados que os diferentes termos implicam: "*some arrivals are described as expats; others as immigrants; and some simply as migrants. It depends on social class, country of origin and economic status*' (deWolf, 2014).

A nomenclatura a aplicar em cada caso parece também estar relacionada com a questão da escolha e de uma menor ou maior agência individual, o ser forçado a imigrar ou o escolher imigrar. A designação *Lifestyle Migration* enfatiza a ideia de uma escolha, enquanto '*immigrant*' é associado com condições políticas, sociais ou económicas, que forcem o indivíduo a migrar, colocando-o, portanto, numa situação de inferioridade. A um e outro tipo de migrantes são também exigidos graus de envolvimento diferentes: os imigrantes económicos, uma vez que precisam de se integrar no mercado de trabalho, trabalhando para portugueses, rapidamente adquirem um grau de fluência bastante aceitável na língua portuguesa, enquanto que os expatriados ou *lifestyle migrants*, '*though often depicted as dreaming of integrating (O'Reilly 2007), in general do not engage in (language) practices to that end, neither are they keen to interact with the local community, although in many cases they have been in Portugal for over twenty years*' (Ribeiro, 2015). Na maior parte das vezes, mesmo quando se integram o mercado de trabalho em Portugal, os *lifestyle migrants* fazem-no na condição de proprietários do seu próprio negócio, proporcionando bens ou serviços a outros *lifestyle migrants* e, no

caso de negócios mais genéricos, na qualidade de ‘patrões’, numa situação de superioridade, enquanto empregadores, que proporcionam trabalho a outros e, portanto, são os empregados portugueses (ou de outras nacionalidades) que sentem a pressão de comunicar em inglês com os seus superiores no local de trabalho.

Compreender o papel conferido a *lifestyle* na migração traz um contributo mais amplo para a investigação na área da migração. É claro que a maioria dos migrantes busca uma vida melhor através da migração. *‘At present lifestyle migration is used to explain particular types of migration because among these populations, the interplay of migration, consumption and identity is the predominant and self-evident story’* (Benson & O, Reilly, 2016: 33). Usar *Lifestyle* como conceito oferece um modo de introduzir tanto a escolha como o consumo em discussões sobre migração, complicando a imagem do migrante. *Lifestyle* também pode ser uma característica significativa na compreensão da complexidade das migrações contemporâneas e da vida dos migrantes, permitindo um entendimento mais rico de processos que frequentemente são reduzidos a política e economia. *‘Places are not simply encountered, then, but are performed through embodied play’* (Sheller and Urry, 2004: 4)

### **2.6.3. It is a lens rather than a box**

*Lifestyle Migration* difere de outras abordagens conceituais à migração, que têm por base as características sociais ou económicas do grupo migrante. O seu ponto de partida é interpretivista, na medida em que a pesquisa é guiada por questões que pretendem perceber o que significa a migração para os envolvidos. A *Lifestyle Migration* não tem como propósito identificar, demarcar ou definir um grupo de migrantes em particular, mas proporcionar o enquadramento analítico para compreender algumas formas de migração e como estas têm lugar no processo de criação de identidade e de considerações morais sobre como viver. A migração é encarada como um processo, em vez de um ato que se completa com a mudança física para o local de destino.

Como panorama conceitual, a *Lifestyle Migration* concentra-se nas motivações por detrás de migrações por parte de indivíduos relativamente afluentes e privilegiados – que mais amplamente se descreve como a busca de uma vida melhor. A abordagem da *Lifestyle Migration* considera a migração como um processo, em vez de um ato que se

completa com a mudança física para o local de destino. Hoey capta esta especificidade na afirmação: *‘[F]or life-style migrants, the choice made of where to live is consciously, intentionally also one about how to live’* (2005:615 *apud* Benson & O’Reilly, 2009).

Como conceito, a *Lifestyle Migration* oferece uma maneira de refletir sobre a migração, mais especificamente, sobre o que a migração significa para alguns migrantes em alguns locais – tal chama a atenção para o facto de o estilo de vida aparentar ser uma motivação fundamental para algumas migrações. Aqui, o uso do conceito de estilo de vida ou *lifestyle* tem como intenção indicar como a aparente ‘livre escolha’ para seguir um determinado modo de vida através da migração identificou estas migrações como centrais para projetos de criação de identidade. Os *lifestyle migrants* são distintos no seu posicionamento estrutural como indivíduos, que abordam a migração como uma forma de consumo, em contraste com a orientação para a produção atribuída a outros fluxos de migração (*vide* Benson & Osbaldiston 2014; Benson 2015).

Embora o conceito de *Lifestyle Migration* não seja uma categoria estanque, será benéfico pensar mais sistematicamente no que está em jogo quando o termo *Lifestyle Migration* é usado e no que poderá contribuir para os estudos sobre migração, de modo mais abrangente. Estruturalmente, o que permite a migração é a posição que os migrantes detêm historicamente em relações históricas de poder, moldadas por colonialismo e desenvolvimento turístico entre outras mudanças. A este nível, passa-se para além do mero reconhecimento das estruturas contemporâneas que permitem a migração para o reconhecimento de desigualdades e privilégio sistémico, que estão subjacentes à *Lifestyle Migration* e que são reproduzidas e que resistem através destes fenómenos (Benson, 2013). O reconhecimento da relatividade também permite o entendimento dos expatriados como vulneráveis ou em desigualdade (idosos e os que possuem níveis mais baixos de capital social, cultural e económico). *‘What is clear is that relative privilege may coexist with precarity and vulnerability in ways that absolute understandings of wealth, privilege and affluence might render invisible.’* (Benson, 2013: 11)

Pelos motivos referidos *Lifestyle Migration* é uma ferramenta desadequada para a investigação quantitativa, uma vez que o conceito se refere especificamente a motivações, entendimentos qualitativos e subjetivos da migração (em vez de

características sociais e/ou económicas, que são geralmente medidas através de inquéritos e censos), girando em torno de uma ‘*common narrative through which these migrants render their lives meaningful*’ (Benson and O’Reilly 2009a; O’Reilly and Benson 2009), incluindo uma grande variedade de indivíduos, que de outra forma seriam considerados em tendências migratórias distintas e permitindo o reconhecimento da complexidade da decisão migratória e da vida pós-migração. O objetivo da *Lifestyle Migration* não é ‘*to flatten motives to a single dimension...[but that] also acknowledges the inseparability of economic factors like income, and the quality of life it supports*’ (Knowles and Harper 2009:11 *apud* Benson & O’Reilly, 2016).

Assim, a *Lifestyle Migration* é um modo de refletir sobre formas de migração e não um meio para homogeneizar categorias discretas de migração: ‘*It is a lens rather than a box*’ (Benson & O’Reilly, 2016: 25).

#### **2.6.4. *Lifestyle Migration* como projeto e processo reflexivo**

“*What is relevant is the way they narrate their migration in terms of a trajectory away from negative lifestyles towards a fuller and more meaningful way of life.*” (Benson & O’Reilly, 2009)

Giddens (1991) teorizou sobre as mudanças que afetam o homem e a sociedade contemporâneas. A modernidade, em toda a sua complexidade, deve ser entendida a nível institucional bem como ao nível individual e da identidade, uma vez que as transformações introduzidas a nível institucional interferem de modo direto na vida individual e na identidade dos sujeitos. As instituições modernas diferem de todas as anteriores formas de ordem social no que diz respeito ao seu dinamismo, enfraquecendo os hábitos e costumes tradicionais e o seu impacto global. As mudanças não se desenvolvem apenas só a um nível extensional, pois a modernidade altera radicalmente a natureza do quotidiano da vida social e afeta os aspectos mais pessoais da nossa experiência. Assim, Giddens (1991) defende que a modernidade deve ser entendida como uma inter-relação crescente entre ‘extensionalidade’ e ‘intencionalidade’, i.e., influências globalizantes por um lado e disposições pessoais por outro.

A emergência de novos mecanismos de *self-identity* (Giddens, 1991), que modelam e são, por sua vez, modelados pelas instituições da modernidade, uma vez que o ser não é

uma entidade passiva, criam uma relação dinâmica. Assim, a vida social moderna é caracterizada por aquilo que Giddens denomina de ‘*institutional reflexivity*’, a reorganização de tempo e espaço, a expansão de ‘*disembedding mechanisms*’<sup>7</sup>. A reorganização do tempo e espaço e ‘*disembedding mechanisms*’ radicalizam e globalizam os traços institucionais de modernidade pré-estabelecidos e agem para transformar o conteúdo e a natureza da vida social quotidiana.

A emergência de uma tendência como a *Lifestyle Migration* está intimamente ligada às possibilidades conferidas pelo que Giddens (1991) apelida de ‘*high modernity*’, às possibilidades e contingências da contemporaneidade. Apoiando-nos em Giddens (1991) e (Benson & O’Reilly, 2009), argumentamos que a *Lifestyle Migration* existe como consequência da ‘*high modernity*’. É o ser enquanto um projeto em aberto e em questionamento reflexivo, que dá azo a projetos de mudança pessoal e mobilidade geográfica, sendo que *Lifestyle Migration* é um reestruturar, não do próprio corpo (embora também possa incluir este aspeto), mas da vida, encarada como um sistema de escolhas postas em prática.

Benson & O’Reilly argumentam que a *Lifestyle Migration* tem lugar devido a uma avaliação reflexiva das oportunidades, em grande parte determinadas pelo *habitus* do indivíduo. Assim, de acordo com as autoras, o aumento exponencial de *lifestyle migrants* não pode ser explicado apenas como sendo o resultado de condições económicas favoráveis ‘*but is more specifically related to the increased levels of reflexivity in the contemporary world*’ (2009: 12).

Do nosso ponto de vista, certas condições da alta modernidade propostas por Giddens aliam-se para potenciar o movimento da *Lifestyle Migration*: dúvida, o binómio risco/confiança, ‘*personal meaninglessness*’, reflexividade e *self identity*. Giddens (1991) refere a incerteza e a dúvida como características comuns da razão crítica moderna, que permeiam a vida cotidiana e formam uma dimensão existencial do mundo social contemporâneo. A modernidade institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste que todo o conhecimento toma a forma de hipóteses. Tal é, frequentemente, consequência de sistemas de ‘*expertise*’ ou perícia acumulada, que formam importantes ‘*disembedding influences*’ e que representam múltiplas fontes de autoridade,

---

<sup>7</sup> De acordo com Giddens (1991) são mecanismos que valorizam relações sociais livres do constrangimento de locais específicos, recombinao-os através de grandes distâncias tempo-espaço.

frequentemente contestadas internamente e divergentes nas suas implicações: *'In the settings of what I call 'high' or 'late' modernity – our present-day world – the self, like the broader institutional contexts in which it exists, has to be reflexively made.'* (Giddens, 1991).

A dúvida também poderá ter um efeito nos sistemas de crenças do indivíduo e influenciar as suas escolhas de vida. No passado, a religião oferecia resposta para muitas das questões que assolam o ser humano. As sociedades modernas viram declinar o papel da religião no sistema de crenças do indivíduo, deixando em aberto questões como o que acontece ao indivíduo após a morte. Ao ver-lhe retirada a certeza de um céu ou de um inferno, ou sequer da existência de uma vida espiritual no além, o indivíduo tem tendência para se concentrar no aqui e no agora, tomando decisões, que tornem a existência cotidiana o mais significativa e realizada possível. Não mais se adia a felicidade na terra para a gozar no céu. As escolhas que o indivíduo faz quanto ao seu estilo de vida passaram a concentrar-se em ter uma vida satisfatória e significativa em termos reflexivos.

Por outro lado, há que considerar o binómio risco/confiança. A confiança está diretamente ligada a um sentido de segurança ontológica. No seu aspeto mais moderno, a confiança (ou, na sociedade moderna, a incerteza e a possibilidade de escolha e o risco que daí advém e que permeia as sociedades modernas), é um meio de interacção com sistemas abstractos, que esvaziam a vida quotidiana do seu conteúdo tradicional e que estabelecem influências globalizantes.

Em termos de risco, é vital para avaliar até que ponto os projectos têm probabilidades de divergência em relação aos resultados esperados. A modernidade, segundo Giddens (1991), reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas simultaneamente introduz novos parâmetros de risco, grande ou totalmente desconhecidas em épocas anteriores, incluindo riscos de elevadas consequências, derivados do carácter globalizado dos sistemas sociais da modernidade. A modernidade pressupõe a vivência num mundo apocalíptico, porque introduz riscos que as gerações anteriores nunca tiveram de enfrentar (holocausto nuclear, terrorismo, catástrofes ecológicas, colapso do sistema económico ou estados totalitários, por exemplo). A ameaça iminente de um armagedão, aliada à dúvida, reforça igualmente a necessidade de aproveitar o presente, através de um estilo de vida mais significativo. O conceito de *'lifestyle'* e da escolha ou

modificação de um estilo de vida surge em oposição a ‘*life planning*’:

*In modern social life, the notion of **lifestyle**, takes on a particular significance. The more tradition loses its hold, and the more daily life is reconstituted in terms of the dialectical interplay of the local and the global, the more individuals are forced to negotiate lifestyle choices among a diversity of options. (...) Reflexively organized life-planning, which normally presumes consideration of risks as filtered through contact with expert knowledge, becomes a central feature of the structuring of self-identity. (Giddens, 1991)*

O sentimento de que a vida é pouco significativa é um problema psíquico recorrente da pós-modernidade. Este fenómeno, ‘*personal meaninglessness*’ (Giddens, 1991), deve ser entendido em termos de uma consequência à repressão das questões morais que se colocam no dia-a-dia e às quais são negadas respostas. O isolamento existencial daí gerado não é uma separação de um indivíduo dos outros, mas uma separação dos recursos morais necessários para viver uma vida plena e satisfatória. O projecto reflexivo do ser gera programas de actualização e mestria. Mas enquanto estas possibilidades forem entendidas como uma questão de extensão de sistemas de controlo da modernidade do ser, não têm significado moral. A ‘autenticidade’ torna-se simultaneamente um valor preeminente e um enquadramento para a auto-actualização, mas representa um processo moralmente estagnado: ‘*It becomes more and more apparent that lifestyles choices, within the settings of local-global interrelations, raise moral issues which cannot simply be pushed to one side*’ (Giddens, 1991).

No caso da *Lifestyle Migration*, os média detêm grande importância na criação de um sentimento de pertença e de comunidade. Na alta modernidade a influência de acontecimentos distantes em eventos próximos e em particularidades do indivíduo torna-se cada vez mais um lugar-comum. Os mass média representam, quer em forma de imprensa, quer em formato electrónico, um papel importante neste processo. A experiência mediada, desde o princípio da escrita, tem tido uma grande influência na auto-identidade e na organização básica das relações sociais. Com o desenvolvimento

da comunicação de massa, particularmente da comunicação electrónica, a interpenetração de auto-desenvolvimento e sistemas sociais, incluindo sistemas globais, torna-se mais pronunciada, tornando-se um mundo muito diferente daquele de períodos anteriores da história.

As narrativas e pequenas histórias contadas nas cartas ao editor fazem parte do projecto reflexivo do indivíduo e acontece no contexto da escolha múltipla filtrada através de sistemas abstractos. Consiste na sustentação de narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revistas, em que a *self identity* se torna um esforço reflexivamente organizado.

De muitas maneiras, o mundo da alta modernidade é um mundo único, tendo um enquadramento de experiência unitário (por exemplo no que diz respeito aos eixos de tempo e espaço), mas ao mesmo tempo, um mundo que cria novas formas de fragmentação e dispersão: *Modernity produces difference, exclusion and marginalization. Holding out the possibility of emancipation, modern institutions at the same time create mechanisms of suppression, rather than actualization, of self* (Giddens, 1991).

É o ser enquanto um projeto em aberto e em questionamento reflexivo que dá azo a projetos de mudança pessoal e mobilidade geográfica, sendo que ‘*lifestyle migration*’ é um reestruturar, não do próprio corpo (embora também possa incluir este aspeto), mas da vida, encarada como um sistema de escolhas postas em prática, de certa forma narcisisticamente.

### **2.6.5. Lifestyle Migration no Algarve**

*New migration trends within Europe, such as the migration of increasing numbers of Britons to southern Spain, are a special challenge to governments since they often involve groups (such as retired people) and forms of mobility (which are sometimes very flexible) which have until now not attracted much attention and are therefore little understood (Buller and Hoggart 1994; Champion and Fielding 1992; Champion and King 1993; King et al. 1998; Rodríguez et al. 1998) (O'Reilly, 2000)*

Embora a *Lifestyle Migration* não tenha como objetivo analisar as características sociais ou económicas do grupo migrante nem tratar dados quantitativos, optámos por apresentar uma breve descrição da comunidade britânica, no sentido de estabelecer um panorama da migração britânica para Portugal e demonstrar o seu papel significativo na sociedade e economia algarvias. Alertamos, porém, para o facto de os valores oficiais diferirem em muito do número estimado de expatriados britânicos em Portugal.

De acordo com o RIFA 2011 (Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo) Portugal foi um país tendencialmente emissor de emigrantes até à década de 1960. A revolução de 25 de abril de 1974 e a conseqüente independência dos países PALOP provocou a inversão dessa tendência, tendo na década de 80 sido verificado ‘um aumento exponencial e atípico do número de estrangeiros residentes em Portugal.’ (RIFA 2011) A mudança de regime político, de ditadura para democracia, influenciou o crescimento da oferta e da indústria turística, tornando Portugal um país mais aberto e apetecível para muitos cidadãos europeus, nomeadamente britânicos, alemães e holandeses. Nos anos 90 assiste-se à ‘consolidação e crescimento’ da população estrangeira residente, com particular incidência nas comunidades originárias dos PALOP e do Brasil e a década seguinte caracteriza-se pelo fluxo migratório de cidadãos originários do leste europeu, em particular da Ucrânia (RIFA 2011).

No que diz respeito ao número de residentes britânicos em Portugal, o *website* BBC News estima que 38,000 britânicos residam em Portugal (valores de 2015), sendo que o nosso país se posiciona em 18º lugar a nível mundial e em 6º lugar na Europa (atrás de Espanha, Irlanda, França, Alemanha e Países Baixos) como destino de migração. A Espanha representa o 1º destino de migração a nível europeu (761,000 britânicos) e o 2º a nível mundial. Numa votação realizada pela Trip Advisor em maio de 2015 sobre os 10 destinos de férias preferidos dos britânicos, Albufeira revelou ser o mais popular destino europeu e o terceiro a nível mundial, só ultrapassado por Londres e Nova Iorque.

A globalização, a permeabilidade de fronteiras, a modernidade enunciada por Giddens (reorganização do tempo e de espaço) conduzem a um interesse maior pelo estudo de áreas como o turismo, mobilidade e migração. Num estudo sobre IRM (*International Retirement Migration*) datado de 2000, King, Warnes e Williams, analisam a mobilidade transnacional em 4 regiões mediterrânicas: a Costa do Sol, o Algarve, a

Toscana e Malta. Os autores aplicaram questionários e procederam a entrevistas, entre outros métodos, tendo chegado à definição de perfis ligados a cada um dos destinos turísticos.

O estudo conclui que os residentes são maioritariamente do sexo masculino (62,4%), casados (71%), com um agregado familiar de 2 pessoas (72,3%), sendo que a faixa etária mais representativa se situa entre os 60-69 anos (note-se que os inquiridos apenas compreendem indivíduos com 50 anos ou mais). Este estudo confirma tendências que se verificam também em estudos efectuados noutros casos de IRM, tais como o fluxo migratório Canadá-Flórida e em países como o Reino Unido, França e EUA (King, Warnes, & Williams, 2000)<sup>8</sup>.

No que diz respeito ao destino 'Algarve', em comparação com os outros destinos, aquele apresentava os residentes mais novos: a idade média dos respondentes foi de 65,6<sup>9</sup>. Em termos de classe social o Algarve apresentava uma predominância de gestores e profissionais intermédios (61,2%) e empregados por conta d'outrem (54,1%). No Algarve 37,6% dos inquiridos era um empregador ou pelo menos, empregado por conta própria. No que diz respeito à idade em que completou a educação escolar, 34,8% respondeu entre os 14-16 e 33,8% entre os 17-18, o que prefigura uma educação acima da média relativamente à que era praticada à altura da sua juventude (do pré-guerra até ao pós-guerra).

Quanto ao ano de chegada ao Algarve, a maioria dos inquiridos respondeu entre 1985-89 (36,5%) e após 1990 (34,7%). Assim, é possível afirmar que o *boom* algarvio de residentes britânicos surgiu posteriormente aos dos outros destinos em análise<sup>10</sup>. Se se analisar a relação entre o *timing* da migração e as características dos migrantes, as conclusões apresentadas são de que até 1990, o grupo de maior *status* (profissionais liberais e gestores<sup>11</sup>) representava dois terços, enquanto os trabalhadores manuais e de serviços<sup>12</sup> perfaziam o terço restante. Este valor foi descendo gradualmente nas décadas de 80 e 90, o que de alguma forma valida a hipótese apresentada pelos autores do

---

<sup>8</sup> A.M Warnes (1991, 1994) sobre migrantes oriundos do norte da Europa para Espanha, V. Rodriguez et alia (1998) igualmente sobre Espanha e Cribier e Kych (1993) sobre Paris.

<sup>9</sup> A idade média dos respondentes na Toscana era de 69,1, em Malta 68,4 e na Costa do Sol 66,3.

<sup>10</sup> O cálculo da média do ano de chegada indica uma sequência esclarecedora: 1980 para a Toscana, 1982 para Malta, 1985 para a Costa do Sol e 1986 para o Algarve (King, Warnes, & Williams, 2000).

<sup>11</sup> O termo usado originalmente é "professionals and managers". (King, Warnes, & Williams, 2000)

<sup>12</sup> O termo usado originalmente é "clerical and manual workers." (King, Warnes, & Williams, 2000)

estudo, que consiste em afirmar que, tal como no caso do turismo, o IRM também começou por inicialmente ser um fenómeno de uma elite, que se torna depois um movimento de massas.

O questionário aplicado também incluía questões sobre a mobilidade espacial internacional prévia à migração para o destino turístico e os resultados mostraram que pelo menos metade tinha vivido no estrangeiro por pelo menos três meses e mais de um terço tinha vivido no estrangeiro (pelo menos parcialmente) durante os cinco anos anteriores à migração. O estudo também mostra que esta tendência é mais comum no grupo dos residentes mais antigos, diminuindo a partir de 1980.

Relativamente às ligações anteriores com a área de migração, a razão mais frequentemente mencionada é ser um local de férias previamente conhecido e experimentado. No entanto, essa razão vai crescendo em importância ao longo do tempo. Para quem fixou residência nos destinos mediterrânicos antes de 1970, os laços de família e de infância e as razões profissionais em conjunto representavam 52,5%, enquanto a razão “férias” contabilizava 47,6%. Ao longo das décadas de chegada e de fixação de residência, esta última ganhou importância em detrimento das restantes duas razões. No geral, as mulheres apresentam valores mais baixos do que os homens.

O artigo *‘Two million British people emigrated to EU, figures show’* publicado no *website euobserver* indica que o número de imigrantes no Reino Unido é *grosso modo* equivalente ao número de emigrantes britânicos na Europa, apesar da perceção popular em contrário. De acordo com o mesmo artigo, as autoridades consulares britânicas estimam que 2,3 milhões de cidadãos da EU residam no RU e que 2,2 milhões de britânicos residam em 26 países da EU (com exceção da Croácia).

Apesar de haver indicações que levam a crer que muitos cidadãos britânicos a residir em França, Portugal e Espanha não se registam nem informam as autoridades, o que poderá aumentar bastante as estimativas feitas, acredita-se que mais de um milhão de britânicos reside em Espanha, 330 mil em França, 329 mil na Irlanda, 107 mil na Alemanha, 65 mil no Chipre, 48 mil nos Países Baixos, 45 mil na Grécia, 39 mil em Portugal e 37 mil na Itália. Do total, 400 mil (pouco mais de 1/5) são pensionistas britânicos.

De acordo com o SEF, para efeitos estatísticos, o conceito de estrangeiro residente em Portugal é um conceito abrangente, que engloba os estrangeiros detentores de título de residência<sup>13</sup> (e os estrangeiros a quem foi prorrogada a permanência de longa duração<sup>14</sup>). No caso dos residentes britânicos é aplicada a Lei n.º 37/2006, de 9 de Agosto, que regula o exercício do direito de livre circulação e residência dos cidadãos da União Europeia e dos membros das suas famílias no território nacional e transpõe para a ordem jurídica interna a Directiva n.º 2004/38/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

As situações individuais são muito díspares, mas de uma maneira geral, aos cidadãos britânicos, como (ainda) cidadãos da União Europeia, é-lhes admitida a entrada e a saída do território nacional mediante a simples apresentação de um cartão de cidadão ou de passaporte válidos e sem qualquer visto de entrada ou de saída ou formalidade equivalente como refere a lei acima. É permitida a sua estadia em Portugal nestas condições por um prazo de 3 meses, findo o qual o cidadão da União Europeia tem direito a residir em Portugal desde que reúna uma das seguintes condições:

- Exerça actividade profissional no território nacional;
- Disponha de recursos suficientes para si próprio e para os familiares;
- Esteja inscrito num estabelecimento de ensino público ou privado, oficialmente reconhecido, desde que comprove, mediante declaração ou outro meio de prova à sua escolha, a posse de recursos financeiros suficientes, para si próprio e para os seus familiares;
- Seja familiar que acompanhe ou se reúna a um cidadão da União abrangido pelas alíneas anteriores.

Os cidadãos da União cuja estada no território nacional se prolongue por período superior a três meses devem efectuar o registo que formaliza o seu direito de residência no prazo de 30 dias após decorridos três meses da entrada no território nacional junto da câmara municipal da área de residência, assim obtendo um cartão de residência.

---

<sup>13</sup> Nos termos dos conceitos contidos na Lei n.º 23/2007, de 4 de Julho, alterada pela Lei n.º 29/2012, de 9 de Agosto (nacionais de países terceiros), na Lei n.º 37/2006, de 9 de Agosto (nacionais de Estados Membros da União Europeia e seus familiares) e na Lei n.º 27/2008, de 30 de Junho (Lei de Asilo).

<sup>14</sup> Prorrogação de vistos de estada temporária. Este universo não inclui os estrangeiros a quem nesse ano foi concedido um visto consular, cuja prorrogação (pelo SEF), por princípio, apenas ocorrerá no ano seguinte).

Também devem registar a sua carta de condução no IMTT<sup>15</sup> e estar registado como residentes na Autoridade Tributária e Aduaneira e declarar o seu rendimento mundial em Portugal. Após período de cinco anos de residência legal permanente em Portugal, o cidadão da EU obtém direito de residência permanente, que não é afetada por ausências temporárias que não excedam seis meses consecutivos por ano.

É sabido, no entanto, que muitos residentes britânicos não formalizam a sua presença em território português, por desconhecimento da lei, por receio de problemas legais, ou até por falta de tempo e/ou vontade. Por esse motivo, os números apresentados estarão, em princípio, desfasados da realidade. As instituições britânicas contactadas (Consulado Britânico, Embaixada Britânica, AngloInfo Portugal, British Community Council, British Historical Society of Portugal, etc.) alegam não dispor de dados sobre os cidadãos britânicos em Portugal e, de facto, pude constatar que os seus *websites* têm como objectivo ajudar o residente britânico a ambientar-se no ambiente legal, financeiro, imobiliário e social do país, de modo a tornar a sua estadia segura e agradável.

O jornal *The Portugal News* conduziu um questionário (What expats want, 2009) (survey) a residentes estrangeiros em 3 ocasiões: 1989, 2008/09 e 2012. Os resultados obtidos indicam que muitas tendências se mantêm inalteradas quando comparadas com o perfil de expatriados/residentes que se estabeleceram há 20 anos. Algumas conclusões retiradas do questionário de 2009 são de que os representantes do sexo masculino continuam a demonstrar mais disponibilidade para responder ao questionário<sup>16</sup>. Em relação à faixa etária, constatou-se que em relação ao estudo anterior, o grupo dos 50-65 anos se manteve constante, que o número de inquiridos com mais de 65 anos sofreu uma queda para 24,57 da amostra e que a faixa etária entre 35-50 anos subiu de mais de 18% para 25%. A razão atribuída para esta discrepância nos números obtidos poderá ser o facto de muitos reformados terem regressado ao Reino Unido, não só por motivos de saúde, mas por causa do enfraquecimento da libra em relação ao euro, deixando-lhes menos rendimento disponível. 42% dos inquiridos afirmou estar reformado, mas visto que apenas 25% tem mais de 65 anos de idade, dado que vem confirmar o estudo de King, Warnes e Williams, e mostra Portugal como um destino preferido para os reformados mais jovens.

---

<sup>15</sup> Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres, I.P.

<sup>16</sup> 58% em 2009 e uma média de 55% em anos recentes.

Em relação à educação, o estudo revela que 63% das crianças frequentam escolas públicas em Portugal, que os condutores do estudo consideram ilustrativo de uma maior integração dos estrangeiros nas comunidades locais. O estudo depois continua com uma listagem das marcas ou instituições preferidas: na banca o Millennium BCP, Caixa Agrícola e Barclays, no que diz respeito a automóveis continuam a ser preferidos o Mercedes-Benz, Renault e Volkswagen. Os hábitos de compra mudaram: o Lidl perdeu a sua posição cimeira para o Continente, Modelo, Intermarché e Apolónia.

No que diz respeito às viagens aéreas, o número daqueles que viajam mais de 12 vezes quase duplicou em 2 anos e aqueles que viajam entre 7 e 12 vezes por ano aumentou mais de 3% para quase 14% no final de 2008. A companhia aérea easyJet foi utilizada por mais de 40% dos inquiridos, muito embora a British Airways tenha sido votada como a que melhor serviço de bordo presta. A Monarch e a TAP estavam no top três nos campos das companhias aéreas mais utilizadas e também no que diz respeito à qualidade de serviço. A perceção da burocracia, sempre apontada como um grande ponto negativo em Portugal, tem vindo a decrescer desde 2006, de 36.85% para 30.67%.

À data da realização dos Censos 2011, residiam em Portugal 394 496 cidadãos de nacionalidade estrangeira, o que representa cerca de 3,7% do total da população. Em termos regionais, é no Algarve que a população estrangeira tem maior importância, cerca de 12% da população total da região, seguindo-se Lisboa, com 7%. Em 3º lugar aparece o Alentejo com 3%, seguido da RA da Madeira e da região Centro, ambas com valores da ordem dos 2%. Na RA dos Açores e na região Norte a população estrangeira representa, respetivamente, 1,4% e 1,3% da sua população.

Em traços gerais, os resultados obtidos nos censos demonstram que a estrutura etária da população estrangeira contrasta com a estrutura da população nacional. Na população estrangeira o maior grupo populacional situa-se entre os 15-64 anos, com 82%, enquanto na população residente este grupo representa 59%. A população estrangeira idosa (com 65 ou mais anos) representa apenas 5%, contra 20% da população residente em Portugal. Pode concluir-se que de uma maneira geral, uma vez que a estrutura etária mais representativa é de população ativa, que a imigração teve razões económicas. A maior comunidade estrangeira residente em Portugal é a brasileira, com 109 787 cidadãos, (cerca de 28%), seguindo-se a cabo-verdiana, com 38 895 (aproximadamente

10%). A comunidade ucraniana é a terceira mais representada em Portugal, com 9% e a comunidade angolana surge em 4º lugar, com cerca de 7%, quando em 2001 ocupava o 1º lugar com 16%. Destaque ainda para o aumento da população chinesa verificado na última década, que passou de 2 176 em 2001 para 11 458 em 2011.

No relatório final dos Censos 2011 é possível aferir a dados sobre o crescimento da população estrangeira no Algarve desde 2005 e desde 2009, a partir de uma sequência de questões:

**Questão 9: Qual é a sua nacionalidade?**

**Questão 11: Alguma vez residiu fora de Portugal por um período contínuo de pelo menos um ano?**

**Questão 11.1: País em que residiu?**

**Questão 11.2: Ano de entrada em Portugal?**

**Questão 12: Em 31 de dezembro de 2009 onde é que residia?**

**Questão 13: Em 31 de dezembro de 2005 onde é que residia?**

Tabela 2.2.: Questões aplicadas nos Censos 2011

A resposta a estas questões gerou os resultados abaixo descritos. Optou-se por incluir outras nacionalidades, desde que falantes de inglês como língua materna, enquanto potenciais consumidores de jornais dirigidos à comunidade de expatriados britânicos. A população residente segundo o país de proveniência relativamente a 31/12/2009 no Algarve demonstra que há:

- 883 cidadãos provenientes do Reino Unido, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Lagos (139), Loulé (129) e Albufeira (123);
- 98 cidadãos provenientes dos EUA, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Loulé (26), Faro (21) e Olhão (9);
- 78 cidadãos provenientes da Irlanda, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Loulé (17), Portimão (13) e Lagos (11);
- 50 cidadãos provenientes do Canadá, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Loulé (15), Faro e (6) Lagoa (6);
- 37 cidadãos provenientes da África do Sul, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Portimão (8), Albufeira e (7) Lagos (6);

A população residente segundo o país de proveniência relativamente a 31/12/2005 no Algarve dá conta de:

- 3025 cidadãos provenientes do Reino Unido, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Lagos (477), Loulé (436) e Albufeira (371);
- 243 cidadãos provenientes dos EUA, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Loulé (26), Faro (21) e Olhão (9);
- 227 cidadãos provenientes da Irlanda, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Loulé (67), Faro (33) e Albufeira (24);
- 134 cidadãos provenientes do Canadá, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Loulé (20), Faro e (21) Lagos (20);
- 98 cidadãos provenientes da África do Sul, cuja maior concentração geográfica se encontra nos concelhos de Loulé (20), Portimão (19) e Lagos (16);

FAIXA ETÁRIA	REINO UNIDO	IRLANDA
de 0 aos 4 anos	969	74
de 5 a 9 anos	1,232	93
de 10 a 14 anos	1,235	72
de 15 a 19 anos	950	69
de 20 a 24 anos	525	56
de 25 a 29 anos	565	50
de 30 a 34 anos	880	85
de 35 a 39 anos	1,100	110
de 40 a 44 anos	1,207	122
de 45 a 49 anos	1,153	120
de 50 a 54 anos	1,281	123
de 55 a 59 anos	1,549	117
de 60 a 64 anos	2,218	136
de 65 a 69 anos	1,818	115
de 70 a 74 anos	1,022	88
de 75 a 79 anos	567	35

de 80 a 84 anos	279	20
85 ou mais anos	219	11
<b>TOTAL</b>	<b>18,769</b>	<b>1502</b>

Tabela 2.3.: Número de cidadãos britânicos e irlandeses residentes em Portugal por faixa etária à data dos Censos 2011

Os números cedidos pelos Censos 2011 dão conta de 14,461 cidadãos do RU e de 1,247 cidadãos irlandeses residentes em Portugal. O *website Brits Abroad* da BBC News permite fazer uma consulta rápida de dados estatísticos sobre a diáspora de cidadãos britânicos no mundo. No que diz respeito a Portugal, o *website* faz uma estimativa de 38,000 britânicos em solo nacional, que sobe para 49,000 quando considerados também os residentes em *part-time*. O número de pensionistas ascende a 6,257. Em termos de género, o site estima uma percentagem de 53% de cidadãos do sexo masculino e 47% do sexo feminino. Em relação à faixa etária, os indivíduos dos 0-14 perfazem 12,4%, dos 15-24 anos 7,2%, dos 25-44 26,2%, dos 45-64 37,8% e 64+: 16,5%, demonstrando uma clara proeminência das faixas etárias entre 25 e 64 anos.

Os dados apresentados pelo RIFA 2013 demonstram que a população estrangeira residente em Portugal totalizava 401.320 cidadãos estrangeiros em Portugal, continuando a verificar-se uma tendência decrescente no número de estrangeiros residentes em Portugal (diminuição de 3,8% em relação ao ano transacto). Deste universo populacional, cerca de metade é oriundo de países de língua portuguesa (43%), destacando-se o Brasil (23%), Cabo Verde (11%), Angola (5%) e Guiné-Bissau (4%). As demais nacionalidades mais relevantes são a Ucrânia (10%) e a Roménia (9%). Em 2013 o Reino Unido contava com 16,471 residentes legalmente registados em Portugal, valor que representa um decréscimo de 1,1% relativamente ao ano anterior, uma tendência que se vem a verificar desde 2011.

ANO	STOCK	VARIAÇÃO
2017	22,431	+15,7%
2016	19,384	+12,5%
2015	17,230	+4,0%
2014	16,559	+0,5%
2013	16,471	-1,1%
2012	16,649	-----
2011	17,675	-----

Tabela 2.4.: Cidadãos britânicos residentes em Portugal (fonte: RIFAS 2010-2017)

O RIFA 2011 atribui o decréscimo do stock da população residente a três fatores explicativos, nomeadamente o acesso à nacionalidade portuguesa por parte de estrangeiros residentes, alteração de processos migratórios em alguns países de origem e efeitos da atual crise económica e financeira, com a subsequente redução do investimento e do emprego (SEF/Gabinete de Estudos, 2013). Pode conjecturar-se que a tendência decrescente do número de cidadãos britânicos entre 2011 e 2013 ficará talvez a dever-se ao último fator, uma vez que a insegurança a nível económico poderá ter influenciado negativamente ou protelado a decisão de adotar Portugal como novo país de residência. Sriskandarajah & Drew (2006: 33) colocam a hipótese de que a emigração de cidadãos britânicos possa ser mais forte durante épocas de prosperidade económica, quando o emprego é abundante, os preços das casas sobem e o câmbio é favorável à libra.

A partir de 2014 e até ao presente temos assistido a um aumento do número de cidadãos britânicos, refletindo também uma tendência generalizada no aumento de cidadãos estrangeiros residentes em Portugal, que totalizava em 2017, 421,711 cidadãos estrangeiros com título de residência válido (+6,0%). De acordo com o RIFA 2017, também a estrutura das dez nacionalidades mais representativas se alterou, com a entrada da Itália (12.925) cuja comunidade registou um aumento superior a 50% face a 2016. O relatório salienta ainda que a França, que integrou a lista em 2017, registou um acréscimo de 35,7%, mantendo uma tendência de subida acentuada da população desta nacionalidade no nosso país, ultrapassando a Guiné Bissau, um tradicional destino emissor de imigrantes. Para o presente estudo é particularmente relevante o facto de o Reino Unido, em 2016, ter passado a ser a sexta nacionalidade mais relevante (19.384), com um crescimento de 12,5%, suplantando Angola (16.994).

No caso do aumento do número de residentes britânicos, acentuado em 2016 e 2017, será talvez importante refletir no que poderá ser uma consequência do *Brexit*, pois até agora, muitos destes migrantes não sentiam necessidade de se registar oficialmente. Com as mudanças impostas pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia, muitos cidadãos britânicos habitualmente residentes em Portugal poderão ter regularizado a sua

situação, tendo em vista a detenção de dupla nacionalidade e dos direitos conferidos aos cidadãos da União Europeia.

O RIFA 2017 propõe como principais fatores explicativos para o aumento registado dois fatores de atratividade, como a perceção de Portugal como país seguro, bem como as vantagens fiscais decorrentes do regime para o residente não habitual. Visivelmente, Portugal passou a ser um importante destino para ‘*lifestyle migrants*’ provenientes de outros locais da Europa.

## **2.7. Conceitos Operacionais**

Este trabalho de investigação é essencialmente transdisciplinar, tentando conciliar teorias e conceitos de vários campos das ciências humanas e sociais. É, por isso, necessário proceder à definição de alguns conceitos operacionais básicos necessários à clarificação da discussão em curso.

### **2.7.1. Uma perspetiva de identidade**

O conceito de identidade é central no presente estudo. Será, pois, importante definir de que modo abordamos este conceito. A discussão sobre a identidade é um campo vasto, compreendendo teorias, que vão do Direito à filosofia, passando pela psicologia e sociologia. Assim, o nosso objetivo nesta secção é delimitar alguns aspetos do conceito de identidade, sobre os quais nos basearemos neste estudo e que consideramos serem adequados ao nosso objeto de estudo.

Em primeiro lugar, consideramos importante recorrer ao discurso histórico-social da natureza mutável da identidade e do individualismo reflexivo, característico do modernismo tardio (Easthope, 2009: 62). Na conceção de Giddens (1991) e Bauman (1997, 2001), nesta época de modernidade tardia, afastamo-nos de identidades fixas e baseadas no local e movemo-nos em direção a formas de identidade flexíveis e híbridas (Easthope, 2009: 62). A globalização desempenha um papel importante na fragmentação da identidade, dividida nas inúmeras categorias que perpassam a sociedade: idade, género, sexo, etnia, raça ou nacionalidade. A identidade é fragmentada, dinâmica e mutável (Wodak, 2011: 216) e o ‘*sense of self*’ estável, ‘a

deslocação ou descentramento do ser' deixou de ser um dado adquirido (Hall, 1997: 596-597).

Enquanto no passado a identidade era uma questão de natureza, predestinação e destino, na modernidade líquida a construção da identidade é entendida como um projeto, um permanente '*becoming*' (Wenger, 2018:5), em que os indivíduos têm a responsabilidade, a liberdade e o fardo de construir a sua própria identidade (Williams & McIntyre 2001: 397 e Bauman, 2001 *apud* Easthope, 2009: 63-65). Estas decisões incluem níveis cada vez maiores de mobilidade e migração potenciados pelas possibilidades oferecidas pela globalização da comunicação (Wodak, 2011: 216) e da facilidade de deslocação entre locais, por vezes bastante longínquos.

Em segundo lugar, interessa-nos sublinhar a centralidade do discurso na construção da identidade. A linguagem e a identidade mantêm uma relação dialética, que define quem somos e baseamo-nos nela para representar a realidade (Wodak, 2011: 216). Apoiamo-nos na conceção de que a identidade é de natureza social, uma vez que depende do significado. Este não existe por si mesmo, não sendo '*an essential property of words and things: meaning develops in context-dependent use*' (Wodak, 2011: 216). É necessária uma negociação do significado dentro da(s) comunidade(s) de que o indivíduo faz parte e em que o conceito de identidade desempenha o papel de intermediário entre o social e o individual, de maneira que um pode ser falado em termos do outro (Wenger, 1998: 41-43 e 99). Assim, a conceção da identidade como uma construção possibilitada e potenciada pelo discurso implica uma reorientação no estudo da identidade. Em vez de seguir um projeto essencialista em que se questiona o que é a identidade, esta é encarada como uma negociação entre sujeitos em contextos sociais e emergindo de uma forma de subjetividade de '*sense of self*' (Bamberg *et alia*, 2011, 1).

Esta ideia leva a outra, a de '*storied self*' ou '*life as narrative*' (Finnegan, 1997: 75 e 106), em que os indivíduos constroem a sua identidade, gerando significado ao contar histórias, de modo que a narrativa pessoal é vista, não só como uma reflexão sobre a vida, mas um modo de a construir, constituindo a forma organizacional que estrutura a experiência humana. Para além disso, a forma narrativa estrutura a maneira de pensar, sentir e agir de quem faz a narrativa. De acordo com a conceção discursiva do 'eu', as

histórias que os indivíduos usam para se descrever a si próprios ou aos outros pode variar de acordo com as circunstâncias e servir vários propósitos (Slocum-Bradley, 2010:7-8). Por esse motivo, o conceito de posicionamento e de negociação de posicionamento é importante para poder explicar identificações e pontos de vista aparentemente irreconciliáveis.

Apoiamo-nos igualmente na concepção de construção de identidade implicando processos inclusivos e exclusivos, culminando na definição da identidade e da alteridade (Wodak, 2011: 2016), Além de ser usada para expressar imagens de nós próprios, o discurso serve para identificar os outros, classificá-los e julgá-los, para nos alinharmos com eles e enfatizar as nossas semelhanças ou para nos distanciarmos deles, sublinhando as diferenças, de modo que o discurso se torna central para a construção e negociação da identidade (Bamberg *et alia*, 2011: 263). Partindo deste ponto de vista, o discurso nunca é ‘inocente’, uma vez que a relação entre linguagem e significado ‘*is never arbitrary in that the choice of a particular genre or rhetorical strategy brings with it particular presuppositions, meanings, ideologies and intentions*’ (Kress, 1991 *apud* Paltridge: 2012).

### **2.7.2. O discurso na construção da identidade**

De acordo com Halliday e Hassan, a linguagem existe, porque desempenha uma função: ‘*people do different things with their language: that is, they expect to achieve by talking and writing, and by listening and reading, a large number of different aims and different purposes*’ (1989). Ainda os mesmos autores alertam impossibilidade de se dissociar a linguagem do seu significado, a forma da função ou conteúdo. O modelo proposto por Halliday em 1978 teoriza a linguagem principalmente como semiótica social, como um recurso para o significado através do qual o ser humano negocia, constrói e modifica a natureza da experiência social. Segundo Kress, é importante estabelecer uma conexão entre as práticas sociais e culturais e os valores e crenças que lhes sevem por base, com o objetivo de descodificar ‘*what people say and do in their use of discourse in relation to their views of the world, themselves and their relationships with each other*’ (Kress, 1991 *apud* Paltridge: 2012).

Um texto, segundo Halliday, pode ser definido como ‘*any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language*’ (2014: 3). A

Linguística Sistémica Funcional, por exemplo, sendo uma teoria da linguagem que se apoia no conceito de que a linguagem serve uma função, tem como ponto de partida o contexto social, observa como a linguagem age sobre aquele e como esta é, por sua vez, constringida por ele.

A ACD torna possível aceder às estruturas dentro das quais o texto existe e é reconhecido como tal. Os signos (linguísticos, no caso do discurso), organizados em códigos, são governados por um conjunto explícito e implícito de regras acordados por membros de determinada cultura e/ou grupo social. Assim, um sistema de signos, como seja um texto, contém significados e mensagens que podem ser decifradas por todos aqueles que conhecerem o código.

A perspetiva social-construtivista acentua a contribuição do discurso na construção de perspetivas sobre o mundo, sobre os outros e sobre nós próprios. Existe uma relação clara entre linguagem e identidade, pois através do uso da linguagem mostramos, não só quem somos (ou queremos ser, dependendo da perspectiva), mas também como queremos ser vistos. Através do discurso, realizamos linguisticamente identidades sociais específicas e, dessa forma, criamo-las e damos-lhes existência. Halliday encara o texto como um ‘fenómeno multi-facetado’, que pode ser analisado a partir de múltiplas perspetivas, entre as quais se destacam dois pontos de vista complementares: o texto enquanto ‘artefacto’ ou como ‘espécime’. A diferença entre eles é que, enquanto o primeiro se foca no texto ‘*as an object in its own right*’ enquanto o segundo se concentra no texto ‘*an instrument for finding out about something else*’. Halliday remata, referindo que estas duas perspetivas ‘*are clearly complementary: we cannot explain why a text means what it does, with all the various readings and values that may be given to it, except by relating it to the linguistic system as a whole; and equally, we cannot use it as a window on the system unless we understand what it means and why*’ (Halliday, 2004: 3).

Fairclough e Wodak manifestam como princípio básico o facto de a ACD encarar a linguagem como uma prática social, ‘*language as social practice*’ e consideram que ‘*the context of language use*’ é crucial (1997). Na definição seminal de ACD podemos dar conta de alguns aspetos centrais: o discurso é definido como o uso da linguagem em textos orais e escritos. É considerado uma prática social. É socialmente constituído e socialmente condicionado. Existe uma relação dialética entre evento discursivo e

situação(ões), instituição(ões) e estruturas sociais que o enquadram. O contexto envolvente dá forma ao discurso, mas o discurso também influencia e dá forma ao contexto. É constitutivo, na medida em que constitui situações, objetos de conhecimento, identidades sociais e relações entre as pessoas e grupos de pessoas. Ajuda a sustentar e a reproduzir o *status quo*, ao mesmo tempo em que contribui para a sua transformação. (Fairclough and Wodak: 1997)

No seguimento destas conclusões, Fairclough e Wodak (1997) alertam para a importância do discurso na questão do poder, dado que sendo aquele tão influente, as práticas discursivas podem ter (e têm, de facto) efeitos ideológicos de grande magnitude na produção e reprodução de relações de poder desiguais através do modo como representam coisas e pessoas.

Wodak & Meyer vão mais além na sua definição de discurso, exemplificando uma gama de ‘documentos’ diferentes, que apesar de não serem normalmente encarados como tal, poderão encaixar-se na categoria de discurso:

*Thus, discourse means anything from a historical monument, a lieu de mémoire, a policy, a political strategy, narratives in a restricted or broad sense of the term, text, talk, a speech, topic-related conversation, to language per se. (2009: 2-3)*

A ACD é, segundo van Dijk (2001), ‘*analysis with an attitude*’, análise de diferentes eventos discursivos públicos, que explora a relação linguagem e poder e os modos em que a linguagem está a ser usada para produzir, manter e reproduzir posições de poder através de meios discursivos. É tornar o campo linguístico num domínio de relevância social e política e, assim, proporcionar crítica social através da documentação de estruturas de desigualdade. Deste modo, o objetivo da CDA é usar a análise não apenas para revelar estruturas de dominação, mas também para produzir mudança no modo como o poder é exercido, mantido e reproduzido nas organizações e relações sociais.

Van Leeuwen, que nos interessa particularmente, pois a sua teoria dos atores sociais será usada como ferramenta de análise nesta investigação, alarga o âmbito da definição de ‘discurso’, introduzindo a noção de ‘discursos’, bastante focada nas relações de poder existentes na sociedade, que são depois reproduzidas e também produzidas

através do uso da linguagem. Interessa-lhe fundamentalmente a relação entre a linguagem e o poder, na esteira do trabalho já desenvolvido pelo restante grupo ACD.

*The term 'discourse' is often used to mean an extended stretch of connected speech or writing – a 'text'. 'Discourse analysis' then means 'the analysis of a text or type of text'. I use it in a different sense, building on the work of Michel Foucault (e.g. 1977) and defining discourses (note the plural) as socially constructed ways of knowing some aspect of reality which can be drawn upon when that aspect of reality has to be represented, or, to put it another way, context-specific frameworks for making sense of things. (Wodak & Meyer, 2009: 144)*

As cartas ao editor constituem uma prática social enraizada, geralmente com o propósito de reclamar, chamar à atenção, informar, pedir esclarecimentos ou elogiar. Estes dois jornais em particular, permitem acesso ao(s) discurso(s) de uma comunidade linguística e cultural específica. É onde a comunidade britânica tem voz pública para debater assuntos que dizem diretamente respeito à sua condição de *lifestyle migrant*.

No presente estudo pretende-se analisar textos para descobrir outros aspetos que lhe estão subjacentes, nomeadamente as estruturas de poder que são enunciadas, repetidas e perpetuadas através desse mesmo discurso, ou seja, na perspectiva de texto como um espécime. Interessa-nos examinar o discurso tomando em conta o seu contexto cultural e as relações sociais e de poder subjacentes.

Através da representação, processo que confere aos signos o seu significado específico, conceitos abstractos e ideológicos tomam forma concreta. Deste modo, 'o outro' é discursivamente construído como uma entidade representativa exterior ao indivíduo, diverso em género, grupo social, classe, cultura e civilização. 'O outro' representa aquilo que o indivíduo não é, e frequentemente, este define a sua identidade em oposição ao 'outro'. A mais comum representação do 'outro' é a de um lado mais obscuro, o oposto binário de nós próprios, sumariamente exposto na oposição *'us/them'*: o grupo de que fazemos parte tem a si associadas características positivas: civilizados, industriais, bons e éticos, enquanto ao grupo a que o 'outro' pertence são apostas as características inversas: bárbaros, indolentes, maus e imorais.

Assim, a análise discursiva é, no presente estudo, uma ferramenta fundamental, através da qual se pretende expor as estruturas sociais e culturais que produzem grupos de

ideias sociais e culturais, das quais emanam representações da alteridade e da identidade. A análise discursiva das cartas ao editor pretende analisar o modo como o ‘eu’ e o ‘outro’ são representados pela comunidade de expatriados britânicos no Algarve.

### **2.7.3. Comunidade de prática**

No âmbito deste estudo o foco recai sobre uma comunidade, que pode ser vagamente definida como a dos britânicos residentes no Algarve. O conjunto de textos constituído pelas cartas ao editor proporcionam uma oportunidade de entrever e investigar em mais detalhe o modo como esta comunidade de *lifestyle migrants*/expatriados representa e (re)negoceia a sua identidade individual e coletiva através do discurso de indivíduos que pertencem (informalmente) a esta comunidade de prática, unida pela prática social de escrever cartas ao editor em jornais dirigidos à comunidade de expatriados britânicos.

#### **2.7.3.1. Comunidade britânica no Algarve**

A existência de uma bolha britânica/esférica pública, criada por uma paisagem linguística e visual anglófona, um conjunto dedicado de média e recreação de ambientes de convívio, recreação e consumo tipicamente britânicos, leva-nos a dizer que existe uma comunidade britânica no Algarve. Os jornais em língua inglesa proporcionam um espaço de debate público para a comunidade, ainda mais agora com a adição do formato *online*, que permite, além do comentário na vetusta e tradicional secção das cartas ao editor, o comentário direto à notícia.

Mas o que está implícito na palavra comunidade? Os membros desta comunidade não são formalmente, ou seja, não há o estatuto formal de membro, mas sim uma ligação fluida e definida em termos de um projeto pessoal comum. Estamos a falar de uma comunidade que existe devido às afinidades da sua condição inerente ao projeto de *Lifestyle Migration*: há indivíduos de vários estratos sociais, com situações profissionais e sociais variadas, que têm em comum o facto de terem optado por um projeto de vida que dá ênfase à migração, neste caso, para o Algarve. Este é o denominador comum que une estes indivíduos, que numa nova localidade, têm de negociar uma nova identidade,

que inclua o projeto migratório de auto-realização que empreenderam a determinada altura das suas vidas.

A razão porque falamos em comunidade de prática (CdP) ou ‘*community of practice*’ (CdP) prende-se com o facto de as quarenta cartas em análise não poderem ser encaradas como o produto de quarenta indivíduos diferentes, mas são sim como parte de um diálogo, discurso ou discursos, em que se debate e negocea a identidade dentro desta mesma comunidade. Eckhart & McConnel-Ginet consideram o conceito de ‘*community of practice*’ bastante útil para explorar o modo como prática social e ‘*individual “place”*’ (1992: 7) na comunidade se interrelacionam, permitindo articular lugar e prática e conceptualizando ‘comunidade’ como ‘*social engagement*’ em vez de localização geográfica ou populacional: ‘*after all, it is this engagement that language serves, not the place and not the people as a bunch of individuals.*’ (Eckhart & McConnel-Ginet, 1992: 7)

Os leitores/escritores que redigem cartas para os jornais *The Portugal News* e *Algarve/Portugal Resident* têm consciência de que estão a escrever para uma comunidade de leitores, que partilha de circunstâncias semelhantes à sua. Não estão a tentar negociar uma identidade exterior a essa comunidade, na comunidade portuguesa, por exemplo. É localmente e dentro do contexto do projeto de *Lifestyle Migration* comum a estes indivíduos, que se estabelece este diálogo. Os participantes desta comunidade não podem ser formalmente considerados membros, nem a comunidade se autodenomina como tal, mas a sua existência pode ser observada através da ocorrência natural de discurso entre os participantes (Lawson, 2015: 87).

A qualidade de membro pode igualmente ser construída usando ‘*symbols of shared understanding*’, tais como referências a ícones culturais britânicos ou a aos domínios simbólicos e culturais da nova vida no Algarve (Lawson, 2015: 87), em que a secção de cartas ao editor é usada enquanto espaço social e cultural e onde o significado cultural é construído e mantido (Markham, 2004 *apud* Lawson, 2015:87). Esta duplicidade social e cultural, com um pé na cultura britânica e outro na realidade portuguesa, cria especificidades únicas e comuns aos envolvidos no projeto de *Lifestyle Migration* no Algarve e diferencia-os dos outros britânicos, de certa forma (Lawson, 2015: 87), criando uma ‘comunidade’.

### 2.7.3.2. Concetualização de comunidade de prática

Wenger (1998) propõe que a aprendizagem nos muda e nos torna pessoas diferentes. Assim, podemos argumentar que as pessoas envolvidas neste processo comum de migração motivada por uma modificação no estilo de vida aprenderam coisas comuns, mas diferentes dos compatriotas britânicos, dando azo à criação de uma comunidade com características específicas. Wenger define o que é uma comunidade de prática, especificando aspectos como a aprendizagem comum proveniente de um projeto partilhado:

*Over time, this collective learning results in practices that reflect both the pursuit of our enterprises and the attendant social relations. These practices are thus the property of a kind of community created over time by the sustained pursuit of a shared enterprise. It makes sense, therefore, to call these kinds of communities communities of practice.*

(1998: 2)

Quanto à questão sobre se a comunidade britânica no Algarve será uma ‘comunidade de prática’ (doravante CdP), iremos primeiramente oferecer uma definição do que é uma CdP, amplamente baseada na conceptualização de Wenger (1998) relativamente a CdPs. ‘Comunidade de prática’, de acordo com Wenger, é um conceito relativamente novo para um fenómeno antigo. Wenger (1998) teorizou sobre CdPs, principalmente no domínio da aprendizagem, e mais recentemente (2012) no domínio da gestão empresarial. No entanto, as definições apresentadas por Wenger são amplas o suficiente para poderem ser aplicadas a outras áreas de conhecimento, nomeadamente para investigar a negociação de identidade no âmbito da comunidade escritora e leitora dos jornais em análise e explicar e justificar a existência de uma CdP britânica no Algarve.

Assim, as CdPs são definidas como ‘*people who engage in a process of collective learning in a shared domain of human endeavor [...] groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly.*’ (Wenger, 1998:). A definição, adverte o autor, permite a existência de intencionalidade na criação de uma CdP, mas não a pressupõe. A ideia mais

importante a reter em ambas as citações é a da interação social e da aprendizagem que surge em consequência dela.

Wenger propõe quatro premissas em relação à aprendizagem social: a primeira é a de que os seres humanos são seres sociais, fator que se torna central para a aprendizagem, dado que aprendemos em interação com os outros. A segunda pressupõe que o conhecimento é a competência ganha/aprendida com respeito a empreendimentos valorizados pelos restantes membros. Ligada a esta última está a convicção de que o saber é obtido participando na busca de tais empreendimentos, i.e., através de uma participação ativa no mundo. Finalmente, o significado (que nada mais é do que o produto da aprendizagem) assenta na nossa capacidade para experienciar o mundo e o nosso comprometimento com ele, enquanto fenómeno pleno de significado (1998:4).

Wenger (1998) define prática social como o ato de ‘fazer’ alguma coisa, em que não é só a ação que está em causa, mas todo o contexto histórico e social a ela subjacente, que lhe empresta estrutura e significado. Por este motivo, qualquer prática social inclui *‘aspetos explícitos e tácitos, representados ou assumidos, o que é dito, mas também o que não se diz, linguagem, ferramentas, documentos, imagens, símbolos, papéis desempenhados, critérios, procedimentos, regulamentos, contratos, relações implícitas, convenções, pistas, regras não escritas, intuições e perceções, sensibilidades, entendimentos, assunções e mundivisões’* Wenger (1998). O que sobressai nesta definição de prática social é o conceito de um significado partilhado entre os membros dessa comunidade, mesmo que a maior parte destas coisas *‘may never be articulated [...] they are unmistakable signs of membership in communities of practice and are crucial to the success of their enterprises’* (Wenger, 1998).

### **2.7.3.3. Os britânicos no Algarve enquanto comunidade de prática**

O Algarve é destino privilegiado por muitos britânicos como destino de *Lifestyle Migration* para iniciar uma nova vida. Consigo trazem uma bagagem cultural, que se manifesta depois na criação de pequenos negócios para servir os costumes, modos e estilos de vida, a que estes migrantes estão habituados. Para qualquer lado que olhemos, há anúncios, lojas, bares, cafés e supermercados, anunciando em língua inglesa produtos

e serviços. Muitas vezes até a publicidade institucional a eventos a realizar no Algarve apresenta uma versão em inglês, visando não só os turistas e residentes britânicos, mas os turistas em geral. A língua inglesa tem um papel quase hegemónico na paisagem visual algarvia. Os média criados para servir esta comunidade contribuem ainda mais para esta sensação de uma comunidade numerosa e bem organizada.

No entanto, segundo Wenger (1998) nada disto garante que haja uma comunidade de prática britânica. Ainda de acordo com Wenger (1998: 73-85), a CdP define-se através de três dimensões, relacionadas com a prática social em si mesma. A primeira é a de que existe um *compromisso mútuo*, dado que a prática não existe no abstrato. Assim, a CdP reside à volta de pessoas comprometidas com certas ações ou ideias comuns. Isto torna-se sobremaneira importante, porque significa que uma CdP pode ser formada por membros de categorias sociais diferentes ou de diferentes regiões geográficas. À semelhança da comunidade imaginária (Anderson, 2006) pode ser constituída por indivíduos que nunca se conhecerão uns aos outros na totalidade, mas em cujas mentes existe a imagem circunstâncias partilhadas. A segunda dimensão diz respeito a uma empresa conjunta ou '*joint enterprise*'. Este empreendimento conjunto é constantemente renegociado pelos membros individuais. Vai para além dos objetivos estabelecidos, mas cria responsabilização entre os participantes. O último aspeto refere-se a um *reportório partilhado*, que inclui rotinas, palavras, ferramentas, maneiras de fazer as coisas, histórias, símbolos, gestos, géneros, ações ou conceitos, que a comunidade produziu ou adotou no decurso da sua existência (1998: 83).

As três condições propostas para a existência de uma CdP estão claramente reunidas no caso da comunidade de expatriados britânicos no Algarve, uma vez que esta é uma comunidade imaginada de pessoas com antecedentes comuns, que assumiram o compromisso de uma nova vida, e também de uma nova identidade, no âmbito de um projeto comum de migração para o Algarve, que inclui um reportório partilhado, quer de vivência cultural anterior, quer no novo destino de migração. A análise das cartas ao editor revelam a existência de práticas sociais comuns e uma constante negociação de significado, principalmente no que diz respeito ao contexto de migração para o Algarve. Também revela a existência de um repertório partilhado de novas palavras, experiências, convenções, por exemplo. Um dos leitores/escritores das cartas do *corpus*

refere palavras como ‘*tasca*’, ‘*bagaço*’ e ‘*imperiais*’ (carta 19). Estas palavras só fazem sentido dentro da comunidade de prática de expatriados estrangeiros no Algarve.

Wenger (1998) acrescenta ainda que existem três características essenciais para que uma CdP possa existir. São elas o *domínio*, que significa que a comunidade tem uma identidade definida por um domínio de interesse partilhado. A qualidade de membro implica um compromisso para com o domínio e, por esse motivo, uma competência partilhada que distingue os membros de outras pessoas. O domínio pode não ser reconhecido como perícia/especialidade (*expertise*) fora da comunidade. A segunda característica designa-se *comunidade* e pressupõe que, ao levar a cabo as suas funções no domínio, os membros tomam parte em atividades e discussões conjuntas, entre-ajudando-se e construindo relações, que lhes permitem aprender uns com os outros. Ter o mesmo emprego ou cargo não produz uma CdP, a não ser que os membros interajam e aprendam juntos. A última característica é a *prática*, pois os membros de uma CdP são praticantes. Desenvolvem um repertório conjunto de recursos (experiências, histórias, ferramentas, modos de abordar problemas recorrentes), em suma, uma prática comum. Isto exige tempo e interação sustentada. O desenvolvimento de uma prática partilhada pode ser mais ou menos consciente.

Por exemplo, as cartas ao editor revelam um repertório de histórias sobre as instituições e forças policiais portuguesas e abordam os problemas mais comunmente encontrados pela comunidade britânica quando são obrigados a lidar com a burocracia, instituições e comércio português (*vide storylines* 1, 2 e 3 no capítulo 4, principalmente), ao ponto de se poder afirmar que ‘*letters sections have always served as a constructed community of mediated public opinion*’ (Wahl-Jorgensen, 2014: 4). Nas cartas com este tema encontramos frequentemente advertências, conselhos ou dicas sobre a melhor forma de agir.

#### **2.7.3.4. Negociação de significado**

Um conceito central usado por Wenger é o de ‘*negotiation of meaning*’ ou ‘*the process by which we experience the world and our engagement in it as meaningful*’ (1998: 42), envolvendo tanto a ação como a interpretação i.e., a localização de significado dentro de um processo. Por exemplo, Lawson (2015) recorre ao conceito de CdP para investigar o

posicionamento e distinção no discurso de expatriados britânicos em Ariège. No caso do fórum online estudado por Lawson, os membros participam, colocam questões, respostas e comentários e embora as suas experiências sejam únicas para eles, ao mesmo tempo, elas são negociadas através de um processo de interação, as histórias de significado dentro do fórum e também através do contexto social mais amplo da *Lifestyle Migration*. Wenger usa a dualidade da reificação e participação para explicar a negociação da identidade dentro de uma CdP. (88-89). As cartas ao editor servem o mesmo propósito do fórum estudado por Lawson (idem): os leitores/escritores participam, propõem assuntos para debate, pedem e dão conselhos, avisam os outros leitores sobre certos perigos, indignam-se com certos tipos de atitude e comportamento, enfim, negoceiam significados.

A negociação de significado depende de um processo, através do qual *'we project our meanings into the world and then we perceive them as existing in the world, as having a reality of their own'* (Wenger, 1998: 45). A este processo, Wenger dá o nome de reificação, ou seja, *'the process of giving form to our experience by producing objects that congeal this experience into "thingness."* (Wenger, 1998: 45). A reificação compreende uma gama diferente de processos, que incluem *'making, designing, representing, naming, encoding, and describing, as well as perceiving, interpreting, using, reusing, decoding, and recasting'* (Wenger, 1998: 46).

Wenger (1998) acrescenta componentes necessários à caracterização da participação social enquanto processo de aprendizagem, que incluem *significado*, que designa um modo de falar da nossa capacidade, individual e coletiva, sempre em mudança, para experienciar a nossa vida e o mundo como tendo significado. *Prática*, outro dos componentes, designa um modo de falar acerca dos recursos históricos e sociais, enquadramentos e perspectivas, que podem sustentar o comprometimento mútuo na ação. O terceiro componente, *comunidade*, compreende o modo de falar acerca das configurações sociais, em que os nossos empreendimentos são definidos como valendo a pena perseguir e a nossa participação é reconhecida como uma competência. O último, *identidade*, designa um modo de falar sobre como a aprendizagem muda quem somos e cria histórias pessoais de *'becoming'* no contexto das nossas comunidades (Wenger, 1998: 5). Interessantemente, o conceito de *'becoming'* é também uma ideia fulcral do projeto de migração. O enquadramento da CdP considera a comunidade e a identidade

como sendo construída e mantida por práticas, uma vez que é através destas que surgem laços e se constroem relações entre os praticantes, criando um sentimento de pertença.

Os expatriados britânicos no Algarve estão envolvidos num processo coletivo de aprendizagem num domínio comum, que é o de reaprender a viver num país e cultura diferentes do seu, em que as definições do quotidiano a que estavam habituados já não se aplicam, sob novas circunstâncias e sem certas definições (classe, distinção) que conheciam, anteriormente. É uma adaptação a um meio ambiente diferente. Os expatriados britânicos no Algarve são um grupo de pessoas que partilham um projeto de vida, interesses preocupações, e por isso interagem, no intuito de aprender através da partilha e da interação. A preocupação é criar significado numa realidade, em que estão ‘a começar de novo’ ou a ajudar quem está a fazê-lo. Os jornais são um elo de ligação em língua inglesa com o mundo local que os rodeia. A secção de CAE permite o debate e a interação entre estes indivíduos que partilham uma paixão comum (o Algarve). As cartas, além de conterem conselhos e advertências, pedidos de informação e ajuda, proporcionam a oportunidade de ler e ver debatidas questões que não preocupam de modo imediato o leitor, mas que lhe permitem acumular informação sobre como o país funciona, onde ir ou não, quem contactar ou o que fazer.

Podemos afirmar que na comunidade de expatriados britânicos no Algarve o domínio de interesse partilhado diz respeito a um projeto comum de migração motivado pela busca do que frequentemente é denominado de ‘*the good life*’. Este grupo de indivíduos é distinto de outros, no sentido em que se concentra em torno de uma competência partilhada do que é ser expatriado britânico em Portugal, uma amálgama de um sentimento de ‘*Britishness*’ e da aprendizagem necessária à vivência num país com uma língua, cultura e espírito diferentes. Constituem uma comunidade, no sentido em que interagem discursivamente, nomeadamente através de canais públicos na imprensa e redes sociais e engajando-se na prática comum de escrever cartas ao editor em jornais dirigidos à sua comunidade. Nesse espaço de debate, negociam-se identidades, significados, partilha-se conhecimento, critica-se, adverte-se e fazem-se apelos à ação.

#### **2.7.4. *Bonding and bridging capital***

O debate que opõe comunidade e modernização da sociedade e o consequente individualismo tem sido abordado por quase todos os grandes mentores na área sociológica, nomeadamente, Durkheim, Weber, Bourdieu ou Giddens. Nas suas viagens pelos EUA, Alexis de Tocqueville (2003) produziu um estudo aprofundado sobre as forças e fraquezas da política emergente no país, descrevendo igualmente intensa participação pública da população americana, permitindo que o sistema democrático funcionasse melhor. O capital social, no sentido de coesão social e investimento pessoal na comunidade, estava, segundo Tocqueville, florescente na sociedade americana.

O aparecimento da conceptualização moderna do conceito de capital social surgiu com P. Bourdieu em 1972 em *Outline of a Theory of Practice*, em que o autor definiu o conceito e mais tarde introduziu os conceitos de capital cultural, económico e simbólico. A nova abordagem ao conceito de capital social oferece uma nova maneira de olhar para este debate, conciliando a importância da comunidade e da escolha individual. Enquanto Bourdieu se concentra nos aspetos através dos quais o capital social pode ser usado para produzir e reproduzir desigualdade (por exemplo, usando as relações sociais para obter uma posição proeminente na sociedade), Putnam (2000) emprega o conceito de maneira neutra, como criador do que chama '*civic engagement*'. Para além disso, também utiliza o conceito de capital social para mensurar o estado da '*communal health*'. Ao contrário de Bourdieu, para quem o capital social é um atributo do indivíduo, Putnam considera-o um atributo coletivo, concentrando-se em normas e na noção de confiança como produtores de capital social, que facilita a cooperação entre comunidades e nações, constituindo, por isso mesmo, um meio para combater as maleitas sociais da sociedade moderna.

Assim, de acordo com Putnam, capital social define-se como '*the connections among individuals' social networks and the norms of reciprocity and trustworthiness that arise from them*' (2000: 19). Deste modo, o capital social é uma condição fundamental na criação e manutenção de estados democráticos. No entanto, Putnam acredita que o capital social se encontra em declínio nos EUA, visível através dos baixos níveis de participação cívica e de confiança no governo e nas instituições. Embora o estudo de Putnam seja dirigido aos EUA, considero que é possível extrapolar estas conclusões

também para os países europeus e para as sociedades modernas, em geral, onde se verifica a existência de tendências semelhantes. Uma das causas apontadas por Putnam para o declínio dos níveis de capital social prende-se com a transformação tecnológica do lazer, em que os media (a TV ou a *internet*, por exemplo) detêm um papel fundamental.

Uma distinção fundamental da conceptualização de capital social proposta por Putnam diz respeito a *'bridging social capital'* e *'bonding social capital'*. O primeiro tipo é inclusivo, uma vez que diz respeito a redes sociais entre grupos socialmente heterogéneos. O segundo tipo é exclusivo, tendendo a ser constituído por redes sociais entre grupos homogéneos de indivíduos e a reforçar identidades exclusivas. De uma maneira geral, *'bridging social capital'* é considerado positivo, uma vez que une uma sociedade, que por definição é sempre diversa e plural. Por outro lado, *'bonding social capital'* é considerado negativo e disruptivo dos valores sociais, porque reforça a diferença e aspetos que separam os indivíduos: *British migrants are drawing a sense of identity from those with whom they share time and space, rather than against those who have little relevance in their daily lives. As Cohen (1985) has said, identity is concerned with locality and region more than with gross nation; in this context that means with local Britons rather than with all Britons.* (O'Reilly, 2000: 105)

Embora útil enquanto ferramenta de análise, a distinção entre *'bonding'* e *'bridging capital'* não existe em absoluto na sociedade, nenhuma das categorias podendo ser totalmente aplicável a uma rede ou grupo social, uma vez que ambas coexistem. No entanto, é possível analisar um determinado grupo ou comunidade para aferir se esta tende a ser mais caracterizada como projetando mais *'bonding capital'* ou *'bridging capital'*. A análise temática e de posicionamento das cartas ao editor poderá demonstrar que tipo de capital se estabelece entre cada grupo ou grupos e se a tendência geral tende para a formação de endogrupos ou exogrupos.

## Capítulo 3

### Cartas ao Editor

#### 3.1. Imprensa Regional Algarvia em Língua Inglesa

Nesta secção será apresentado um panorama da imprensa regional algarvia em língua inglesa, com particular incidência nos jornais, cujo espaço reservado à opinião do leitor constitui o objeto da nossa análise. Será também discutido o espaço reservado a estes jornais enquanto exemplos de média minoritária e a sua importância na criação de uma bolha ou esfera britânica.

##### 3.1.1. Retrato da imprensa regional algarvia

*"A imprensa regional desempenha um papel altamente relevante, não só no âmbito territorial a que naturalmente mais diz respeito, mas também na informação e contributo para a manutenção de laços de autêntica familiaridade entre as gentes locais e as comunidades de emigrantes dispersas pelas partes mais longínquas do mundo".*

Este excerto do preâmbulo do Estatuto da Imprensa Regional (Decreto-Lei n.º 106/88, de 31 de Março) não facilita a tarefa de decifrar as múltiplas especificidades do universo da imprensa regional portuguesa, pois embora muito amplo, não abrange toda uma variedade de situações diferentes no que diz respeito às publicações de imprensa regionais. A Lei de Imprensa (art.º 14.º, n.º 2) define as publicações regionais como aquelas que, *"pelo seu conteúdo e distribuição, se destinem predominantemente às comunidades regionais e locais"*.

O estudo da ERC (Entidade Reguladora para a Comunicação Social) denominado 'Imprensa Local e Regional em Portugal' expressa a complexidade em quantificar a imprensa regional. No contexto dos incentivos do Estado à comunicação social, houve entre 1999-2006 um número de publicações periódicas regionais e locais que beneficiou do porte pago e, seguidamente, do incentivo à leitura (2007-2013). O Porte Pago foi extinto pelo Decreto-Lei n.º 98/2007, de 2 de Abril. Este diploma aprovou um novo

regime de Incentivo à Leitura das publicações periódicas de informação geral e de âmbito regional.

A pesquisa efectuada pela ERC demonstra que apesar do número significativo de títulos de imprensa regional publicados em Portugal, estes apresentam valores de circulação diminutos (escassos milhares) quando comparados com os da imprensa de expansão nacional ou especializada ou mesmo com a imprensa regional de outros países europeus.

Neste estudo, a ERC delimitou um universo de 728 publicações periódicas de âmbito local e regional nos 18 distritos de Portugal Continental e nas duas Regiões Autónomas, com base nos dados fornecidos pela Unidade de Registos daquela Entidade (dados reportados a 7 de Dezembro de 2009). Em 19 de junho de 2013, a ERC dava conta da existência de 579 jornais regionais em todo o país (continente e regiões autónomas).

No Algarve existe uma imprensa regional variada e rica. Na pesquisa efectuada, foi possível determinar a existência de pelo menos 20 publicações dirigidas ao público regional/local português<sup>17</sup> e 18 dirigidos à comunidade de expatriados residentes e turistas no Algarve<sup>18</sup>. Muitas destas publicações existem apenas em formato digital e algumas são dirigidas a sectores específicos, tais como o imobiliário (por exemplo o *Meravista*) ou especificamente com o intuito de promover o Algarve como destino de residência (*Algarve come and live here*).

### **3.1.2. Imprensa regional em língua inglesa**

*O caso das publicações de imprensa redigidas em língua estrangeira e dirigidas a residentes estrangeiros é, segundo a Lei de Imprensa, artigo*

---

<sup>17</sup> *A Gazeta de Salir, A melhor opção, Barlavento, Brisas do Sul, Correio de Lagos, Correio Meridional, Diário Online, Ecos da Serra, Jornal Carteia, Notícias de Albufeira, Notícias de S. Braz, O Algarve, o Louletano, Observatório do Algarve, Portal do Algarve, Região Sul, A Voz de Loulé, Gazeta de Lagoa, Folha de Domingo, Albufeira Magazine.*

<sup>18</sup> *AngloINFO Algarve, Tomorrow Algarve, East Algarve, Central Algarve Magazine, Meravista (em associação com o Sunday Times), Tavira-Today, Algarve Blog, Algarve come and live here, Essential Algarve, Visit Algarve, Algarve 1,2,3, Vila's Do Bispo, Algarve express.pt, Algarve Daily News, Inside (Lagos & Western Algarve; Carvoeiro/Ferragudo/Lagoa/Silves), The Portugal News, Portugal/Algarve Resident, People & Business Magazine.*

*12º, considerado imprensa nacional: ‘São publicações portuguesas as editadas em qualquer parte do território português, independentemente da língua em que forem redigidas, sob marca e responsabilidade de editor português ou com nacionalidade de qualquer Estado membro da União Europeia, desde que tenha sede ou qualquer forma de representação permanente em território nacional.’*

Como é sabido, a evolução da tecnologia veio trazer novos desafios à imprensa em geral, e à imprensa regional, em particular. É necessário que uma publicação seja sustentável, mas as fontes de rendimento são cada vez menores, pois a oferta de *websites* gratuitos de notícias faz que com a compra de jornais ou revistas se torne obsoleta. Os custos de produção e distribuição são grandes, as publicações regionais dispõem de poucos recursos financeiros e humanos e a possibilidade de publicar usando a *internet* veio trazer um balão de ar a um sector estrangulado pela falta de meios. A digitalização da imprensa surge como uma opção económica, pois permite diminuir custos, por simplificar a produção e por não necessitar de recursos materiais para chegar ao leitor. A *internet* permite captar incentivos financeiros através de publicidade, tal como acontecia com as versões impressas, mas a um custo de produção significativamente mais baixo.

O estudo da ERC, *Digital Media Portugal ERC 2015*, foca um período de 20 anos, de 1995 a 2015, e os dados apresentados tornam visível a importância que os *média* digitais ganharam e a velocidade com que evoluíram. Se em 1995 em Portugal havia pouco mais de 10 mil clientes com acesso à internet, em 2015 houve 3,07 milhões de acessos em local fixo e 5,5 milhões de utilizadores que efetivamente utilizaram a Internet em banda larga móvel. Relativamente aos órgãos de comunicação social na Internet, em 1995 há seis órgãos de comunicação social (ocs) portugueses *online*, em 1996 já são 37 e em 2015 estavam registados 740 ocs com presença online na ERC no final do ano (nativos<sup>19</sup> 392; papel/ *online* 316; *webtvs* 6 e rádios *online* 26).

---

<sup>19</sup> O termo ‘nativo digital’ designa alguém que cresceu na era digital, em vez de adquirir familiaridade com sistemas digitais enquanto adulto (sendo, nesse caso, um ‘imigrante digital’). Neste caso concreto ‘nativo’ refere-se a jornais que são digitais desde a sua génese em oposição à publicação ‘imigrante’, que começou em formato papel e fez mais tarde a transição para o digital.

Ambos os jornais escolhidos para a investigação em curso, *the Portugal News e Algarve/Portugal Resident*, têm um carácter local ou regional<sup>20</sup>. No entanto, quando se consulta o Portal da Imprensa Regional nem o *the Portugal News* nem o *Algarve Resident* surgem na categoria de jornal regional<sup>21</sup>.

Embora a maior concentração de residentes estrangeiros seja no Algarve, não é a delimitação geográfica que define o público-leitor destas publicações, mas sim, a de uma ‘comunidade imaginada’<sup>22</sup>, que em comum, tem o facto de ser constituída por expatriados ou *lifestyle migrants* falantes de inglês com algum tipo de permanência em Portugal, seja como residentes (cobrindo uma grande variedade de situações, desde residente a tempo inteiro a visitas pontuais durante o ano) ou turistas, com um laço geográfico e temporal com Portugal. O’Reilly faz notar que ‘*it is often assumed by others, as well as by residents themselves, that tourists and residents share the same interests and outlook. The newspapers and magazines that are published in the area by and for English-speaking people are directed at tourists and residents alike*’ (2000: 106).

Tal como se pode comprovar nos mapas de acessos à *webpage* do *The Portugal News* no mês de abril de 2015 (*vide* anexo 1) e de Agosto de 2017 (*vide* anexo 2), muitos provêm de outras localizações no mundo, ou seja, as publicações são dirigidas primeira e principalmente a um público regional, mas não se limitam a isso, pois com o advento da tecnologia, o espaço geográfico deixa de ser uma contingência. Tal é, segundo A. Giddens (2008), um traço da modernidade, pois a vida social moderna é caracterizada, entre outros fatores, pela reorganização do tempo e do espaço.

Principalmente a partir da tendência globalizante que advém da digitalização dos *média*, que podem ser acedidos a partir de qualquer parte do mundo, coexistem 2 linhas de acção: a escolha de notícias de cariz nacional para quem, fora de Portugal, pretende obter informação sobre a actualidade do país, e ao mesmo tempo, incluem-se outras de

---

<sup>20</sup> Embora o *the Portugal News*, pelo nome escolhido, pareça apostar desde a sua génese num público nacional de expatriados falantes de inglês, a mudança do nome do *site* de *Algarve Resident* para *Portugal Resident* pode possivelmente refletir a tendência globalizante possibilitada pela *internet* para abranger o público-alvo da publicação, geograficamente disperso.

<sup>21</sup> O *The Portugal News* surge sob a categoria de publicação sectorial no *website* da APCT.

<sup>22</sup> O conceito de ‘*Imagined Community*’, proposto por B. Anderson (1983) retrata uma nação como uma comunidade socialmente construída, imaginada pelas pessoas que se percecionam como parte desse grupo. Anderson frisa a importância da imprensa escrita e o importante papel que o ‘*print capitalism*’ tem na criação do conceito de comunidade, uma vez que pressupõe o consumo quase simultâneo do mesmo produto cultural numa variedade enorme de localizações geográficas.

carácter mais regional dirigidas aos turistas, residentes sazonais e expatriados britânicos que se encontram geograficamente localizados na região.

Estes jornais apresentam um formato semelhante, destacando notícias internacionais, nacionais e regionais, dando especial ênfase a tópicos e notícias que afetem direta ou indiretamente a comunidade de expatriados. Noticiam eventos locais, informações úteis e informação sobre legislação e alterações à mesma, condições e avisos meteorológicos, entre outros, e têm secções sobre ‘*lifestyle*’, ‘*property*’, ‘*food & wine*’, ‘*gourmet*’, ‘*entertainment*’ ou ‘*society*’. Auferem a maior parte dos seus rendimentos através da publicidade, maioritariamente a produtos e serviços para expatriados, desde empresas que ajudam visitantes habituais e turistas a dar o passo para o estatuto de residente, poupando impostos e trabalho, a parques aquáticos ou janelas e estores.

A publicidade e os eventos anunciados também dizem respeito maioritariamente a um contexto regional. Reforça a tendência de apelo a uma comunidade imaginada de *expatriates* de língua inglesa (mas não só, pois muitos outros europeus do norte de países menos representados em Portugal utilizam o inglês como língua franca), que podem estar espalhados pelo mundo inteiro, mas que em comum entre eles, têm um qualquer laço com Portugal. A própria mudança de nome do *Algarve Resident* para *Portugal Resident* apenas no *website* poderá ter a ver com essa tendência globalizante, que pretende ir de encontro a um público que cada vez mais se espraia sem fronteira geográfica. No passado, tal experiência era possível apenas através da subscrição do jornal, que perdia a sua atualidade<sup>23</sup> ao ser enviado por correio internacional.

De seguida, proceder-se-á a uma breve apresentação dos dois jornais em estudo, com o intuito de estabelecer o contexto de cada uma das fontes do *corpus* da investigação.

### **3.1.2.1. *The Portugal News***

Estabelecido em 1977, o *The Portugal News* tem a maior circulação de todos os jornais em língua estrangeira publicados em Portugal, de acordo com a informação obtida no seu *website*. Na introdução à sua *webpage*, o *The Portugal News* intitula-se ‘*Portugal’s largest circulation English language newspaper*’ e nas ‘*News stats*’ alegam que ‘*The*

---

<sup>23</sup> Perdia o efeito de ‘simultaneidade’, de se ter a consciência de consumir o jornal simultaneamente com outros consumidores, que estivessem geograficamente localizados na área de impressão do jornal.

*Portugal News has the highest circulation of any foreign language publication in Portugal* (vide anexos 7-10).

Os números de impressão e circulação são auditados de forma independente pela APCT (Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação), mas não sendo o *The Portugal/Algarve Resident* associado da APCT, não é possível comparar os números de tiragem e circulação de um e de outro jornal. Segundo as estatísticas emitidas pelo *The Portugal News* em 2015 (vide anexos 7 e 8), o número médio de leitores por edição pode ser conservadoramente estimado em 40,000, quer em Portugal, quer noutros pontos do mundo. O mesmo número estimado de leitores é mantido nas estatísticas de 2017 (vide anexos 9 e 10).

No que diz respeito à versão impressa, as mesmas estatísticas indicam uma impressão média semanal do jornal de 18,102 exemplares e uma circulação de 16,445 em Abril de 2015. Desse número, a maior parte da tiragem (65,03% - 11,771 exemplares) foi distribuída em *outlets* selecionados e com grande tráfego, tais como centros comerciais (Algarve Shopping, Aqua) e supermercados (Apolónia, Intermarché, Continente e Pingo Doce).

No aeroporto de Faro, através de um protocolo exclusivo entre ambas as empresas, estão disponíveis exemplares para os passageiros nas chegadas e nas partidas, sendo escoados 21,27% (3,850 exemplares) em 2013 e 16,77% (3,100 exemplares) em 2017. Os restantes 12,5% de 2013 (2,200 exemplares) e 11,90% de 2017 (2,200 exemplares) foram disponibilizados para venda ao público a um custo de €1,50 em pontos de venda, tais como papelarias e tabacarias.

Lado a lado com a versão impressa, há 35 mil acessos diários ao jornal por via eletrónica em 2015<sup>24</sup> e 45 mil (57% por acesso direto) em 2017. O *The Portugal News* está disponível na íntegra em versão *online*, sendo um dos *sites* mais visitados em Portugal, de acordo com as estatísticas apresentadas pelo semanário.

Em 2013 os números de tiragem e circulação são um pouco inferiores aos de 2017, mas a variação não é muito grande e, quando se analisam os resultados da circulação do jornal nos últimos cinco anos, constata-se que tem sido uma variação habitual nos números de tiragem e circulação do *The Portugal News*. Os dados de 2013 a 2017

---

<sup>24</sup> Não há dados disponíveis para 2013.

divulgados pela APCT (*vide* anexos 12 e 13) indicam um crescimento contínuo e progressivo da tiragem e circulação de 2013 até 2016, altura em que atinge um pico no 4º bimestre (tiragem - 22,096 / circulação - 18,291), seguido de uma diminuição em 2017, embora com valores mais altos que os de 2015.

Em final de 2017 o *The Portugal News* acrescentou o *slogan* ‘*The loudest English voice in Portugal*’. Declara como sua missão empresarial ‘*to keep residents and visitors fully informed on every aspect of the news in Portugal in the English language, something we have been doing since 1977*’. No seu *website* está disponível para leitura ou para *download* gratuito a versão integral impressa, obtendo cerca de 35,000 visitas diárias em 2015 e 45,000 visitas diárias à sua página em 2017, a maioria através de tráfego direto, em que os utilizadores procuram intencionalmente a página do *The Portugal News*.

A página de *facebook* contava com mais de 16,000 ‘gostos’ em maio de 2015 e mais de 43 mil em dezembro de 2017. É actualizado diariamente com notícias e 3,932 subscritores recebem semanalmente a *newsletter*, dando informação aos leitores sobre a sua última edição. Através do seu *website* é também possível aceder ao repositório de todas as edições do jornal, desde a sua fundação, em 1977, até ao presente, tornando-o um artefacto cultural extremamente precioso, permitindo acompanhar a evolução diacrónica dos discursos sobre uma grande variedade de temas.

### **3.1.2.2. Portugal/Algarve Resident**

A 1ª edição data de 1989 e, tal como o *The Portugal News*, é uma publicação semanal. A versão impressa tem o nome de *Algarve Resident* e um custo de € 1,50 enquanto que o *website* tem o nome de *Portugal Resident* desde 2013. A tiragem semanal é de 5,000 exemplares, segundo informação obtida telefonicamente, mas não foram fornecidos dados sobre a sua circulação.

Não há muita informação disponível sobre o jornal ou a sua história e os vários contactos encetados no sentido de obter uma entrevista ou uma resposta escrita ou telefónica foram pouco frutíferos, uma vez que a escassez de recursos humanos não permite o dispêndio de tempo para esse fim. Alguma informação foi obtida no *website*

antigo<sup>25</sup> (*vide* anexo 14) e entretanto descontinuado, aquando da mudança da aquisição do jornal pela Open Media SA em 2012. A razão para a mudança de nome de ‘Algarve’ para ‘Portugal’ Resident prende-se com a possibilidade de abranger uma localização geográfica maior conferida pela internet:

*The publishers of the Algarve Resident have their sights set firmly on making portugalresident.com the number one source of online news and information about Portugal in English. The online project inherits 12 years of its local predecessor algarveresident.com and at this stage, the most logical step to evolution is by expanding nationally. (Global Media Sales, 2017)*

As cartas do *corpus* datadas de 2013 foram-me gentilmente cedidas pelo *Algarve Resident* aquando da mudança, mas não estão já disponíveis para consulta *online*. As cartas disponíveis no *website Portugal Resident* têm início em 13 de outubro de 2013.

A Open Media SA está ativa no negócio da publicação em Portugal desde meados da década de 80, tendo-se também expandido para os mercados estrangeiros através de parcerias em Macau, Filipinas e Malásia, com publicações dirigidas ao público de expatriados nesses países. Em Portugal possui outras publicações dirigidas maioritariamente a expatriados, tais como a *Essential Magazines*, *Vivre le Portugal*, *Entdecken Sie Algarve*, *Inside Magazines* e *Clubhouse Algarve*.

No *website* da Open Media, a página dedicada ao *Algarve Resident* descreve a publicação como ‘*the Algarve’s local English-language newspaper bringing readers a vibrant mix of local and national news, community updates, events, classified ads and much more.*’ Acrescenta ainda que é um dos *websites* em língua inglesa mais visitados em Portugal.

Na página de *facebook*, o jornal autoproclama-se a publicação em língua inglesa mais lida do Algarve, mas tal como já foi referido anteriormente, não foi possível encontrar dados que confirmem ou desmintam a afirmação. Descreve a sua actividade da seguinte maneira:

---

<sup>25</sup> Ativo até meados de 2013.

*‘We publish the Algarve Resident, a weekly paid-for English-language newspaper, portugalresident.com, a daily news website, and the directory Portugal Blue Pages - all designed to let people get the most out of the region and country.’*

Uma página entretanto já extinta do *website* do *Algarve Resident*<sup>26</sup> (vide anexo 14) apresentava alguns factos sobre a publicação, mencionando que possui a mais ampla gama de publicidade e a mais bem-sucedida página de classificados do Algarve. Adverte que a língua de publicação é o inglês, embora algum conteúdo seja publicado numa outra língua da EU. Afirma a sua missão da seguinte forma: *‘The Algarve Resident publishes news, views and topical issues relevant to English-speaking residents and potential residents.’*

Como vantagens de fazer publicidade na sua publicação, o *Algarve Resident* afirmava ter *‘a focused market’*<sup>27</sup>, que permitia atingir o mercado de expatriados falantes de inglês, bem como o mercado português, oferecendo uma oportunidade semanal de ser visto por potenciais clientes, valorizado pela vantagem de ter um público leal, interessado e consumidor dos produtos e serviços anunciados<sup>28</sup>. O *Algarve Resident* também afirmava estar disponível por subscrição postal paga, apontando um número de 400 cópias enviadas semanalmente para endereços em Portugal e para outros países no mundo.

A *Global Media Sales*<sup>29</sup>, uma companhia de representação de *média* internacionais com base no Reino Unido, atribui-lhes 40,000 visitas por mês ao *website*<sup>30</sup> e ao *The Portugal News* uma média de 225,516 visitas por mês<sup>31</sup>. Ao *Algarve Resident* é atribuída uma

---

<sup>26</sup> Esteve disponível disponível online até 2013.

<sup>27</sup> O *The Portugal News* também anuncia a boa oportunidade de publicitar no seu jornal com o slogan: *‘Just one publication to reach your potential clients’* nas *News stats* de 2015 e na de Agosto 2017.

<sup>28</sup> Os resultados de um questionário efectuado pelo *Algarve Resident* demonstravam que 95% dos leitores liam o jornal todas as semanas, que 90% dos leitores consideravam que a publicidade tinha interesse e que mais de 80% dos leitores do *Algarve Resident* afirmaram comprar regularmente produtos ou usar regularmente serviços publicitados no jornal e que 10% dos inquiridos o faziam ocasionalmente.

<sup>29</sup> A *Global Media Sales* vende ‘B2B e consumer advertising’, sendo especializados em *media*, que servem *‘people on the move’*, expatriados e migrantes.  
<https://www.google.pt/search?q=Global+Media+sales&oq=Global+Media+sales&aqs=chrome..69i57j69i60l3j0l2.4569j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

<sup>30</sup> A data desta estimativa é de 05/02/2016.

<sup>31</sup> A data desta estimativa é de 28/01/2016.

circulação de 5,000 por semana e um número de leitores semanais estimado em 13,000<sup>32</sup>.

A *afpop* (Associação de Proprietários Estrangeiros em Portugal) tem uma parceria com o *Algarve Resident* e descreve o jornal como ‘*The Algarve’s favourite weekly read*’. Reforça, tal como as estatísticas apresentadas pela Open Media e *Algarve Resident*, o facto de ser o jornal ‘pago’ que mais vende: ‘*The Algarve Resident is the Algarve’s top-selling paid-for English-language newspaper.*’

O *website* da Open Media (detentora do *Algarve Resident*) consultado em 2018 disponibiliza um documento intitulado *Algarve Resident Media Kit* (vide anexo 15), com mais alguns dados sobre a publicação, muito embora não apresente uma data para os números que apresenta. Assim, em relação à sua página *online*, apresenta a estatística média anual como sendo de 1,380,000 sessões, 848,000 ‘*unique users*’ e 2,6000,000 visitas à página.

Como se pode ver a partir da informação recolhida, ambos os jornais são bastante semelhantes, em termos dos seus objetivos, do público-alvo que pretendem atingir, havendo alguma rivalidade entre ambos.

Ao longo do tempo, foram tentados inúmeros contactos, quer com o *Algarve Resident*, quer com o *The Portugal News*, no sentido de obter uma entrevista, presencial, telefónica ou em resposta escrita enviada por email, mas sempre sem sucesso. Os responsáveis por ambas as publicações demonstraram total desinteresse e, presumo que, alguma apreensão por constituírem um objeto de estudo. Aliás, esta atitude foi, regra geral, a encontrada em quase todas as iniciativas, instituições e organismos<sup>33</sup> constituídas por cidadãos britânicos contactadas no decurso desta investigação. Os contactos encetados, de modo geral, são recebidos com alguma frieza, parecendo haver alguma desconfiança, receio e relutância em partilhar informação.

---

<sup>32</sup> A data desta estimativa é de 28/10/2015.

<sup>33</sup> *Afpop*, *British Community Council*, *AngloInfo*, *Global Media Sales*, para mencionar alguns.

### 3.1.3. Um caso de *minority media*

Os britânicos constituem uma comunidade representativa em Portugal, que tem crescido ao longo do tempo. Os número de cidadãos originários do Reino Unido com estatuto legal de residente tem apresentado uma evolução crescente positiva desde 1980 (2,648), ano em que tem lugar a primeira contagem. Houve um pico de 23,608 cidadãos britânicos em 2007, seguido de uma quebra acentuada em 2008 (15,371) e recuperação gradual até 2016 (19,384)<sup>34</sup> (*vide* anexo 16).

Apesar de constituírem uma minoria representativa em Portugal<sup>35</sup>, são uma comunidade pouco estudada (David, 2012 e 2014; Torkington, 2009, 2010 e 2011). A palavra minoria tem geralmente, uma conotação de desigualdade e desvantagem, o que não associamos aos britânicos em Portugal. De facto, a comunidade britânica está, em Portugal, e mais concretamente no Algarve, associada ao turismo, à compra de propriedades, à criação e exploração de negócios, constituindo uma minoria muito diferente de outras que migraram para o país em condições desfavoráveis e em busca de melhores condições económicas. O'Reilly (2000: 106) referindo-se ao caso espanhol, mas Portugal e o Algarve encaixam-se na mesma situação, afirma que:

*For British migrants, Spain signifies holiday and escape, not work or refuge or asylum as the host country does for many migrant groups.*

Em suma, e comparativamente ao nível de vida português, os britânicos são vistos como tendo maior capacidade financeira, símbolo de afluência e excentricidade, que lhes permite um estilo de vida mais desafogado do que pelos portugueses comuns. No Algarve, os britânicos (bem como os migrantes provenientes de outros países do norte da Europa) são simbolicamente associados a privilégio económico.

De facto, e talvez por não constituir uma minoria desprivilegiada, que necessita de apoio institucional, a comunidade britânica tem sido pouco investigada, com pouca

---

<sup>34</sup> O dados estão disponíveis em PORDATA

<https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+algumas+nacionalidades-24-184439>

<sup>35</sup> O Reino Unido, em 2016, passou a ser a origem da sexta nacionalidade mais relevante (19.384), com um crescimento de 12,5%, suplantando Angola (16.994); Em termos de crescimento de fluxo migratório, a nacionalidade britânica registou 64,3%, sendo a 4ª, a seguir à brasileira, francesa e italiana e seguida pela alemã (55,0%); (RIFA 2016)

visibilidade nos média convencionais ou em investigações de cariz académico (David, 2012), com exceção de alguns estudos mais recentes de Parreira (2000), Torkington (2009; 2010; 2011), David (2012; 2014; 2015), Ribeiro (2012) e Sardinha (2015), este último incidindo em comunidades do centro do país. No caso dos média no Algarve, destaca-se a investigação de I. David (2015), sobre *minority media*, incidindo mais concretamente no estudo de caso de cariz etnográfico de uma rádio bilingue, direcionada essencialmente para a comunidade britânica no Algarve.

O estatuto especial em termos de migração reservado aos britânicos (bem como outros europeus do norte do continente), é discutido noutra capítulo e pode ser designado pelo conceito genérico de *Lifestyle Migration*, que se refere à mobilidade geográfica de indivíduos relativamente afluentes, que o fazem em busca de melhor qualidade de vida em termos da sua realização pessoal (Benson & O'Reilly, 2009). O factor de relativo privilégio económico por parte deste tipo de mobilidade parece também acarretar outro tipo de necessidades relativamente ao papel dos média, pois os britânicos não demonstram recorrer a eles em busca de uma voz pública, uma vez que no Algarve a cultura e língua britânicas são omnipresentes (David, 2012), facto também exhaustivamente demonstrado no trabalho de investigação de Torkington sobre '*place-identity*' (2011; 2009; 2010).

Embora a busca por melhores condições de vida não seja, por si só, uma novidade, a facilidade de movimentação e manutenção de laços com a comunidade de origem só recentemente se tornou possível devido a fenómenos como a globalização, a individualização, a facilidade de movimento, a flexibilidade da vida profissional e o aumento da riqueza global relativa (Giddens, 2008). A investigação neste campo (O'Reilly, 2000; Benson, 2009; 2016; Lawson (2015), entre outros demonstra haver nos relatos dos *lifestyle migrants*' a existência de discursos, tanto sobre uma busca como sobre uma fuga. O discurso sobre a busca inclui referência a '*a slower pace of life*', um contacto mais próximo com a natureza, mais tempo com a família e amigos, ou uma vida profissional menos competitiva e esgotante, noutros casos. O discurso sobre a fuga inclui imagens negativas com referência ao crime, à '*rat race*', ao tempo inclemente, à legislação excessiva e esmagadora, aos condicionalismos da vida urbana e são a outra face da narrativa justificativa para a decisão de migrar.

Portugal e o Algarve, em particular, pelo seu atraso a nível económico e social, localização geográfica tornada próxima pelas rotas aéreas relativamente frequentes e baratas, apresenta uma oportunidade de busca e fuga dos fatores atrás referidos. É um país relativamente livre de crime, politicamente estável e com condições climatéricas amenas, o que o permite associar com um destino de quase permanentes férias ou de lazer.

No entanto, o facto de estes indivíduos se empenharem num projeto de auto-realização, em que o ato de *lifestyle migration* desempenha um papel central não implica que os sujeitos nela envolvidos procurem fazer parte da comunidade local e de acolhimento. Bastante pelo contrário, frequentemente, acentua e reforça o sentimento de ‘*Britishness*’, um sentimento de pertença e de identificação com uma comunidade que partilha a mesma origem e/ou motivações semelhantes para a migração. Uma vez que os laços com a comunidade de origem (família, vizinhança e tudo o que era familiar ao ‘*lifestyle migrant*’) se desvanecem, há a tendência para compensar essa perda reforçando os laços de pertença à comunidade de residentes britânicos (Benson & O'Reilly, 2009).

A análise dos média minoritários direcionados à comunidade britânica, e neste caso concreto, das cartas ao editor, podem abrir uma janela sobre a representação da identidade e da alteridade desta mesma comunidade. Ressalva-se o caso particular de que estes média minoritários produzidos e consumidos por esta comunidade em particular desempenhem um papel semelhante ao de outros, demonstrando, todavia, ‘singularidades relacionadas com a sua população-alvo’ (David, 2015: v), uma vez que, ainda citando David, ‘*facilitam processos de transição entre categorias que associam turistas e migrantes*’, e ‘*ao reproduzir uma translocalidade (Appadurai, 1996), a rádio indicia e alimenta nos “expatriados” uma postura que é simbólica e materialmente ligada ao Reino Unido, assim como a outras “vizinhanças” ainda que permanecendo, simultaneamente, orientada para a apropriação do Algarve como “casa”*’ (2015: v).

Os média minoritários ou diaspóricos no Algarve dirigidos à comunidade britânica (compostos por uma estação de rádio, dois jornais e uma revista, jornais online e outros *websites* de notícias) aliados a inúmeras associações com os mais variados propósitos, criadas por e para expatriados, bem como uma ‘*linguistic landscape*’ (Torkington, 2009), em que a língua inglesa é omnipresente, seja em placares, no comércio ou em

instituições públicas e desempenham um papel de reforço da identidade cultural britânica no Algarve, criando o que poderemos denominar de uma ‘bolha britânica’.

Tanto o *The Portugal News* como o *Algarve Resident* desempenham um importante papel na vida dos expatriados, pois proporcionam um elo de comunicação, tanto entre a própria comunidade britânica (por vezes geograficamente bastante dispersa), bem como com a realidade da comunidade portuguesa e algarvia. Ambas as publicações têm uma ‘readership’ fiel, uma comunidade de leitores devotos, que conta com os jornais para darem conta (em inglês) das notícias do país e do Algarve, além de iniciativas locais, para que possam colmatar a falta de integração na comunidade portuguesa e proporcionar um sentimento de pertença geográfica, comunal e afetiva com os portugueses. A imprensa em língua inglesa faz parte do ‘Lifeworld’<sup>36</sup> da comunidade que a consome, uma vez que as interações e práticas dos indivíduos se baseiam em costumes e tradições culturais para construir a sua identidade.

Enquanto outros programas de rádio dirigidos a minorias podem começar e acabar bastante rapidamente, havendo uma alta rotatividade nos tipos de programa e do público a quem são dirigidos, uma vez que acompanham a evolução dos fluxos migratórios<sup>37</sup> (David, 2012), tal não é o caso do *The Portugal News* e do *Algarve Resident*. O primeiro conta já com 41 anos de atividade e o segundo 29, demonstrando que continuam a haver razões para a sua existência, uma vez que comunidade britânica se tem mantido e até crescido.

#### **3.1.4. A esferícula pública britânica**

Siapera (2010: 94) atribui a criação dos média minoritários ao facto de os grupos étnicos e culturais não terem representação adequada e uma voz nos média convencionais, sentindo por isso a necessidade de criar os seus próprios média e o seu próprio espaço de representação. A mesma autora argumenta que a existência deste tipo de média reflete, por um lado, a exclusão de que as minorias são alvo, enquanto que por

---

<sup>36</sup> Jürgen Habermas teoriza o conceito de ‘Lifeworld’ no campo sociológico em *The Theory of Communicative Action* (1986) como o universo de competências e práticas e atitudes de cada indivíduo, algo semelhante ao Habitus (Bourdieu). De acordo com Habermas, a comunicação é a base da teoria social e ‘Lifeworld’ diz respeito ao conjunto de significados linguísticos consolidados social e culturalmente.

<sup>37</sup> I. David refere-se a programas de rádio direcionados a minorias étnicas e entretanto descontinuados, porque o público-alvo voltou a migrar para outros destinos.

outro, constitui um sinal da necessidade que as minorias sentem de ter o seu próprio espaço mediatizado.

Conforme já foi referido anteriormente, embora constituindo uma minoria<sup>38</sup>, os britânicos não são um segmento de migrantes desprotegidos social e economicamente, como acontece com os migrantes de cariz económico. Ao contrário destes últimos, que necessitam de apoio governamental e institucional para implementar um espaço público para dar voz à sua comunidade, a comunidade britânica foi estabelecendo pelos seus próprios meios um espaço próprio, não necessariamente porque fosse excluída, como refere Siapera (2010: 94), mas porque sentiu necessidade de criar um espaço e voz pública sua.

Este espaço mediatizado pode, segundo Siapera (2010: 94), ser considerado uma ‘esfera pública’<sup>39</sup>. Todd Gitlin (1998), decompôs o conceito, avançando com a ideia de ‘*public sphericules*’, esferas com a sua dinâmica e constituição próprias. Questionando a validade da ‘esfera pública’ no mundo contemporâneo, considera que ‘*the unitary public sphere is weak, riddled with anxiety and self-doubt*’ (Gitlin, 1998: 170), a sua completude e capacidade democratizadora são uma utopia. No entanto, considera que a idade digital veio potenciar subgrupos de audiência e a formação de média segmentados e especializados: ‘*distinct communities of information and participation are multiplying, robust and brimming with self-confidence.*’ (Gitlin, 1998: 170). Assim, considera desnecessária a existência de uma esfera pública única ‘*as long as segments constitute their own deliberative assemblies*’ (Gitlin, 1998: 173).

Em Espanha, nomeadamente em áreas costeiras vocacionadas para o turismo, e, podemos acrescentar que à semelhança do que acontece no Algarve, O’Reilly (2007: 280) constata que os migrantes europeus podem ser descritos como ‘*the archetypal post-modern migrant*’, i.e., indivíduos, que devido às inovações tecnológicas na área dos transportes e comunicações, bem como na organização política mais flexível (UE sem fronteiras), detêm uma posição permeável entre turista e migrante, uma mobilidade que lhes permite transitar periodicamente de um sítio para outro, incorporando a noção

---

<sup>38</sup> As estimativas feitas pelo Consulado Britânico citadas por David (2012: 8) dão conta de que os britânicos constituam cerca de 10% da população total do Algarve.

<sup>39</sup> Habermas introduziu o conceito de ‘*public sphere*’, como sendo um espaço aberto de debate, com origem na sociedade civil e conferente de equivalência democrática. Cunnigham (2001: 132) define-o como ‘*a space of open debate standing against the state as a special subset of civil society in which the logic of ‘democratic equivalence’ is cultivated*’.

de *'placeless capital'* e *'homeless subject'* (Papastergiadis, 2000 citado em O'Reilly, 2007: 281). Uma vez que saltitam, muitas vezes entre um país e outro, e a razão da sua migração não se prende com motivos económicos ou de asilo político, *'no one expects them to assimilate; they happily retain their own cultures and construct transnational communities that transcend place'* (O'Reilly, 2007: 281).

O estatuto conferido a este tipo de migrante, que não é visto como 'ameaçador' pela população do país de acolhimento (não ameaça empregos, não compete com os nativos por recursos económicos e sociais do país, muito pelo contrário), é bastante liberal, no sentido em que uma vez que trazem riqueza e que devido ao turismo, fomentam a criação de emprego (ou são imaginados e representados assim, na sua globalidade) e é-lhes conferida a liberdade de se integrarem ou não. Ribeiro, num estudo sobre *lifestyle migrants* e *working migrants* no Algarve demonstra, relativamente ao último grupo, que as *"host" communities have the legitimate expectation that migrants will become competent in the language of the host country'*, uma vez que o domínio da língua *'opens the door to the job market'* (Ribeiro, 2015: 240) e constitui o factor principal para a integração (Filhon, 2013, Adsera e Pytlikova 2012: 1 *apud* em Ribeiro, 2015). No entanto, tal tipo de assimilação/ integração não parece ser exigido aos *lifestyle migrants*, que, apesar de, na maior parte dos casos, estarem no país há mais tempo do que os emigrantes da Europa de leste (Ribeiro, 2015: 245), *'the native English-speakers engage predominantly in a monolingual practice (...) They do not seem to value learning the local language and their daily life does not seem to require being proficient in Portuguese'* (*idem*, 2015: 242). Ribeiro acrescenta que a língua inglesa é usada pelos *lifestyle migrants* *'not as a collective cultural capital or as a positive ("integrative") disposition, but rather as a self-secluding device'*, prática essa validada pela prática monolinguística e hegemónica da língua inglesa na indústria turística (*ibidem*: 252).

Assim, assistimos, no Algarve, à existência de uma esferícula pública britânica (David, 2012: 6), criada pelos media minoritários locais em língua inglesa (imprensa, websites e rádio), bem como pelos media convencionais (internet e televisão<sup>40</sup>) ingleses, que estão disponíveis 24 horas por dia, criando uma 'bolha britânica', que David denomina de *'Allgarve'*, definido como o *'isolamento artificial da realidade social anglófona e*

---

<sup>40</sup> UK TV and BBC TV

*britânica*’, recorrendo ao conceito de ‘*locality*’ proposto por A. Appadurai (David, 2012: 10).

David (2012: 8) refere que, ao contrário do que se poderia esperar, ao analisar as ligações da estação de rádio que investigou, encontrou mais relações com o Reino Unido, Espanha ou Gibraltar do que com Lisboa. Isto revela a existência de ligações mais fortes entre as esferículas públicas de vários destinos turísticos e de *lifestyle migration* do que com o próprio país de acolhimento.

Ao mesmo tempo que argumenta que, a partir de uma perspetiva negativa, os média convencionais ignoram ou mercantilizam a diversidade cultural, Siapera (2010: 94) considera que detêm um importante papel na formação de média minoritários: ‘*it gave rise to a group of media that understand themselves as serving exclusively their own communities. In certain historical and social contexts this was the inevitable result of outright exclusion.*’ (Siapera, 2010: 94)

Claro está que a maior parte dos autores que cito neste trabalho (Siapera, 2010; Georgiou, 2013; Cunningham, 2001) debatem o assunto dos média minoritários debruçando-se sobre movimentos migratórios bastante diferentes daqueles em que os britânicos no Algarve estão envolvidos. No entanto, seja a minoria mais ou menos afluyente, os média minoritários desempenham um papel importante se entendidos como ‘*spaces where minorities increasingly communicate interests, make claims and mobilize identities*’ (Georgiou, 2013) e para compreender a representação da sua cultura, ideologias e identidade.

Ainda explorando esta ideia, (Georgiou, 2013: 81) argumenta que o conhecimento que temos do mundo e dos outros é, de certa forma, mediatizado, sendo os média os espaços onde as identidades são mobilizadas, moldadas e apresentadas publicamente. O advento da internet veio permitir que as esferículas não estejam confinadas a um território geográfico, permitindo aos participantes ‘*construct and share discourses of subjectivity around a deterritorialized and mediated sense of sel.*’ (Georgiou, 2013: 92).

## 3.2. Cartas ao Editor

### 3.2.1 Introdução

É comum na imprensa haver uma secção dedicada à opinião dos leitores, da maior importância para o jornal como um meio de identificar *‘public concerns and issues, contributing to a forum for the discussion of those issues, making readers feel represented, and lending variety to the editorial page’*. (Hynds, 1991: 134 *apud* Wahl-Jorgensen, 2006: 243). As cartas ao editor (doravante designadas por CaE) são parte integrante de muitos jornais e revistas e desempenham um importante papel na relação entre uma publicação e o seu público, uma vez que procuram recrear *‘the preoccupations and discourse of their readership’* (Richardson, 2007: 149). Raeymaeckers refere a este propósito que *‘readership research shows that in all newspapers that carry them, the letters to the editor are widely read and highly valued.’* (2005: 199).

A secção de CaEs torna-se ainda mais importante na imprensa local, que possui poucos meios para levar a cabo sondagens e estudos de opinião e cuja missão é *‘to carve out a distinct local identity for itself’* (Wahl-Jorgensen, 2002b: 187). A autora aponta três motivos para a relevância das CaE na imprensa local:

1. As CaE reforçam os laços entre os jornais e as suas comunidades, exerce uma função de relações públicas e constitui uma ferramenta para manter e reforçar os números de venda e circulação;
2. A secção de CaE proporciona *feedback* sobre a área de cobertura do jornal (embora hoje em dia a análise dos acessos ao jornal através da internet proporcione ao painel editorial úteis dados sobre o número e a localização dos acessos à sua página, entre outra informação relevante);
3. As CaE são uma fonte de ideias para assuntos e histórias de interesse para o público-leitor do jornal a serem trabalhadas e destacadas em edições futuras; (Wahl-Jorgensen, 2006: 243-244)

Richardson refere que as secções de cartas de leitores na imprensa *‘aim to include readers - both symbolically and literally’* (2007: 149), tornando os leitores uma parte integrante do jornal. As CaE permitem aos leitores o comentário e expressão da sua

opinião sobre um tema/notícia de interesse coletivo e pode, por esse motivo, ser entendido como um modo de comunicação e debate público, uma vez que tem um propósito democrático (Torres, 2011). A mesma ideia é defendida por Wahl-Jorgensen (2002: 69), sublinhando o facto de que *‘the letters-to-the-editor section is one of a few arenas for public discussion by regular citizens’* ou, conforme é por vezes descrita pelos editores, *‘a “wailing place” (White, 1968) or a site to vent one’s frustrations’* (Wahl-Jorgensen, 2001: 314).

Para além disso, Wahl-Jorgensen (2002a: 69) faz notar que as CaEs são uma instituição-chave da esfera pública proposta por Habermas (1989). Comparável ao espaço das cartas ao editor noutros meios de comunicação social são os programas de antena aberta na TV ou rádio, ou mesmo os comentários nas páginas online da imprensa, em que membros do público podem fazer a sua contribuição. Mais recentemente, as redes sociais, fóruns e publicações online vieram alterar e desestabilizar as relações de poder na esfera pública, com a emergência de fatores como o *‘citizen journalism’* e *‘user-generated content’*, na medida em que os próprios cidadãos muitas vezes desempenham o papel de *‘jornalistas acidentais’* (Wahl-Jorgensen, 2014: 8).

As CaE têm sido alvo de bastante interesse no domínio do estudo das práticas editoriais e no campo da representação democrática possibilitada, permitida (ou negada) e selecionada através desta instituição da imprensa. Esta faceta é importante para a presente investigação, na medida em que compreender que CaE são selecionadas e quais os critérios para a sua escolha se liga à posição de poder detido pelo quadro editorial para determinar que tipo de debate ocorre nas suas páginas e que vozes são ouvidas ou silenciadas, num diálogo mediado. Wahl-Jorgensen (2002a: 71) analisa o discurso editorial para pôr a nu a ideologia não-intencional por detrás dele no que diz respeito aos critérios de seleção.

Nesta secção irei examinar que papel as CaE desempenham nos jornais da minha pesquisa, enquanto elo de ligação de uma comunidade imaginada, aferir como são selecionadas as cartas para publicação e determinar que cartas e contribuições são preferidas pelos editores e que tópicos e debates são mais difundidos. A totalidade das CaE do *corpus* do presente trabalho foram retiradas das plataformas online de ambos os

jornais, sendo que estamos perante uma mescla de ‘*old and new media*’ McElroy (2013: 755).

### 3.2.2. Critérios de seleção

Raeymaeckers problematiza a questão da análise das cartas ao editor que são efetivamente publicadas e considera que é necessário ser cauteloso na aferição de dados, uma vez que *‘the selection procedure or mechanism used by the editorial staff is a crucial element in the discussion of the significance of readers’ letters. Over and above that, there is the intriguing question of how and to what extent the letters that get printed differ from their original version in form and content’* (2005: 200) . Os editores e as escolhas das diretrizes que aplicam na escolha de notícias e de CaEs para o seu jornal são de extrema importância, uma vez que eles funcionam como os *‘gatekeepers’ of public debate (...)* through their selection and editing, as well as through phone conversations and other interactions with letter writers, they play an active role in shaping the discussions of local communities’ (Wahl-Jorgensen, 2006: 222).

Kapoor (1995) levou a cabo um estudo-marco sobre CaE nos EUA, que serviu de base para a análise das práticas de seleção das CaE nos jornais analisados no decurso deste trabalho de pesquisa. Não obstante o levantamento dos dados estar datado e desatualizado, as questões criadas por Kapoor (1995) para compreender as práticas editoriais em causa, continuam a ser relevantes, pelo que as levarei em conta relativamente às práticas editoriais dos jornais em análise e à sua influência nas seleção das CaE.

De acordo com o estudo de Kapoor, os jornais podem ser divididos em 3 categorias, conforme a sua tiragem: jornais grandes (1000,001-5000,000+), médios (25,001-100,000) e pequenos (>25,000). Tanto o TPN como o A/PR recaem na categoria de jornais pequenos, com tiragens inferiores a 25,000 exemplares. A pesquisa de Kapoor concentra-se em várias práticas editoriais relativamente às CaE, nomeadamente:

1. Número de cartas recebidas mensalmente
2. Alterações no volume de cartas recebidas
3. Estudo (ou ausência dele) sobre a comunidade de leitores

4. Mudanças nos recursos humanos relativamente à coluna de cartas ao editor nos últimos 10 anos.
5. Mudanças na percentagem de cartas publicadas
6. Limite de palavras
7. Rejeição automática de cartas (cartas anónimas, ou de ataque às políticas do jornal)
8. Rejeição não-automática de cartas (anonimato, ataques pessoais)
9. Língua e gramática
10. Frequência de publicação de cartas pelo mesmo autor
11. Publicação dos nomes dos autores das cartas
12. Edição das cartas

Wahl-Jorgensen tem produzido extensa investigação no campo das CaE (2001, 2002a, 2002b, 2006, 2014) e argumenta que os editores têm um papel muito relevante no discurso público, porque são eles que determinam que tipo de debate ocorre nas CaEs dos seus jornais, construindo o público das cartas através da sua mediação cultural (Cottle, 2000: 443 citado em Wahl-Jorgensen, 2002a). Detêm uma posição de poder, porque determinam quais as vozes que são ouvidas e privilegiadas e as que não têm representação (Wahl-Jorgensen, 2002a: 70). Através da observação das práticas editoriais e de entrevistas aos quadros editoriais de jornais da área de São Francisco, EUA, Wahl-Jorgensen centra-se nas regras básicas, de natureza procedural, conforme são enunciadas pelos próprios quadro editoriais e apura a existência de 4 regras de seleção de CaEs: relevância, entretenimento, brevidade e autoridade.

Estes critérios não estão institucionalmente estabelecidos, e na maior parte dos casos, os editores não estão conscientes da sua existência, o que aponta para ‘*the profoundly systematic, socially grounded origins of the rules of selection*’ (Wahl-Jorgensen, 2002a: 71). As regras de seleção surgem da base para o topo, i.e., emergem das práticas editoriais, não sendo critérios previamente estabelecidos que são depois seguidos. A análise conduzida por Wahl-Jorgensen (2002a) remete-nos para o que Stuart Hall refere como sendo o carácter quase ‘espontâneo’ da ideologia: “*ideology is a function of the discourse and the logic of social processes, rather than an intention of the agent*” (Hall, 1982: 88 *apud* Turner, 2003: 176).

Nielsen (2010: 26-30) também propõe 6 critérios de seleção de CaE, com base nos resultados das suas entrevistas com editores da imprensa dinamarquesa:

1. **‘News value’**, que apresenta uma certa correspondência com as regras da relevância e entretenimento (Wahl-Jorgensen, 2002). Dá relevo a CaE sobre assuntos, que façam parte da atualidade noticiosa (*‘novelty’*) e que primem pela originalidade (*‘originality’*). Ao contrário das notícias, onde se procura o consenso e a concordância, nas CaE *‘letter editors emphasize the importance of the surprising, extraordinary, and sometime controversial, original angle’* (Nielsen, 2010: 27).
2. **‘Textual quality’**, semelhante às regra da autoridade e brevidade (Wahl-Jorgensen, 2002). Privilegia um estilo *‘that strike[s] the balance between the personal and the professional’* (idem: 27) e os mesmos requisitos que são considerados fundamentais nos artigos do jornal: clareza e brevidade, bem como a consonância com o gênero de CaE usual do jornal, nomeadamente no que diz respeito à extensão.
3. **‘Speed’**. A rapidez diz respeito, principalmente, aos jornais diários, mas pode eventualmente ser um requisito para publicações com outra frequência de publicação. Uma vez que, como é referido na primeira regra, se privilegiam assuntos da atualidade, serão mais facilmente publicadas as primeiras CaE sobre esse assunto a chegarem à redação, sendo que, quanto mais demoradas, tanto mais deixa de fazer sentido publicá-las porque *‘the news agenda will have moved on’* (Nielsen, 2010: 28).
4. **‘Individualized representation’**. Por definição as CaE são *‘an individual representation of points of view’* (idem: 28), onde predomina o discurso subjetivo. Pelo contrário, as notícias, privilegiam um tipo de discurso impessoal, omitindo marcas de 1ª pessoa e frequentemente citando terceiros ou usando o discurso indireto para comunicar o que foi dito por outrem (que frequentemente é uma entidade coletiva, como por exemplo o governo). Tal vai ao encontro das conclusões de Wahl-Jorgensen (2002) sobre a preferência dos editores por uma visão pessoal.
5. **‘Fairness’** diz respeito ao imperativo de ouvir e dar voz aos dois lados de uma história, bem como conferir o direito de resposta. Os editores privilegiam a *‘plurality of participation’ over representativeness of representation’* (Nielsen, 2010:29).

6. ‘**Disagreement**’, que de acordo com os resultados apurados por Nielsen, é um fator desejável, porque ‘the essence of good debate is *disagreement*.’ (2010: 29). As CaE geralmente expressam discordância por três motivos: desacordo com a cobertura jornalística de determinado tema, com uma CaE anterior e, finalmente, a respeito de acontecimentos externos, que podem (ou não) ter sido noticiados.

As práticas editoriais de seleção das CaE nos jornais pesquisados por Raeymaeckers partilham alguns dos critérios propostos por Wahl-Jorgensen (2002b) e Nielsen (2010): ‘*the topicality of the subject of the letter, a lively style with clearly formulated lines of reasoning and the novelty of the arguments*’ (2005: 209).

### **3.2.3. Práticas de seleção editorial no *Algarve/Portugal Resident* e *The Portugal News***

Tanto o TPN como o A/PR foram contactados várias vezes, no sentido de obter uma entrevista com ambos os quadros editoriais sobre as suas práticas editoriais relativamente às CaE, mas sem resposta. No entanto, é possível responder a algumas das questões mediante a análise e leitura das secções de cartas ao editor, das próprias cartas e da análise da sua evolução ao longo do tempo.

No que diz respeito ao número de cartas recebidas mensalmente, não possuo dados, nos quais me possa basear, mas o TPN ronda as 6-10 cartas publicadas por edição, dependendo do tamanho das mesmas. Era costume ocupar uma página do jornal, em conjunto com uma secção de língua portuguesa dinamizada por uma professora de português, mas a partir de 2018 (e em algumas edições de 2017) a secção de CaE passou progressivamente a ocupar apenas meia página, regra geral.

No caso do *Algarve Resident*, em 2013 e até junho desse ano, o jornal tinha publicado 110 cartas, o que perfaz uma média de 5,58 cartas por semana. Foi, entretanto, adquirido pela Open Media e houve um hiato temporal sem cartas, tendo estas voltado a surgir a partir de outubro de 2013. No entanto, as CaE deixaram de ter um espaço dedicado na versão escrita e passaram a estar presentes apenas na versão online do jornal, notando-se imediatamente um decréscimo acentuado no número de cartas

publicadas. Nas 12 semanas restantes de 2013 foram publicadas no site 22 cartas, o que perfaz uma média de 1,83 cartas por semana. Em 2017 houve apenas 41 cartas publicadas, o que não chega a uma carta por semana (0,788). O decréscimo foi maior no A/PR do que no TPN, mas a mesma tendência tem vindo também a verificar-se neste último mais recentemente, podendo concluir-se que, devido a vários fatores, a carta ao editor poderá estar a perder importância entre os leitores/escritores, ao contrário das conclusões obtidas por Raeymaeckers, que dão conta de ‘*an increasing proportion of readers [who] are putting pen to paper*’ (2005: 208).

Podemos apontar algumas razões para este facto: uma menor ênfase dos novos editores do A/PR na participação dos leitores, embora isso não explique o mais recente decréscimo do número de cartas do TPN. Poderá estar relacionado com o envelhecimento dos leitores/escritores, que (menos familiarizados com as novas tecnologias) elegiam a carta como meio privilegiado de participação pública e com o aumento dos novos meios de participação, nomeadamente os comentários no final de cada notícia. Esta funcionalidade permite, com muito maior rapidez e conveniência opinar sobre o assunto em epígrafe. No entanto, também pude observar que raramente é utilizado. A maior parte dos comentários às notícias podem agora ser encontradas na página de ambos os jornais nas redes sociais *facebook* e *twitter*, embora sem grande representatividade, uma vez que, na maior parte das vezes se resume a emoticons/likes e quando há comentários, raramente excedem os dois ‘*posts*’. Restam como motivações para escrever cartas ao editor outros assuntos, que não são provenientes de um ‘*feed*’ de notícias e que preocupam ativamente os leitores/escritores.

No que diz respeito a estudos (ou ausência deles) sobre a comunidade de leitores, o TPN tem realizado alguns, com início em 1989 e seguimento em 2009 e 2012 intitulados ‘*What expats want*’. O estudo de 2009 não revela o número de respondentes e em 2012 é de próximo de 1,000. Estes dão alguma informação demográfica sobre os respondentes, as suas preferências ao nível da educação para os descendentes, mas concentram-se principalmente nos hábitos de consumo dos respondentes na área da banca, marcas de automóveis, supermercados, companhias aéreas e telecomunicações. Acrescenta ainda informação sobre as maiores áreas de preocupação/aborrecimento para os *expats*.

Em termos de política de rejeição de cartas, ambos os jornais parecem não ser muito rígidos, talvez por não receberem um volume de cartas que permita ou justifique a seleção das melhores. A este propósito, Wahl-Jorgensen acrescenta que as práticas editoriais em termos de seleção de cartas ‘*vary according to the ebb and flow of letters*’ (2006: 246). A política de correio de leitores dos jornais analisados pode ver-se na tabela abaixo:

<i>Algarve/Portugal Resident</i>	<i>The Portugal News</i>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Comentários e opiniões dos leitores serão bem-vindas.</li> <li>2. As cartas não deverão conter mais de 300 palavras.</li> <li>3. Toda a correspondência deverá estar assinada pelo autor e incluir contacto telefónico e endereço postal do mesmo.</li> <li>4. O nome do autor só será omitido por razões justificáveis, à discrição do Chefe de Redação.</li> <li>5. O Algarve Resident reserva-se o direito de selecionar as cartas dos leitores consoante o espaço, clareza, estilo e critério pessoal.</li> <li>6. O jornal reserva-se o direito de não publicar comentários que considere ofensivos.</li> </ol>	<p><i>‘The opinions expressed here are those of our readers and not necessarily of The Portugal News. The editor reserves the right to edit letters or refuse publication. Send your letters, which must include your name and full postal address and should preferably be under 300 words, to: The Portugal News, Apartado 13, 8401-901 Lagoa. Email: <a href="mailto:letters@theportugalnews.com">letters@theportugalnews.com</a>’</i></p>

Tabela 3.1.: Política de correio dos leitores dos jornais TPN e A/PR

Ambos os jornais salvaguardam a possibilidade de edição da carta ou seleção mediante a sua legibilidade, conferindo ao editor o papel e o poder de ‘*gatekeeper*’, de decisor sobre o que é ou não passível de publicação e também um ‘*enabler of participation*’ (Nielsen, 2010: 21). Kapoor (1995) refere como motivos frequentes para a rejeição de cartas, as que têm por tema agradecimentos ou temáticas de índole pessoal. No TPN e A/PR, a par das habituais cartas que dão conta do descontentamento com a burocracia

ou da dificuldade em pagar portagens na A22, encontram-se igualmente cartas de agradecimento, poemas religiosos e de aconselhamento pessoal (alertando para o perigo da diabetes ou do tabaco, por exemplo), o que está em consonância com a ressalva feita também por Kapoor (idem), que refere que a rejeição de cartas desta natureza é frequente, principalmente nos jornais de maior dimensão, mas não tanto nos de pequena e média dimensão. Wahl-Jorgensen refere que, embora os editores não apreciem as cartas de agradecimento, a sua brevidade torna-as úteis como ‘fillers’ e também reconhecem a sua importância enquanto cartas que fomentam a existência de ‘community spirit’ (2006: 223-4).

A regra da relevância para as CaE, enunciada por Wahl-Jorgensen segue o mesmo raciocínio da regra de relevância observada para as notícias a serem publicadas: ‘news items that are relevant, timely, of general interest, about important and topical issues’ (2002: 73). Tal significa, segundo a autora, que os leitores/escritores têm maior hipótese de verem as suas cartas publicadas se os tópicos ocuparem ‘a legitimate place in the public debate by virtue of newsworthy events or actions by institutions or other sources of authority’ (Wahl-Jorgensen, 2002: 73). Desta forma, pode afirmar-se que a introdução de tópicos da autoria dos leitores/escritores não é encorajada e na maior parte das vezes, poderá não ver alocado espaço de debate. No entanto, este não é o cenário a que assistimos no TPN e A/PR: pode afirmar-se que a maior parte das cartas surge como uma reação à publicação de uma notícia, mas muitas lançam novos assuntos, narram situações caricatas, falam de preocupações, dúvidas ou revolta e nesse processo, criam uma identidade social, endogrupos (‘us’) e exogrupos (‘them’).

Nielsen (2010: 30-32) propõe três géneros de CaE (*storytelling*, *criticism* e *appeal*) e conclui que a maioria das CaE que analisou recaem na categoria de ‘storytelling’, o que também se verifica nos jornais A/PR e TPN. No TPN e A/PR surgem igualmente cartas pedindo aconselhamento a vários níveis, a que tanto leitores como até por vezes o editor responde, com o objetivo de auxiliar a comunidade em geral. Tal acontece devido ao carácter de prestação de serviço que ambos os jornais têm junto da comunidade de expatriados britânicos no Algarve, ‘the readers, the customers of the newspaper’, como Wahl-Jorgensen (2001: 311) lhes chama, nomeadamente através da publicitação de bens e serviços para a comunidade de expatriados e baseado no seu consumo. Bromley, no estudo que fez do mercado norte-americano, conclui que as CaE deveriam ser definidas

como *'a business orientation founded on a faith in marketing practices'* (Bromley, 1998 *apud* em Raeymaeckers, 2005: 203).

Ambas as publicações impõem um limite de 300 palavras, o que vai ao encontro da regra de brevidade (Wahl-Jorgensen, 2002a: 75), mas no TPN e A/PR há casos de cartas que excedem em muito esse limite. Há também escritores recorrentes e leitores que escrevem para ambos os jornais. Regra geral, as CaEs dos jornais regionais ou locais refletem os debates e as preocupações importantes para o bem-estar da comunidade, e abrange uma grande variedade de temas (Wahl-Jorgensen, 2006: 224). *'Such profoundly localised debates are remarkably similar across newspapers and regions. They are the 'issues that matter everywhere'* (Keighley, 2005 *apud* Wahl-Jorgensen, 2006:224).

Uma das razões mais comumente apontadas pelos jornais para a rejeição de cartas dos leitores no estudo de Kapoor (1995) prende-se com o (mau) uso da língua e gramática e embora 59,1% não façam uso deste fundamento para rejeitá-las, 36,5% *'say good grammar improves chances of publication'*. (Kapoor, 1995). Wahl-Jorgensen (2002a: 76-77) designa este critério como a regra da autoridade, que embora não sendo expressamente enunciada pelos editores, por não ser uma escolha consciente, *'is built into the structure of the newspaper business, which depends on eloquence and readability for its success. It has to do with selecting culturally specific forms of competence for participation in public conversations'* (idem: 76). Esta regra manifesta-se de maneira complexa e dissimulada ao ser dada preferência a cartas *'that adhere to cultural standards of eloquence and expertise'* (ibidem: 77). Assim sendo, não basta que o leitor/escritor domine as competências básicas de expressão escrita, sendo necessárias três tipos de competências culturais para codificar e decodificar um texto: ortografia, gramática e capacidade de persuasão (Bourdieu, 1984: 2 *apud* Wahl-Jorgensen, 2002a: 77).

O critério da autoridade está definido como condição para a publicação das cartas, tanto no A/PR (*'O Algarve Resident reserva-se o direito de seleccionar as cartas dos leitores consoante o espaço, claridade, estilo e critério pessoal.'*), como no TPN (*'The editor reserves the right to edit letters or refuse publication'*). Tal facto é de particular importância, pois à partida, é dada preferência a vozes, cujo capital cultural (Bourdieu, 1984) lhes permite dominar os recursos para produzir um discurso em conformidade

com o registo e género da carta ao editor. Se não estiver de acordo com esses padrões, o corpo editorial reserva-se o direito de o editar e, em último caso, de o rejeitar. Nesse sentido, o comentário é uma forma de discurso muito mais democrático do que a carta ao editor, visto que é mais acessível a indivíduos com vários graus de capital cultural. A utilização de um género específico, como é o das CaE impede o acesso universal à deliberação pública intersubjetiva advogada por Habermas (Wahl-Jorgensen, 2002a: 78).

Wahl-Jorgensen (2002a: 70) aponta para uma taxa de rejeição de 20% no caso dos jornais pequenos, com uma tendência crescente nos jornais maiores. O que observei ao longo dos anos na secção de cartas ao editor publicadas no TPN e AP/R, juntamente com a tendência decrescente generalizada no número de cartas leva-me a crer que a taxa de rejeição nestes jornais deva provavelmente ser bastante baixa, o que vai ao encontro das conclusões de Wahl-Jorgensen (2006: 222), que refere que os editores dos jornais regionais que investigou publicam a maioria das cartas que recebem (60 a 90%), estando o seu papel de *'gatekeepers'* mais limitado do que o de editores de jornais de nível nacional. Nas CaE que recolhi para o corpus há pelo menos um caso de um erro ortográfico não corrigido, que caso a carta tivesse sido editada, certamente não apareceria no *website*. Geralmente, o estilo das cartas é cuidado e apresenta um raciocínio fácil de seguir pelos leitores, mas saber qual terá sido o papel do editor no produto final é extremamente difícil de aferir (Mémet, 2005: 83), principalmente sem a confirmação dos quadros editoriais dos jornais estudados acerca das suas práticas de edição.

Wahl-Jorgensen, examina os critérios usados pelos editores para selecionar CaE e como aqueles contribuem para construir o público *'by privileging certain forms of expression, and suppressing others'* (2001: 303), tendo por enquadramento teórico a filosofia política. Nesse estudo, a autora distingue entre três tipos de publicidade: *'exhibitionist'*, *'dialogist'* e *'activist'*. O primeiro tipo de publicidade *'is distinct in its emphasis on the centrality of individual identity'* (idem: 308), referindo-se às CaE *'by the individual readers who want to express their emotional involvement or personal grievances'* (Raeymaeckers, 2005: 202). *'Dialogist publicity'* enfatiza o *'diálogo democrático entre grupos e indivíduos'* e *'activist publicity'* centra-se no *'confronto entre grupos que procuram obter vantagem nos seus objetivos políticos'* (Wahl-Jorgensen, 2001: 303).

As preferências editoriais nos jornais regionais e locais britânicos estudados por Wahl-Jorgensen (2001; 2006) relativamente à seleção de cartas aos editores têm alguns aspetos em comum com o que constatei no TPN e A/PR: primeiramente, os editores dão preferência a histórias pessoais (vistas como mais emocionais, humanas, autênticas e idiossincráticas) em vez de debates políticos ou ideológicos, uma vez que a *'top priority for the letters section is to allow regular readers a say'* (Wahl-Jorgensen, 2006: 225). Esta preferência dá azo a que grande parte das CaE recaia na categoria de *'exhibitionist publicity'*. Tal dá origem à *'privatização do espaço público'* (Wahl-Jorgensen, 2001: 314), uma vez que o espaço público da secção de CaE se torna *'the stage for the exhibition of individual identity and stories, tied in with issues of shared interest, but fundamentally concerned with showcasing the authenticity inherent in speaking "from the heart," the authenticity that happens when the personal and the political intersect in public'* (Wahl-Jorgensen, 2001: 314).

Em segundo lugar, os editores do estudo citado preferem cartas de novos leitores-escritores em vez das de autoria de leitores-escritores repetentes, uma vez que a sua insistência em *'pet issues'* (*idem*: 226) pode conferir monotonia à secção e porque o que se pretende é a maior diversidade de vozes possível. No entanto, conforme foi atrás referido, no A/PR e TPN existem casos de várias CaE do mesmo autor publicadas.

No caso do TPN e A/PR, há uma clara proeminência (intencional ou não) de assuntos que estejam relacionados com questões de preocupação, interesse ou de dúvida comuns à comunidade de expatriados no Algarve, nomeadamente de carácter passível de ser atribuído a *'exhibitionist publicity'*, de acordo com a definição de Wahl-Jorgensen (2001) ou *'storytelling'*, na conceção de Nielsen (2010), mas também de argumentação, de acordo com Richardson. Há um carácter de ajuda e esclarecimento, uma vez que a dúvida, questão ou reclamação apresentada por um leitor-autor pode ser (e provavelmente será) comum a muitos outros. Presta-se assim um serviço ao indivíduo e à comunidade.

*Overall, then, the preference of editors is for letters that are written by private individuals about very personal experiences. This makes for what they perceive as a more engaging public debate, but also one which is*

*less political, focused as it is on privatised story-telling, rather than matters of common concern. (...) However, because papers publish almost every letter they receive, their preferences rarely translate into practices of selection. As a result, the letters pages of British local papers continue to be an idiosyncratic mix'* (Wahl-Jorgensen, 2006: 227)

Tal como no caso das conclusões referidas na citação anterior, o mais provável é que tanto o A/PR como o TPN publiquem a quase totalidade das cartas recebidas, dado o baixo volume das mesmas, não podendo fazer grandes escolhas a nível editorial. No caso de autores repetentes, em 2013 o A/PR tem 4 cartas do mesmo autor, tornando-se ele próprio um '*pet writer*', cujas cartas eram recebidas com bastante interesse pela comunidade de leitores. Este facto confirma o que Raeymackers constatou no seu estudo sobre CaE na imprensa flamenga, sobre a existência de grupos de '*regular writers, some writing more than one letter a day on the widest variety of subjects, sometimes to different newspapers*' (2005: 211). Surgem poucas cartas de cariz político e as que de facto são publicadas geralmente geram poucas ou nenhuma resposta e diálogo posterior, como se não houvesse interesse em discutir esse tipo de assunto ou dar seguimento a essa linha de raciocínio por parte do resto da comunidade.

Outra das exigências prende-se com a necessidade de incluir a identificação do autor. É frequente, tanto no TPN como no A/PR a menção do nome e localidade do autor e, por vezes, o meio usado para fazer chegar a carta à redação (via correio eletrónico, por exemplo). Acontece também que a carta seja publicada sem o nome e localidade do autor, presumindo-se que os dados são conhecidos dos jornais, mas não publicados, provavelmente a pedido do autor. Nesse caso, no local da assinatura surge '*name and address withheld*'.

Nielsen (2010: 24) vê as CaE como uma '*co-production between editors and letter-writers*' e considera que '*the letters institution is fragmented, not integrated, and registering this is the premise for understanding for whom letters might facilitate participation*'. Claramente, este não é o caso dos jornais que analisei, uma vez que eles são parte integrante da criação e manutenção de uma comunidade imaginária, a '*bolha britânica*'.

### 3.2.4. Perfil do leitor/escritor

*Being confronted daily with their readers' responses, they should be familiar with the character of their audience. However, research has shown that editors have a rather distorted conception of their audience (McQuail, 1997). In order to gain an impression of the reading public, journalists generally rely on people in their immediate environment and personal life. (Raeymackers, 2005: 204).*

Wahl-Jorgensen (2002b: 184; 2006: 227-228), Richardson (2007: 152) e McElroy (2013), citando estudos anteriores definem genericamente o típico leitor/escritor como um indivíduo do sexo masculino, mais velho, conservador, proprietário (*homeowner*), com um nível de educação mais elevado que a maioria e com historial de participação cívica muito ativa (expressa, por exemplo, no voto regular em eleições) e que encontram na secção de CaEs um espaço *'for the airing of views that are more extreme, strongly held, and unchangeable than those of the population as a whole'* (Wahl-Jorgensen, 2006: 228).

Adicionalmente, tendem a ser conservadores, resistentes à mudança e dados ao *'nimbyism'* (Wahl-Jorgensen, 2006: 228). *'Nimby'* é uma palavra composta pelas iniciais da expressão *'not in my back yard'* e que caracteriza a oposição oferecida pelos residentes quando confrontados com empreendimentos que serão construídos mesmo à porta de sua casa. Nielsen reforça a ideia de que os típicos leitores/escritores são em geral possuidores de capital económico e cultural superior à média, *'ordinary people' only in the sense that upper-middle-class professionals are ordinary'* (2010: 28). Alguns editores descrevem a maioria dos leitores/escritores como sendo *'occasional writers, reacting to a specific topic that has attracted their concern'* (Rayemaekers, 2005: 211). Em resumo, pode afirmar-se que são, na sua maioria, indivíduos com os conhecimentos, o tempo e a motivação necessária para redigir uma carta ao editor, com o objetivo de *'endireitar as coisas'*.

É significativo o facto de os editores entrevistados por Wahl-Jorgensen (2006) considerarem as CaEs como um instrumento para auscultar a opinião pública local, ao mesmo tempo que reconhecem que, pelas suas características peculiares, os leitores-

autores não são representativos da comunidade leitora do jornal ou da comunidade em geral. Nielsen também retira as mesmas conclusões, referindo que os editores ‘do not see their writers as the proverbial ‘man on the street’, but insist that articulate readers must be given a chance to voice their concerns - and the letters page represent that chance’ (2010: 28).

Wahl-Jorgensen parte do princípio que ‘*public discourse and the public are themselves constructed creatures [...] produced and reproduced by people who have an interest in them - scholars*’ (2002b:184), entre outros. Assim, a autora propõe-se observar as práticas discursivas das redações de jornal, porque abrem uma janela sobre o discurso público e participação pública na democracia. De acordo com as conclusões de Wahl-Jorgensen, os quadros editoriais costumam exprimir algum ceticismo relativamente ao valor das CaE, no domínio particular do debate democrático, uma vez que as percecionam como não sendo representativas em termos do público-leitor do jornal e, mais especificamente, assistindo-se a uma desvalorização do leitor/escritor, pelo seu discurso mais radical, como louco ou insano: ‘*the editors speak the ‘idiom of insanity’, which plays off the idea that contributors to the section - the members of the letter-writing public - are insane or ‘crazy’’* (2002b:185).

No caso do TPN e A/PR, não tendo conseguido entrevistas com o quadro editorial destas publicações, não é possível confirmar ou refutar tais conclusões, mas o carácter específico destes jornais, enquanto ponto de ligação intra- e extracomunitário, torna-os extremamente conscientes desse papel, simultaneamente enquanto fonte de informação e de apoio comunitário. Por outro lado, uma vez que estes jornais obtêm o seu financiamento maioritariamente por via das suas páginas de publicidade, torna-se importante a nível comercial saber quais são as preocupações, receios e ansiedades da comunidade, que se exprime através das CaE, uma vez que podem dar azo à (re)criação e transformação de negócios que servem a comunidade. Richardson, ao explorar a imprensa local e regional, ressalva como a relação próxima entre os jornais locais e as comunidades que os consomem se tornar particularmente evidente nas CaE destes jornais (2003: 184). Ao contrário das conclusões que remetem para um afastamento entre os quadros editoriais e o seu público, em que ‘*the operation of the newspaper is ultimately oriented away from service of the public and from taking seriously its concerns and ideas*’ (Wahl-Jorgensen, 2002b: 186), o caso dos jornais de expressão

inglesa sob estudo parece ser exatamente o oposto, tendo a auscultação da comunidade um papel determinante na longevidade e razão de existência de ambos os jornais.

### **3.2.5. Cartas ao editor vs. comentários**

Raeymackers (2005: 203) realça as oportunidades de interatividade oferecidas pela internet, através de fóruns ou por outros meios, para proporcionar outros modos de alargar o espaço de debate e, como é do conhecimento geral, a última década trouxe muitas modificações no modo de comunicação entre público-leitor e publicação, dado que se tornou possível e cada vez mais frequente a redação de comentários a notícias nas páginas web dos jornais e revistas ou comentar usando redes sociais como o *facebook* ou o *twitter*. Tradicionalmente, na imprensa esta interação realizava-se através das cartas ao editor.

Ao contrário dos resultados obtidos por Raeymackers, que dão conta de que '*new technology such as email and the Internet is increasing the flow of reactions with a high degree of topicality*' (2005: 208), no caso dos jornais que analisei, o advento dos média *online*, parece não ter trazido um aumento de participação pública através das CaE. Aliás, conforme já foi anteriormente referido, o número de CaE no A/PN e TPN parece estar a diminuir. Uma possível causa poderá ser a emergência do comentário como uma forma de participação mais prática e amiga do utilizador, ao oferecer a possibilidade de comentar a notícia imediatamente, sem grande esforço ou tempo dispendido. Uma carta ao editor exige do leitor/escritor um maior dispêndio de tempo, capacidade de articulação e maior preocupação com o rigor do que um mero comentário. Todavia, o comentário pode, pela menor ênfase ou até ausência dos requisitos atrás apresentados, ser mais democratizante, dado que permite a mais pessoas participar e contribuir para o debate público.

Para participar no debate público é condição necessária que o leitor/escritor domine os tipos hegemónicos de expressão, i.e., o género epistolar, que possua o capital educacional, que garanta a sua competência linguística e legibilidade e que seja conhecedor do tópico em questão. A regra da autoridade exclui assim uma parte dos

leitores /escritores de serem publicados, por não dominarem qualquer uma das três condições (Wahl-Jorgensen, 2002a: 77).

O comentário veio alterar esta situação, permitindo um alargamento do público que pode participar e emitir opinião. Wahl-Jorgensen argumenta que a inovação tecnológica trouxe consequências profundas *‘in terms of broadening access as well as diversifying forms, platforms and genres through which communities of opinion have taken shape’* (2014: 1). A *internet* veio permitir mais interatividade, diálogo quase-instantâneo, comunidades de opinião (Wahl-Jorgensen, 2014: 8) e a inclusão de grupos marginalizados, oprimidos ou alternativos da sociedade (Dahlberg e Siapera, 2007: 11-12 *apud* Wahl-Jorgensen, 2014: 8). No entanto, essa inclusão não é total, uma vez que ainda são excluídos os que não têm competência cultural no campo tecnológico ou acesso ao mundo digital. Alguns grupos podem ser *‘underrepresented in online debates due to lack of access or the cultural capital, time and interest required to participate’* (Wahl-Jorgensen, 2014: 12).

McElroy realça o facto de, ao contrário das CaE, os comentários não terem ainda recebido a devida atenção do meio académico. Do seu ponto de vista, os comentários constituem *‘a merger of old and new media’*, onde a imprensa tenta atrair os leitores *‘assumed to have abandoned print’* (2013: 755). Além disso, os comentários tornaram-se *‘the “most frequent form of sustained written discourse” in new media’* (Levinson, 2009: 22 *apud* McElroy 2013: 756). McCluskey e Hmielowski concluíram que os comentários *‘presented a broader range of sentiment because they benefited from anonymity, less gatekeeping and technological ease of responding’* (2011 *apud* McElroy 2013: 756). É importante notar que nos fóruns, os comentadores *‘did not seek to be published in print’* (McElroy 2013: 755).

Por conseguinte, poderemos questionar-nos se as CaE estão em vias de extinção. De certo modo, o comentário cumpre funções semelhantes ao das CaE, mas com maior facilidade e rapidez, o que pode constituir um prenúncio de morte para as CaE. No entanto, estas continuam a existir e a cumprir certos propósitos, que os comentários não permitem: reclamações, pedidos de auxílio ou de conselhos, alertas e desabafos. Permitem ao público-leitor *‘express their opinions, their fears, their hopes - and just as important, air their grievances’* (Jackson, 1971 *apud* Richardson, 2007: 149). Em geral,

o comentário está circunscrito ao tema da notícia, enquanto que a CaE permite ao leitor/escritor a liberdade de escolher sobre que assunto se quer exprimir e este poderá ser o traço distintivo, que faz com que as CaE continuem a ser um meio de participação preferido de muitos leitores/escritores e que ditará a sua sobrevivência.

### **3.2.6. Análise de conteúdo das Cartas ao editor no *Algarve/Portugal Resident* e *The Portugal News***

Os tópicos mais comuns nas CaE analisadas dizem respeito a aspetos que dizem respeito à realidade da comunidade de expatriados britânicos no Algarve, nomeadamente preocupações inerentes à vivência num novo espaço social, cultural e geográfico. Alguns exemplos do tipo de temas no A/PR e TPN são CaE sobre criminalidade/segurança, forças policiais (GNR/ Polícia), perda de acesso livre ao Freesat (BBC TV/UKTV), direitos dos animais (maioritariamente em relação a cães), legislação / impostos / pequenos negócios, governo português/ EU / legislação, condução perigosa / (não-cumprimento de) regras de condução / consumo álcool, funcionamento de instituições (EDP / CTT / *e-mail providers*), portagens (A22 / EN 125), direito de voto dos expatriados, autocaravanistas, *Golden Visa*, vistos de permanência 3 meses, supermercados, hábitos culturais portugueses ou mau comportamento por parte de britânicos, entre outros.

Na maioria dos casos, assiste-se a um diálogo intracomunitário: as cartas são escritas por expatriados e dirigidas à comunidade de expatriados, que é, para todos os efeitos, uma comunidade imaginária (Anderson, 2006), baseada, em grande parte, nas afinidades resultantes de uma proveniência e projeto de vida semelhantes. Uma grande percentagem das cartas do corpus são respostas a cartas de outros leitores, interpelações, admoestações e apelos, demonstrando a vivência numa 'bolha' britânica, construída com recurso aos média, que criam um espaço de diálogo numa '*public 'sphericule' for diasporic communities*' (Cunningham, 2001), a uma paisagem visual em língua inglesa e assente em associações, instituições e negócios, produtos e serviços para dar apoio à comunidade britânica e evidenciando uma integração incompleta ou mesmo uma não-assimilação na sociedade portuguesa.

*'Their behaviour is often very similar: they do not speak the local language (or at least not enough of it to carry out more than a simple service transaction); they stay or live in the same areas, in the same types of accommodation [...] they look physically the same, wear the same styles of clothes and go to places (bars, restaurants, sports and fitness clubs) where they meet up with their compatriots. (Torkington, 2010)*

Conforme refere Torkington, a comunidade de expatriados vista do exterior, parece homogénea, mas através da análise do *corpus* conclui-se que são uma comunidade heterogénea, em diálogo e negociação constante consigo mesma.

### **3.2.7. Carta ao Editor enquanto género textual**

*'Genres are the specifically discursive aspect of ways of acting and interacting in the course of social events: we might say that (inter)acting is never just discourse, but it is often mainly discourse. So when we analyse a text or interaction in terms of genre, we are asking how it figures within and contributes to social action and interaction in social events' (Fairclough, 2003: 65)*

Fairclough define género como *'ways of (inter)acting discursively'* (2003: 26), i.e., aspetos especificamente discursivos das práticas sociais. Martin define género como *'how things get done, when language is used to accomplish them'* (1985: 250) e, mais tarde, Martin & White aprofundam o conceito como *'a staged, goal oriented social process [...] social because we participate in genres with other people; goal oriented because we use genres to get things done [...] staged because it usually takes a few steps to reach our goals'* (2005: 32-33). Segundo Thompson, género é *'register plus communicative purpose: that is, it includes the more general idea of what the interactants are doing through language, and how they organize the language event, typically in recognizable stages, in order to achieve that purpose'* (2014: 42). As duas ideias dominantes que sobressaem das definições atrás compiladas são *'discurso'* e *'ação'* ou *'ação através do discurso'* em conjuntos com outros. Johnstone faz notar que

‘recurrent text-types mark recurrent social occasions, but they also categorize occasions’ (2008: 183), realçando o aspeto interativo e mutável do género. Quando se recorre a determinado género, o sujeito repete uma fórmula e perpetua-a, mas também a transforma e recria: *‘As people draw on genre knowledge they perpetuate it, producing new texts that others will put into the genre group. But they also transform it, since each use of a prior model is by necessity a creative use.’* (idem: 183).

De acordo com Paltridge (2012: 65), Martin faz corresponder o conceito de género ao ‘contexto de cultura’ de Malinowski, sendo responsável pela estrutura esquemática de um texto. Por outro lado, Halliday (1989) faz corresponder register ao ‘contexto da situação’ e é responsável pelas características linguísticas de um texto. Paltridge (2012) e Johnstone (2008) alertam ainda para o facto de os géneros estarem intimamente relacionados com a cultura, sendo essencial que a interpretação dos objetivos particulares, etapas e características linguísticas a eles associadas seja interpretada em relação aos contextos sociais e culturais nos quais ocorrem.

Os géneros ‘puros’, envolvendo *‘a high level of abstraction’* são a narrativa, o argumento, a descrição e a conversação (Fairclough, 2003: 68). Baseando-se em Swales (1990), Fairclough utiliza e modifica o conceito de *‘pre-genre’* (quando um género está ligado a determinada prática social ou rede de práticas sociais) e em Giddens (1991) para a noção de *‘disembedding genre’* (quando um género, inicialmente desenvolvido numa rede específica de práticas sociais, é ‘transplantado’ para outras áreas, onde transcende diferenças entre redes de práticas sociais e de na escala dessas mesmas práticas). *‘Situated genre’*, de acordo com Fairclough é um género *‘specific to particular networks’* e é nesta categoria que recaem as CaE, sendo que os géneros associados com uma rede específica de práticas sociais constituem *‘a potential which is variably drawn upon in actual texts and interactions’* (2003: 69).

Os géneros podem variar bastante em termos de ‘estabilização, fixação e homogeneização’ e poderá não haver terminologia estabelecida para todos os géneros (Fairclough, 2003: 68). Poderá dar-se o caso de haver géneros com uma terminologia já bem estabelecida, enquanto outros não. Relativamente às CaE, pode afirmar-se que estão, de certo modo, ‘ritualizadas’ em termos da sua forma e nomenclatura, embora as novas tecnologias possam trazer alterações dos mais variados géneros. O TPN mantém

uma estrutura visual formal e conservadora de CaE. Estas estão acessíveis online tal e qual as da versão impressa, uma vez que o site permite consultar o jornal na totalidade em PDF. Já o A/PN não publica as CaE, apenas as disponibiliza no site, incluindo por vezes fotos. O formato não é em coluna, como acontece no TPN, mas mais líquido e fluido, em estilo indentado.

Da mesma forma que ‘género’ é uma forma de (inter)ação, através dele são geradas relações sociais entre os interagentes, que segundo Fairclough podem ser de vários tipos: organizações, grupos, indivíduos ou uma combinação de diferentes tipos de agentes sociais. Os jornais do presente estudo recaem na categoria de organizações, enquanto que os leitores/escritores são indivíduos. Assim, as CaE preconizam e possibilitam uma relação social entre organizações, que detêm poder para dar voz e indivíduos, que desejam participar num debate público e ter voz pública.

Por outro lado, Fairclough faz menção a uma dupla diferenciação do discurso relativamente às tecnologias de comunicação: a comunicação pode ser bilateral ou unilateral e mediada ou não mediada. As CaE são um tipo de comunicação mediada (neste caso pela imprensa) e, na minha opinião, mais complexo, uma vez que pode ser unilateral, quando não há seguimento dialogístico e bilateral quando o há. Poderá haver contextos, nos quais um género tipicamente ocorre e certos tópicos que são normalmente associados com um determinado género (Paltridge, 2012: 63). Cook (1989 *apud* Paltridge, 2012: 66) argumenta ser possível atribuir um género específico a uma categoria genérica em particular de várias maneiras: através do autor do texto e do público a quem o texto se dirige, do propósito do texto, da situação em que o texto ocorre, da forma física do texto e, em caso de um formato escrito, do título do mesmo. Outros fatores poderão ser a pré-sequência do texto, a estrutura discursiva, o conteúdo do texto, o grau de formalidade, o estilo ou registo do texto e se é escrito ou falado.

Segundo Paltridge, as CaE constituem um exemplo supremo de uma ‘*genre chain*’, i.e., ‘*the way the use of one genre may assume or depend on the use of a number of other interrelated genres*’ (2012: 68-69), uma vez que as cartas frequentemente se referem a ‘*knowledge of other genres and other preceding events*’, essa referência pode surgir na forma de outra instância do mesmo género, outra CaE, por exemplo, ou a uma gama de outros géneros diferentes.

Mémet publicou um artigo, cujo objetivo é ‘definir as características comuns das cartas ao editor, e demonstrar como aquelas podem variar, de acordo com a revista ou jornal, que as publica.’ (2005: 75). As conclusões a que chega são que as CaE têm o mesmo nome genérico e partilham de objetivos comunicativos semelhantes, mas variam em termos de extensão, sintaxe e layout. Também encontra variações na frequência e uso de pronomes pessoais na 1ª pessoa entre jornais genéricos e científicos, sendo que os pronomes da 1ª pessoa no plural se referem ao público-leitor em geral e o seu uso tem como objetivo provocar empatia ou reações emocionais. Conforme seria de esperar, os autores de CaE em publicações científicas usam o pronome pessoal na 1ª pessoa muito mais esparsamente. Já os layouts, bem como as ilustrações sublinham o estilo das CaE, enquanto o conteúdo, estrutura e formato correspondem ao nível mais ou menos científico da publicação.

Silva empreendeu um estudo aprofundado sobre cartas dos leitores na imprensa portuguesa enquanto forma de comunicação e debate público. A autora destaca o género epistolar enquanto uma forma de discurso bastante próxima da oralidade, por pressupor reciprocidade, pois tal como no diálogo, espera-se uma resposta e é ‘*um diálogo entre ausentes*’ (2014: 109). Ainda segundo Silva, embora o destinatário não esteja presente fisicamente, o discurso das CaE, interativo e dialógico, é um intercâmbio mediado, que implica a existência do destinatário, que constitui o motivo de existência da carta. O destinatário é uma criação artificial potenciada pelo discurso e implica duas dimensões, à primeira vista antagónicas: distância e proximidade. O remetente e o destinatários estão distantes, por isso há a necessidade de escrever, mas próximos nos atos de produção e consumo da carta.

A abordagem da CaE enquanto carta pública é proposta por Silva (2014: 109-111), dado que a CaE é dirigida a um auditório coletivo e publicado num órgão de comunicação social. Tal tem como consequência a multiplicação e amplificação do destinatário (e a consciência desse facto por parte do autor), bem como a ambiguidade da figura do destinatário. A autora distingue duas entidades: o destinatário, intra-textual, presente no texto e especificado no discurso (‘*Dear Sir*’ no TPN e ‘*Dear Editor*’ no A/PN) e o recetor, que é todo aquele que tenha acesso à leitura da carta. As duas entidades podem ser coincidentes no caso de cartas pessoais, produzidas para serem guardadas, mas

claramente não o são no caso das cartas ao editor, que são produzidas para serem publicadas. Fairclough reconhece a importância desta consciência do(s) ‘outro(s)’ na criação e redação de discurso, afirmando: *‘difference is no less central in ‘monological’ texts, including written texts – most obviously because all texts are addressed, have particular addressees and readers in view, and assume and anticipate differences between ‘author’ and addressees’* (2003: 42). O leitor-escritor tem este facto em mente ao escrever, bem como o facto de ter *‘duas audiências em mente quando envia uma carta para o jornal, ou seja, o editor que a avalia e um público mais vasto’* (Morrison et al., 1996: 45 apud Silva, 2014: 111) ou o *‘editorial addressee’* (o editor) e através dele os *‘addressees’* finais, a *‘readership’* (Mémet, 2005: 83).

Richardson refere o facto de as *‘letter’s pages aim to include readers - both symbolically and literally’* (2007: 149). A presença do editor nas CaE é tornada tangível de várias maneiras: diretamente através da saudação no início da carta, respostas, correções e clarificações e de maneira indireta através da seleção, ordenação das CaE, a escolha da tipografia e o uso (ou não) de ilustrações. O editor também está presente na seleção de títulos para as notícias, geralmente representativas do conteúdo da CaE e composição tipográfica (Mémet, 2005: 84). Por vezes, também o público-leitor das CaE é incluído nas mesmas, através de interpelações, pedidos, advertências, através de cartas que *‘transfer private thoughts, feelings and troubles into the public domain’* (Lockyear and Pickering: 2001, 640).

Assim, as CaE podem ter em vista ‘vários tipos de destinatários e discursos anteriores: o jornal em si mesmo; o jornalista ou o editor que faz a triagem da carta; o director da publicação; o jornalista autor de uma notícia a que a carta faça referência; outro leitor que tenha publicado uma carta no jornal; um colunista ou autor de um artigo de opinião, que a carta mencione; e o público leitor, em termos gerais, da publicação.’ (Silva, 2014: 111-112). Tal está relacionado com uma característica fundamental do discurso, a intertextualidade ‘que pode ser definida como uma recontextualização e um movimento de um contexto para outro contexto’ (idem: 112). Van Leeuwen abordou longamente a questão da recontextualização, concluindo que *‘all discourses recontextualize social practices, and that all knowledge is, therefore, ultimately grounded in practice, however slender that link may seem at times.’* (2008: vii) Wahl-Jorgensen caracteriza as CaE como uma *‘constructed creature, pieced together by selected opinions and voices,*

*appearing on a regular, but not immediate basis, in response to news items.* (2002a:78). No estudo de caso sobre CaE do jornal Público, Silva encontrou cartas ao editor um ‘estilo discursivo dialógico’, ou seja, cartas que, ao convocarem explicitamente outros interlocutores, pressupõem um texto anterior, como uma notícia, um artigo, um editorial ou uma outra carta publicada no jornal.’ (2014: 112)

### **3.2.8. Diferentes abordagens ao estudo das Cartas ao Editor**

As CaE prestam-se a uma grande variedade de abordagens diferentes. Conforme já foi referido, Silva (2014) destaca a vertente dialógica, Wahl-Jorgensen (2001; 2002; 2006) a possibilitação de participação democrática e debate público, as novas tecnologias e a linguagem da insanidade. Richardson (2001; 2007) enfatiza o caráter argumentativo das CaE, sendo este o ângulo que privilegiou para as estudar, dado que, do seu ponto de vista as CaE são ‘*designed to convince readers of the acceptability of a point of view and to provoke them into an immediate or future course of action*’ (2007: 150).

Nielsen (2010), para além de uma reflexão sobre padrões de circulação de CaE e formas concretas encarnadas pelas CaE em termos de debate público, propõe investigar as CaE em termos de géneros particulares de narrativa, que definem três formas de participação: ‘*storytelling*’, ‘*criticism*’ e ‘*appeal*’. Segundo Nielsen, são estas dimensões que diferenciam a instituição epistolar da instituição noticiosa, em que aquela opera. Combinadas, as dimensões constituem o potencial participatório das secções de CaE, enquanto instância concreta de debate público mediatizado. Assim, Nielsen aborda as CaE, não só tendo em vista as práticas editoriais de seleção, mas também através da análise de conteúdo, identificando textualmente géneros diferentes.

No género ‘*storytelling*’, o leitor/escritor expressa, usando as convenções das CaE, uma experiência pessoal ou baseada nos média, que poderia ter sido alvo de cobertura jornalística, mas não o foi, recorrendo a expressões como ‘*I have read / witnessed / heard*’ (Nielsen, 2010: 30). O género ‘*criticism*’ engloba CaE, que criticam uma temática publicada e o objeto da crítica é geralmente o jornal, para o qual a carta foi enviada, sendo habitual que o leitor/escritor adicione uma reflexão sobre o papel do jornalismo (idem: 30-31). Refere-se a notícias ou outras cartas e não a uma experiência

pessoal. No terceiro género, ‘*appeal*’, o leitor/escritor dirige a CaE a identidades coletivas, figuras públicas, autoridades e tentam trazer um determinado tema a debate, incluindo um apelo à ação (ibidem: 31).

Para o presente trabalho, considero de particular interesse a função, que Nielsen denomina de ‘*storytelling*’, uma vez que se enquadra também na perspetiva adotada no presente estudo para a análise das cartas, em termos de abordagem e de estudo da representação da identidade e alteridade através das ‘*small stories*’ enunciadas pelos leitores-escritores.

### **3.2.9. A carta ao editor enquanto espaço de negociação de identidade**

Numa votação realizada pela Trip Advisor em maio de 2015 sobre os 10 destinos de férias preferidos dos britânicos, Albufeira revelou ser o mais popular destino europeu e o terceiro a nível mundial, só ultrapassado por Londres e Nova Iorque. No que diz respeito a destinos para residentes britânicos expatriados, Portugal surge em 14º lugar (18,989 expatriados) (Brinded, 2015), sendo as principais razões apontadas a curta distância de voo e o clima ameno.

À semelhança do que acontece em Espanha, também em Portugal, particularmente no sul do país, existe uma comunidade considerável de migrantes provenientes do norte da Europa em busca de melhores condições de vida. Ao contrário da migração economicamente motivada, o tipo de mobilidade denominado *Lifestyle Migration* (Benson & O’Reilly, 2009) tem uma motivação diferente: geralmente é empreendida por indivíduos relativamente afluentes, de todas as idades, que migram, quer a tempo inteiro ou parcial, para locais, que de alguma maneira oferecem o potencial de uma melhor qualidade de vida (Benson & O’Reilly, 2009: 610). Poder-se-á argumentar que, tal como a *retirement migration* que, em larga medida, é uma consequência do turismo (Gustafson, 2008: 455), o mesmo se aplica à *lifestyle migration*. Em muitos casos, os *lifestyle migrants* começam por fazer visitas enquanto turistas, adquirindo mais tarde um local para habitar, perto das regiões turísticas, podendo eventualmente passar aí a residir, alternando temporadas no país de origem e no país de acolhimento ou até permanentemente.

Assim, é frequente encontrar no discurso destes indivíduos a referência a uma fuga da vida passada, que é, de alguma maneira, encarada como negativa e a uma fuga para uma vida futura com o potencial de uma ‘vida nova’: *‘an escape to self-fulfilment and a new life - a recreation, restoration or rediscovery of oneself, of personal potential or of one’s ‘true’ desires’* (Benson & O’Reilly, 2009).

### **3.2.10. Classe e distinção na comunidade britânica**

Uma vez num novo espaço físico, cultural e social, certas categorias que normalmente se usam para se identificar perante os outros ou para identificar os outros podem estar ausentes e fazer com que seja necessário, neste novo ambiente, negociar um papel e posicionamentos relativamente aos outros membros da comunidade, com quem os expatriados possam interagir. Por estarem ‘desenraizados’, esta necessidade torna-se mais premente.

Apesar do esforço empreendido para começar de novo, sem as amarras e constrangimentos do passado, é inevitável que o capital económico, social e cultural que cada um dos expatriados traz seja diferente e acarrete um fator de distinção entre os indivíduos, facilitando a identificação e a classificação, mas, por inerência, também o estabelecimento de barreiras e fronteiras entre a sua própria comunidade. (Oliver & O’Reilly, 2010). Oliver & O’Reilly (2010), apoiando-se nos conceitos sociológicos e na abordagem metodológica de Bourdieu (1984), as autoras encontram uma discrepância acentuada entre o discurso anti-materialista e atenuador da divisão de classes formulado pelos *lifestyle migrants* e a sua aplicação concreta na projeto migratório em Espanha.

As mesmas autoras referem que após a realocização num novo espaço e sem um contexto sócio-cultural pré-existente, *‘class position is difficult to establish’* (2010: 55), uma vez que as categorias normalmente utilizadas para definir a classe de cada um (por exemplo, usando a profissão como modo de distinção) estão pouco definidas ou ausentes: muitos dos *lifestyle migrants* já não fazem parte do mercado laboral por estarem reformados, alguns trabalham por conta própria ou têm pequenos negócios, enquanto que outros ainda trabalham ilegalmente. Apesar disso, as diferenças de capital

económico entre os *lifestyle migrants* podem ser aferidas de outros modos, como por exemplo, através da capacidade de aquisição de propriedade (também o tipo de propriedade e a localização), da necessidade de continuar a trabalhar ou não, da necessidade de permanência no destino de migração por completo ou não.

As diferenças de classe são assim mais difíceis de identificar pela profissão ou pela posição anteriormente ocupada na Grã-Bretanha, sendo necessário recorrer a outras condições para criar uma identidade e/ou aferir a dos outros migrantes. Algumas dessas condições poderão ser a possibilidade ou não de possuir propriedade, quer na Grã-Bretanha, quer no país para onde emigram, o tamanho dessas mesmas propriedades, a necessidade de continuar a trabalhar ou não, a permanência total ou parcial no país de acolhimento (Oliver & O'Reilly, 2010).

Os resultados empíricos do estudo de Oliver & O'Reilly (2010) demonstram que posicionamento relativos a 'classe' são rearticulados pelos *lifestyle migrants* no seio da sua nova comunidade, contradizendo o argumento que predica o declínio da classe. Apesar de frequentemente expressarem o desejo de deixarem preocupações com o estatuto social para trás, o reposicionamento estrutural no espaço social passa a ser uma preocupação e necessidade contante. Ao estarem ausentes as condições que poderiam permitir a fácil identificação e categorização do 'outro' que estariam disponíveis no espaço sócio-geográfico britânico, os expatriados sentem mais necessidade de afirmar quem são, a que grupo(s) pertence, como se posiciona perante determinadas situações: '*despite the narrative of self-(re)invention in the social field of lifestyle migration, agents are shown to struggle over the stakes to be 'won' in the game: the right to define the dream lifestyle or 'good life'.*' (Oliver & O'Reilly, 2010: 55). Tal como referem as autoras, a legitimidade para opinar sobre o que é '*the good life*' é um privilégio que se ganha, aparentemente usando vários critérios, sendo um deles, a duração do período de migração. Quanto mais antiga for a migração, mais se tem legitimidade para um posicionamento discursivo fortemente provido de autoridade.

Um dos espaços públicos usado para esse efeito, onde pessoas comuns, nomeadamente a comunidade de *lifestyle migrants*, têm voz e podem chegar a um público mais vasto é através das cartas ao editor das publicações de imprensa. No Algarve, o *Algarve/Portugal Resident* e o *The Portugal News* têm proporcionado um espaço de

debate público da comunidade britânica, através das cartas ao editor presentes nos jornais dirigidos ao público *lifestyle migrant*, ‘one of the few arenas for public discussion to have survived throughout a large period of the history of mass media’ (Wahl-Jorgensen, 2002).

As cartas ao editor constituem um meio para demonstrar discursivamente o espaço social e o posicionamento que o leitor reclama para si próprio, em termos da sua identidade e da sua legitimidade para definir, entre outras coisas, o que deve é ‘*the good life*’, (Oliver & O’Reilly, 2010: 55). Ao fazê-lo, os leitores entram frequentemente no campo da ‘atitude/attitude’ (Martin & White, 2005) e, mais concretamente, do julgamento/judgement, que trata de ‘*attitudes towards behaviour, which we admire or criticise, praise or condemn*’ (Martin & White, 2005), usando frequentemente estratégias de (des)legitimação. A legitimação está reservada para si próprio e para o grupo a que se pertence, deslegitimação para os outros, cujo comportamento se reprova.

Os posicionamentos dos indivíduos podem ser concretizados por vários meios e manifestados em espaços de opinião pública. As cartas ao editor são escritas maioritariamente por residentes estrangeiros (ou turistas) e dirigidas a outros residentes, criando um espaço de diálogo e debate constante dentro da sua comunidade. À primeira vista, esta parece ser uma comunidade homogénea que partilha uma mesma língua, cultura e proveniência, mas de facto, após uma leitura mais atenta das suas cartas, verifica-se que estamos perante uma comunidade heterogénea e que utiliza o espaço discursivo das cartas ao editor para debater posições e para criar/desmontar/produzir identidades para si e para os outros. Esta necessidade é ainda mais premente por se verem destituídos dos meios que normalmente os indivíduos usam para se posicionar e ‘classificar/identificar’ uns aos outros.

## Capítulo 4

### Análise do *Corpus*

#### 4.1. Constituição do *corpus*

O *corpus* é constituído por 40 cartas ao editor (*vide* anexo 17) publicadas no TPN e no A/PR em 2013 e 2017. A recolha foi efetuada através dos respetivos *websites*. Conforme já foi referido, o TPN permitia a consulta online integral de todas as suas edições desde 1977 até ao presente. No entanto, a partir de maio de 2018 deixou de ser possível a consulta de edições anteriores à do jornal da semana em curso. Através de contacto telefónico, obtive a informação de que tal se deve a alterações no *website* do jornal. O A/PR só permite a consulta e visualização das cartas a partir de meados de 2013, altura em que o jornal mudou de mãos. Por esse motivo, algumas das cartas ao editor de 2013 do A/PR não estão disponíveis para consulta *online*, tendo-me sido amavelmente facultadas em ficheiro pela direção do jornal.

Optou-se pela recolha de cartas em duas alturas distintas (2013 e 2017), uma vez que assim seria possível estabelecer uma base de comparação e, possivelmente, encontrar elementos comuns, considerar as semelhanças e examinar diferenças nos tipos de assunto, leitores/escritores e identificar padrões. O hiato temporal de quatro anos também oferece uma oportunidade de responder com mais objetividade às questões de partida e verificar (ou não) a existência de alterações nas correntes ideológicas subjacentes ao discurso epistemológico.

#### 4.2. Metodologias e métodos de análise para este estudo

Iniciámos este estudo com uma questão principal em mente, ou seja, saber como são representadas discursivamente a identidade e a alteridade nas cartas ao editor de duas publicações em língua inglesa dirigidas a um mercado de expatriados e turistas em Portugal e, mais concretamente, no Algarve. Dessa questão, surgiram outras duas questões: uma primeira, que consiste na caracterização da comunidade de prática que

escreve e consome as cartas ao editor e uma segunda, que se prende com os discursos ideológicos que perpassam os posicionamentos discursivos manifestados nas cartas ao editor analisadas, os influencia e é, por sua vez, por eles influenciado.

Assim, optámos por uma fazer a análise das cartas usando uma conjugação de três abordagens metodológicas: Teoria do Posicionamento (Harré, 2012; Harré *et alia* 2009; Langenhove & Harré 2009a), Abordagem dos Atores Sociais (van Leeuwen, 2008) e *Appraisal Theory* (Martin & White, 2005), no campo do Julgamento e da Apreciação, por razões que serão abordadas abaixo.

Uma vez que a Teoria do Posicionamento se preocupa em revelar ‘*the explicit and implicit patterns of reasoning that are realized in the ways that people act towards others*’ (Harré *et alia*, 2009:5), irá usar-se a análise de posicionamento para revelar as posições e identidades assumidas pelos autores das cartas, bem como as que são conferidas ao ‘outro’.

Neste cenário, discutiremos como estes posicionamentos e ‘*storylines*’ são usados com o objetivo específico de conferir identidade e alteridade e criar endogrupos (*in-groups*) e exogrupos (*out-groups*), bem como criar ‘*bonding*’ e ‘*bridging capital*’ (Putnam, 2000). É neste contexto que a *Appraisal Theory* revela ser de bastante importância, uma vez que comungar de valores na área da Estima Social é capital para a formação de redes sociais e as avaliações que fazemos acerca do comportamento alheio, louvado ou condenado, sendo fundamental na criação de endo- e exogrupos. A abordagem dos Atores Sociais proporciona o enquadramento para analisar o modo como os atores sociais podem ser representados através do discurso, podendo ser usada para explicar o efeito das diferentes categorias na representação dos atores sociais, constituindo uma metodologia com muito potencial no campo da Análise Crítica do Discurso.

Conforme refere Harré, a conclusão da análise dos atos de posicionamento revela um padrão de crenças, que são relevantes tanto para os indivíduos, como para o(s) grupo(s) entre os quais se movimentam: ‘*the upshot of acts of positioning is a pattern of explicit and implicit beliefs, held by individuals and among the relevant group in which the action is going.*’ (Harré, 2012: 196). Este facto é bastante importante, uma vez que poderá contribuir para o apuramento de respostas para a questão de partida 2,

nomeadamente no que diz respeito à representação discursiva da alteridade e identidade a partir do ponto de vista da mesma comunidade de expatriados. Harré *et alia* (2009:6) também ressalvam o facto de a teoria do posicionamento trazer à discussão uma dimensão a que geralmente é dada pouca atenção nos processos de cognição e que são ‘*concepts and principles from the local moral domain, usually appearing as beliefs and practices involving rights and duties*’ (Harré *et alia*, 2009:6).

Muito embora a comparação dos resultados deste estudo possa revelar aspetos semelhantes e recorrentes em outros estudos paralelos sobre a mesma temática (*vide*, por exemplo, Lawson (2015) e Torkington (2011), existem aspetos locais e endógenos a que é necessário atentar, pois como também nos alertam os mesmos autores ‘*there are many semi-independent moral domains in the human world, including moral beliefs, overtly expressed or immanent in the practices of the culture*’ (Harré *et alia*, 2009:6).

Em termos de teoria do posicionamento, a tese de Lawson (2015) analisa o posicionamento através de narrativas direcionadas<sup>41</sup>, ou seja, numa entrevista é solicitado aos sujeitos participantes que relatem a história da sua migração em busca de um estilo de vida mais gratificante, para responder à questão de como os migrantes britânicos em Ariège (França) constroem e definem a sua identidade através do discurso, enquanto que no caso do presente estudo, intenta-se, entre outros objetivos, aferir como são representados discursivamente a identidade e a alteridade dos expatriados britânicos no Algarve, não através de entrevista e da narrativa da experiência com o ‘outro’ encontrado no Algarve, mas através de cartas ao editor, em que a narrativa, em forma de ‘*small stories*’ (Bamberg & Georgakopoulou, 2008), é constituída por ocorrências espontâneas de discurso.

Há correntes de pensamento que argumentam que a narração, as ‘*small stories*’ apresentam, em oposição ao diálogo, posicionamentos unilaterais, que não se prestam à visualização do posicionamento que um interveniente faz do outro e vice-versa posicionamentos unilaterais, na esteira do que referem Langenhove & Harré (2009a:31), que não se prestam à visualização do posicionamento que um interveniente faz do outro e vice-versa: ‘*While oral conversations always imply some reciprocal positioning, the*

---

<sup>41</sup> Além de entrevistas/narrativas, M. Lawson também analisa o discurso espontâneo ocorrido num fórum *online* dedicado ao apoio de migrantes britânicos em Ariège.

*written text is a unilateral act.*’ No entanto, no caso das cartas ao editor, existe muitas vezes um diálogo, se não *‘in situ and in vivo interactive practices’* (Bamberg, 2011: 182), mas uma interação intercalada e sequencial, que se prolonga no tempo de publicação dos jornais. Silva ressalva o facto de as CaE serem uma forma de discurso muito semelhante à oralidade, que pressupõe reciprocidade e, que embora não haja uma presença física do destinatário, isso não impede a ocorrência de um *‘diálogo entre ausentes’* (2014: 109).

Neste processo de posicionamento do ‘outro’ nas diferentes *storylines*/enredos encontrados nas cartas ao editor, além de ser possível ver como posicionam discursivamente o ‘outro’, por inerência os atores sociais formam também imagens e posicionamentos para si próprios num contexto local que diz respeito à comunidade de expatriados britânicos no Algarve. Na Teoria do Posicionamento é conferido um papel fundamental à análise narratológica, pois permite aceder às restrições normativas, maioritariamente originárias em padrões locais de crenças em determinados direitos e deveres, expressas através do discurso. As características únicas do contexto local conferem tanto restrições normativas quanto oportunidades de ação dentro de uma *‘storyline’*, sendo que o acesso e a disponibilidade das práticas conversacionais é determinado por níveis individuais de competência e por um conjunto de direitos e deveres possíveis dentro de um corpus local de discurso e ação. Estes atos constitutivos do desenrolar de uma *‘storyline’* são frequentemente realizados em interações dialogais, que pela sua essência, estão disponíveis para análise, através da análise narratológica (Harré *et alia*, 2009:6).

#### **4.3. Análise temática e de posicionamento das cartas ao editor**

*What Paul says about Peter tell us more about Paul than about Peter’*

Baruch Spinoza

As manifestações das nossas perceções sobre os outros revelam bastante acerca de nós próprios, das nossas crenças, da nossa identidade social, das ideologias que, consciente ou inconscientemente professamos, reproduzimos e modificamos. Spinoza afirma que quando falamos dos outros, mostramos mais sobre nós próprios do que sobre o objeto

do nosso discurso. É, fundamentalmente esta a premissa sobre a qual assenta a análise das cartas, de que o discurso sobre o outro, contém informação sobre esse ‘outro’, mas principalmente, é descritiva do ‘EU’. O modo como o ‘EU’ vê, avalia e julga o outro, involuntariamente transmite informação sobre si próprio, do que sobre o ‘outro’. Deste modo, espera-se que a análise discursiva do posicionamento e da avaliação ou julgamento que leitores/autores fazem dos ‘outros’ presentes nas cartas ao editor revelem, simultaneamente, a mundivisão do ‘EU’.

#### **4.4. As *storylines* do corpus**

No que diz respeito à análise das cartas ao editor, optamos por agrupá-las em ‘*storylines*’<sup>42</sup>, de acordo com a avaliação moral e discurso ideológico que subjaz ao próprio texto. Citando Harré, a análise parte de uma ‘*commonplace observation that people are praised and blamed for what they believe, know and don’t know, forget and ignorant of (...) the evaluations expressed in such opinions tell us we are in a moral territory*’ (2012: 203). Assim, e dado que raras vezes uma carta revela apenas uma fundamentação ideológica ou julgamento moral, na maior parte das vezes, cada carta é passível de ser integrada em mais do que uma ‘*storyline*’ e de ser posicionada em mais do que uma paisagem moral. Assim, a principal dificuldade sentida neste processo foi identificar a ‘*storyline*’ principal em cada carta. A opção escolhida para a organização cartas é apenas uma de entre muitas outras possibilidades, mas é a que parece compreender melhor a complexidade dos processos de avaliação e julgamento do ‘outro’, que perpassam o discurso epistemológico da comunidade de prática em estudo.

A organização das ‘*storylines*’ foi feita em função do aspeto ou característica, que mais sobressai e que está a ser posto em causa em termos de avaliatividade. Há dois fios condutores maiores, que foram depois subdivididas em *storylines* mais especializados. O primeiro diz respeito a críticas, julgamentos, juízos de valor e avaliação de aspetos que se prendem principalmente (mas não só) com ‘o outro’ português, enquanto que a segunda linha condutora se concentra maioritariamente no ‘outro’ britânico. Cada um

---

<sup>42</sup> Aqui referimo-nos ao conceito de ‘*storyline*’ enquanto um enredo maior, que abrange um tema familiar ou facilmente reconhecível, por vezes até em culturas diferentes.

deles contém quatro *storylines* de acordo com o posicionamento e julgamento moral do ‘outro’, que está em causa nesse grupo de cartas.

#### **4.4.1. *This beautiful and peaceful country***

Nas cartas desta secção é habitual uma crítica às leis ou instituições portuguesas e aspetos que os autores das cartas acham estranho no ‘outro’, neste caso, um ‘outro’ português. Implícita ou explicitamente, os autores comparam o que acontece em Portugal com a sua experiência de vida na Grã-Bretanha, sendo esta última o modelo de referência para o comportamento correto e que evidencia o absurdo deste ‘outro’ português personificado na lei, autoridades e instituições portuguesas.

Van Leeuwen explica que a prática da recontextualização não consiste apenas na transformação das práticas social em discursos acerca dessas mesmas práticas sociais, mas também na adição de legitimações contextualmente específicas para essas práticas sociais, acrescentando respostas às questões, quer implícitas, quer explícitas, sobre o ‘porquê?’, a razão para fazer determinada coisa ou para fazer determinada coisa de uma maneira concreta (2008: 105). As cartas desta secção contêm frequentemente exemplos de legitimação por analogia, em que, segundo van Leeuwen (2008: 111), a comparação (neste caso, uma comparação negativa e implícita entre Portugal/os portugueses e a Grã-Bretanha ou outros países da Europa/mundo civilizado) levanta a questão do ‘‘porquê fazer isto?’’ Ou ‘‘porquê fazer isto desta maneira?’’. A resposta a esta questão, continua van Leeuwen, não é ‘porque é bom/correto’, mas ‘porque (não) é como outra atividade, que é associada a valores negativos’.

Torna-se claro nos exemplos desta secção que a mesma prática social é avaliada consoante aquilo que o ator social ‘us’ já conhece e que é avaliado como positivo e legitimado como a maneira correta de fazer as coisas em detrimento da maneira incorreta e negativa como é feito em Portugal. Os leitores/escritores recorrem ao seu *background* em termos daquilo que lhes é familiar no seu país de origem e criticam costumes, maneiras de estar e de fazer as coisas, que são tipicamente portuguesas e apresentam uma versão alternativa mais correta, ética, funcional ou prática.

#### **4.4.1.1. Storyline 1 - It could only happen here**

A carta 14, intitulada ‘Senseless new drinks law’ parte de um caso concreto, a introdução de uma nova lei relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas de acordo com a idade, e extrapola para a constatação de que este é apenas um exemplo de situações caricatas e absurdas, que não fazem sentido para os expatriados.

*In the 20 odd years that I have lived in Portugal, I have frequently found myself thinking, “It could only happen here”. Of course that is far from true, but the reality is that many situations occur in Portugal which make little or no sense to many of us. (carta 14)*

A carta 14 mostra uma perspetiva, em que se criam dois grupos, que claramente se opõem: os portugueses, representados pela objetivação ‘Portugal’ (van Leeuwen, 2008) e os britânicos representados pelo uso de um ator social indeterminado/agregado: ‘many of us’. O ator social ‘Portugal’ é depois especificado e designado, ‘law makers’, sendo posicionado moralmente num papel socialmente reconhecível enquanto legisladores (Harré & Langenhove, 2010: 112), criticado em termos da sua (in)capacidade (Martin & White, 2005: 53) e descritos como incompetentes, ignorantes ou estúpidos. O leitor/escritor inclui um outro ator social, ‘hapless bar owners and bar staff’, também avaliados em termos da sua capacidade, mas embora retratados como estando numa posição fraca e débil, essa condição é-lhes imposta pelos legisladores portugueses, o que torna a sua avaliação positiva.

Na carta 16 o leitor/escritor manifesta-se igualmente sobre a nova lei do consumo de álcool. Verifica-se nesta carta um endogrupo, um ‘us’, constituído pelo autor da carta e por alguns amigos expatriados, a quem mostrou a notícia sobre a lei e que se opõe a um ‘them’, que é responsabilizado pelo ridículo e absurdo da lei e caracterizado como ‘overpaid, underworked suits in the city who cannot put a logical thought into practice’. O governo português é responsável por uma situação, que acarreta depois más práticas por parte dos outros sociais envolvidos: os ‘publicans’, que por falta de tempo ou incúria, podem vir a incorrer em multas e sanções, jovens que tentam contornar a lei, ‘underage drinkers - usually of the female variety’, e o cidadão comum, ‘Mr & Mrs Average taxpayer’ que é taxado com impostos, para permitir que o governo legisle

(mal). Apesar de o governo ser criticado severamente, ao nível da capacidade as jovens do sexo feminino, *'the smart cookies'* são condenadas em termos de sanção social/veracidade, uma vez que são posicionadas como sendo enganadoras, manipuladoras e desonestas, bem como em termos de conduta ética, pois, egoisticamente, não se importam com as consequências do seu comportamento, que possam advir para os donos dos bares. Igualmente presente no discurso usado pelo leitor/escritor está a perplexidade perante 'a maneira de fazer as coisas em Portugal':

*Well Algarve Resident, I thought I was going into the realms of fantasy when I read the news recently on the alterations to laws pertaining to drinking alcohol (carta 16)*

A carta 19 apresenta uma crítica relativamente aos hábitos portugueses de consumo de álcool e condução. O leitor/escritor legitima a sua posição de autoridade moral demonstrando conhecimento de causa no que à realidade portuguesa diz respeito, nomeadamente, através do uso de vocabulário português na carta escrita em inglês, tal como *'tasca'*, *'bagaço'* ou *'imperiais'*, e também enquanto possuidor de capital cultural, demonstrado o seu conhecimento vinícola no uso da expressão *'great Alentejo red wine'*. O autor tem igualmente o cuidado de assumir uma postura moderada e, prevendo uma possível recriminação por parte dos leitores, acrescenta que também consome bebidas alcoólicas:

O leitor/escritor descreve-se, fazendo referência ao seu ponto de vista único e à sua biografia, incorrendo naquilo a que na Teoria do Posicionamento se chama auto-posicionamento deliberado. O intróito da carta é usado pelo autor para fazer referência às experiências pessoais tidas como importantes para legitimar a sua pretensão de conhecer bem o modo de vida português. Também fundamenta as suas razões para criticar os costumes dos condutores portugueses, uma vez que ele próprio pode vir a sofrer as consequências destes atos:

*Some of these commercial drivers are going to be over the drink-drive limit when they get back into their vehicles. They are putting themselves*

*at risk, but they are also putting me at risk as they are not fit to drive and may involve me or some other innocent party in an accident.* (carta 19)

A carta 19 apresenta um ‘us’, constituído pelo autor e pela dona portuguesa da tasca, legitimando a posição imparcial e tolerante daquele. A dona da tasca é posicionada como um ator social positivo, embora um tanto paternalisticamente, e a sua descrição é feita em termos de Estima Social positiva, nos campos da normalidade e capacidade: ‘charming’, ‘fragrant’, ‘keen to practice her English’. Em determinada ocasião, o leitor/escritor reporta a opinião expressa pela dona da tasca, usando uma outra voz (ainda mais, uma voz portuguesa) além da sua, para expressar o seu julgamento. O ‘outro’ português, personificado pelos ‘upwards of 10 men, all of whom were driving commercial vehicles’ é posicionado moralmente como imprudente, em termos de Estima Social/persistência, bem como displicente em termos de Sanção Social/condução ética, uma vez que demonstra não ter qualquer consideração pela segurança e bem estar dos outros condutores. No entanto, mais do que os condutores, o ator social mais duramente criticado nesta carta é a GNR, que não atua devidamente.

Esta *storyline* apresenta críticas geralmente associadas à ‘normalidade’ e a ‘capacidade’ (Martin & White, 2005) dos atores sociais. Escrutina-se e põe-se a nu a estranheza, a peculiaridade e a excentricidade presente em certos hábitos ou maneiras de fazer as coisas, mas também a estupidez, ingenuidade, inexperiência, ignorância, principalmente quando essa crítica é dirigida a uma instituição em vez de a um indivíduo.

#### **4.4.1.2. *Storyline 2 - They are not doing their job***

O tema das cartas desta secção tem a ver com um ‘them’ representado pelas instituições, e que muitas vezes os próprios autores das cartas não sabem ao certo quem é ou deverá ser, mas sabem que é português e que tem autoridade ou poder para fazer impor uma alteração ou uma sanção. Por vezes, o destinatário dessas críticas é extremamente vago e geral, como é o caso do organismo mencionado na carta nº 28, ‘Algarve tourism’, o que poderá indiciar um conhecimento extremamente superficial das instituições portuguesas. No entanto, na maior parte das vezes, a crítica é dirigida às forças policiais (principalmente GNR), câmaras municipais, governo e instituições públicas. As

autoridades e as instituições são os principais visados nas cartas desta secção. As autoridades (principalmente policiais) são representadas como não estando a cumprir a sua função. A sua competência é posta em causa, com exemplos que demonstram a opinião generalizada de que a polícia está mais interessada em passar multas do que perseguir e apanhar criminosos.

*I never heard another word from the police. The thieves got away with a substantial amount of jewellery, goods, cash etc, even though there was someone downstairs and two dogs in the house. I just thank God nobody was hurt. There was no follow up (from the police), not one arrest, no items recovered... It seems the criminals are getting away with far too many crimes and there are not enough arrests. Several houses were robbed in our area and still no police action. We pay for the police to protect us. They are not doing their job. (...) Maybe some are more interested in stopping white vans on roundabouts and imposing fines to people trying to earn a living. (carta 13)*

*This got me to thinking that there are numerous GNR across the Algarve, stopping drivers on a regular basis to check that paperwork is in order etc. But, in all my time in the Algarve, I have never seen a driver being breathalysed during the day at any of these stops. Perhaps it is easier just to check paperwork as this involves less work for the police than having to check, register and, in some instances, take additional action if a driver is over the limit prescribed by law. Or is it that the drivers I am speaking of feel confident that they will not be stopped by the long arm of the law, as the GNR's presence will be reduced as some of their number will be having a lunch break? (carta 19)*

A carta 19, apesar de incluída na *storyline* 'It could only happen here', visa também a GNR, que conhecendo estes maus hábitos, não age para os impedir. São posicionados negativamente como indolentes, incompetentes ou incapazes de cumprir com o seu dever em termos de Estima Social / capacidade.

*Many of my friends who also make trips every year feel the same and can't understand why the police let this go on. (carta 36)*

A carta 6 apresenta outro exemplo de ação policial insatisfatória. O leitor/autor relata um assalto à sua residência, sobre o qual decidiu não apresentar queixa na GNR, uma vez que não acredita na capacidade da polícia para resolver a sua situação. O autor relata uma outra situação de assalto por que passou anteriormente, na qual a GNR pouco ajudou e fez com que o leitor/escritor se sentisse tratado como um criminoso em vez de vítima.

*I did report to the GNR at that time, but nobody was interested in catching any criminal, only in the fact that a report was provided for insurance. This time, like most people feel, I did not want to spend 3 to 4 hours giving statements at the police station and facing all the bureaucracy. I had reservations in reporting the crime because of that. It is not a good feeling when you are interrogated or treated like a criminal while you are a victim. (carta 6)*

A representação discursiva que é feita da GNR é um misto de incompetência e indiferença. O autor confere-lhes um posicionamento negativo na área da capacidade e tenacidade: são pouco confiáveis e indiferentes à vítima, não demonstrando grande interesse na captura dos criminosos e na recuperação dos bens nem em prestar apoio.

A carta 4 apresenta uma admoestação à ação da Câmara de Silves, porque os funcionários deitam a relva cortada diretamente no rio Arade. Lança acusações à Câmara de Silves, por não os instruir a tratar os desperdícios devidamente, contribuindo para a degradação do meio ambiente da zona fluvial.

*Surely Silves Council should be setting an example and leading the way towards a cleaner environment, rather than condoning the activities of their employees to dump biological waste in the river. (carta 4)*

A carta 40 apresenta uma reclamação pelo lixo a céu aberto e mau estado de conservação da Praia da Luz. O autor posiciona-se como alguém que conhece bem a

área e legítima a sua pretensão com a menção de que é proprietário de uma *villa* há mais de 30 anos. A Câmara de Lagos é avaliada negativamente como incompetente e mentirosa.

*Having visited the Câmara offices in May I was assured that the roads in Luz Parque would be resurfaced this spring as they are now in a dangerous condition. So far no action!* (carta 40)

*If Albufeira Câmara and its tourist department want to rid themselves of the increasingly negative publicity created by these groups of rowdy tourists, it needs to get a proper grip of the rental market and the way it operates, which the recent changes to regulation seem to have done very little to improve.* (carta 27)

A carta 27 faz um apelo à ação por parte das instituições competentes. Muitas das cartas desta secção utilizam expressões como *'I would strenuously suggest'* (carta 23), *'it needs to get a proper grip'* (carta 27) ou *'something needs to be done'* (carta 36), ligadas a julgamentos de conduta ética (Martin & White, 2005).

*Surely Algarve tourism cannot afford this very bad image and should be positively discouraging these unwelcome visitors.* (carta 28)

*But it is also everyone's responsibility to deal with this. Lagos is a beautiful city - let's keep it that way! Perhaps an organised effort by local schools can do an annual or semi-annual clean up of the areas outside of the city walls? It would be much appreciated!* (carta 35)

*I know so many lovely people and don't want to stop coming, however, something needs to be done about the stag parties ruining the old town.* (carta 36)

O mote do próximo conjunto de cartas é a segurança, ou melhor, a sua ausência. Este tema surgiu em força nas cartas de 2013, ainda em pleno período de crise, não tendo

tido representatividade nas cartas de 2017. As cartas 5, 6, 12 e 13 afloram o assunto sob perspectivas diferentes.

A carta 5 relata várias situações de assaltos a residências de expatriados num curto período de tempo, descrevendo um em particular, em que o ator social ‘gang’ é posicionado como mau, violento e agressivo para além do que seria necessário:

*As I am given to understand, the gang waited until the occupants were in bed and broke in so quickly that the panic button could not be reached in time. The male occupant, whilst still in bed, was viciously beaten which necessitated him to be hospitalised. The piece also omits to mention that in this small area in the hills above Loulé we have had eight robberies in as many weeks. (carta 5)*

O leitor/escritor posiciona-se num grupo de ‘us’, expatriados, cujo comportamento se opõe ao dos ladrões: maduros, equilibrados, experientes e racionais:

*We are, in the main, mature, well balanced and with some years of life experience behind us. Many of us have had homes here for over twenty-five years. We have seen crime waves come and go, albeit not as bad as our present problems but we know that in these times we lock our doors and windows. We alarm and light our houses. We know we don't go outside at night when we hear an unusual noise and we are aware. But we need to be kept informed as to what is going on out there. (carta 5)*

No entanto, o comportamento dos assaltantes parece ser desculpabilizado ou justificado em razão dos tempos que correm. O ator social mais responsabilizado é a SCA (*Safe Communities Algarve*), por não informar devidamente os expatriados relativamente aos crimes que acontecem. A carta 12 é redigida em resposta à carta 5 e rejeita o posicionamento conferido pelo autor da carta 5 à SCA. Posiciona-se a si próprio contra o grupo de expatriados, com o que design de visão lusófila, de que Portugal é um paraíso cheio de aspetos positivos.

*However, despite the Lusophile view often expressed by your correspondents, we do not live in paradise and crime is a real problem here as it is anywhere. (carta 12)*

A carta 6 relata um assalto sofrido na residência do leitor/autor, mas a principal razão para a redação da carta não é o roubo em si, mas a inação da GNR em relação ao assunto. Na carta 13 o leitor/escritor relata uma situação de assalto residencial e queixa-se da sensação de insegurança e da inação da polícia relativamente aos assaltantes.

*I never heard another word from the police. The thieves got away with a substantial amount of jewellery, goods, cash etc, even though there was someone downstairs and two dogs in the house. I just thank God nobody was hurt. There was no follow up (from the police), not one arrest, no items recovered... It seems the criminals are getting away with far too many crimes and there are not enough arrests. Several houses were robbed in our area and still no police action. We pay for the police to protect us. They are not doing their job. (carta 13)*

Representa discursivamente o ‘outro’ como um estrangeiro, uma vez que pede a sua deportação: ‘*The thieves should be caught and deported before people are killed.*’ Não deixa de causar alguma estranheza o facto de a punição pedida ser a ‘deportação’ em vez de pena de prisão, por exemplo. Embora não possamos ter certeza da nacionalidade dos assaltantes, o contexto leva-nos a crer que não são britânicos, mas sim outro tipo de ‘expatriados’, também, imigrantes, mas por razões que se prendem com a melhoria da sua condição económica e não com uma mudança do estilo de vida. Nota-se medo em relação a um ‘outro’ que é considerado tão diferente do ‘eu’, que até deve ser deportado, afastado fisicamente do eu e do Éden algarvio.

Esta *storyline*, embora tematicamente ligada ao crime, visa principalmente um ‘outro’ personificado na autoridade e forças da lei, pouco ou nada atuantes. O ‘outro’ representado pelos criminosos apresenta uma conduta ética repreensível: maus, cruéis, insensíveis.

Este bloco contém assuntos variados, que têm uma coisa em comum: há leis que não estão a ser cumpridas, mas deveriam sê-lo, situações em que, não havendo lei que as regulamentem, são moralmente ou eticamente questionáveis de algum modo. De um modo geral, as Câmaras, o governo e organismos institucionais são representados como um ‘outro’ negligente, incompetente, displicente, incompreensível, por vezes, que não age a não ser quando diz respeito a castigar e obstruir o cidadão comum. Por vezes, a sua conduta ética é posta em causa, com posicionamentos associados à corrupção ou tráfico de influências. São assim geralmente criticadas em termos de ‘capacidade’ e condenadas pela ‘conduta ética’ (Martin & White, 2005). As forças policiais, nomeadamente a GNR, são de maneira geral, posicionadas negativamente e avaliadas em termos de Estima Social, no campo da ‘capacidade’ e ‘tenacidade’ (Martin & White, 2005): incompetentes, covardes, pouco confiáveis, mais interessados em realizar tarefas rotineiras e seguras do que perseguir e apanhar criminosos.

Tal visão/julgamento do ‘outro’ estrangeiro, já era descrito por O’Reilly no seu estudo sobre britânicos na Costa del Sol: *‘On the other hand, there was a feeling that the Spanish authorities were untrustworthy and unreliable. (...) Britain is depicted as crime-ridden, but as more honest and trustworthy at the level of officialdom and bureaucracy, while Spain is a complete contrast’* (2000: 74-75).

As representações discursivas desta secção podem ser encaradas como a visão britânica sobre o ‘them’ institucional português, mas de certa maneira, não difere muito das representações que os portugueses fazem acerca destas mesmas instituições. Poderá, por essa razão não ser muito representativo de uma caracterização tipicamente britânica do ‘outro’ referente às autoridades.

#### **4.4.1.3. Storyline 3 - *I find it absolutely disgraceful***

Esta secção prende-se com a avaliação moral do comportamento do ‘outro’ e entra no domínio da avaliação e julgamento (appraisal) a um nível de sanção social e mais especificamente, de conduta ética ou ‘propriety’ (Martin & White, 2005). Tal é visível no uso de expressões como ‘*It’s a shame*’ (carta 17), ‘*Shame on you*’ (carta 32) ou ‘*I find it absolutely disgraceful*’ (carta 15). Nos restantes extratos escolhidos não há uma desaprovação tão factual, mas também é dada voz ao descontentamento, recorrendo a

outras expressões, como por exemplo, o uso de maiúsculas em ‘NOT ONCE’ (carta 37) ou a analogia com ‘turista’ (carta 39), associando os valores negativos de uma prática social (turismo) a uma outra (a da residência mais ou menos habitual), conforme van Leeuwen (2008: 112) explica que pode ser um recurso para a construção discursiva de legitimação.

As cartas 24, 31 e 37 têm em comum comentários sobre a lei da prioridade, que institui a obrigatoriedade de prestar atendimento prioritário às pessoas com deficiência ou incapacidade, pessoas idosas, grávidas e pessoas acompanhadas de crianças de colo, para todas as entidades públicas e privadas que prestem atendimento presencial ao público. Os leitores/escritores criticam o facto de as leis portuguesas serem apenas letras no papel, uma vez que não são cumpridas, nem o seu cumprimento é fiscalizado. Nos três casos, os leitores posicionam-se como fragilizados e débeis ou como os cuidadores de alguém nesse estado. O ‘outro’ português é referido na generalidade, sendo muitas vezes nomeadas as instituições em vez dos indivíduos: ‘Pingo Doce’. ‘MEO’ ou então recorrendo a outras maneiras de mitigar e ocultar o ‘outro português’: ‘*The new law also covers parking but it is ignored by cars with Portuguese plates on*’ (carta 31). Os carros são representados como seres animados que agem em vez dos condutores.

*I wish I could say that I welcome the new Priority law. I am 80-years-old, walk with the aid of a stick and have only on one occasion been shown this courtesy.* (carta 24)

*Like many Portuguese laws it is not meant to work, just to look good.*  
(carta 31)

*I have to agree 100%! My husband has been in a wheelchair for two months and NOT ONCE have we been shown any priority in any of the shops or cafes we frequent.* (carta 37)

A carta 15 descreve um episódio em o leitor/escritor é mandado parar pela polícia e acusado de estar a usar o telemóvel ao mesmo tempo em que conduzia. No entanto, o condutor não tinha consigo o telemóvel, o que impossibilitou a polícia de o multar. Na narração da sua história, o autor enfatiza as suas ações corretas em contraste com más

ações levadas a cabo pela polícia, posicionando-se numa grelha de valores morais diversa da do ‘outro’, autoridade policial, tomando praticamente a forma de uma reprimenda moral: *‘Is this how low the police will go to get some money in? I find it absolutely disgraceful.’*

A carta 29 expõe o caso da reabertura de tribunais, que não têm funcionários para operar convenientemente. O ‘them’ é encarnado pelos ‘politicians’, posicionado como um ator social que não toma decisões, porque são corretas, mas porque aumentam a sua popularidade. Assim, este ‘outro’ é avaliado em termos de Sanção Social/veracidade, pois é a sua honestidade que é posta em causa: é desonesto, mentirosos e manipulador.

A autora da carta 30 escreve, motivada pelo incêndio que destruiu um palácio do século XVIII em Loulé, deixado cair em desgraça pelas sucessivas autoridades e governos ao longo do tempo. O ‘them’ é constituído pelos portugueses, que surge objetivado na expressão ‘this country’: *‘Something is wrong with the way this country looks after its ancient monuments’*. As autoridades, que a autora descreve como sendo ‘so many’, não manifestaram qualquer interesse num edifício histórico, mas contraditoriamente, são rígidos com assuntos de somenos importância:

*just try and put a window into a solid area of brick wall, or a skylight into an old roof and you soon discover how many authorities have to waste weeks debating on whether or not they can possibly allow it. (carta 30)*

Desta forma, as autoridades competentes são posicionadas como sendo extremamente minuciosas e proibitivas em algumas situações e paradoxalmente, permissivas e displicentes noutras, como é o caso da proteção do património cultural e arquitetónico do país.

*Yet when there is something beautiful, iconic, historic, architecturally in a tiny class of its own, what happens? No one does a thing! The council bleats that the building isn’t its responsibility, environmental groups ‘lament’ (having done absolutely nothing in this case for years), the owners are demonised*

*in their absence for wanting to build an urbanisation that 'is not permitted' and 'drug addicts' are saddled with all the blame. This is not right. (carta 30)*

Há um julgamento moral expresso no comentário final *'This is not right'*, que põe em causa a conduta ética das autoridades com esta competência. Além disso, o leitor/escritor insinua um possível favorecimento ao *'British fund'* proprietário do palácio. Assim, as autoridades são criticadas em termos de Estima Social/capacidade (ignorantes, incompetentes) e Sanção Social/conduta ética (corrupto).

Há um outro exemplo de incredulidade e indignação contra as instituições, presente na carta 26, em que o leitor/escritor se queixa do barulho e perturbação causados por um evento organizado por organismos institucionais algarvios, de nome *Hovertrack Portugal*.

*There are so many bodies we read about (the CCDR, APA, Polis Litoral, etc) telling us what we can and cannot do in terms of preserving Portugal's sainted environment. What in God's name possessed any one of them to sanction Hovertrack Portugal? I just don't get it. (carta 26)*

De maneira muito semelhante à carta 30, condena a existência de inúmeras instituições (CCDR, APA, Polis Litoral) posicionadas como tendo o poder para sancionar inúmeras coisas aos cidadãos em geral, justificando-se com a conservação do meio ambiente ou do património paisagístico e arquitetural, mas que quando diz respeito à organização de grandes eventos, ignoram e passam por cima da lei, cegos ao prejuízo que trazem aos residentes e natureza circundantes.

*Have environmental impact studies been carried out to assess, for instance, the effects on wildlife, or even the sanity of local residents? I for one had not even heard of this coming until it was on the scene. (carta 26)*

Esta carta mostra uma cisão entre um grupo de ‘us’, constituído pelo autor e ‘local residents’ e um grupo de ‘them’, que inclui as instituições que autorizam este tipo de evento. O último grupo é criticado em termos de Estima Social/capacidade e normalidade, pela sua incompetência, estupidez e imprevisibilidade e de Sanção Social/conduita ética, dado que não demonstram qualquer consideração por quem será diretamente afetado pelo evento.

O evento é caracterizado em contraste com o meio ambiente, com o local onde teve lugar. O Hovertrack Portugal é descrito como um caso de ‘*Hooray Henry lunacy, churning up dust and noise in an area already blighted by acres of tarmac*’, ‘*powered by fuel*’ e ‘*this latest horror*’ num local ‘*already ravaged countryside near Portimão autodrome*’, cujo planeamento também deixa muito a desejar: ‘*“infrastructures” (other than the swathe of blasted earth) appear to be no more than a selection of metal containers*’. Em termos de *appreciation* (Martin & White, 2005: 56), o evento tem conotações de insanidade, ruído e confusão em contraste com ‘*countryside*’, que embora já adulterado pelo progresso, ainda é associado com ‘*wildlife*’, calma e sossego.

Na carta 32 o leitor/escritor indigna-se contra a Câmara de Lagoa por permitir a destruição dos espaços verdes circundantes. O ‘them’ é composto por ‘*Lagoa council*’. O autor da carta contesta a atribuição de estatuto zona para fins industriais no Plano Diretor Municipal e propõe uma alternativa, uma vez que já existem demasiadas áreas cinzentas:

*‘The land opposite Aldi in Lagoa would have been perfect for a nature park open for the enjoyment and environmental education of the local people - i.e. always respecting the wildlife’.* (carta 32)

O ‘them’ é condenado em termos de conduta ética pelo comportamento ganancioso, esperando obter dividendo sem olhar a meios: ‘*Shame on you, Lagoa council ...*’

A carta 17 figura um indivíduo, que procurou uma propriedade no Algarve, tendo acabado por desistir, dado que esta região não tem as qualidades positivas que o autor da carta considera que deveriam estar presentes. O Algarve não é aquilo que ele idealizava: ‘*I have just wasted five months looking for property in Algarve*’ (carta 17).

Nas cartas 17 e 25, o ‘outro’ português é claramente nomeado, sendo a crítica dirigida à generalidade dos portugueses, à sua cultura e maneira de ser. O autor assume um posicionamento de autoridade, uma vez que refere conhecer bem outros países, tendo por isso uma boa base para comparação e legitimidade para se pronunciar : ‘*I have lived and worked in nine countries*’. O pretexto para a redação da carta é o mercado imobiliário português, que o leitor/escritor considera não oferecer as condições necessárias para alguém que deseja comprar uma propriedade no Algarve. O autor posiciona negativamente o ‘*them*’ como um condutor perigoso e agressivo, antipático, primitivo e ganancioso:

*‘Portuguese are the most aggressive and dangerous drivers I have ever encountered (I have lived and worked in nine countries) (...) despite most tourists saying Portuguese are friendly and hospitable (could be in summer months when tourists hand over cash) but in winter I found some very arrogant and openly aggressive/racist towards foreigners’* (carta 25)

O julgamento do ‘*them*’ português dá-se ao nível da Sanção Social, nas categorias de veracidade e conduta ética, pois condena a desonestidade, agressividade, manipulação, ganância e arrogância dos portugueses.

O único fator positivo acerca de Portugal parecem ser objetos inanimados: ‘*It’s a shame because landscapes, countryside and weather are nice*’, levando o leitor a concluir que o que estraga Portugal são os portugueses. Ao contrário do que é habitual nas críticas aos portugueses, nesta carta o leitor/escritor não envida quaisquer esforços para mitigar a dureza das suas considerações ou camuflar através de estratégias discursivas o ator social sob ataque, muito provavelmente, porque não tem intenção de se fixar no Algarve:

*Nobody wants to live where the locals hate them so much but rely on their spending for survival and the choices for those with free capital these days are immense. Added to out [sic] home being*

*robbed at night and various other incidents, we opted not to make Portugal our permanent home. (carta 25)*

A carta 23 apresenta uma outra situação de crítica a um ‘outro’ português, apelidado pelo autor de ‘*so-called ‘Gardeners’*’, bem como a Câmara de Lagos, responsável pelo modo como os seus empregados fazem o trabalho. O que motiva a sua crítica é o barulho produzido pelos jardineiros na manutenção dos jardins envolventes da *villa* alugada para as férias do autor da carta e sua família. O leitor/escritor posiciona-se como alguém com capital económico suficiente para alugar uma *villa* ‘*in the very expensive range*’ e também como alguém com conhecimentos de jardinagem: ‘*as a gardener myself*’. Por outro lado, o ‘*them*’ é posicionado como selvagem, pouco civilizado, sendo usado o termo ‘*cowboys*’ para o descrever e também como não sendo possuidor dos conhecimentos e do bom-senso necessários, para este tipo de atividade. O ‘*them*’, por oposição ao ‘*us*’ (constituídos pelo leitor/escritor e esposa), é criticado em termos de Estima Social/capacidade. O autor deixa ficar uma ameaça ao ‘outro’ português, que deve modificar a sua conduta, caso queira continuar a ter dividendos provenientes do turismo:

*‘I would strenuously suggest that the Câmara de Lagos takes a closer look at these ‘cowboys’ and applies stricter rules, if they wish to continue enjoying the revenue from tourists that is.’*

#### **4.4.1.4. *Storyline 4 - The Algarve should not be seen as a golden goose***

Esta *storyline* inclui apenas algumas cartas, onde o assunto se destaca, mas na verdade, é um discurso que perpassa muitas outras cartas. Quando o autor da carta 26 nos diz que não compreende nem sabe quem sancionou um evento que está em dissonância com a área calma e campestre onde teve lugar, também está a afirmar que o Algarve não deve ser assim. As cartas ao editor criticando as instituições portuguesas poderiam também integrar a presente categoria, uma vez que se debruçam sobre visões de como o Algarve deve ser. Nestas podemos encontrar opiniões sobre o que é o verdadeiro Algarve e porque deve ser mantido como é.

Frequentemente, o assunto que motiva o leitor/escritor a escrever tem a ver com questões culturais ou ambientais, enquanto noutras situações se prende com o tipo de ambiente social e com o comportamento dos turistas no Algarve, que pode ser disruptivo daquilo que o leitor/escritor considera que se encaixa dentro da ‘normalidade’. Neste último caso, o conceito do que é ‘normal’ prende-se com a perceção e experiência turística ou migratória inicial, que o indivíduo gostaria de ver cristalizados, mas que é impossível de manter, uma vez que os expatriados e turistas que vêm para o Algarve o transformam e deixam a sua marca. Também aqui encontramos auto- e alter-posicionamentos deliberados, tendo em vista um julgamento de conduta ética e moral.

Nesta secção apresentamos dois exemplos do *corpus* com a orientação temática sobre como deve o Algarve ser (ou não) explorado. O primeiro, mais positivo, pois considera que o Algarve ainda mantém o seu encanto, o segundo, em tom de crítica, por mostrar um exemplo, em que o desenvolvimento provocado pelo turismo arruinou algo, que antes primava pela beleza.

*The Algarve should not be seen as a golden goose to be stuffed for foie-gras 365 days a year. It is too special for that, and local people deserve their well-earned rest when the place is back to being just theirs again, even if it does mean that there is slightly less money in evidence.* (carta 33)

O ‘outro’ português, responsável por este estado de coisas, é posicionado moralmente e ‘categorizado’ (van Leeuwen, 2008), i.e., não é representado recorrendo à sua identidade única na carta 33 (‘*one of the Algarve hotel bosses*’), mas sim de acordo com uma função que executa e que é socialmente reconhecido.

Na carta 34, o autor exclui o(s) ator(es) social(is) responsável(is), não representando no discurso condenatório do estado a que chegou a praia D.Ana, ‘*a complete and utter mess*’. Podemos inferir que talvez sejam as autoridades que permitiram que as coisas chegassem a este estado, os turistas, que com a sua avidez consumista destruíram o local, ou até mesmo os locais, que esperavam lucrar com estas alterações. O autor demonstra que conheceu o antes (positivo) e o depois (negativo). O uso de

‘*unsurprisingly*’ produz uma avaliação moral sobre a ação daqueles que têm responsabilidade sobre este acontecimento.

*Let’s not forget that the Algarve once had the most beautiful beach in Europe, Praia Dona Ana. Unsurprisingly there was no mention of this beach, which is fair enough given its transformation into a complete and utter mess (pictured). (carta 34)*

Na carta 34 o leitor/escritor inclui outro elemento semiótico, uma fotografia, que para além da sua descrição, ilustra o problema referido. É feito um contraponto entre o que o Algarve era no passado e é agora, mas não nomeia um culpado, não havendo um ‘*them*’ óbvio. O autor deixa à consideração do leitor inferir quem terá causado este estado de coisas ou deixou que chegasse a este ponto. Apoiando-nos na foto<sup>43</sup>, que mostra vivendas construídas na beira da falésia sobranceira à praia, grafitis e escoamento de águas pluviais diretamente para a praia, resultando na degradação do areal, poderá conjecturar-se que são as autoridades institucionais e camarárias as responsáveis. Poderá aventar-se que haverá outros culpados, pois há que refletir no papel que os turistas detiveram na degradação que agora salta à vista. Neste contexto, o leitor/escritor posiciona-se como uma autoridade moral, um guardião do Algarve e cria um grupo de ‘*us*’, tornado evidente na frase:

*For the Algarve to have 8/10 of the best beaches in Portugal shouldn’t necessary be local news; I think **we** all knew that*<sup>44</sup>.

Não refere quem é o ‘outro’ responsável, mas o resultado da sua ação é caracterizada como ‘*worrying*’ e materializada numa ‘*transformation into a complete and utter mess*’. Em termos de apreciação, a Praia D.<sup>a</sup> Ana e o Algarve, no geral, passou de uma local associado a reações positivas para o completo oposto.

A carta 33 é escrita por um leitor/escritor, que se insurge contra a opinião de ‘*one of the Algarve hotel bosses*’, que gostaria que o Algarve fosse ‘*a year-round tourism destination*’. O autor caracteriza o seu comportamento, como unicamente interessados no lucro, nem que para isso explore os seus trabalhadores: ‘*the person winging comes*

---

<sup>43</sup> De certa maneira a foto desempenha um papel fundamental na identificação de um possível ‘outro’.

<sup>44</sup> Negrito meu.

*from a corner of the industry that traditionally pays its staff peanuts in return for inhuman working hours*'. O leitor/escritor inclui-se num grupo de 'us', primeiramente constituído por expatriados (*'If any of us thought the summer frenzy would be a 12-month feature in our lives, people would run from this sunshine paradise in droves'*), que depois se expande para incluir os trabalhadores da indústria turística, com quem o autor se solidariza: *'people employed in the tourism industry need time to recharge their batteries, hug their children and enjoy evenings by the fire, eating meals slowly'*. Também os turistas constituem um 'outro', sendo feita uma analogia com o comportamento de crianças mimadas, cujas exigências irracionais se espera que os empregados satisfaçam *'to pander to the whims of an endless conveyor belt of clients expecting perfect service'*. O autor posiciona-se, assim, contra um 'them' constituído pelos hoteleiros, condenados em termos de Sanção Social/conduita ética pela sua ganância, insensibilidade e egoísmo.

Simultaneamente, tece considerações sobre como deve ser o Algarve e a indústria turística algarvia. O primeiro é caracterizado como especial, não devendo ser encarado como uma galinha dos ovos de ouro: *'The Algarve should not be seen as a golden goose to be stuffed for foie-gras 365 days a year'*. O autor usa uma modulação de obrigação relacionada com um julgamento de conduta ética lexicalizado. Em termos da apreciação do lugar, o Algarve é apreciado positivamente pelo seu carácter único, em completo contraste com a ação dos indivíduos ou empresas, que o exploram.

Os autores destas duas cartas assumem um posicionamento, em que o seu tempo de permanência, seja ele de residência ou de turismo (não é claro), os legitima para dizer o que 'o outro' deve ou não ser. A *'transformation'* levada a cabo por um ou mais atores sociais, que não são nomeados, é julgada negativamente.

As cartas 27, 28 e 36 afloram um problema, que diz respeito à alteração do conceito turístico no Algarve, quando em 2017 se organizou um pacote turístico por 600 euros, de nome *'Invasion Portugal'*, que trouxe a Albufeira mil jovens britânicos entre os 19 e 22 anos, que provocaram desacatos e uma guerra campal com a GNR. Nesta cartas, os autores manifestam a sua repulsa por este tipo de comportamento, cuja intenção é interromper *'the peace and tranquility of this beautiful country'* (carta 27). A ideia subjacente a esta crítica é a de que o Algarve é para turistas e expatriados que procuram

paz e sossego e outras formas de turismo ‘modificam’, alteram o carácter do Algarve. Posicionam-se como guardiões contra as hordas de ‘rowdy tourists’.

No entanto, no conjunto destas três cartas sobre o movimento ‘*Invasion Portugal*’, duas delas usam-no como, um pretexto ou intróito para discutir um problema que afeta o leitor/escritor diretamente: no caso da carta 27 é o uso de uma *villa* para arrendamento turístico a grupos de jovens barulhentos por uma agente portuguesa sem escrúpulos, enquanto que na carta 28 se relata o comportamento violento destes jovens turistas em voos entre a Grã-Bretanha e Portugal. Os turistas são posicionados num grupo diferente dos residentes, como não tendo ligação ao local, não compreendendo o carácter e a riqueza cultural e, de certa foram, ‘danificando’ o Algarve.

Se recorrermos ao conceito de ‘*appreciation*’ proposto por Martin & White (2005: 56-58), que se debruça sobre a nossa avaliação das coisas, verificamos que na carta 27 se faz uma apreciação positiva do lugar, que é descrito como tendo os atributos ‘*peace and tranquility*’ e o autor reforça esta descrição referindo que mora ‘*in a quiet residential area west of Albufeira, which is not traditionally a location for rental villas*’, que serve como pano de fundo para ações, que parecem estar fora de contexto aqui: ‘*partying*’, excesso de ruído e de lixo. Estes tipos de comportamento estão sob julgamento moral negativo.

O autor alinha-se com os ‘*residents*’ de uma área de pessoas relativamente afluentes, ‘*villas*’, afastadas do bulício turístico.

*I live in a quiet residential area west of Albufeira, which is not traditionally a location for rental villas. (carta 27)*

*Despite its location away from the bright lights it attracts many large parties of young people who have **no regard for residents**, and party and play loud music all day and until the early hours, and fill the waste bins so that **we** cannot dispose of **our** refuse. (carta 27)*

Por outro lado alinha-se contra os jovens que perturbam a ‘paz e tranquilidade’, a agente turística ‘portuguesa’ que publicita a ‘villa’ vizinha como um local de festas desregradas e Portugal/Albufeira/Câmara de Albufeira, que não regulamenta convenientemente o mercado de arrendamento e maneira como se opera.

*It is increasingly apparent that **Portugal, and Albufeira in particular, are attracting parties of young people** intent on disrupting the peace and tranquility of this beautiful country.*  
(carta 27)

*The Portuguese agent who describes herself on her website as enjoying ‘having a laugh’, itself an implicit incitement to bad behaviour, does nothing to address complaints from **neighbours** despite herself living close by.* (carta 27)

A escolha entre fazer referência genérica ou específica é outro fator importante na representação dos atores sociais. Estes podem ser representados como classes ou como indivíduos específicos e identificáveis (van Leeuwen, 2008). O ator social ‘*young people*’ é generalizado, sendo realizado pelo plural nas 3 ocorrências: ‘*parties of young people*’, ‘*many large parties of young people*’ e ‘*by these groups of rowdy tourists*’ (carta 27).

A generalização tem, neste caso, o efeito de remover simbolicamente esse ator social do mundo de experiência imediata do leitor, afastando-o. Os atores sociais passam a ser tratados como um ‘outro’ distante em vez de pessoas com quem temos de lidar no cotidiano. Ou seja, para o autor não é importante especificar quem são os ‘*young people*’. Basta representá-lo como um coletivo ‘numeroso’ e homogêneo (*parties, many large parties, groups*) e jovem. O julgamento negativo da sua conduta ética é conseguido através da sua descrição como ‘*rowdy*’, que se distancia e opõe ao comportamento calmo e silencioso do leitor/escritor e restantes vizinhos.

O ator social ‘*residents*’ também é generalizado pelo plural sem artigo (‘*residents*’, ‘*neighbours*’):

*‘it attracts many large parties of young people who have no regard for **residents**, and party and play loud music all day and until the*

*early hours, and fill the waste bins so that we cannot dispose of our refuse.’ (carta 27)*

*‘The Portuguese agent who describes herself on her website as enjoying ‘having a laugh’, itself an implicit incitement to bad behaviour, does nothing to address complaints from neighbours despite herself living close by.’ (carta 27)*

O autor propositalmente não especifica este grupo, se estes ‘*residents*’ são expatriados ou se inclui portugueses. Já o ator social ‘*the Portuguese agent*’ tem um tratamento diferente, sendo especificado através de uma pós-modificação (oração subordinada introduzida pelo pronome relativo ‘*who*’): ‘*The Portuguese agent who describes herself on her website as enjoying ‘having a laugh*’ (carta 27)

Uma vez que a ocorrência de distúrbios em Albufeira serve como pretexto para que o autor da carta possa contar a sua experiência pessoal com estes grupos de ‘*party animals*’, é importante identificar o causador do sofrimento nesta situação concreta, o agente turístico, dado que foi por devido à sua agência (ao publicitar e alugar esta *villa* a grupos de foliões) que estas situações ocorreram. Ao contrário de ‘*young people*’, que é generalizado e, por conseguinte, simbolicamente afastado, ‘*the Portuguese agent*’ é aproximado e particularizado, porque pertence à esfera de experiência do autor da carta e porque o autor deseja particularizar e evidenciar as suas más ações.

O ator social ‘*young people*’ é identificado/classificado em termos de idade: o atributo ‘*young*’ é empregue por duas vezes, reforçando essa característica, na ausência de uma identidade única ou de nominalização. ‘*Young*’ não oferece apenas uma identificação por classificação, ou seja, como diz van Leeuwen (2008), a identificação física é sempre sobredeterminada, pois os atributos físicos tendem a ter conotações e estas podem ser usadas para obliquamente classificar ou funcionalizar o ator social. Neste caso, a escolha do modificador parece ter o efeito de mitigar a representação negativa desse ator social, uma vez que implícita está toda a carga semântica e ideológica associada à palavra ‘*young*’, no sentido de fuga às responsabilidades, pouca capacidade de discernimento, vontade de se divertir acima de tudo, etc. Também poderá dar uma pista

quanto ao autor, pois ao reforçar a juventude dos foliões, também transmite a ideia de que poderá não pertencer nem estar próximo do mesmo grupo etário.

#### **4.4.2. *The right kind of Brit***

As *storylines* desta secção visam maioritariamente um ‘outro’ britânico. O contexto de migração para um novo país, em que as categorias normalmente utilizadas para ‘classificar’ o ‘outro’ perdem a sua validade no novo contexto, tornando-se mais premente observar os comportamentos e gostos dos outros expatriados para tentar perceber quem são. Definir um conjunto de padrões a atingir, identidades diferenciadas dentro da própria comunidade são preocupações prementes, pois ajudam no processo de (re)criação de uma identidade local, num novo contexto.

Muitas das cartas aspiram a poder prescrever comportamento, aspirações, valores a partilhar pela comunidade de expatriados, numa tentativa de participar na criação do que é o projeto de *lifestyle migration* no Algarve. São várias as estratégias usadas: desde a legitimação temporal (há quantos anos vive em Portugal?), à aquisição de capital cultural através da proficiência na língua portuguesa, entre outras. Nesta secção iremos dar ênfase a algumas dessas linhas ideológicas através da análise dos posicionamentos atribuídos ao ‘outro’ britânico na *storylines* encontradas.

##### **4.4.2.1. *Storyline 5 - What are these people doing here?***

Lawson (2015:178) demonstrou na sua tese sobre os britânicos no sudoeste de França como os expatriados britânicos usavam uma variedade de recursos discursivos para posicionar ‘*the British as having a duty to learn French and to mix socially with the local, rather than depend on each other.*’ Mediante leitura e análise das cartas, verifica-se o mesmo tipo de atitude dos britânicos no Algarve relativamente aos seus compatriotas. Lawson chama-lhe ‘*the duty to integrate*’ (2015:177), ilustrando como o conceito de integração é um recurso recorrente usado na construção da identidade dos migrantes e onde ‘*some members resort to social categorisation and stereotypes to*

*position themselves (...) in relation to an ideology of lifestyle migration, based upon notions of the right way to behave.*' (idem).

Oliver and O'Reilly também demonstram que na comunidade de expatriados em Espanha *'being integrated is thus seen as being cultured is a means of accruing symbolic capital, irrespective of one's position in Spanish social space'* (2010:60). Nas cartas ao editor do *corpus* não existe uma tão óbvia incitação à aprendizagem da língua portuguesa, como um meio de possuir o capital cultural linguístico necessário à integração, mas aquela revela-se indiretamente na crítica consistente à excessiva dependência e ao consumo de produtos e serviços britânicos, como no conjunto de cartas selecionadas acontece com o caso das cartas que têm por tópico principal a perda da TV britânica por satélite.

No final de 2012 procedeu-se à transferência de alguns canais britânicos para um novo satélite. Essa mudança motivou a preocupação acerca da perda de canais britânicos em países europeus com uma comunidade de expatriados, nomeadamente em Portugal, e especialmente depois da perda do *Channel 5* imediatamente a seguir à mudança. Tal ocorrência motivou rumores na *internet* e levou a uma 'guerra' ideológica entre dois grupos diferentes de leitores/escritores referente ao 'dever de integração' e ao projeto migratório dos expatriados: uns a favor de maior integração na realidade portuguesa e, conseqüentemente, admoestando e condenando outros britânicos e questionando as suas razões para estar em Portugal; outros manifestam revolta contra a perda da ligação com e recusam o posicionamento deliberado (Langenhove & Harré, 1999) que lhes é conferido enquanto pouco integrados na sociedade portuguesa.

Nas cartas 2 e 3 critica-se aquilo, que é considerado pelos autores como uma excessiva dependência dos canais de televisão britânicos. Significativamente, em ambas as cartas não se assiste à construção de um ator social plural, um '*us*', que consigne mais força e autoridade ao que é afirmado. A crítica é feita a partir de um ponto de vista pessoal, através do recurso constante à 1ª pessoa do singular. Ambos os autores demonstram segurança no seu ponto de vista, não precisando de recorrer a um '*us*', porque se consideram legitimados pelos argumentos que constroem e pelo ponto de vista ideológico, que considera a integração como um dever moral. A autora da carta 2 recorre a uma estratégia de legitimação temporal, em que o grande número de anos a

residir em Portugal lhe confere autoridade para opinar. Ambos os autores insistem na ideia de uma ‘escolha’: a da carta 2 não tem recetor de satélite nem nunca teve, enquanto que o da carta 3 fala numa seleção de critérios para viver em Portugal. Estes 2 autores estão a ter o comportamento correto, aquele que se espera de quem escolhe um outro país para viver.

*I can't help feeling sorry for all those ex-pats to whom BBC television is a 'lifeline'. (Letters 29 December 2012). What are these people doing here if BBC TV is so important to them? I have lived here for nearly twenty years, do not have a satellite dish, nor do I intend to get one. (carta 2)*

*What is the fuss all about? Why are so many sad people thinking the world will end because they won't be able to watch the BBC probably from the middle of next year? Surely they didn't include watching UK television in their criteria for moving to this beautiful country? I for one didn't and don't miss in the slightest the rubbish that is broadcast in the name of entertainment. I think that the people concerned need to take a look at themselves and get a life! (carta 3)*

Os leitores/escritores destas cartas procedem a um posicionamento deliberado do ‘outro’ (Langenhove & Harré, 1999a; Harré & Langenhove, 2010) como indivíduos ‘tristes’ e merecedores de compaixão. Ao fazê-lo os autores dessas cartas posicionam-se numa grelha de valores morais oposta à deste ‘outro’.

Ao mostrar não sentir necessidade de recorrer a um ‘us’ que fortaleça e legitime a sua posição, ao contrário do que acontece quando o discurso é feito em defesa de quem acha que os canais britânicos devem continuar disponíveis, os leitores/escritores acreditam que a sua posição vale por si mesma e não precisam da ‘força dos números’ para criar uma posição fortalecida. As opiniões que eles manifestam estão mascaradas sob a capa do que pode ser considerado ‘senso-comum’, por isso, não precisam de uma voz plural e de certo modo, esperam que a generalidade dos leitores alinhe com eles ao ler as suas cartas, em linha com o que afirmam Oliver and O'Reilly: *‘Their way of thinking appears to the individual as no more than common sense; it is doxic (taken for granted)*

*as people believe they naturally have certain tastes, interests, ideas and beliefs, and at the same time feel they can choose to be a certain way as individuals'* (2010: 57).

Assistimos a uma naturalização do discurso de integração, como se se esperasse que o comportamento de todos os expatriados fosse igual, no corte com as coisas que se deixaram para trás (porque um dos discursos dominantes dos envolvidos no projeto de *Lifestyle Migration* é o de que se deixa para trás uma vida insatisfatória, a criminalidade, a 'rat-race', para dar alguns exemplos). Os autores escrevem posicionando-se, à semelhança do que constatou Lawson '*from the position of one who has the right to accuse others, as one who is independent and speaks French*' (2015:177), e no caso destas cartas ao editor em particular, como alguém que não depende da emissão de televisão britânica ou de qualquer outro serviço ou bem britânico, porque está bem integrado.

O mesmo não acontece nas cartas 1 e 11, onde os autores se manifestam contra a perda da TV britânica.

*The whiff, nay stench, of sour grapes hung over his letter which castigated us for having free access to the BBC* (carta 1)

*Losing UKTV is not the end of the world but it is also not necessary in a world which allows us to cross borders without losing access to our telephone services.'* (carta 11)

Em ambas, assistimos à constituição de um 'us', talvez porque estão numa posição ideológica mais débil, em que têm necessidade de justificar perante outros porque precisam da TV britânica. Na carta 1, a autora justifica-se com a sua falta de meios em comparação com o privilégio de muitos dos expatriados britânicos em Portugal. A sua vida é difícil, não tem acesso ao tipo de entretenimento que outros expatriados têm, e encontra na BBC gratuita uma compensação. Na carta 11, o autor opta por explicar que o mercado de produtos e serviços britânico não existe para '*discourage us from enjoying the local culture but just to help us make a connection with home*'. É significativo e simbólico (e natural), que este autor chame '*home*' ao seu país natal, que poderá

significar ‘*the emotional attachment (...) felt for the UK as ‘home’*’ (Torkington, 2011:160).

*These markets are not there to discourage us from enjoying the local culture but just to help us make a connection with home and so television becomes part of that market. (carta 11)*

A carta 18 responde à carta 17, onde um leitor/escritor se queixa das más condições que Portugal oferece a um potencial expatriado. A autora da carta 18 questiona o auto-posicionamento deliberado do leitor/escritor da carta 17 como perito no assunto e posiciona-se a si própria como tendo a atitude correta enquanto expatriada, adaptando-se às diferenças e aceitando a cultura portuguesa. Legitima a sua posição afirmando

*We have lived here for 10 years, have learnt the language and made Portuguese friends. Try looking at your attitude - seems very colonial to me (carta 18)*

A autora vem em defesa dos portugueses, alinhando com eles e contra a ‘*colonial attitude*’ (carta 18) de Trevor, cuja conduta ética é condenada e etiquetada como ‘*snobby*’ e arrogante.

De certa maneira, as cartas desta *storyline* questionam o grau de integração e, por conseguinte, de comprometimento dos expatriados com o projeto de migração para o Algarve. O desconhecimento da língua portuguesa, a dependência de produtos e serviços britânicos é mal vista e criticada no domínio da Estima Social/capacidade, sendo associada com a falta de capital cultural e simbólico, que permitiria a criação de ‘*bridging capital*’.

#### **4.4.2.2. *Storyline 6 - So, if you’re a tourist***

A distinção entre turista e residente é bastante importante no discurso da comunidade britânica. Prende-se com a questão dos projetos de vida diferentes. O residente cortou com a vida anterior, abandonou o bulício da cidade, a rotina, o mau tempo, uma panóplia de aspetos considerados negativos e empreendeu um projeto de vida, que

inclui a busca do autêntico e de um ritmo mais calmo. O turista não abandonou uma rotina negativa, apenas fez uma pausa e é associado com a vida anterior do expatriado, o que ele era e já não é. Na generalidade, vem em busca, não da autenticidade, mas do consumo de uma experiência turística, que nada tem a ver com a realidade do destino turístico. Assim, embora fosse expectável encontrar no discurso da comunidade britânica uma abordagem conducente a um grupo unificado baseado numa identidade coletiva britânica, os expatriados enfatizam bastante a sua condição de não-turista.

Um exemplo de crítica ao ‘outro’ britânico enquanto turista pode ser encontrado na carta 22, que se presta igualmente a ser incluída na *storyline* ‘*The right kind of Brit*’. O autor desta carta faz uma paródia do turista de massa britânico, do seu comportamento no estrangeiro, maneira de conduzir, hábitos de alimentação e vestuário. Este é descrito com contornos negativos num posicionamento moral socialmente reconhecível enquanto turista, que espera encontrar no destino turístico ensolarado tudo aquilo a que está acostumado em ‘casa’.

O autor da carta utiliza uma lista de 12 conselhos ‘*to provide some help to the many Brits coming to Portugal for the holidays*’ e frisa a incapacidade destes britânicos se porem no lugar do ‘outro’ estrangeiro, principalmente quando estão num país que não é o seu: a ironia dirigida aos compatriotas estende-se desde a incapacidade de reconhecer e usar os indicadores de mudança de direção de um carro português, vulgo ‘piscas’, à pouca vontade de experimentar a cozinha portuguesa e ao uso de trajes embaraçosos

*7) Portuguese love the way you talk to them. The best way to help is to speak very loudly and slowly and point. If in doubt add ‘o’ after English words. Understando?*

*8) In restaurants make sure you don’t eat any of that foreign muck, stick to your traditional British food, hamburgers, pizzas, curries and French fries (carta 22)*

As cartas 27, 28 e 36 também apresentam exemplos da oposição turista/residente. Nelas, os autores queixam-se dos distúrbios em Albufeira causados por ‘*parties of young people intent on disrupting the peace and tranquility of this beautiful country*’ (carta 27)

A carta seguinte é interessante, pois autor reclama para si uma identidade de ‘não-turista’ e, no entanto, nas duas<sup>45</sup> vezes em que refere a palavra ‘Albufeira’, fá-lo com o mesmo erro ortográfico, i.e., o que poderá indicar não ser um acaso fortuito. O autor da carta não sabe dizer ou escrever o nome da cidade corretamente, o que seria esperado vindo da parte de um turista, mas não de alguém que advoga ter um conhecimento mais profundo da vivência portuguesa.

*We recently went to a restaurant on the outskirts of Albuféria [sic] that had recently reopened with a change of management. Well I may not be a tourist but I sure felt like one. The old couvert trick was used although with a new twist. (carta 39)*

Discorrendo sobre a questão da ‘pertença’ através da identificação com o ‘*here-place*’, Torkington (2011:152) refere algo que constata nos seus dados, que é ‘*the speaker’s lack of geographical knowledge of Portugal*’, acrescentando que para muitos expatriados ‘*it would appear that conceptually, the Algarve is Portugal.*’ (negrito meu, itálico para destaque no original). No seguimento do raciocínio anterior, que o autor desta carta demonstra alguma ausência de conhecimento geral sobre Portugal, que se revela no seu uso incorreto do topónimo.

#### **4.4.2.3. Storyline 7 - Who do you think you are?**

Oliver & O’Reilly (2010), na sua investigação sobre o papel desempenhado pela classe na migração de britânicos em Espanha depararam-se com a existência de ‘*classed identities*’ numa nova localização. Na narrativa do projeto de *lifestyle migration* pelos próprios migrantes é frequente encontrar o discurso de que o ‘começar de novo’ permite que o capital económico, classe e *background* profissional de cada indivíduo perdem relevância neste contexto. No entanto, recorrendo a Bourdieu, as autoras encontraram provas de que existe uma estrutura, que, de certa maneira, determina o modo como se vive a vida enquanto *lifestyle migrant* em Espanha. Se, por um lado, o indivíduo tem condições para se reinventar, uma vez que aquilo que a pessoa faz ou é, a sua profissão,

---

<sup>45</sup> O autor comete o mesmo erro nas linhas 1 e 12, correspondentes ao corpo da carta e assinatura (ANONYMOUS, Albuféria).

deixa de ser usada para o definir, visto que muitos se encontram retirados da vida ativa ou têm negócios por conta própria, por outro lado há a necessidade de afirmação do capital simbólico como base para a distinção dentro da comunidade britânica. Passa a discriminar-se o ‘outro’ com base nos gostos, os seus hábitos e a sua educação:

*‘the symbolic becomes particularly important: taste, education and other expressions of cultural capital are redrawn as the basis of distinction. Class judgments are employed to militate against others, including the ‘wrong’ sort of Brit, the chancers, those who watch Sky TV rather than pursue fine arts and those who sit around drinking rather than learning about Spanish culture. However, as we have also shown, class can be used against those positioning themselves as higher, including, the ‘snobs’ and ‘the colonials’ (Oliver & O’Reilly, 2010: 62).*

A discriminação contra o ‘outro’ britânico funciona nos dois sentidos: os indivíduos de classe alta contra os de classe mais baixa e o inverso também é verdadeiro: *‘distinction is not a purely one-way process; agents employ classification systems to distinguish themselves from those seen as higher and lower, as more coarse and vulgar, or as ‘pretentious’.* (Oliver & O’Reilly, 2010: 61) Nas cartas ao editor do nosso *corpus* encontramos exemplos, que demonstram existir na comunidade de expatriados no Algarve o mesmo tipo de discriminação e ‘luta de classes’ com o objetivo de criar distinção entre os indivíduos.

Optou-se por classificar a carta 22 como recaindo na *storyline* ‘*So, if you’re a tourist*’. No entanto, esta carta também trata a questão da classe e do ‘*taste*’ (Bourdieu, 1984). A descrição que é feita do turista não diz respeito a todos os turistas britânicos, mas a uma certa classe de pessoas em concreto, em que se faz uso de estereótipos, que fazem lembrar, por um lado, ‘*working class people*’ e, em certos traços, ‘*chavs*<sup>46</sup>’. Inerente está talvez uma crítica à democratização do turismo, que o torna acessível a todos, mesmo a quem não tem o capital cultural e simbólico suficiente para compreender a experiência turística.

---

<sup>46</sup> Termo pejorativo aplicado a alguém, geralmente jovem, cuja maneira de se vestir, falar ou de se comportar se considera que demonstra a sua pouca educação e baixa classe social.

9) *Quirky ring tones enhance the eating experience. Make sure your 'phone volume is set to high.*

10) *Dress code in restaurants is football shirts, preferably ones that complement your tattoos.*

11) *When you eat in beach restaurants the fewer clothes you have on the better. The next person sitting in your seat will really appreciate the mixture of factor 3 and sand.*

12) *In supermarkets remember to wear the same clothes as you would in British supermarkets. Bikinis and budgie smugglers. (carta 22)*

Por oposição, o autor da carta posiciona-se como alguém que ‘sabe’ qual a atitude correta enquanto turista: aprender os hábitos e costumes do país visitado, experimentar a gastronomia. Tem o capital cultural e simbólico necessário para criticar e aconselhar o ‘outro’. Este ‘*them*’ é criticado em termos de ‘normalidade’, ‘capacidade’ e conduta ética: é pouco refinado e letrado, tem gostos questionáveis, é descortês e arrogante. Existe um ‘*them*’ português na carta, que, embora não sendo o principal visado, é também criticado pela condução perigosa.

As cartas 1, 2, 3 e 11 apresentam indiretamente uma discussão sobre ‘taste’ (Bourdieu, 1984). As cartas 1 e 11, a favor da manutenção do acesso à BBC TV e UKTV apresentam argumentos ligados ao suprimimento de uma necessidade, causada, em parte, pela falta de capital económico, que lhes permita perseguir outro tipo de atividade cultural (carta 1). Para o autor da carta 11, a BBC executa uma função de ligação ao país natal.

*However, as researchers who independently studied similar populations in the Eastern and Western Costa del Sol, we found these societies less ‘classless’ than espoused. Despite attempts to rewrite their own history and to mould a different life trajectory through geographical mobility, migrants were bound by the significance of class through both cultural process and the reproduction of (economic) position. (Oliver & O’Reilly, 2010)*

A carta 1 contém a queixa de uma leitora/escritora, que se inclui no grupo dos que não querem perder a emissão televisiva, mas que rejeita terminantemente o posicionamento que lhe foi apostado enquanto excessivamente dependente dos universo cultural britânico e traz à superfície uma outra questão ideológica relacionada com a diferença de classes na sociedade britânica (de expatriados), o capital cultural e simbólico e os seus gostos ou manifestações de ‘*taste*’, na perspetiva bourdieusiana.

Esta carta é bastante interessante, uma vez que no *corpus*, é a única em que um expatriado, reflete sobre a sua situação de migrante e confessa alguma amargura e desapontamento pela dureza da sua vida enquanto tal. Liga-se a discursos dominantes, que permeiam o imaginário na *Lifestyle Migration*, em que a migração tem sempre resultado positivo. Conforme constatou O’Reilly (2000) e é também referido por Lawson (2015), a decisão de migrar é baseada em construções do imaginário mais do que numa decisão consciente, por vezes inspirada por programa televisivos, e os sujeitos nem sempre estão cientes das implicações que tal decisão irá acarretar. Lawson (2015:150), que se concentrou na migração britânica na região de Ariège, depara-se com o mesmo padrão de ‘*divergence between the dream and the lived reality, and distinction between ‘types’ of expat.*’, tal facto sugerindo que ‘*the sociocultural context of lifestyle migration is one of conflict*’ (2015:149-150).

*I was intrigued by your correspondent’s reference to local ex-pats striving to lead “The Life of Riley” but having striven diligently for this idyllic experience I have to confess to failure.*

A ‘*Tired housewife*’, autora da carta 1, constrói discursivamente a sua identidade em oposição ao que este ‘outro’ britânico representa, sendo distinguido pelo seu capital económico (e consequentemente social, cultural e simbólico) superior.

*Taken all round it would appear that the life to which he refers is led by the fortunate few who often live here part-time in luxury villas with maid and gardener and certainly not by the great number of us who have modest houses and incomes to match and actually live here either permanently or for very extended periods. (carta 1)*

Há uma crítica em termos de classe, pois o modo como descreve a sua rotina associa-a à experiência de alguém que pertence à classe trabalhadora (numa perspectiva bourdieusiana), ou que pelo menos partilha com a classe trabalhadora aspetos como o gorar das suas expetativas de um vida mais folgada graças à proximidade com a necessidade.

No seu discurso, a autora reafirma a sua identidade como alguém que está imerso em trabalho manual na sua rotina diária, sem grandes possibilidades de escapar ou de alterar a sua situação.

*Admittedly my free time is seriously curtailed by having to fit in washing, ironing, cleaning, cooking and washing-up, cleaning out the wood-burning stove and bringing in logs for same, arranging delivery of gas bottles, checking the water level in the cisterna (no mains water available) along with occasional forays for essential shopping (stopping to pull out a few weeds on the way to the car)*  
(carta 1)

A carta 4 expõe o ponto de vista de uma caravanista que rejeita o posicionamento de 1ª ordem, que foi imposto por outro leitor/escritor aos caravanistas em geral numa carta anterior. Defende o seu grupo das acusações de deixar os locais por onde passam cheios de lixo e de vazarem o seu esgoto para o rio Arade.

*Motorhomers leave no litter, nor do they throw material or raw sewage into the river, but dispose of their waste in appropriate places, recycling where facilities exist.* (carta 4)

A autora da carta 4 faz um relato pormenorizado das atividades positivas da comunidade caravanista em Silves e esforça-se para dar provas de um comportamento e conduta ética irrepreensível. Contribuem para a economia local e são uma comunidade que se rege por padrões éticos elevados:

*They [motorhomers] spend considerable amounts in the local shops and restaurants, and form a largely self-regulating international*

*society based on consideration for others. Many of them assisted in the clear-up of the pool area after the tornado struck. (carta 4)*

A autora está consciente do posicionamento que, à partida, é atribuído aos caravanista, associado a falta de higiene, lixo e baseado em hábitos frugais, visando economizar o mais possível e esforça-se bastante para o refutar e criar um posicionamento mais positivo.

A carta 38 apresenta uma resposta à carta 23, em que o leitor/escritor se queixa do barulho que os jardineiros do conjunto de *villas* onde o autor vem passar férias fazem. Na sua carta posiciona-se com alguém que tem abundante capital económico e cultural, fazendo afirmações como: *'Well having just rented a villa in a Prestigious and so-called. [sic] Area de Sonho in Praia da Luz (...) The villas are in the very expensive range'*.

A autora da carta 38 posiciona-se ironicamente de maneira oposta: enquanto *'hillbilly'*, uma saloia, não percebe como alguém tão sofisticado e conhecedor pode escolher a zona costeira para gozar férias. Apesar de não ser tão rica ou refinada, é capaz de fazer melhores escolhas e de encontrar uma experiência mais autêntica.

*Why do you choose to stay in built up coastal resorts? Head for the hills. Cheaper rents, more to discover and peace and quiet. Apart from the dogs barking all night, which a fan in bedroom cancels out. As a hillbilly I cannot imagine why anyone would do anything but go to the coast for lunch occasionally. Just to sneer. (carta 38)*

Em termos de julgamento, o *'outro'* britânico é criticado em termos de Estima Social, pois é retratado como tendo uma imagem de si mesmo, que não corresponde à verdade: tem a mania da superioridade e envida bastante esforço em mostrar a sua sofisticação e meios económicos, mas, no fundo, com todo o seu suposto saber, não sabe avaliar a verdadeira qualidade.

Na carta 20 temos uma autora, que comentando uma outra carta publicada sobre o mesmo assunto, se alinha com o autor dessa carta e critica o comportamento de certos britânicos. O *'outro'* nesta carta são os imigrantes e os britânicos, que vivem dos apoios

concedidos pelo Estado. O ‘us’ é constituído pela autora e os seus filhos e pelos britânicos, que trabalham e pagam impostos.

*It makes my blood boil when I see on television a lone female with 4/5/6/7/8/9/10 children complaining that she needs a bigger house, and in one instance in the UK, getting one. They have, of course, the large TV, computers etc. But what riles me most of all is when they say of the income they are receiving from the British tax payers: “I am entitled to it.” (carta 20)*

O ‘them’ é condenado em termos de Sanção Social, mais concretamente, de conduta ética, pois são caracterizados como ‘*these selfish, mindless grabbing individuals*’ (carta 20). No campo diametralmente oposto, o ‘us’ é indiretamente louvado por ter um comportamento diferente do grupo criticado: bons, morais, éticos e cumpridores da lei.

#### **4.4.2.4. *Storyline 8 - I know better than them***

Esta secção de cartas podia, por si só, compreender a quase totalidade das cartas do *corpus*, uma vez que a maioria das cartas se apoia na perceção de que há alguma coisa de errado, para a qual o leitor/escritor apresenta uma solução, porque, de certa maneira, acredita saber mais do que os outros. A presente ‘*storyline*’ contém muitas cartas, por vezes com subtemas diferentes, mas sempre com a ideia subjacente de que se tem a solução para determinado problema.

A carta 5 abaixo foge à regra do que costuma ser a descrição feita das forças policiais, pois louva a ação da GNR e condena a SCA (Safe Communities Algarve), enquanto órgão não-eleito constituído por expatriados.

*The GNR are doing the best they can allowing for their current problems of budget restraints and manpower but they are the professionals, they are our first port of call for help. Do we need individual unelected residents to speak on our behalf? Do we need seminars that include various consuls, security companies and window*

*distributors? Do we need an additional layer of bureaucracy, a middle man? No we don't. What we need is to let the GNR/PSP get on with the job in hand. I heard rumours yesterday that arrests have been made and that is what we need to hear. We need to hear of successful arrests and successful court judgements written large in our papers not of wishy-washy community meetings. (carta 5)*

Esta carta figura um 'us', os expatriados e um 'them' (GNR), com que grupo construídos pelo leitor/escritor alinha e cuja ação avalia positivamente e outro grupo 'them', constituído por outros expatriados, criticado pela sua imposição aos outros, por assumir uma posição de poder, que o autor não lhes reconhece. De acordo com as categorias propostas por Martin & White (2005), estes dois grupos de 'them' são julgados de acordo com a sua tenacidade/persistência, em resposta à questão 'how dependable?'/quão confiável? Este 'outro' é avaliado positivamente no caso da GNR, enquanto que no caso da SCA, é lançada uma suspeita sobre as suas verdadeiras intenções. A SCA é representada através de sanção social (Martin & White, 2005)

*Why was this not reported? I find it hard to believe that the SCA were unaware of these facts as they are constantly telling us of their close relationship with the GNR, therefore the only conclusion I can come to is that they are only putting out information that they wish us to read. Why? Do they not wish to frighten us? (carta 5)*

Na carta 7 o leitor/escritor insurge-se contra o mau uso da língua inglesa e escreve em reação a uma carta de uma edição anterior do TPN, para mostrar indignação perante a carta de outro correspondente da secção de cartas ao editor, que escreveu para se insurgir contra o uso da palavra 'destroy' para se referir ao abate de um cão. O autor da carta analisada concorda com o uso da palavra e argumenta a esse respeito contra os que discordam. O tópico que o leva a escrever a carta serve pretexto para se declarar contra o mau uso que é feito da língua inglesa pelos seus falantes, a favor do abate do cão e contra os 'dogooders' (1.9) que queriam evitar o abate do animal.

O autor começa com uma crítica no singular, dirigida a um correspondente do jornal e extrapola para outros expatriados, que pensam da mesma maneira (*The correspondent /*

*the person concerned / the dogooders / single issue zealots*). O autor alinha-se com o jornal quanto ao uso do termo ‘*destroy*’, criando um ‘*us*’ e alinha-se contra o autor de uma carta (porque é um exemplo de um ataque à língua inglesa), os ataques à língua inglesa perpetrados pelos seus conterrâneos e contra os que queriam salvar o cão do abate.

Podemos verificar que há bastantes atores excluídos no texto, nomeadamente, os autores dos ataques à língua, as autoridades e os responsáveis pelo jornal/pela notícia. Ao autor da carta não interessa particularizar e nomear todos os atores sociais, mas interessa-lhe sobretudo discutir o assunto, trazê-lo a debate, porque, na sua opinião, tais ataques ocorrem constantemente e nos mais variados locais. O leitor/escrita generaliza o ‘*them*’, o que tem como efeito remover simbolicamente esses atores sociais do mundo de experiência imediata do leitor, afastando-os. Os atores sociais passam a ser tratados como um ‘outro’ distante em vez de pessoas com quem temos de lidar no cotidiano (van Leeuwen, 2008). Assim, o ‘*them*’ (‘*the dogooders*’ e ‘*single issue zealots*’) e o ‘*us*’ (‘*us / the rest of us*’) são representados de maneira inespecífica, são um grupo anónimo de pessoas a quem não é conferida identidade concreta, mas cuja existência é reconhecida.

O ator social ‘*I*’ é representado individualizadamente em muitas ocorrências no texto, com uma presença bastante marcada. Para o final do texto, o ator social ‘*I*’ inclui-se num grupo maior de ‘*us*’, representado coletivamente, mas sem ser definido concretamente. Quem é incluído neste ‘*us*’? É um endogrupo composto por todos os leitores ‘normais’, ‘racionais’, que têm em comum não fazer ataques à língua nem andar a salvar ‘*vicious dogs*’ do abate, em resumo, que partilhem da mesma opinião do autor sobre estes assuntos.

Van Leeuwen (2008) refere que a indeterminação anonimiza um ator social, tratando a sua identidade como irrelevante para o leitor. Neste caso concreto desta carta, o autor revela que gostaria de poder determinar e individualizar a pessoa que escrever a carta a que ele reage, mas não o pode fazer, porque este manteve o anonimato. No entanto, todos os outros atores sociais são representados como indeterminados, como grupos ou indivíduos anónimos. A razão de não particularizar é por ser difícil fazê-lo. Como apresentar exemplos concretos de mau uso da língua inglesa que constituam um referente comum para todos os leitores? Não é importante apresentar ou individualizar

esses atores sociais particulares, mas referir que eles existem e que causam ofensa a outros, por via do seu ataque à língua inglesa em busca do ‘politicamente correto’.

Esta carta é extremamente rica em termos de valoração / avalitividade. Os julgamentos são omnipresentes. O correspondente, contra cuja carta o leitor/escritor reage é julgado em termos de capacidade. A sua carta, a sua verbalização é considerada elegível para ganhar o prémio de ‘*The Silliest Letter of 2013*’. A carta é caracterizada como ‘*nonsense*’ e ‘*rubbish*’, conferindo qualidades de iliteracia e baixo nível de educação, alguém que não se dá ao trabalho de consultar o dicionário e em termos de tenacidade/persistência é qualificado como pouco corajoso, pois não assina a carta, não assume as suas opiniões: ‘*The person concerned didn’t have the nerve to put their name to the nonsense*’. Toda a caracterização que é feita deste ‘outro’ é feita por oposição ao que o ‘*us*’, implicitamente, afirma ser. O autor consulta o dicionário, ou seja, pensa antes de falar, vai verificar antes de dizer uma barbaridade. O autor nunca teria feito tal ataque à língua inglesa nem defenderia um ‘*vicious dog*’. Enquanto o ‘*them*’ é julgado em termos de Estima Social e Sanção Social negativas, o autor assume posições e comportamentos que são típicos de Estima Social e Sanção Social positivas.

O ‘*us*’ é também composto pelo jornal, que o autor vem defender, em termos de sanção social (conduta ética), que neste caso é positiva, porque, segundo o autor, o jornal teve uma conduta ‘*absolutely correct*’ e considera que o uso do vocábulo ‘*destroy*’ foi ‘*utterly precise*’. O autor usa a ironia (‘*send to doggy heaven*’), ao escolher outros termos ou sinónimos, que poderiam agradar a certos grupos minoritários: ‘*Euthanize, put down, put to sleep, send to doggy heaven, or just plain kill*’, mas que não correspondem à verdade dos factos. Nenhuma destas palavras contém o significado de ‘*destroy*’ para este contexto. O autor alinha-se com o jornal e vem consubstanciar a sua escolha vocabular e de abordagem perante os factos. A conduta do ‘*us*’ (jornal + autor) é correta, precisa, justa. O autor usa uma autoridade linguística, o dicionário, como forma de fundamentar o que afirma. Este facto comprova que o autor é honesto e que se preocupa com a verdade e ‘*is far beyond reproach*’ em termos de conduta ética.

O grupo ‘*them*’ é composto pelos benfeitores dos animais e pelos atacantes da língua inglesa. Os detratores do abate do cão, os que se insurgem contra o uso da palavra ‘*destroy*’ são caracterizados como ‘*dogooders*’, pessoas cuja correta capacidade de

raciocínio poderá ser posta em causa, porque só vê um dos lados do problema. Este ‘*outro*’ está convencido que detém a verdade sobre o que está certo ou errado. Estão convencidos de que estão a ajudar, quando, na verdade, para muitos, as suas ações são reprováveis (incluindo o autor). Este ‘*them*’ está sob julgamento em termos de ‘capacidade / capacity: *‘how capable?’* (Martin & White, 2005). Os ‘*doogooders*’ são representados como imaturos, talvez até ingénuos.

O grupo ‘*them*’, inclui uma especificação maior do grupo ‘*dogooders*’, os ‘*single issue zealots*’, que é julgado como pouco honesto em termos de veracidade, uma vez que ao caracterizar negativamente este ator social como zelotas, lhe empresta conotações de fixidez, intransigência, alguém que acredita desesperadamente em algo, sem se preocupar se é verdade ou não, e tenta convencer os outros do mesmo. O ‘*them*’ também é representado como obrigando os outros a aceitar a sua interpretação e as suas ideias (*‘they try to force a woolly and vague substitute onto the rest of us’*), representando uma ação real e concreta num substituto que é considerado ‘*woolly and vague*’.

O grupo ‘*us*’ é representado direta e indiretamente como sendo precisamente o oposto dos ‘*them*’ que vão surgindo na carta. É representado simultaneamente como capaz (Estima Social /capacidade), porque é ‘*clever*’, ‘*educated*’ e ‘*literate*’ o suficiente para compreender o amplo significado de uma palavra como ‘*destroy*’ e, quando em dúvida, consultar o dicionário, honesto (Sanção Social/veracidade e conduta ética), porque lhe interessa repor a verdade e com uma conduta ética, que o representa como justo e imparcial. Marca claramente uma diferença em relação aos ‘*them*’ quando opina sobre o que, na sua opinião, devia suceder ao cão. Sem meias palavras afirma: *‘I think it should have been shot immediately’*, porque o cão é representado como ‘*vicious*’, o que legitima as suas pretensões. É irónico na questão retórica que coloca: *‘It can’t be clearer than that, can it?’* O autor assume posições muito claras, não é hesitante e este posicionamento é visível na carta, porque é bastante marcada pelos deícticos de 1ª pessoa e pela escolha de algumas palavras, tais como ‘*vicious*’, ‘*shot*’, ‘*immediately*’.

No caso deste texto em concreto, o ator social ‘*them*’ começa por ser individualizado: ‘*The person concerned*’ e ‘*your correspondent*’, mas à medida que o discurso do autor evolui, de um caso particular, passa-se para a generalização de uma situação recorrente

de ataques à língua inglesa' por gente preocupada com ser 'politicamente correto'. A representação do ator social com um papel individualizado transforma-se num ator coletivizado, num grupo: *'the dogooders'*, *'single issue zealots'* e *'they'*. O mesmo acontece com o ator social *'I'*, que primeiramente é individualizado, mas no seguimento do texto é incluído num grupo de *'us'*.

A carta 21 pode ser considerada um texto argumentativo, em que o leitor/escritor advoga que a melhor estratégia para a proteção dos direitos democráticos dos britânicos foi o voto a favor do *Brexit*. O grupo *'them'* é nesta carta constituído pela União Europeia, sucessivos governos britânicos que cederam à UE e alguns britânicos, preocupados com a perda de direitos enquanto cidadãos da UE. Este grupo é julgado de diferentes maneiras: o ator social UE é condenado em termos de Sanção Social/veracidade, uma vez que é manipulador, enganador na retirada de direitos fundamentais que os britânicos detêm enquanto cidadãos do Reino Unido. O *'them'* constituído pelo grupo de britânicos que se opõem à saída por temerem perder os direitos de cidadania da UE, é criticado em termos da sua ingenuidade e/ou falta de informação, portanto no campo da Estima Social/capacidade. No entanto, esta carta tem um tom muito mais neutro e cerebral do que é habitual nesta secção. Tem um intuito informativo, apelativo ao consenso e conducente à criação de um grupo, mais do que crítico do *'them'* britânico.

Em 2013, a morte de uma criança pelo cão *pitbull* da família, Zico, motivou a redação de imensas cartas, a favor e contra o abate do cão. De todas as cartas do corpus, este foi o assunto que levou a discussões mais encaloradas e maior agressividade nas palavras trocadas entre os leitores/escritores. Deste grupo fazem parte as cartas 7, 8, 9 e 10. As duas primeiras cartas expressam uma opinião favorável ao abate e as duas últimas uma opinião contrária.

O autor das cartas 8 e 9 assina como *'DR. Cormac Murphy'*, posicionando-se à partida numa posição moral, socialmente reconhecível como figura com autoridade e competência para falar do assunto e condena a posição do *'outro'*, descrito como um grupo de 70,000 indivíduos que assinaram a petição contra o abate do cão, posicionando-o como *'louco'*, visível através dos atributos usados na sua caracterização: *'the crackpot'*, *'inmates of institutions'*, *'mental state and warped thinking'*. Põe em causa a sua capacidade, que é negativamente avaliada, em contraste com a sua própria

posição, equilibrado e são. O ator social ‘*signatories*’ é representado através da quantificação do número de pessoas (‘*nearly 70,000*’) que assinaram a petição. Uma vez que o motivo da petição é considerado absurdo pelo autor da carta, a referência ao número de pessoas serve para demonstrar admiração, estupefação pelo facto de, no entender do autor, tantas pessoas serem capazes de tamanha estupidez. O mesmo ator social é seguidamente representado como um coletivo (‘*these people*’ + ‘*These signatories with young children*’). O uso de ‘*these people*’ pode ser considerado depreciativo e, muito embora, o deítico ‘*these*’ possa conferir uma sensação de proximidade, o contexto revela-nos que essa proximidade é apenas geográfica e não ideológica. Há um in-group/endogrupo formado pelo autor e um outgroup/exogrupo constituído pelos ‘*signatories*’.

*Regarding your article in The Portugal News (19 Jan 2013), in which nearly 70,000 people have signed a petition to stop Zico a pitbull-cross from being destroyed, I have to doubt the sanity of these people. Trying to put up a defence that the dog was asleep in a dark room and the toddler stumbled over him is ludicrous. (carta 8)*

O autor produz julgamentos relacionados com ‘veracidade’ em relação ao ator social ‘*signatories*’, questionando e pondo em causa a versão dos factos e as justificações oferecidas pelos outros autores de cartas, que, na sua perspetiva, representam erradamente o acontecimento que envolveu a criança e o cão. Para esse efeito, posiciona-se numa situação de profissional/intelectual em relação aos outros correspondentes e aos signatários, que vêem a sua sanidade e bom senso postos em causa em julgamentos que envolvem ‘capacidade’.

*Whatever this imbecile is implying, his/her letter reveals more about their mental state and warped thinking, than about the dog’s or the toddler’s actions. I really believe the author of this letter should seek professional psychiatric help. (carta 9)*

O leitor/escritor da carta 10 critica a falta de humanidade demonstrada pelo autor das cartas 8 e 9 e questiona as suas credenciais e bom senso, posicionando-o como alguém sem a competência e qualidades necessárias para alguém que se identifica como ‘Dr.’. Critica-o em termos de capacidade (incompetente) e condena a sua conduta ética (insensível).

*The two letters last week by Dr.C. Murphy are appalling; the personal attack, attitude and failure to even understand, and a real case of ‘the kettle calling the pot black.’ With his attitude and lack of compassion, I hope he is not a medical doctor[...] I end with another saying for Doc. Murphy, “engage brain before,” in his case, “writing.”* (carta 10)

O ator social Dr. Murphy é julgado negativamente e a sua conduta e capacidade são postas em causa pelo autor da carta. Em termos de conduta, o autor questiona a sua capacidade de empatia, de conexão com os outros, de se pôr no lugar do outro. Na perspectiva do autor, esta situação será ainda mais grave pela possibilidade de o ‘Dr. Murphy’ exercer medicina, profissão em que estas características psicológicas são ainda mais necessárias. Neste caso, não é só a sua conduta que é posta em causa, mas também a sua capacidade: a capacidade de raciocínio e de olhar para um problema a partir de mais do que uma perspectiva, a inteligência, a sagacidade de alguém que se intitula ‘Dr.’ quando assina a carta e com isso sublinha a sua educação e/ou capacidade intelectual superiores: *‘I end with another saying for Doc. Murphy, “engage brain before,” in his case, “writing.”’*

Ao fazê-lo, o ator social ‘I’ argumenta nas entrelinhas, que alguém como ele, que não tem ou não faz uso das suas credenciais, portanto, alguém num patamar inferior, consegue discernir aquilo que o Dr. Murphy, com toda a sua formação, não consegue. O ‘self’ consegue ver mais do que uma perspectiva do problema, o ‘other’ não consegue.

O ator social ‘I’ chega ao extremo de pedir ao ator social ‘Dr. Murphy’ que se ponha no lugar do cão para que pense como reagiria numa situação semelhante, como se a reação de um ser humano e de um cão fossem comparáveis. Há mesmo uma marca gráfica no texto, em que o autor utiliza maiúsculas (‘HIM’) para reforçar a indignação sentida. O

cão é elevado à condição de ser humano, como se as suas reações pudessem ser explicadas e entendidas da mesma maneira das de um ser humano. Conforme já foi referido anteriormente, o cão é representado como não tendo culpa da situação, mais até do que a criança, uma vez que é referido que o cão estava sossegado e aquela foi incomodá-lo. A culpa é atribuída aos donos e aos adultos, que falharam nas suas obrigações para com ambos. O ator social ‘*Dr. Murphy*’ representa tudo aquilo que o ator social não é. Mais ainda, o ‘*Dr. Murphy*’ representa tudo aquilo que, de acordo com o que expressa o autor da carta, recai fora do comportamento humano ‘normal’.

Os adultos responsáveis pelo cão e pela criança são julgados em termos de sanção social negativa, em que a conduta ética é considerada reprovável. O uso de modulação de obrigação (*should.*, *supposedly* 2, *needs to*) pode ser lexicalmente relacionado com o julgamento de conduta ética (Martin & Young, 2005).

O autor posiciona-se numa situação autoritativa e escreve sobre o que os adultos (que, pelo contexto dado nos artigos jornalísticos, sabemos serem portugueses) ‘devem’ fazer para cumprir o seu papel de supervisão no que diz respeito a crianças e cães e que, neste caso, não foi feito. Reprova continuamente a conduta errada destes adultos, discorrendo sobre a maneira correta de agir. A eles, unicamente, é atribuída a responsabilidade pelo sucedido.

Mais uma vez, tal como acontece em cartas anteriores, esta é o espaço de diálogo/debate entre elementos da comunidade de *lifestyle migrants* no Algarve, incluindo alguma crítica velada ao ‘outro’ português. Aparentemente, toda a argumentação se constrói contra as opiniões emitidas pelo *Dr. Murphy*, um ‘outro’ pertencente à mesma comunidade de residentes estrangeiros.

No entanto, se tomarmos em conta o contexto geral da notícia e considerarmos que o autor sabe com certeza que a nacionalidade do dono do cão é português, penso que podemos considerar que existe uma crítica implícita aos portugueses, ao modo como tradicionalmente são tratados os animais de estimação (cães) em Portugal, que é geralmente estereotipado como sendo pouco cuidadoso, desumano até.

O ‘*outro*’ português não é tão duramente julgado como o ‘*outro*’ britânico. Fica-se com a ideia de que do ‘português’ não se espera muito, por isso, situações como esta não surpreendem. Agora no que diz respeito ao ‘*outro*’ britânico, o julgamento é mais grave, tem a ver com a conduta moral, em grande parte. Há um certo tom de incredulidade, por um britânico, ainda por cima, um que se intitula Dr., poder ter uma opinião como esta?’ O julgamento reservado ao ‘*outro*’ britânico é bastante mais irónico, acrimonioso, desagradável até. O julgamento do ‘*outro*’ português é mais factual. Como se a menor distância cultural relativamente ao seu compatriota o motivasse a e lhe permitisse uma crítica mais dura e pessoal.

O autor posiciona-se numa situação de superioridade moral, quer para com o ‘*outro*’ seu compatriota, quer para com o ‘*outro*’ português. Por diferentes razões, ambos são dignos de reprovação e a ambos é dada uma lição sobre a maneira ‘correta’ de agir. Por acréscimo, também o leitor anónimo e incauto desta carta ao editor é visado, sendo que o autor demonstra uma certa intenção educativa/normativa.

Já em 2000, O’Reilly dava conta do tema ‘quente’, que o assunto dos animais era, motivando uma tentativa de modificar a cultura espanhola e torná-la mais inglesa neste respeito:

*the Spanish are often chided, in the pages of the local English-language press especially, for their very poor treatment of animals. The British appear to be looking not only after their own people and concerns but also trying to change Spain according to their own cultural beliefs and, in doing this, are asserting not only their differences but their cultural superiority—symbolising a ‘they-ness.’ (O’Reilly, 2000: 93)*

## Capítulo 5

### Discussão e Interpretação dos Resultados

#### 5.1. Tipos de posicionamento nas cartas ao editor

As cartas ao editor podem ser vistas como um diálogo ou uma interação escrita faseada e espraiada no tempo, entre um leitor/escritor e um auditório coletivo, que, na esteira do que afirma Silva (2014), implica a multiplicação e amplificação do destinatário. Por vezes, a carta é expressamente uma resposta a um outro leitor/escritor concreto, mas estamos sempre na presença de uma carta pública, aberta à participação de outros intervenientes. Os julgamentos implicam por parte do leitores um posicionamento em termos morais, em que se identificam, ou, pelo contrário, rejeitam a posição assumida pelo leitor/escritor, e a formação de grupos, a favor ou contra os valores morais expressos nas cartas, pois pela sua tipologia, as cartas são *‘um diálogo entre ausentes’* (Silva, 2014: 109), pressupondo reciprocidade.

As cartas ao editor, fundamentalmente assentam em dois contextos: podem ser uma intervenção, em que o leitor/escritor toma o primeiro passo, a iniciativa de encetar um diálogo, exprimindo a sua visão sobre determinada situação ou podem ser uma resposta, quer a um artigo publicado pelo jornal, quer à carta de outro leitor/autor. De qualquer das formas, na sua conceção, a carta ao editor, é essencialmente uma interação semelhante a um diálogo em forma escrita, que, devido às contingências do meio de comunicação utilizado é mais prolongado no tempo.

Em termos de posicionamento, no primeiro caso as cartas ao editor figuram posicionamentos de 1ª ordem, em que o indivíduo se localiza a si próprio e ao ‘outro’ num espaço essencialmente de cariz moral. É um ato inicial de posicionamento, que pode ou não ser questionado pelos outros atores sociais, quer os que são visados na carta, quer os que, embora não estando diretamente relacionados com o assunto, se alinham com uma ou com outra posição. Quando os atores sociais visados nas cartas questionam e rejeitam o posicionamento que lhes foi conferido ou quando agem em defesa de outros, que acreditam ter sido erradamente posicionados, estamos perante

situações de posicionamento de 2ª ordem, em que terá lugar uma renegociação de posições. Esta última é a situação mais comum nas cartas de resposta a outros leitores ou de crítica a notícias.

O posicionamento moral (ou categorização na terminologia utilizada por Van Leeuwen, 2008) também é amplamente utilizado nas cartas ao editor, visto que, retratar alguém num papel socialmente reconhecível facilita a tarefa de posicionamento e faz com que se torne justificado a atribuição ou apropriação de determinada posição, pois contém em si todos os significados e imagens geralmente associadas a esse mesmo papel. Por vezes, o posicionamento moral pode mudar para posicionamento pessoal, quando elementos pessoais são trazidos à história para justificar a incapacidade de cumprir um certo papel. No *corpus* há pelo menos um exemplo deste tipo de contestação de papéis, nas cartas que opõem o Dr. Cormac Murphy a outro leitor/escritor, pois o auto-posicionamento deliberado do primeiro enquanto ‘Dr.’ é-lhe negada, com base nas suas qualidades pessoais (neste caso, pela sua ausência).

O auto-posicionamento deliberado é uma ocorrência quase natural nas cartas ao editor, uma vez que estas manifestam, maioritariamente, uma identidade pessoal, a que o uso da 1ª pessoa do singular dá visibilidade, seja através fazendo referência ao posicionamento moral, que lhe confere o direito de o fazer, seja contando uma história, ou mencionado a sua ‘*expertise*’, ou conhecimento especializado em relação a determinado assunto. Por este motivo, são bastante comuns os casos de redescrição retórica ou recontextualização, na terminologia de Van Leeuwen (2008), em que o leitor/escritor relata diálogos mantidos com outros intervenientes, que não participam desta interação na carta.

O ‘outro’ é, na maior parte das vezes, posicionado ‘deliberadamente’, i.e., o comportamento do ‘outro’ é escrutinado e comentado, sendo o(s) ator(es) social(is) em causa posicionados numa grelha moral, que, em muitos casos, se opõe à do enunciador, resultando na censura do seu comportamento e, por vezes, numa reprimenda moral. Assim, este tipo de posicionamento do ‘outro’ apresenta implicitamente a comparação entre o comportamento mau, imoral, insensível e egoísta do outro e o do leitor/escritor, que é diametralmente oposto.

## 5.2. Quem é o ‘outro’?

Umberto Eco, a respeito da diferença e do racismo disse: *‘We are never racist against somebody who is very far away. I don’t know any racism against the Eskimos. To have a racist feeling, there must be an other who is slightly different from us - but is living close to us.’* Neste estudo, o objetivo não é investigar manifestações de racismo, no entanto, o racismo nada mais é do que um extremar de posições contra um ‘outro(s)’. Escolhi citar esta visão de Eco sobre o racismo, porque chama a atenção para o pequeno detalhe da proximidade: as cartas ao editor também validam este pormenor.

Os assuntos das cartas são na esmagadora maioria dos casos, locais ou nacionais, o ‘outro’ representado no discurso são próximos também: é o português ou o britânico que partilha circunstâncias semelhantes e um mesmo tipo de vivência (*lifestyle migration*). Recordando o que *Hannibal Lecter* diz a *Clarisse* em *Silêncio dos Inocentes*: *‘We begin by coveting what we see every day.’* e transferindo esta citação para o contexto deste estudo, poderá dizer-se que o ser humano avalia, critica e julga mais facilmente o que vê no seu cotidiano imediato, aquele(s) com quem lida diariamente.

*British migrants are drawing a sense of identity from those with whom they share time and space, rather than against those who have little relevance in their daily lives. As Cohen (1985) has said, identity is concerned with locality and region more than with gross nation; in this context that means with local Britons rather than with all Britons.*  
(O’Reilly, 2000:103)

Tal como refere O’Reilly na citação acima, a identidade e a alteridade são discutidas e negociadas com os outros britânicos locais. Aqui o termo de referência são os outros britânicos expatriados e não o ‘outro’ português. Os grupos de britânicos, enquanto endogrupos, são muitas vezes discursivamente identificados com recurso à indeterminação/agregação, através de um ‘we’ inclusivo, visível no uso de expressões como *‘many of us’* (cartas 12 e 14), *‘the great number of us’* (carta 1).

No caso do ‘outro’ português, com exceção da carta 31, verifica-se que os portugueses não são nomeados diretamente, sendo a acusação dirigida a ‘*Portugal*’, ‘*the country*’, ‘*this country*’ (cartas 14, 29 e 30), ‘*the alterations to laws*’ (carta 16), ‘*bodies*’ (carta 26). Na carta 29 o autor da ação, que leva à abertura dos tribunais é obscurecido, ‘*backgrounded*’. Os autores fazem uso de impersonalizações e objetivações, tornando a crítica mais velada e os perpetradores obscurecidos e não nomeados. É óbvio que há pessoas por trás destas ações, mas elas não são diretamente referidas. Usando as categorias propostas por van Leeuwen (2008), os atores sociais ‘*Portugal*’, ‘*the country*’, ‘*this country*’ (cartas 14, 29 e 30) são representados por referência metonímica, através de ‘impersonalização→objetivação→especialização’, sendo que os atores sociais são representados por referência a um local, ao qual estão intimamente associados e ‘*Portugal*’ e ‘*the/this country*’ é usado em substituição de ‘*portugueses*’.

Do mesmo modo, Wodak *et alia* (2009: 38) versam sobre estratégias construtivas de identidade nacional de ‘dissimilação/exclusão/descontinuação’, em que se assiste à pressuposição ou ênfase nas diferenças internacionais (entre nações). O esquema argumentativo apoia-se num ‘*topos of comparison/difference*’ (idem), que inclui representações do ‘outro’ como ‘*inferior compared to us*’, como assistimos nestas cartas, em que o topónimo personificado (Portugal) é usado metonimicamente. Wodak *et alia*, concluem que mecanismos como a metonímia e a sinédoque são usados ‘*to create sameness between people*’ e que, entre outras coisas, as metonímias podem ocultar ‘*responsible agents or move them to the background*’, com o principal intuito de relativizar a sua ação ou responsabilidade (2009:43).

No caso destes exemplos de cartas ao editor, o intuito poderá talvez ser o suavizar/mitigar a crítica ao outro português, uma vez que estão ‘na casa’, no país do outro. Uma crítica aberta, dirigida aos portugueses, despertaria, com certeza, uma reação dramática, tanto por parte de outros ‘*Brits*’ como de portugueses, que mesmo não constituindo o grosso dos leitores destas publicações, haveriam de tomar conhecimento destas opiniões e insurgir-se contra elas.

A legitimação temporal, ou a afirmação da sua legitimidade para opinar, em função de há quanto tempo se reside ou vem de férias para o Algarve é um recurso utilizado na maior parte das cartas para mostrar que se faz parte, que se pertence a este lugar. A

legitimidade temporal foi, direta ou indiretamente, encontrada em vinte das quarenta cartas do *corpus*.

*I had occasion to read the very informative magazine 'Mediterranean Gardening' on my last visit to the Algarve.* (carta 23)

*I will no doubt be dismissed as a killjoy - and someone who should either 'suck it up' or go back to my home country* (carta 26)

*I live in a quiet residential area west of Albufeira, which is not traditionally a location for rental villas.* (carta 27)

*I have been coming to Albufeira for the last 20 years, two or three times a year, and think of it as a second home.* (carta 36)

O demonstrar que se pertence a este local, ao Algarve, é sinónimo de que se tem autoridade e conhecimento de causa para poder falar. Seja porque reside no Algarve, ou porque vem frequentemente em férias, quem escreve a carta sente-se no direito de criticar, julgar e avaliar, porque o tempo que passa ou já passou no Algarve lhe confere autoridade moral para tal. Em algumas cartas, essa afirmação é velada, como por exemplo na carta 26. O autor da carta não refere há quanto tempo aqui reside, mas isso torna-se claro através do contexto da carta.

Além destes 'outros', português e britânico, só foram encontradas ocorrências de dois 'outros' diferentes: a EU (cartas 11 e 21) e uma referência velada a imigrantes (carta 13), que devem ser deportados.

### **5.3. Como é o 'outro'?**

Na análise das cartas com base no julgamento e apreciação exploramos o modo como os atores sociais avaliam o comportamento do outro, como se posicionam a si próprios e aos outros de acordo com padrões locais de valores morais, alinhando-se ou

distanciando-se de certas características e comportamentos sociais associadas a identidades mais ou menos desejáveis, com a finalidade de conseguir afirmar a sua própria identidade. O tipo de julgamento varia de acordo com as *storylines* do *corpus* e com o ‘outro’ nele discursivamente representado.

Assim, a primeira *storyline* ‘*It could only happen here*’ figura principalmente avaliações de Estima Social em termos de normalidade e de capacidade. A estranheza perante certos costumes e hábitos do ‘outro’ e a incompetência constituem as razões principais para a crítica. A *storyline 2*, ‘*They are not doing their job*’ os tipos de julgamento mais recorrentes recaem nas categorias de Estima Social e de Sanção Social, no âmbito da crítica à capacidade (incompetência), tenacidade (cobardia) e conduta ética (insensibilidade e incapacidade de solidariedade para com o próximo). O ‘outro’ ali representado é maioritariamente posicionado como incompetente. No que diz respeito à conduta ética o julgamento diz respeito a falhas ao nível da injustiça, favorecimento de entidades mais fortes em detrimento das mais fracas, bem como em termos de dever supererrogatório (Harré, 2012), i.e., a realização de um ato social com base, não numa obrigação legal, mas no sentido ético de fazer o que é benéfico ou correto.

A terceira e quarta *storylines* incluem maioritariamente julgamentos de Sanção Social no campo da conduta ética. No primeiro caso, os atores sociais são condenados por razões que dizem respeito ao seu comportamento insensível, imoral, mau, ganancioso e por vezes até corrupto essencialmente para com outros atores sociais, enquanto que no segundo caso essa avaliação se prende principalmente com comportamentos pouco éticos relativamente ao meio ambiente, o Algarve e património arquitetónico ou cultural.

A quinta *storyline* ‘*What are these people doing here?*’ avalia a Estima Social na categoria da capacidade (visível na manifestação pouca educação e literacia, conducente à incapacidade de acumular capital cultural e simbólico e, por conseguinte, impedir a integração) e a Sanção Social em termos de conduta ética. Há um dever supererrogatório de integração na cultura portuguesa, que não está a ser cumprido.

A *storyline 6* ‘*So, if you’re a tourist*’ traz a lume o debate sobre autenticidade, a posse de capital cultural e simbólico para apreciar a experiência turística e o comportamento tumultuoso dos turistas. A avaliação do ‘outro’ turista processa-se em termos de Estima

Social/capacidade (ignorância, iliteracia, nível de educação baixo) e em termos de Sanção Social/conduita ética, uma vez que o comportamento do turista é representado como ruidoso, sem consideração pelos demais, violento e imoral.

A *storyline* 7 recai sobre a questão da distinção e classe entre a comunidade britânica. O julgamento acontece em dois sentidos: assiste-se à crítica, em termos de Estima Social/capacidade, ao ‘outro’ quando este apresenta deficiência das condições económicas, sociais, culturais e simbólicas para experenciar e cumprir plenamente as premissas do projeto de vida migratório e inversamente, condena-se o ‘outro’ privilegiado em termos de Sanção Social/conduita ética pela sua arrogância, snobismo e insensibilidade. A *storyline* 8, ‘*I know better than them*’, assenta na crítica ao ‘outro’ em termos de Estima Social/capacidade: é o capital intelectual, o saber e o conhecimento constituem o fator de discriminação entre o ‘eu ‘ e o ‘outro’.

## Capítulo 6

### Conclusões

*It is sometimes hard to grasp the difference between identifying with one's roots, understanding people with other roots, and judging what is good or bad.*

Umberto Eco

Este capítulo tem como objetivo avaliar o estudo efetuado e resumir as principais conclusões em termos da sua contribuição para o campo dos Estudos Culturais, bem como assinalar possíveis caminhos para investigação futura.

#### **6.1. Resposta às questões de partida**

Nesta secção pretendemos revisitar as questões de partida e dar resposta às indagações com que iniciámos este estudo.

##### **QP1: Como se caracteriza a comunidade discursiva que escreve cartas ao editor?**

A primeira questão de partida prende-se com a caracterização discursiva da comunidade discursiva que escreve cartas ao editor. A investigação realizada demonstra que a comunidade britânica no Algarve é uma manifestação da tendência migratória *Lifestyle Migration*, com um conjunto de aspirações, motivações e expetativas próprias e que tem um impacto global, uma vez que se verifica em muitos destinos diferentes. Os *lifestyle migrants* procuram uma vida mais satisfatória num local que percecionam como sendo mais significativo. A comunidade britânica em Portugal tem revelado uma tendência crescente, com exceção de 2012 e 2013, anos em que a crise económica fez sentir os seus efeitos em cheio.

Outro ponto relacionado com a QP1 consistiu em definir o tipo de comunidade que é constituída pelos expatriados britânicos no Algarve. Este grupo de leitores/escritores

consistiu uma comunidade de prática (Wenger, 2008), em que a partilha de conhecimento conduz à aprendizagem pelos membros. O conhecimento daí advindo modifica os intervenientes, tornando-os diferentes de outros ‘*Brits*’ e envolve-os numa negociação de significado sobre as práticas sociais que partilham. O conjunto de interação social e aprendizagem proporciona a criação de um repertório partilhado, de que o domínio da língua, de expressões ou maneirismos portugueses é apenas um exemplo. Por outro lado, o estudo efetuado sobre a imprensa regional algarvia em língua inglesa revela a existência de uma esferícula pública britânica, visível numa *mediascape* em língua inglesa, acompanhada de uma paisagem visual linguística, comércio e serviços criados para satisfazer as necessidades da comunidade britânica no Algarve.

Ao longo do estudo realizado verifica-se que a comunidade britânica tem um projeto de vida semelhante, consignado a um projeto de vida reflexivo e que demonstra ter os traços de uma comunidade imaginada (Anderson, 1985), uma vez que os membros que a ela pertencem nunca se conhecerão uns aos outros na totalidade, mas partilham uma imagem de comunhão, potenciada por uma língua e cultura semelhantes, bem como por uma paisagem mediática em inglês, produzida por medida para ser consumida pela comunidade britânica.

A identidade é um processo em permanente negociação efectivado através de práticas discursivas. A análise temática das cartas ao editor revela a realidade dos migrantes e as preocupações inerentes à vivência num novo espaço social, cultural e geográfico. O diálogo que se estabelece nas cartas é intracomunitário: aquelas são escritas por expatriados britânicos e dirigidas à comunidade de expatriados britânicos. A investigação evidencia igualmente a vivência da comunidade numa ‘bolha’ britânica ou *Allgarve* (David, 2012), em que os media criam espaços de diálogo numa ‘*public 'sphericules' for diasporic communities*’ (Cunningham, 2001), o que demonstra a integração incompleta ou não-assimilação na sociedade portuguesa.

No entanto, apesar de, quando vista a partir do exterior, a comunidade de expatriados britânicos parecer enganadoramente homogénea, através da análise do *corpus* conclui-se que são uma comunidade heterogénea, em diálogo constante consigo mesma e empenhada na negociação de significados.

## **QP2: Como são representadas discursivamente a identidade e a alteridade nas cartas ao editor?**

A segunda questão de partida diz respeito ao modo como são representadas discursivamente a identidade e a alteridade nas cartas ao editor. Para responder a esta questão fizemos uso de uma conjugação de metodologias, que consideramos serem as mais adequadas para proceder à análise das cartas e obter resultados minimamente fiáveis. A Teoria do Posicionamento como método de análise pode explicar, momento a momento, a posição adotada pelo ator social ou atribuída a outros, bem como a sua aceitação, rejeição ou negociação. O posicionamento de atores sociais, adjudicando-lhes atributos, direitos e deveres, permissões e proibições, liga-se estreitamente ao campo do julgamento do ‘outro’, do seu comportamento e atitude. Por esse motivo, recorreremos à *Appraisal Theory*, para desvendar o modo como os atores sociais expressam, negociam ou naturalizam as suas posições intersubjetivas e ideológicas. A Abordagem dos Atores Sociais vem acrescentar a conceção de que todos os discursos recontextualizam práticas sociais e um foco na representação dos atores sociais no processo de recontextualização. Este processo implica mudanças ao nível do discurso, excluindo, modificando ou acrescentando elementos, que podem concentrar-se na legitimação ou crítica da prática social. A AAS enquanto ferramenta de análise obriga-nos a refletir sobre a razão de determinado ator social ser representado como é, expondo imputação de intenções, valores, e preconceitos, que podem revelar ideologias subjacentes do interlocutor.

Conforme referimos no início desta tese, a princípio tínhamos a expectativa de, ao proceder à recolha e análise das cartas ao editor, vir a encontrar um ‘outro’ predominantemente português. No entanto, o que encontramos refutou essas expectativas, uma vez que a crítica mais dura é dirigida ao ‘outro’ britânico. O ‘outro’ português é visto com alguma estranheza, por via de certos costumes ou hábitos, mas é crítica concentra-se essencialmente em atores coletivos, como o Estado, o governo ou instituições (câmaras municipais, EDP, ou forças policiais), mas não é habitualmente criticado enquanto um indivíduo específico. A imagem do ‘outro’ português é, de certa forma, maioritariamente padronizada e cristalizada através atores sociais coletivos coletivas nacionais. O ‘outro’ britânico é jugado e criticado, com o objetivo de o

posicionar numa escala social e, simultaneamente, proceder ao auto-posicionamento do próprio interlocutor.

Neste estudo abordamos a construção discursiva do ‘eu’ e do ‘outro’, partindo do princípio de que a relação eu-outro é articulada através do discurso, nele se articula, forma e dá forma. O discurso é socialmente influente, uma vez que levanta importantes questões de poder. As práticas discursivas podem ter efeitos ideológico significativos, ajudando a produzir e reproduzir relações desiguais de poder entre grupos ou comunidades diferentes, por exemplo, entre classes sociais, gêneros, maiorias e/ou minorias étnicas, através do modo como representam e posicionam coisas e pessoas. A este propósito Hyland observa que os atos de ‘*meaning making*’ e de discurso ‘*are always engaged in that they realize the interests, the positions, the perspectives and the values of those who enact them*’ (2005: 4).

À partida, e uma vez que os leitores/escritores escrevem para jornais, que são produzidos para consumo da comunidade britânica, assistimos à criação de um endogrupo/*ingroup* maior, constituído pela comunidade britânica, com maior incidência de ‘*bonding social capital*’, (Putnam, 1990), uma vez que se apoiam na sua proveniência geográfica e linguística como meio de entrada, excluindo os que não partilham a mesma herança nacional e cultural. A análise das cartas demonstra que na maior parte das vezes, a crítica ou o julgamento feito ao ‘outro’ português (mesmo que ocultado metonímicamente) cria dois grupos maiores, que se opõem: os britânicos, que não percebem a mundivisão do ‘outro’ português, a sua ineficiência, incompetência e incapacidade e se posicionam numa posição de mais poder e conhecimento e com o direito de repreender moralmente o ‘outro’. Existem, porém, situações em que o leitor/escritor britânico alinha com o ‘outro’ português, criando ‘*bridging social capital*’ (Putnam, 2000), (*vide*, por exemplo, as cartas 19 e 27), geralmente como legitimação para repreender o ‘outro’ britânico’, demonstrando-lhe que tem mais capital social, cultural e simbólico do que ele.

No que diz respeito ao ‘outro’ britânico, assistimos à segmentação e classificação de um grupo maior em exogrupos/*outgroups* mais restritos: os que não se integram, os privilegiados ou os que não têm classe, os turistas ou os grupos barulhentos. Conforme foi sendo referido ao longo do trabalho, os leitores/escritores parecem envidar bastante

esforço em demonstrar que o comportamento do ‘outro’ britânico não é adequado e classificá-lo de acordo com isso, criando exogrupos/*outgroups* de ‘outros’ britânicos, com quem o leitor/escritor não se alinha e de quem se quer distanciar, enfatizando a sua conduta ética imaculada. Evidentemente, ao fazê-lo, o leitor/escritor, além de representar e posicionar o ‘outro’ britânico, posiciona-se a si próprio numa escala ou grelha moral, que é indicadora da sua classe e do seu *status* dentro da comunidade britânica. Tal vai ao encontro das conclusões de Oliver & O’Reilly (2010: 55), que revelam que após a realocização num novo espaço e sem um contexto socio-cultural de base, o indivíduo se vê forçado a renegociar a sua própria identidade, bem como a dos outros. Está é uma tarefa difícil, uma vez que as categorias normalmente utilizadas para definir a classe de cada indivíduo são indefinidas ou não existem, tornando a tarefa de estabelecer a classe de cada um, um processo mais difícil, mas em que os leitores/escritores depositam muito do seu esforço.

### **QP3: Como se ligam os posicionamentos discursivos identificados a discursos ideológicos vigentes?**

A terceira questão prende-se com a ligação dos posicionamentos discursivos a discursos ideológicos vigentes. A organização da análise de posicionamento em *storylines* veio permitir pôr a nu alguns dos discursos ideológicos, que lhes estão subjacentes. Um desses discursos vem a lume nas *storylines* da primeira secção (*storylines* 1-4) e diz respeito a um sentimento de superioridade em relação ao ‘outro’ português. Muito embora os leitores/escritores representem Portugal e os portugueses de uma maneira positiva, simultaneamente criticam a maneira de ser e de agir tipicamente portuguesa, comparando-a (na maior parte das vezes, implicitamente) com a britânica e avaliando a última como melhor, mais capaz, eficiente ou superior. Isso inclui o direito de opinar sobre o que e como Portugal deve ser.

Um outro discurso frequente é o do ‘dever de integração’ (Lawson, 2015), já discutido neste trabalho. Este discurso visa o ‘outro’ britânico, que é julgado negativamente por não demonstrar esforços para aprender a língua portuguesa, conhecer a cultura do país ou região e apreciar o modo de vida português, mesmo que por vezes constitua uma causa de irritação. Este discurso liga-se ao discurso de ‘classe’ ou ‘distinção’, na medida em que ser visto como alguém que se integra nos costumes do país acrescenta capital

simbólico e significa um aumento de estatuto social. No *corpus* surge um exemplo deste discurso ideológico subjacente ao tema da perda dos canais britânicos de TV, onde encontramos o fio condutor de um debate mais amplo dentro da própria comunidade de expatriados britânicos, que tem lugar no espaço das cartas ao editor do TPN e A/PR (*vide* cartas 1, 2, 3 e 11). Por um lado, há um grupo de leitores/escritores que defende o dever de integração por parte dos expatriados, sendo que eles próprios se consideram integrados. Por outro lado, há um grupo de leitores/escritores, que manifesta precisar de elos com o seu país natal, através dos mass média e outros bens ou serviços, rejeitando o posicionamento forçado a que foram sujeitos.

Estas duas correntes de opinião estão latentes no pensamento da comunidade e quando surge algum acontecimento que motive esse debate, voltam a aparecer cartas ao editor que discutem esta problemática: ‘Quem pode ser considerado ‘integrado’ ou não?’, ‘O que é necessário (não) ter ou (não) fazer para poder ser-se considerado integrado na cultura e país de acolhimento?’, ‘Quanta integração é necessária para poder ser considerada integração?’. Assim, a possibilidade de perda da transmissão de canais britânicos criou a circunstância certa para que esse debate viesse mais uma vez a lume e que o espaço das cartas ao editor se constituíssem como o espaço, onde esta e outras questões podem ser discutidas.

Aliado a este discurso encontramos também a discussão mais ampla sobre o projeto de vida enquanto britânico e *lifestyle migrant*. Subjacentes na análise das cartas ao editor encontramos prescrições sobre o modo correto de viver e de se comportar. Todas as *storylines* das secção *The right kind of Brit* recaem nesta categoria.

## **6.2. Contribuição para a investigação**

Os Estudos Culturais são um campo teórico que se debruça sobre a dinâmica da cultura contemporânea, identificando conflitos e investigando o modo como práticas culturais se relacionam com sistemas de poder. Hall refere que a razão pela qual os Estudos culturais atraem atenção é porque contêm ‘*theoretical and political questions in an ever irresolvable but permanent tension*’ (1993: 106). Este trabalho de investigação tentou demonstrar e expor como certas desigualdades são representadas discursivamente,

nomeadamente no que diz respeito ao posicionamento e tratamento de si mesmo e do ‘outro’.

Na maior parte dos casos, os estudos sobre *Lifestyle Migration* são levados a cabo em áreas científicas como a antropologia, etnografia e a sociologia. A originalidade da presente investigação reside na contribuição para a discussão da inter-relação entre discurso e identidade, investigando como a identidade é construída por estes migrantes, através de uma prática discursiva em concreto, o da produção de cartas ao editor em língua inglesa em publicações da imprensa regional algarvia.

A globalização da migração com fins recreativos é uma importante tendência contemporânea, que no Algarve se traduz na presença de uma comunidade *de lifestyle migrants*. Compreender o modo como (re-)produz discursivamente a sua identidade é fundamental para avaliar os efeitos da presença desta comunidade na região e para que estruturas de poder entrincheiradas sejam questionadas e repensadas. A comunidade de britânicos tem um pé na cultura britânica e outro na portuguesa, o que os faz confrontar-se com ‘outros’ diferentes, ou até mesmo opostos a si.

### **6.3. Limitações da investigação**

O presente estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente um *corpus* proveniente de uma só fonte. Seria desejável a comparação com outro tipo de *corpus*, que confirmasse ou contradissesse os resultados aqui apresentados. Em segundo lugar, gostaríamos de ter conseguido explorar mais a fundo as práticas editoriais dos jornais em análise e de ter conseguido entrevistar os seus quadros editoriais, uma vez que poderia ter revelado aspetos importantes sobre a comunidade de expatriados britânicos no Algarve em geral e sobre o perfil do leitor/escritor de cartas ao editor destes jornais, em particular.

### **6.4. Sugestões para investigação futura**

A opinião dos leitores é uma área de estudo rica e em expansão devido à emergência de novos tipos de plataformas *online*, mediadas (ou não) e apresenta um amplo manancial

de possibilidades de investigação, que será importante seguir e estudar sob várias perspectivas. Por outro lado, a comunidade de expatriados britânicos no Algarve demonstra um crescimento constante nos últimos anos, pelo que a sua importância a nível social, cultural e económico não pode, nem deve ser minimizada e seria importante prosseguir a investigação na vertente da *Lifestyle Migration*. Por fim, o estudo da representação da identidade é um campo muito abrangente e seria pertinente o surgimento de investigação que desenvolvessem esta área, nomeadamente concentrando-se no estudo de outras comunidades estrangeiras em Portugal.

## 7. Bibliografia

- Algarve Resident Media Kit. Consultado em 05/03/2018 em <http://en.calameo.com/read/00002794277578cea9e6c?authid=yo2420OPT11X>.
- Algarve/Portugal Resident. *Política de Correio de Leitores*. Consultado pela última vez em 17/05/2018 em <http://portugalresident.com/estatuto-editorial>.
- Anderson, B. (2006). *Imagined Communities, Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso.
- AngloInfo Portugal. (2018). *English-language Media in Portugal*. Consultado em 11/03/2018 em <https://www.angloinfo.com/how-to/portugal/lifestyle/entertainment/english-language-media>
- APCT (Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação). (2013). APCT. Obtido em 27 de maio de 2015, de Análise Simples: [http://www.apct.pt/Analise\\_simples.php](http://www.apct.pt/Analise_simples.php)
- BBC News. (s.d.). *Brits Abroad*. Obtido em 8 de junho de 2015, de BBC News: [http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/in\\_depth/brits\\_abroad/html/europe.stm](http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/in_depth/brits_abroad/html/europe.stm)
- Bamberg *et alia* (2011). Discourse and Identity Construction. In Seth J. S., K. Lyckx, V. L. Vignoles, (eds). (2011). *Handbook of identity theory and research*. New York :Springer.
- Beer, B. D. (27 de dezembro de 2012). *June – What do foreigners want?* Obtido de The Portugal News Online: <http://www.theportugalnews.com/news/june-what-do-foreigners-want/27411>
- Benson, M. (2009). A desire for difference: British lifestyle migration to southwest France. In: Michaela B. & O'Reilly, K. (Eds.) *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*. Aldershot: Ashgate, 121-136.
- Benson, M. (2010). 'We are Not Expats; We are not Migrants; We are Sauliacoise': Laying Claim to Belonging in Rural France. In Bönisch-Brednich, B. & Trundle, Catherine. *Local Lives, Migration and the Politics of Place*. Farnham: Ashgate, 67-83.
- Benson, M. (2011) *The British in Rural France: Lifestyle Migration and the Ongoing Quest for a Better Way of Life*. Manchester: Manchester University Press.
- Benson, M. (2012) How culturally-significant representations are translated into lifestyle migration. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. 38(10), 1681-1696.
- Benson M. (2014) Negotiating Privilege in and through Lifestyle Migration. In: Benson M., Osbaldiston N. (eds) *Understanding Lifestyle Migration. Migration, Diasporas and Citizenship Series*. Palgrave Macmillan,: London, 47-68.
- Benson, M., & O'Reilly, K. (2009a). Lifestyle Migration: Escaping to the Good Life. In Benson, M., & O'Reilly, K. (Eds.). *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*. Farnham: Ashgate, 1-13.

- Benson, M. & O'Reilly, K. (2009b). *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*. Farnham: Ashgate.
- Benson, M., & O'Reilly, K. (2016). From lifestyle migration to lifestyle in migration: Categories, concept and ways of thinking. *Migration Studies*. Vol.4, Number 1: 20–37. Downloaded from <https://academic.oup.com/migration/article-abstract/4/1/20/2413178>
- Benson, M. & Osbaldiston, N. (2014). New Horizons in Lifestyle Migration Research: Theorising Movement, Settlement and the Search for a Better Way of Life. In: Benson M., Osbaldiston N. (eds) *Understanding Lifestyle Migration. Migration, Diasporas and Citizenship Series*. Palgrave Macmillan: London, 1-23.
- Benson, M. & Osbaldiston, N. (2016). Toward a critical sociology of lifestyle migration: reconceptualizing migration and the search for a better way of life. *The Sociological Review*. 64(3), 407-423.
- Bernstein, B. (1990). *The Structuring of Pedagogic Discourse*. London: Routledge.
- Bohman, James, "Critical Theory", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Consultado a 12/07/2017 em URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2016/entries/critical-theory/>>.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinction, A social critique of the judgement of taste*. (Trad. Richard Nice). Cambridge: Harvard University Press.
- Brinded, L. (11 setembro 2015). The 17 most popular destinations for British expats. *Business Insider UK*. Consultado pela última vez a 22/06/2018 em <http://uk.businessinsider.com/british-expats-most-population-destinations-2015-9>
- Brinded, L. (30 janeiro 2017). The 21 countries with the best quality of life in the world for expats. *Business Insider UK*. Consultado pela última vez a 22/06/2018 em <http://uk.businessinsider.com/internations-countries-with-the-best-quality-of-life-in-the-world-for-expats-2017-1/#21-denmark-the-country-has-the-shortest-working-week-out-of-all-those-surveyed-at-39-hours-however-it-fell-down-the-list-for-quality-of-life-during-to-scoring-low-on-childcare-options-and-availability-1>.
- Caldas-Coulthard, C. R. (2003) 'Cross-Cultural Representation of 'Otherness' in Media Discourse' in in Weiss, G. & Wodak, R. (eds.) *Critical Discourse Analysis, Theory and Interdisciplinarity*. New York: Palgrave.
- Casado-Díaz, M. A., (2006). Retiring to Spain: An Analysis of Differences among North European Nationals. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 32(8), 1321-1339.
- Casado-Díaz, M. A., (2012). Exploring the geographies of lifestyle mobility: current and future fields of enquiry. In Wilson, J. (Ed.). *The Routledge Handbook of Tourism Geographies*. Oxon: Routledge.
- Cottle, Simon (ed.) (2000). *Ethnic Minorities and the Media, Changing Cultural Boundaries*. Buckingham: Open University Press, 1-30.

- Cunningham, Stuart (2001). Popular media as public ‘sphericules’ for diasporic communities. *INTERNATIONAL journal of CULTURAL studies*. London: SAGE Publications, Thousand Oaks, CA and New Delhi Volume 4(2): 131–147.
- David, Inês (2012). Radiographing an ‘Expatriate’ Space. In Oliveira, M.; Portela, P. & Santos, L.A. (eds.) (2012). *Radio Evolution: Conference Proceedings*. ECREA: Radio Evolution: technology, content, audiences – conference Setembro 2011. Braga, University of Minho: Communication and Society Research Centre, 255-267.
- David, Inês (2014) “It’s Not Necessary but It’s Nice”? Reflections on the Role of Media Produced by and for Lifestyle Migrants, *InMedia* [Online], 5 | 2014, Online since 17 October 2014, connection on 16 October 2016. URL : <http://inmedia.revues.org/785>
- David, Inês (2015). *On and off air: an ethnographic exploration of minority radio in Portugal*. Tese de doutoramento não publicada apresentada à FCSH - Universidade Nova.
- De Cillia, R., Reisigl, M., Wodak, R. (1999). *The discursive construction of national identities*. *Discourse & Society*. 10(2): 149–173.
- DeWolf, C. (29 de dezembro de 2014). In Hong Kong, Just Who Is an Expat, Anyway? *The Wall Street Journal*. Consultado pela última vez a 22/06/2018 em <https://blogs.wsj.com/expat/2014/12/29/in-hong-kong-just-who-is-an-expat-anyway/>
- du Gay, P., Hall, S., Janes, L., Mackay, H., & Negus, K. (1997). *Doing Cultural Studies, The Story of the Sony Walkman*. London: Sage Publications in association with The Open University.
- Easthope, H. (2009). Fixed Identities in a Mobile World? The Relationship Between Mobility, Place, and Identity. *Identities: Global Studies in Culture and Power*. 16(1), 61-82.
- Emma Munbodh. (5 maio 2015). *Portugal named after number 1 holiday hotspot for Brits: top 10 destinations and deals*. Obtido em 17 de junho de 2015 de Mirror: <http://www.mirror.co.uk/lifestyle/travel/5-best-cheap-holidays-5639344>
- ERC. (2010). *Imprensa Local e Regional em Portugal*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Obtido de <http://www.erc.pt/documentos/ERICImprensaLocaleRegionalfinal.pdf>
- euobserver. (10 de fevereiro de 2014). *Two million British People emigrated to EU, figures show*. Obtido em 8 de junho de 2015, de euobserver: <https://euobserver.com/social/123066>
- Fairclough, N. & Wodak, R. (1997) ‘Critical Discourse Analysis’ in T. A. van Dijk (ed.), *Discourse as Social Interaction* (Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction. Vol.2). London: Sage, pp.258-284.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.

- Fairclough, N. (2003). *Analysing Discourse, Textual analysis for social research*. London: Routledge.
- Fairclough, N. (2009). 'A dialectical-relational approach to critical discourse analysis in social research' in Wodak, Ruth & Michael Meyer (eds.) (2009). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage.
- Firth, J. R. (1935). The technique of semantics. *Transactions of the Philological Society*, 34, 36-72.
- Finnegan, R. (1997). 'Storying the Self': Personal Narratives and Identity'. In Mackay, H. (1997). *Consumption and Everyday Life*. London: Sage, 66-104.
- Gabinete para os Meios de Comunicação Social. (9 de abril de 2014). *Imprensa Regional*. Obtido de Gabinete para os Meios de Comunicação Social: <http://www.gmcs.pt/pt/imprensa-regional>
- Georgiou, Myria (2013). Diaspora in the Digital Era: Minorities and Media Representation. *Journal on Ethnopolitics and Minority Issues in Europe*. 12 (4), 80-99.
- Giddens, A. (2008). *Modernity and Self-Identity: Self and Society in Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press.
- Gilroy, P. (1997). Diaspora and the Detours of Identity in Woodward, K. (ed.) (1997). *Identity and Difference*. London: Sage, 301-346.
- Gitlin, Todd (1998). Public sphere or public sphericules. In Liebes, T. & Curran, J. (Eds.). *Media, Ritual and Identity*. London: Routledge, 168-175.
- Algarve Resident. *Global Media Sales*. Consultado pela última vez em 8 março de 2018 em <http://www.globalmediasales.co.uk/search/> em 08/03
- Gonçalves, Telmo (Ed.). (2016). *Digital Media Portugal – ERC 2015*. s.l.: ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Disponível para consulta como e-book em: <http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWRRpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjdG9fb2ZmbGluZS83OS4xLnBkZiI7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6Mjc6ImRpZ2l0YWwtbWVkaWEtcG9ydHVnYWwtMjAxNSI7fQ==/digital-media-portugal-2015>
- Gouveia, Carlos A. M. (2002). Análise Crítica do Discurso: Enquadramento Histórico. In MATEUS, Maria Helena & Clara Nunes Correia (orgs.): *Saberes no Tempo: Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri: 335-351. Consultado a 20/06/2017 em [https://www.academia.edu/10209804/5.\\_2002\\_.An%C3%A1lise\\_Cr%C3%ADtica\\_do\\_Discurso\\_Enquadramento\\_Hist%C3%B3rico.\\_In\\_MATEUS\\_Maria\\_Helena\\_and\\_Clara\\_Nunes\\_Correia\\_orgs.\\_Saberes\\_no\\_Tempo\\_Homenagem\\_a\\_Maria\\_Henriqueta\\_Costa\\_Campos.\\_Lisboa\\_Edi%C3%A7%C3%B5es\\_Colibri\\_335-351](https://www.academia.edu/10209804/5._2002_.An%C3%A1lise_Cr%C3%ADtica_do_Discurso_Enquadramento_Hist%C3%B3rico._In_MATEUS_Maria_Helena_and_Clara_Nunes_Correia_orgs._Saberes_no_Tempo_Homenagem_a_Maria_Henriqueta_Costa_Campos._Lisboa_Edi%C3%A7%C3%B5es_Colibri_335-351)
- Gouveia, Carlos A. M. (2013). Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas. In PIMENTEL, Cristina e Paulo Alberto (eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. , Lisboa: Centro de Estudos Clássicos: 1059-1071. Consultado a 20/06/2017 em [https://www.academia.edu/2247900/26.\\_2013\\_.An%C3%A1lise\\_Cr%C3%ADtica](https://www.academia.edu/2247900/26._2013_.An%C3%A1lise_Cr%C3%ADtica)

ca\_do\_Discurso\_dimens%C3%B5es\_te%C3%B3ricas\_e\_metodol%C3%B3gicas.  
\_In\_PIMENTEL\_Cristina\_e\_Paulo\_Alberto\_eds.\_Vir\_bonus\_peritissimus\_aeque.  
\_Estudos\_de\_homenagem\_a\_Arnaldo\_do\_Esp%C3%ADrito\_Santo.\_Lisboa\_Cent  
ro\_de\_Estudos\_CI%C3%A1ssicos\_1059-1071

Governo de Portugal. *Portal da Imprensa Regional*. Consultado em 07/03/2018  
[http://www.imprensaregional.com.pt/portal/?distrito=18&concelho=108&pesquis  
a=algarve%20resident](http://www.imprensaregional.com.pt/portal/?distrito=18&concelho=108&pesquisa=algarve%20resident)

Hall, S. (1993). Cultural Studies and its Theoretical Legacies in During, S. (ed.) *The Cultural Studies Reader*. London: Routledge, 97-109.

Hall, S. (1996). The Question of Cultural Identity. In Hall S. *et alia* (1996). *An Introduction to Modern Societies*. Malden: Blackwell Publishers, 596-623.

Halliday, M. (2004). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Hodder Arnold.

Halliday, M. (2014). *Halliday's Introduction to Functional Grammar* (4ª edição). Oxon: Routledge.

Halliday, M., & Hasan, R. (1989). *Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: OUP.

Harré, R., F. M. Moghaddam, T. Pilkerton-Cairnie, D. Rothbart, and S. Sabat. (2009). Recent advances in positioning theory. *Theory & Psychology* 19(1): 5–31.

Harré, Rom. (2012) Positioning Theory: Moral Dimensions of Social-Cultural Psychology. In Valsiner, Jaan. (Ed.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. Oxford: OUP, 191-206.

Hassan, R. (2008). *The Information Society: Cyber Dreams and Digital Nightmares*. Cambridge: Polity Press.

Hoey, B. (2014). Theorising the 'Fifth Migration' in the United States: Understanding Lifestyle Migration from an Integrated Approach. In: Benson M., Osbaldiston N. (eds) *Understanding Lifestyle Migration. Migration, Diasporas and Citizenship Series*. Palgrave Macmillan: London, 71-91.

Hyland, K. (2005). *Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing*. London: Continuum, 1-15.

Instituto Nacional de Estatística. (2014). *Censos 2011*. Obtido em 03 de junho de 2015, de Instituto Nacional de Estatística: [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos2011\\_apresentacao&xpid=CENSOS](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos2011_apresentacao&xpid=CENSOS)

Johnstone, B. (2008). *Discourse Analysis*. Malden: Blackwell Publishing.

Kendall, Gavin (2007). What Is Critical Discourse Analysis? Ruth Wodak in *Conversation With Gavin Kendall* [38 paragraphs]. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, 8(2), Art. 29, <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0702297>.

King, R., Warnes, T., & Williams, A. (2000). *Sunset Lives, British Retirement Migration to the Mediterranean*. New York: Berg.

- Korpela, M. (2010). Me, myself and I: Western lifestyle migrants in search of themselves in Varanasi: India. *RASAALA* 1(1), 53-73.
- Korpela, M. (2014). Lifestyle of Freedom? Individualism and Lifestyle Migration. In: Benson M., Osbaldiston N. (eds) *Understanding Lifestyle Migration. Migration, Diasporas and Citizenship Series*. Palgrave Macmillan: London, 22-46.
- Koutonin, M. R. (13 março 2015, última modificação a 6 outubro 2017). Why are white people expats when the rest of us are immigrants? *The Guardian*. Consultado a 16/06/2018 em [https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/mar/13/white-people-expats-immigrants-migration?CMP=share\\_btn\\_fb](https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/mar/13/white-people-expats-immigrants-migration?CMP=share_btn_fb).
- Lawson, M. (2015). *The British in south-west France: Investigating positioning and distinction within migrant discourses and Discourses of migration*. (Tese de doutoramento não publicada apresentada à Lancaster University).
- Lockyear, S. & Pickering, M. (2001). Dear shit-shovellers: humour, censure and the discourse of complaint. *Discourse & Society*. 12 (5), 633-651.
- Martin, J. R., (1985). Process and Text: Two Aspects in Human Semiosis. In J D Benson & W S Greaves (Eds.) *Systemic Perspectives on Discourse: selected theoretical papers from the 9th International Systemic Workshop*. Norwood, N.J.: Ablex (Advances in Discourse processes 15) 1985. 248-274.
- Martin, J.R. & White, P.P.R. (2005). *The language of evaluation, Appraisal in English*. Houndmills: Palgrave Macmillan.
- Mattos-Parreira, Merja de. (1997). We do it our way: the Algarve expatriate community in the local press. *Seminários de Linguística*. Faro: Universidade do Algarve - Unidade de Ciências Exactas e Humanas, 125-132.
- Mattos-Parreira, Merja de. (2000). Reader's identity construction of the Portuguese "Carnation Revolution" (1974) in the Anglo-Portuese News. *Actas XXI encontro da APEAA*. Viseu: Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, 140-160.
- Mattos-Parreira, Merja de. (2002). *Expatriate media talks: reader's identity construction in some English-Language newspapers in Portugal*. Tese de Doutoramento não publicada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mattos-Parreira, Merja de. (2013). Hegemonies of Expatriate Identities in Portuguese English-language Press. In Gregorio-Godeo, Eduardo & Martín-Albo, Angél (Eds.). *Mapping Identities and Identification Processes, Approaches from Cultural Studies*. Frankfurt: Peter Lang Verlag.
- McElroy, K. (2013). Where Old (Gatekeepers) Meets New (Media), Herding reader comments to print. *Journalism Practice*. 7(6), 755-771. DOI: 10.1080/17512786.2013.774117. Consultado em 26 outubro 2017 em <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.774117>.
- Mémet, M. (2005). Letters to the Editor, A multi-faceted genre. *European Journal of English Studies*, 9(1), 75-90, Routledge. DOI: 10.1080/13825570500068166.

Consultado em 12 de junho de 2014 [b-on: Biblioteca do conhecimento online Algarve]

- Messer, M., Schroeder, R., & Wodak, R. (2012). *Migrations: Interdisciplinary Perspectives*. Wien: Springer.
- Modan, Gabriella. (2007). *Turf Wars, Discourse, Diversity and the Politics of Place*. Malden: Blackwell Publishing.
- Moghaddam, F. and Harré, R. (2010). Words, conflicts and political processes. In F. Moghaddam and R. Harré (eds) *Words of Conflict, Words of War: How the language we use in political processes sparks fighting*. Santa Barbara, CA: Praeger.
- Moghaddam, F. M., N. R. Slocum, N. Finkel, T. Mor, and R. Harre. (2000). *Toward a cultural theory of duties*. *Culture & Psychology*. 6(3):275–302.
- Nielsen, R. K. (2010). Participation through letters to the editor: Circulation, considerations, and genres in the letters institution. *Journalism*. 11(1), 21-35.
- O'Reilly, K. (2000). *The British on the Costa del Sol: Transnational Identities and local Communities*. London: Routledge.
- O'Reilly K. (2007) Intra-European Migration and the Mobility-Enclosure Dialectic. *Sociology* 41(2): 277-293.
- O'Reilly K. (2014). The Role of the Social Imaginary in Lifestyle Migration: Employing the Ontology of Practice Theory. In: Benson M., Osbaldiston N. (eds) *Understanding Lifestyle Migration. Migration, Diasporas and Citizenship Series*. Palgrave Macmillan: London, 211-234.
- Oliver, C. & O'Reilly, K. (2010). A Bourdieusian Analysis of Class and Migration: Habitus and the Individualising Process. *Sociology*. Volume 44(1): 49–66 DOI: 10.1177/0038038509351627 Downloaded from soc.sagepub.com at Universidade do Algarve on January 20, 2014
- Open Media. (s.d.). Obtido em 29 de maio de 2015, de Open Media: <http://open-media.net/index.php>
- Paltridge, B. (2012). *Discourse Analysis*. London: Bloomsbury.
- Pedro, Emília Ribeiro (Ed.). (1997). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Portugal Resident*. (2015). Obtido em 28 de maio de 2013, de Portugal Resident: <http://portugalresident.com/>
- Procuradoria- Geral Distrital de Lisboa, Ministério Público. (2015). *Lei de Imprensa*. Obtido em 28 de maio de 2015, de Procuradoria- Geral Distrital de Lisboa, Ministério Público: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=138&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=138&tabela=leis)
- Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, Ministério Público. (2015). *Estatuto da Imprensa Regional*. Obtido em 28 de maio de 2015, de Procuradoria-Geral

- Putnam, Robert D. (2000). *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon & Schuster.
- Raeymaeckers, K. (2005). Letters to the Editor: A Feedback Opportunity Turned into a Marketing Tool, An Account of Selection and Editing Practices in the Flemish Daily Press. *European Journal of Communication*. 20(2), 199-221.
- Ribeiro, Filipa Perdigão. (2015). Lifestyle Migrants and Working Migrants in the Algarve (Portugal): Multilingual Challenge or Monolingual Imperative? In Torkington, Kate; David, Inês; Sardinha, João (Eds.). *Practising the Good Life, lifestyle Migration and Practices*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Richardson, J. E. (2001). "Now is the time to put an end to all this." Argumentative Discourse Theory and Letters to the Editor. *Discourse and Society*. 12(2), 143-168.
- Richardson, J. E. & Franklin, B. (2003). 'Dear Editor': race, readers letters and the local press. *Political Quarterly*, 74(2): 184-192.
- Richardson, J. E. (2007). *Analysing Newspapers, An approach from Critical Discourse Analysis*. Houndmills: Palgrave Macmillan.
- Richardson, J.E. & Stanyer, J. (2011) Reader Opinion in the Digital Age: Tabloid and Broadsheet Newspaper Websites and the Exercise of Political Voice, *Journalism* 12(8): 983-1003
- Rojek, C. (1999). *Decentering Leisure, Rethinking Leisure Theory*. London: Sage.
- Salazar N.B. (2014) Migrating Imaginaries of a Better Life ... Until Paradise Finds You. In: Benson M., Osbaldiston N. (eds) *Understanding Lifestyle Migration. Migration, Diasporas and Citizenship Series*. Palgrave Macmillan, London, 119-138.
- Salazar, N. (2011). The Power of Imagination in Transnational Mobilities. *Identities: Global Studies in Culture and Power*. 18(6), 576-598.
- Sardar, Z., & Van Loon, B. (1999). *Introducing Cultural Studies*. Cambridge: Icon Books.
- Slocum-Bradley (2010). Identity Construction in Europe: A Discursive Approach. *Institute for European Studies*. Working Paper 2/2010.
- van Dijk, T. (2001) Critical Discourse Analysis. In Schiffirin, D. & Tannen, D. & Hamilton, Heidi E. (Eds.). (2001). *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell Publishers.
- Schultz, T. (2000). Mass media and the concept of interactivity: an exploratory study of online forums and reader email, *Media, Culture & Society* 22(2), 205-221.

- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de 12 de 2012). *Estrangeiros residentes em: Tavira / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Albufeira / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Alcoutim / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Aljezur / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Castro Marim / Faro*. Obtido de sefstat, portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Faro / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Lagoa (Algarve) / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Lagos / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Loulé / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Monchique / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Olhão / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: São Brás de Alportel / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Silves / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>

- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Vila do Bispo / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Vila Real de Santo António / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *População Estrangeira Residente em Portugal*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/distritos.aspx>
- SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (9 de agosto de 2006). *Legislação, Lei nº 37/2006, de 9 de Agosto*. Obtido de Portal SEF: [http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/legislacao\\_detalhe.aspx?id\\_linha=4559](http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=4559)
- SEF - Serviços de Estrangeiros e Fronteiras. (31 de dezembro de 2012). *Estrangeiros residentes em: Portimão / Faro*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Faro.aspx>
- SEF/Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento). (junho de 2011). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo - 2010*. Obtido de sefstat - portal de estatística: [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2010.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf)
- SEF/Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento). (junho de 2012). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo - 2011*. Obtido de sefstat - portal de estatística: [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2011.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf)
- SEF/ Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação (Maio de 2013). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2012*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa%202012.pdf>
- SEF/ Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. (Junho de 2013). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2013*. Obtido de sefstat - portal de estatística: [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2013.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf)
- SEF/ Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação (Junho de 2015). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2014*. Obtido de sefstat - portal de estatística: [https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2014.pdf](https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf)
- SEF/ Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação (Junho de 2016). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2015*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2015.pdf>
- SEF/ Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação (Junho de 2017). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2016*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2016.pdf>
- SEF/ Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação (Junho de 2018). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2017*. Obtido de sefstat - portal de estatística: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>

- Sheller, M. & Urry, John. (2004). Places to play, places in play. In Sheller, M. & Urry, John (Eds.). *Tourism Mobilities, Places to Play, Places in Play*. London: Routledge, 1-10.
- Siapera, E. (2010). *Cultural Diversity and Global Media: The Mediation of Difference*. Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Silva, Marisa Torres da (2011). Newsroom Practices and Letters-to-the-Editor. *Journalism Practice*. 1-14. DOI: 10.1080/17512786.2011.629124.
- Silva, Marisa Torres da (2013). Professional views' on letters-to-the-editor as a means of audience participation. *Participations, Journal of Audience & Reception Studies*. 10(1), 428-431.
- Silva, Marisa Torres da (2014). *As cartas dos leitores na imprensa portuguesa, uma forma de comunicação e debate público*. Covilhã: Livros Labcom.
- Silva, Marisa Torres da (2015). What do users have to say about online news comments? Readers' accounts and expectations of public debate and online moderation: a case study. *Participations, Journal of Audience & Reception Studies*. 12(2), 32-44.
- Sriskandarajah, D., & Drew, C. (2006). *Brits Abroad, Mapping the Scale and Nature of British Emigration*. London: Institute for Public Policy Research.
- Swales, J. (1990). *Genre Analysis in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- The constantly changing face of Portugal's expats. (7 de março de 2009). Obtido de *The Portugal News Online*: <http://www.theportugalnews.com/news/the-constantly-changing-face-of-portugals-expats/3>
- The Portugal News*. (2015). Obtido de *The Portugal News Online*: <http://www.theportugalnews.com/>
- Threadgold, T. (2003). Cultural Studies, Critical Theory and Critical Discourse Analysis: Histories, Remembering and Futures. *Linguistik online* 14(2), 5-37.
- Thurlow, C. & Jaworsky, A. (2010). "Silence is Golden: The 'Anti-communicational' Linguascaping of Super-elite Mobility". In Thurlow, C. & Jaworsky, A. (Eds.) *Semiotic Landscapes: Language, Image, Space*. London & New York: Continuum, 187-218.
- Thurlow, C. & Jaworsky, A. (2012). Elite mobilities: the semiotic landscapes of luxury and privilege. *Social Semiotics*. 22(4), 487-516.
- Tocqueville, A. (2003). *Democracy in America and Two Essays on America*. London: Penguin.
- Torkington, K. (2009). Exploring the linguistic landscape: the case of the 'Golden Triangle' in the Algarve, Portugal. In Disney, Steve; Forchtner, Bernhard; Ibrahim, Wesam; Miller, Neil (Eds.) *Papers from the Lancaster University Postgraduate Conference in Linguistics & Language Teaching*, Vol. 3: 112-145
- Torkington, K. (2010). Defining lifestyle migration. *Dos Algarves*, pp. 99-111.

- Torkington, K. (2011). *The discursive construction of place-identity: British lifestyle migrants*. (Tese de doutoramento não publicada apresentada à Lancaster University).
- Torkington, Kate; David, Inês; Sardinha, João (Eds.). (2015). *Practising the Good Life, lifestyle Migration and Practices*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Urry, J. (1998). *The Tourist Gaze, Leisure and Travel in Contemporary Societies*. London: Sage.
- van Dijk, Teun A. (January 16, 2015). *Critical Discourse Analysis*. (Uncorrected Proofs). Consultado a 20/06/2017 em <http://www.discourses.org/OldArticles/Critical%20Discourse%20Analysis.pdf>.
- van Leeuwen, T. (1993). Genre and field in critical discourse analysis: a synopsis. *Discourse & Society*. London: Sage. 4(2), 193-223.
- van Leeuwen, Theo (2008). *Discourse and Practice, New Tools for Critical Discourse Analysis*. New York: OUP.
- van Leeuwen, Theo (2009). 'Discourse as the Recontextualization of Social Practice: A Guide' in Wodak, R. & Meyer, M. (eds.) (2009). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage.
- Veblen, T. (1992). *The Theory of the Leisure Class*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Wahl-Jorgensen, K. (2001). Letters to the Editor as a Forum for Public Deliberation: Modes of Publicity and Democratic Debate. *Critical Studies in Media Communication*.18(3), 303-320.
- Wahl-Jorgensen, K. (2002a). Understanding the Conditions for Public Discourse: four rules for selecting letters to the editor. *Journalism Studies*, Volume 3, Number 1, 2002, pp. 69–81.
- Wahl-Jorgensen, K. (2002b). The construction of the public in letters to the editor, Deliberative democracy and the idiom of insanity. *Journalism*. 3(2), 183-204. Sage Publications.
- Wahl-Jorgensen, K. (2006). Letters to the editor in local and regional newspapers: Giving voice to the reader. In B. Franklin (Ed.), *Local journalism and local media: Making the local news* (231-241). London: Routledge.
- Wahl-Jorgensen, K (2014). From letters to tweeters: media communities of opinion. In M Conboy and M Steele (Eds). *Routledge Companion to British Media History*. London: Routledge.
- Weiss, G. & Wodak, R. (2003). 'Introduction: Theory, Interdisciplinarity and Critical Discourse Analysis' in Weiss, G. & Wodak, R. (eds.) *Critical Discourse Analysis, Theory and Interdisciplinarity*. New York: Palgrave.
- Wenger, E. (1998). *Communities of Practice: Learning, Meaning and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

- What expats want. (14 de março de 2009). *The Portugal News Online*: <http://www.theportugalnews.com/news/what-expats-want/42>
- Wikipedia. (22 de abril de 2015). *British Diaspora*. Obtido em 8 de junho de 2015, de Wikipedia, the Free Encyclopedia: [http://en.wikipedia.org/wiki/British\\_diaspora](http://en.wikipedia.org/wiki/British_diaspora)
- Willems, R. & Bal, E. ((2014). Introduction: Aspiring migrants, local crises and the imagination of futures ‘away from home’. *Identities, Global Studies in Culture and Power*. 21(3), 249-258.
- Williams, Allan M. & Hall, C. Michael. (2000). Tourism and migration: New relationships between production and consumption. *Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*. 2(1), 5-27.
- Williams, Allan M. & Hall, C. Michael. (2002). Conclusions: Tourism-Migration Relationships. In Williams, Allan M. & Hall, C. Michael. (Eds.). *Tourism and Migration, New Relationships between Production and Consumption*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1-52.
- Williams, Allan M. & Hall, C. Michael. (2002). Tourism, migration, circulation and mobility: The contingencies of time and place. In Williams, Allan M. & Hall, C. Michael. (Eds.). *Tourism and Migration, New Relationships between Production and Consumption*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1-52.
- Wodak, R. & Michael Meyer (eds.) (2009). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage.
- Wodak, R., de Cillia, R., Reisigl, M., Liebhart, K. (2009). *The Discursive Construction of National Identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Wodak, R. (2011). Language, power and identity. *Plenary Speeches*. 45(2), 215-233.
- Woodward, K. (1997). Concepts of Identity and Difference in Woodward, K. (ed.) (1997). *Identity and Difference*. London: Sage, 8-61.
- Young, L., & Harrison, C. (2004). *Systemic Functional Linguistics and Critical Discourse Analysis: Studies in Social Change*. London: Continuum.

# ANEXOS

**Anexo 1 - Mapa de acessos ao *website The Portugal News* entre 30 de abril e 1 de maio de 2015**



**Fonte: *The Portugal News Stats Apr 2015***

**Anexo 2 - Mapa de acessos ao *website The Portugal News* em Agosto de 2017**

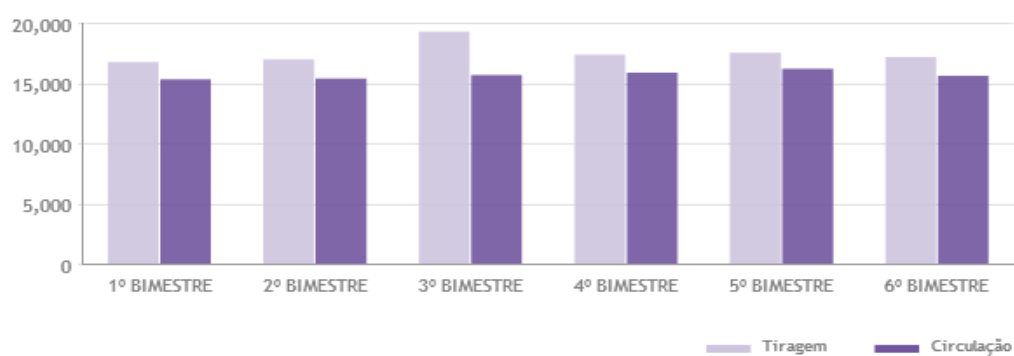


**Fonte: *The Portugal News Stats August 2017***

### Anexo 3 - Análise simples da tiragem e circulação de *The Portugal News* em 2013

#### The Portugal News

Jornal Semanal | 2013



Fonte: APCT

## Anexo 4 - Análise simples da tiragem e circulação do *The Portugal News* em 2013

APCT | Análise Simples

### Análise Simples

NOTA: A Circulação Total Impressa inclui a Circulação Total Digital.

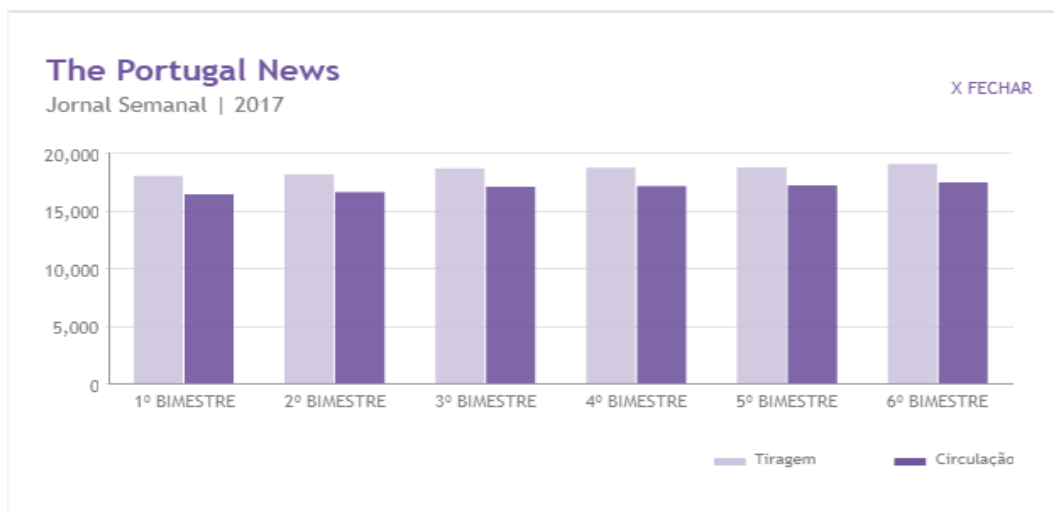
Todos os segmentos ▼ 2017 ▼ PESQUISAR >

#### Sectorial | 2013

PUBLICAÇÃO	1º BIMESTRE		2º BIMESTRE		3º BIMESTRE		4º BIMESTRE		5º BIMESTRE		6º BIMESTRE	
	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO
Uníbanco Revista Trimestral VER GRÁFICO	0	0	40.080	40.080	40.080	40.080	0	0	40.080	40.080	40.080	40.080
The Portugal News Jornal Semanal VER GRÁFICO	16.724	15.282	16.961	15.351	19.265	15.639	17.330	15.849	17.509	16.154	17.156	15.594

Fonte: APCT

## Anexo 5 - Análise simples da tiragem e circulação de The Portugal News em 2017



Fonte: APCT

## Anexo 6 - Análise simples da tiragem e circulação do *The Portugal News* em 2017

APCT | Análise Simples

### Análise Simples

NOTA: A Circulação Total Impressa inclui a Circulação Total Digital.

Todos os segmentos ▼ 2017 ▼ PESQUISAR >

#### Sectorial | 2017

PUBLICAÇÃO	1º BIMESTRE		2º BIMESTRE		3º BIMESTRE		4º BIMESTRE		5º BIMESTRE		6º BIMESTRE	
	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO
A-Z Z-A	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
The Portugal News Jornal Semanal VER GRÁFICO	17.953	16.372	18.071	16.549	18.597	17.024	18.673	17.064	18.686	17.154	19.000	17.396

Fonte: APCT

## Anexo 7 - Estatísticas do *The Portugal News* em abril de 2015

### THE PORTUGAL NEWS STATS APR 2015

**AVERAGE WEEKLY PRINT RUN**  
**APR 2015 - 18,102**  
**SELECTED OUTLETS<sup>1</sup>: 11,771 (65.03%)**  
**FARO AIRPORT<sup>2</sup>: 3,850 (21.27%)**  
**NEWSAGENTS: 2,200 (12.15%)**



<sup>1</sup>High traffic areas such as Apolónia, Algarve Shopping, Aqua, and quality supermarkets such as Intermarché, Continente and Pingo Doce.

<sup>2</sup>Copies available to passengers in Arrivals and Departures through an exclusive protocol with Faro Airport.

#### PRINT EDITION

The Portugal News has the highest circulation of any foreign language publication in Portugal and its print-run is independently audited by APCT.

The Portugal News was established in 1977 and has a well established reader base.

In addition to print copies, thousands of readers access The Portugal News on line via [www.theportugalnews.com](http://www.theportugalnews.com).

The average number of readers per issue can be conservatively estimated at 40,000 in Portugal and throughout the world.

#### WEBSITE

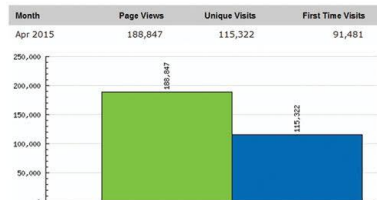
[www.theportugalnews.com](http://www.theportugalnews.com)  
 Each edition of The Portugal News can be read in its entirety on our website and has peaked at over 35,000 daily page views

[www.theportugalnews.com](http://www.theportugalnews.com) is updated daily with the latest news, making it one of Portugal's most visited news sites.

45%	Direct Traffic
11%	Referring Websites
9%	Social Networks
35%	Search Engine Referrals

**FACEBOOK**   
 Over 15,500 'likes' and growing every day. Updated daily with new stories.

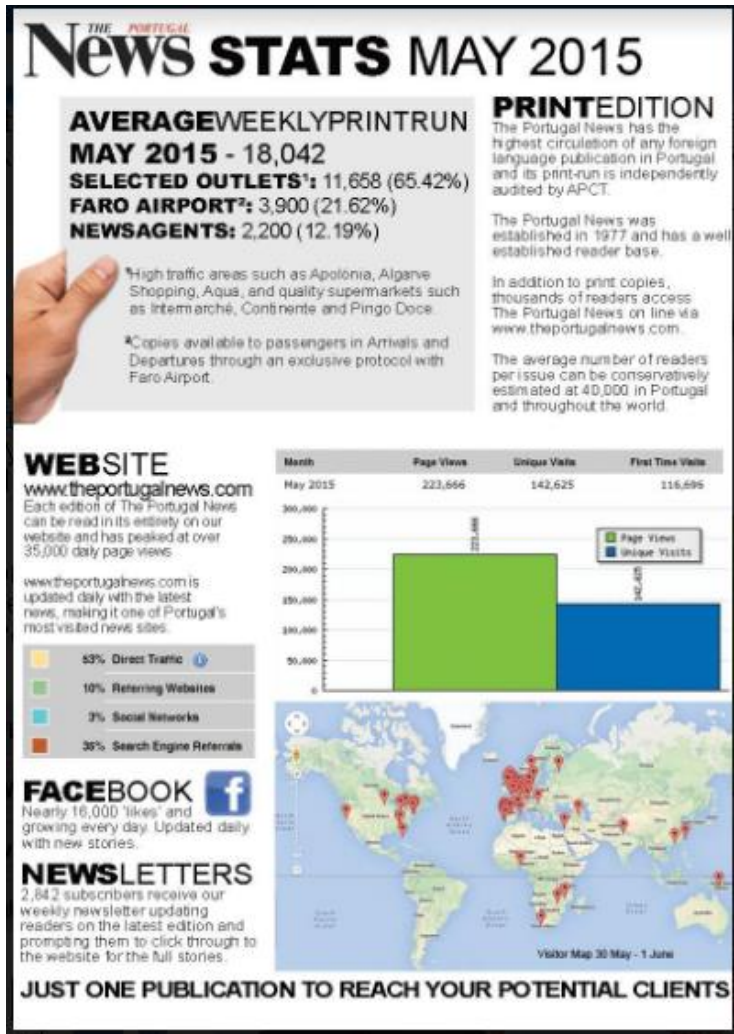
**NEWSLETTERS**  
 2,811 subscribers receive our weekly newsletter updating readers on the latest edition and prompting them to click through to the website for the full stories.



**JUST ONE PUBLICATION TO REACH YOUR POTENTIAL CLIENTS**

Fonte: enviado para *email* em forma de *Newsletter* pelo *The Portugal News*

Anexo 8 - Estatísticas do *The Portugal News* em maio de 2015



Fonte: enviado para *email* em forma de *Newsletter* pelo *The Portugal News*

Anexo 9 - Estatísticas do *The Portugal News* em agosto de 2017

# THE PORTUGAL NEWS STATS AUG 2017

**AVERAGE WEEKLY PRINT RUN  
AUG 2017 - 18703**

**SELECTED OUTLETS<sup>1</sup>: 13230 (70.74%)**  
**FARO AIRPORT<sup>2</sup>: 3050 (16.31%)**  
**NEWSAGENTS: 2200 (11.76%)**

<sup>1</sup>High traffic areas such as Apolónia, Algarve Shopping, Aqua, and quality supermarkets such as Intermarché, Continente and Pingo Doce.

<sup>2</sup>Copies available to passengers in Arrivals and Departures through an exclusive protocol with Faro Airport.

**PRINT EDITION**  
 The Portugal News has the highest circulation of any foreign language publication in Portugal and its print-run is independently audited by APCT.

The Portugal News was established in 1977 and has a well established reader base.

In addition to print copies, thousands of readers access The Portugal News on line via [www.theportugalnews.com](http://www.theportugalnews.com).

The average number of readers per issue can be conservatively estimated at 40,000 in Portugal and throughout the world.

**WEBSITE**  
[www.theportugalnews.com](http://www.theportugalnews.com)  
 Each edition of The Portugal News can be read in its entirety on our website and has peaked at over 45,000 daily page views

[www.theportugalnews.com](http://www.theportugalnews.com) is updated daily with the latest news, making it one of Portugal's most visited news sites.

- 50% Direct Traffic
- 5% Referring Websites
- 5% Social Networks
- 40% Search Engine Referrals

**FACEBOOK**

Over 40,693 likes and growing every day. Updated daily with new stories.

**NEWSLETTERS**  
 3,781 subscribers receive our weekly newsletter updating readers on the latest edition and prompting them to click through to the website for the full stories.

**Page view summary for the month of August**

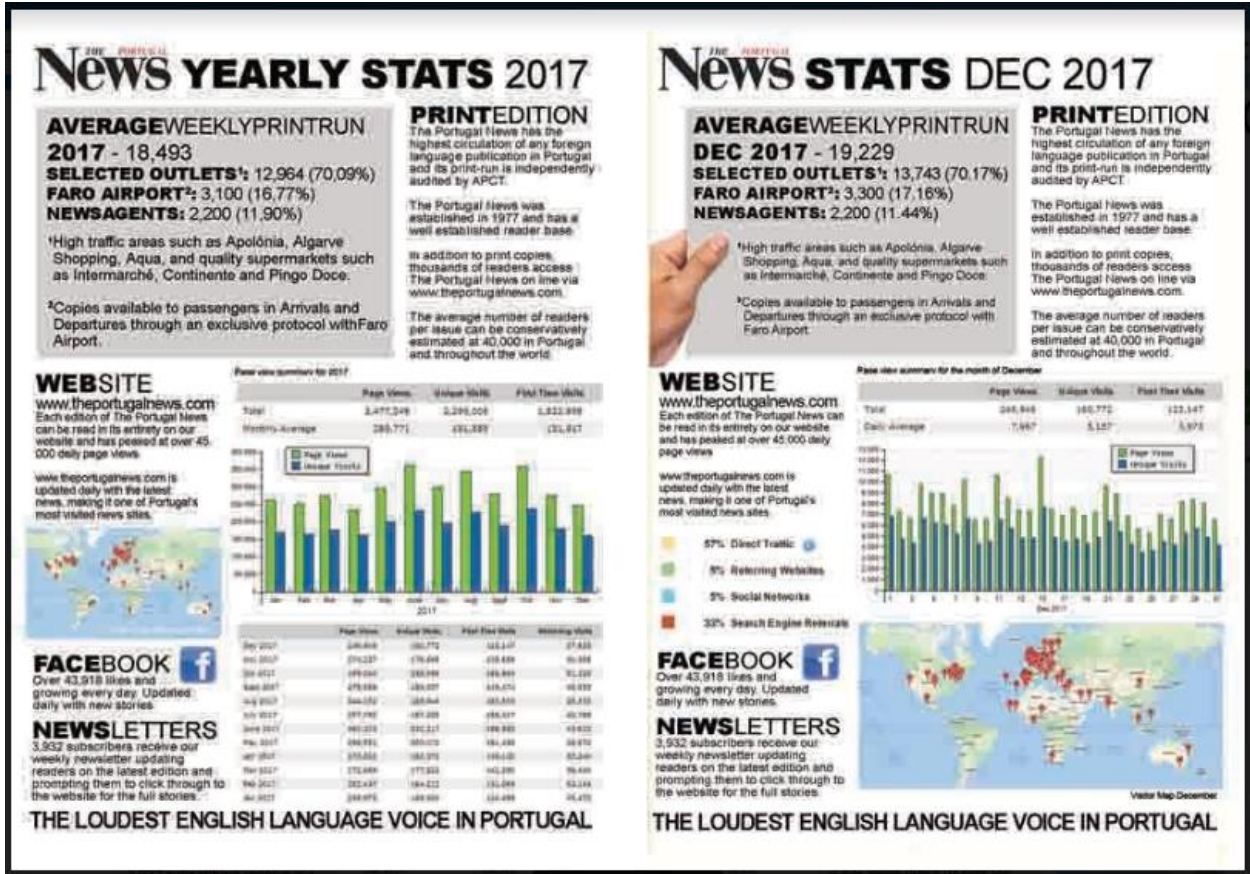
	Page Views	Unique Visits	First Time Visits	Returning Visits
Total	289,573	191,826	152,087	39,739
Daily Average	9,354	6,188	4,907	1,282

**Visitor Map 1 Aug - 31 Aug**

**JUST ONE PUBLICATION TO REACH YOUR POTENTIAL CLIENTS**

Fonte: enviado para *email* em forma de *Newsletter* pelo *The Portugal News*

Anexo 10 - Estatísticas do *The Portugal News* em dezembro de 2017 e do ano de 2017



Fonte: enviado para email em forma de Newsletter pelo *The Portugal News*

**Anexo 11 - Tabela comparativa de evolução dos valores de impressão, visualizações, ‘gostos’ e newsletter do *The Portugal News***

<i>The Portugal News</i>	Impressão semanal média	Visualizações diárias do <i>website</i>	Nº de ‘gostos’ no Facebook	Subscrições da <i>newsletter</i>
<b>Abril 2015</b>	18.102	35.000	+15.500	2.811
<b>Mai 2015</b>	18.042	35.000	-16.000	2.842
<b>Agosto 2017</b>	18.703	45.000	+40.693	3.781
<b>Dezembro 2017</b>	18.493	45.000	+43.918	3.932
<b>2017 (estatística anual)</b>	19.229	45.000	+43.918	3.932

Tabela adaptada a partir de ‘*The Portugal News Stats*’ de abril 2015, maio 2015, agosto 2017, dezembro 2017 e anual de 2017

## Anexo 12 - Tiragem e circulação do *The Portugal News* 2013-2017

### TIRAGEM E CIRCULAÇÃO TPN

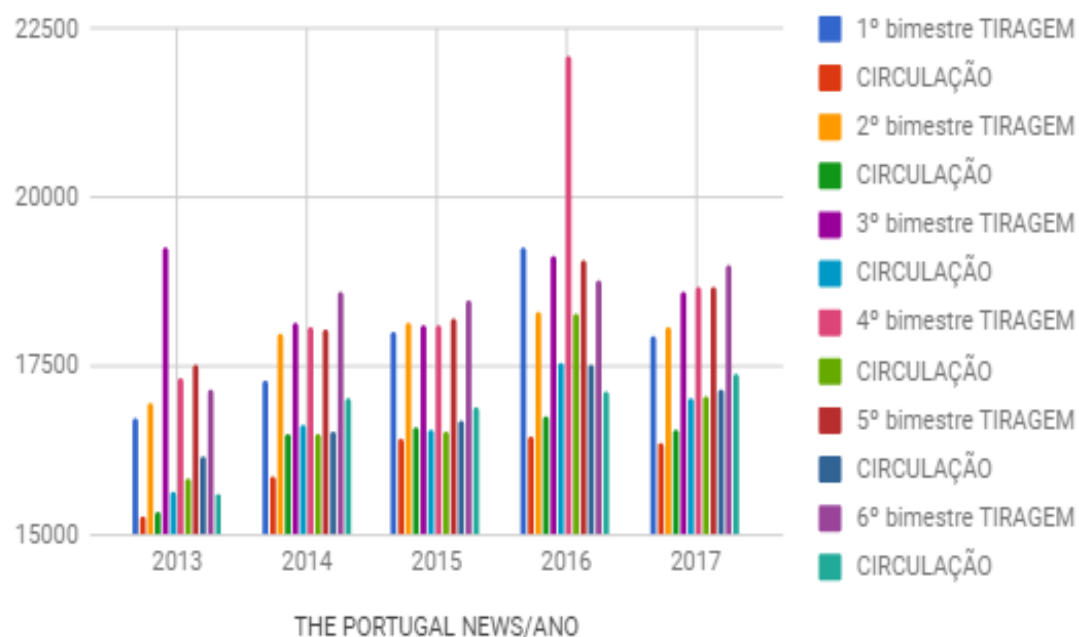
#### THE PORTUGAL NEWS

ANO	TIPO	PERIODICIDADE	1º bimestre		2º bimestre		3º bimestre		4º bimestre		5º bimestre		6º bimestre	
			TIRAGEM	CIRCULAÇÃO	TIRAGEM	CIRCULAÇÃO	TIRAGEM	CIRCULAÇÃO	TIRAGEM	CIRCULAÇÃO	TIRAGEM	CIRCULAÇÃO	TIRAGEM	CIRCULAÇÃO
2013	JORNAL	Semanal	16724	15282	16961	15351	19265	15639	17330	15849	17509	16154	17156	15594
2014	JORNAL	Semanal	17276	15857	17983	16507	18143	16620	18069	16510	18033	16534	18606	17013
2015	JORNAL	Semanal	18008	16445	18162	16599	18108	16569	18106	16541	18196	16683	18486	16885
2016	JORNAL	Semanal	19281	16475	18297	16753	19151	17556	22096	18291	19064	17519	18771	17126
2017	JORNAL	Semanal	17953	16372	18071	16549	18597	17024	18673	17064	18686	17154	19000	17396

Fonte: dados de 2013-2017 APCT

**Anexo 13 - Gráfico de Análise de tiragem e circulação do *The Portugal News* 2013-2017**

1º bimestre/TIRAGEM, 1º bimestre/CIRCULAÇÃO, 2º bimestre/TIRAGEM, 2º bimestre/CIRCULAÇÃO, 3º bimestre/TI...



Fonte: dados de 2013-2017 APCT

## **Anexo 14 - Informação disponível sobre o *Algarve Resident* no website descontinuado**

### **the facts about the algarve resident:-**

- The Algarve Resident was first produced in 1989 and has been published, uninterrupted, every week since.
- The Algarve Resident has continually developed in format and content and is now considered to be the most widely read English language publication in the Algarve.
- The Algarve Resident contains the widest range of advertising.
- The Algarve Resident has the most successful classified pages of any publication on the Algarve.
- The Algarve Resident is published in English, although some content is published in other EU languages.
- The Algarve Resident publishes news, views and topical issues relevant to English-speaking residents and potential residents.

### **algarve resident offers:-**

- A focused market - you can reach the English-speaking expatriate and Portuguese market when advertising in the Algarve Resident.
- A weekly opportunity - the Algarve Resident is published every Friday so offers the opportunity to be seen every week by your potential clients / customers.
- A loyal readership - surveys show that 95 per cent of readers see the newspaper every week.
- An interested readership - surveys show that 90 per cent of Algarve Resident readers found the advertisements to be of interest.
- A buying readership – more than 80 per cent of Algarve Resident readers said they have bought products or used the services of advertisers on a regular basis. And 10 per cent of those surveyed said they bought products or used services on an occasional basis.

### **algarve resident distribution:-**

- The Algarve Resident has a cover price of 1.50 Euros (including IVA at the prevailing government rate).
- VASP, the national distributor of newspapers and periodicals, distributes the Algarve Resident throughout the region to approximately 500 outlets.
- The Algarve Resident is also available by paid postal subscription. More than 400 copies are posted each week to addresses in Portugal and other countries around the world.

### **algarve resident authors & editors:-**

- Mike Almond - Publishing Director  
Email: [mike@theresidentgroup.com](mailto:mike@theresidentgroup.com)
- Inês Lopes - Editor  
Email: [ines.lopes@theresidentgroup.com](mailto:ines.lopes@theresidentgroup.com)

- Paulo Silvestre - Algarve News Reporter  
Email: [paulo.silvestre@theresidentgroup.com](mailto:paulo.silvestre@theresidentgroup.com)
- Daisy Sampson - Algarve News Reporter  
Email: [daisy.sampson@theresidentgroup.com](mailto:daisy.sampson@theresidentgroup.com)
- Chris Graeme - Lisbon Correspondent  
Email: [chris.graeme@theresidentgroup.com](mailto:chris.graeme@theresidentgroup.com)



**Fonte:** *Algarve Resident* (*website descontinuado*)

## Anexo 15 - Algarve Resident Media Kit

# ALGARVE resident

## MEDIA KIT

### THE ALGARVE'S BIGGEST SELLING LOCAL WEEKLY NEWSPAPER IN ENGLISH

Established over 28 years ago, the **Algarve Resident** continues to be the favourite weekly read for foreign residents in the Algarve.

We have thousands of readers with a paid circulation area that stretches from east to west of the Algarve. We pride ourselves on our selective readers who appreciate the quality of an excellent newspaper and are willing to pay for it. This simply means qualified readers who are 100% qualified clients for your business.

A trusted and respected publication, the **Algarve Resident** includes sections to suit a diverse readership: unrivalled and unbiased local and national news, *sport, business, property, entertainment and lifestyle* are among its regular features.

### COVERAGE

- All good news agents, deliveries and free distribution to selected lawyers offices, doctors surgeries, hospitals and hotels.

### INTERNATIONAL ACCLAIM

- Source of news for key international organisations including Sky News, BBC News, The Daily Mail, The Daily Telegraph amongst many others.

Deadline: **Friday, 12 Noon**  
Published every **Thursday**  
Weekly cover price: **€1.50**



Algarve Impresso no Calameo.com | P.O. Box 10000 - Urban Office Avenida do Iberdade, N.º 9, 2.º B, 1250-145 Lisboa  
portugalresident.com | algarveresident | via@algarveresident.com | info@algarveresident.com - Tel. (+351) 282 341 330



## WHAT OUR ADVERTISERS THINK

“

I am writing to say that am delighted with the response to my advertisement in the **Algarve Resident**. I have no hesitation in recommending your paper to other businesses and I will continue to use the **Algarve Resident** as my main form of advertising.

”

MÁRCIO CABRITA  
Engineer and AC Specialist

“

I have been advertising in the **Algarve Resident** for some 20 years and have not only had excellent results but exemplary customer service. My classified advertisement changes are always made promptly and the cost is really reasonable. I love to read the paper, especially the community part and the great thing is that the reporting is completely impartial. Advertising in the **Algarve Resident** is a must for me and should be for any business, as the paper is widely read by the expat community and does generate results. When I have a new student enrol we ask them how they heard about us and they often say through the **Algarve Resident**.

”

MAUREEN MCKEEVE  
Centro de Linguas de Lagos

“

I would just like to say a big thank you to all the team at the **Algarve Resident!** I have been very happy with the service I receive and the response I get back from both my advertisements and leaflet inserts inside the paper. If you are looking for results, I can certainly recommend advertising in the **Algarve Resident**.

”

NIGEL MOURTON  
No Need to Paint

**resident** Working closely with [www.portugalresident.com](http://www.portugalresident.com)

### Average yearly statistics

- More than: **1,380,000** Sessions
- More than: **848,000** Unique users
- More than: **2,600,000** Page views



**An impressive audience both online and in print**

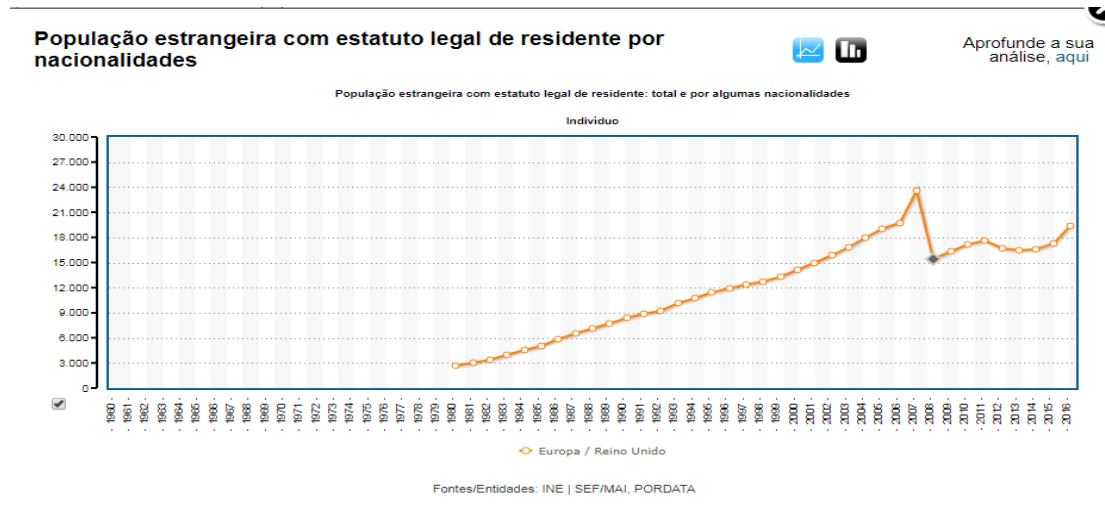
Algarve Impresso no Calameo.com | 101 Lagos - Urban Office Avenida do Bandado, N.º 69, 2.º, 1220-140 Lagos

[portugalresident.com](http://portugalresident.com) | [algarveresident.com](http://algarveresident.com) | [info@algarveresident.com](mailto:info@algarveresident.com) | [info@algarveresident.com](mailto:info@algarveresident.com) | Tel (+351) 242 341 330



Fonte: Open Media

## Anexo 16 - População estrangeira com estatuto legal de residente proveniente do Reino Unido



Fonte: Pordata

**ANEXO 17: CARTAS AO EDITOR RECOLHIDAS NOS JORNAIS THE PORTUGAL NEWS (TPN) E ALGARVE/PORTUGAL NEWS (A/PR) EM 2013 E 2017**

<b>NR.</b>	<b>DATA</b>	<b>JORNAL</b>	
<b>1</b>	<b>5/1/13</b>	<b>TPN</b>	<p><b>The Life of Riley</b></p> <p>SIR,</p> <p>I was intrigued by your correspondent's reference to local ex-pats striving to lead "The Life of Riley" but having striven diligently for this idyllic experience I have to confess to failure. Admittedly my free time is seriously curtailed by having to fit in washing, ironing, cleaning, cooking and washing-up, cleaning out the wood-burning stove and bringing in logs for same, arranging delivery of gas bottles, checking the water level in the cisterna (no mains water available) along with occasional forays for essential shopping (stopping to pull out a few weeds on the way to the car) but I was saddened by the realization that my life here is very similar to the life I led in Britain and indeed often more difficult. Taken all round it would appear that the life to which he refers is led by the fortunate few who often live here part-time in luxury villas with maid and gardener and certainly not by the great number of us who have modest houses and incomes to match and actually live here either permanently or for very extended periods. The whiff, nay stench, of sour grapes hung over his letter which castigated us for having free access to the BBC, ignoring the fact that many here would be exempt from paying the fee due to age and others also have homes in the UK and pay for annual licences regardless of the time spent there. Others would be agreeable to paying something and in this technological age it would surely not be too difficult to arrange a scheme allowing for this. Given the amount of surveillance and British laws that allow so many officials access to personal data I am sure that British ex-pats could be traced and billed on the assumption that they receive BBC programmes, in the same way that it is assumed that all households in the UK have a television.</p> <p>TIRED HOUSEWIFE, By email</p>
<b>2</b>	<b>5/1/13</b>	<b>TPN</b>	<p><b>BBC TV &amp; Corporate Gangsters</b></p> <p>SIR,</p> <p>I can't help feeling sorry for all those ex-pats to whom BBC television is a 'lifeline'. (Letters 29 December 2012). What are these people doing here if BBC TV is so important to them? I have lived here for nearly twenty years, do not have a satellite dish, nor do I intend to get one. In my experience of BBC TV on my visits to the UK, I can safely say that, 90% of it is absolute rubbish, (admittedly, so is Portuguese, Spanish, French and Italian and probably most others) and the 'world class drama' mentioned in your correspondent's letter is a rare occurrence. There is more to life than television. I am intrigued by Mary Parkin's letter. She may have an axe to grind, but why castigate only the German supermarkets, why not also the French, Spanish or even Portuguese? Times are hard, and people's spending habits are dictated by what is in their wallets. Presumably Ms. Parkin has a mini-market, or some similar business, so why can't she sell bread and potatoes, as do the Portuguese shops? Is there some strange law forbidding non-Portuguese to sell these items? More information on this please.</p> <p>MARGARET ROBSON, By email</p>
<b>3</b>	<b>12/1/13</b>	<b>TPN</b>	<p><b>Why the fuss over the BBC?</b></p>

			<p>SIR,</p> <p>what is the fuss all about? Why are so many sad people thinking the world will end because they won't be able to watch the BBC probably from the middle of next year? Surely they didn't include watching UK television in their criteria for moving to this beautiful country? I for one didn't and don't miss in the slightest the rubbish that is broadcast in the name of entertainment. I think that the people concerned need to take a look at themselves and get a life!</p> <p>NICK GANT, By email</p>
4	12/1/13	TPN	<p><b>Motorhomes at Silves</b></p> <p>SIR,</p> <p>Your anonymous correspondent of 29 December 2012 gracefully recognises the multiple benefits of motorhomes near the swimming pool at Silves – a very welcome boost to the slack winter economy of the town - but is totally misled about the raw sewage which they produce. The temporary closure of the swimming pool following the tornado has had no impact on sewage disposal, since the pool facilities have never been used for disposal of cassettes. Motorhomers leave no litter, nor do they throw material or raw sewage into the river, but dispose of their waste in appropriate places, recycling where facilities exist. They spend considerable amounts in the local shops and restaurants, and form a largely self-regulating international society based on consideration for others. Many of them assisted in the clear-up of the pool area after the tornado struck. Your correspondent should be more worried by the practice of the hard-working gardeners around the area, who instead of removing and composting, dispose of green waste directly into the Arade, presumably under the instruction of their supervisors. The Arade is a beautiful river with fish and birds which are delightful to watch. The decomposition of green waste in the water depletes the river of oxygen. This Biochemical Oxygen Demand will kill the river of micro-organisms on which insects, fish and birds feed. Surely Silves Council should be setting an example and leading the way towards a cleaner environment, rather than condoning the activities of their employees to dump biological waste in the river. Do not accuse the eco-conscious motorhomers unfairly for polluting the river - look at your own back yard first. Silves is a wonderful town which is enjoyed by all its visitors. Let us all endeavour to keep it green, healthy and beautiful.</p> <p>MARGARET H. (Silves Pool), By email</p>
5	4/1/13	A/PR	<p><b>Re: Residential Robberies</b></p> <p>SIR,</p> <p>I write with reference to your piece 'Residential Robberies' (issue 21December) as reported by Safe Communities Algarve, which states that two robberies took place in the Loulé area in a one week period. It continues to tell us that hooded men broke into one house at approximately 3am but the occupants were not injured. What SCA failed to tell us was that the other robbery was of an entirely different nature. As I am given to understand, the gang waited until the occupants were in bed and broke in so quickly that the panic button could not be reached in time. The male occupant, whilst still in bed, was viciously beaten which necessitated him to be hospitalised. The piece also omits to mention that in this small area in the hills above Loulé we have had eight robberies in as many weeks. Why was this not reported? I</p>

			<p>find it hard to believe that the SCA were unaware of these facts as they are constantly telling us of their close relationship with the GNR, therefore the only conclusion I can come to is that they are only putting out information that they wish us to read. Why? Do they not wish to frighten us? We are, in the main, mature, well balanced and with some years of life experience behind us. Many of us have had homes here for over twenty-five years. We have seen crime waves come and go, albeit not as bad as our present problems but we know that in these times we lock our doors and windows. We alarm and light our houses. We know we don't go outside at night when we hear an unusual noise and we are aware. But we need to be kept informed as to what is going on out there. The GNR are doing the best they can allowing for their current problems of budget restraints and manpower but they are the professionals, they are our first port of call for help. Do we need individual unelected residents to speak on our behalf? Do we need seminars that include various consuls, security companies and window distributors? Do we need an additional layer of bureaucracy, a middle man? No we don't. What we need is to let the GNR/PSP get on with the job in hand. I heard rumours yesterday that arrests have been made and that is what we need to hear. We need to hear of successful arrests and successful court judgements written large in our papers not of wishy-washy community meetings.</p> <p>MARTIN GOODKIND, Vale Telheiro</p>
6	19/1/13	TPN	<p><b>Residential Burglary</b></p> <p>SIR,</p> <p>I am writing to tell I once again became a victim of a burglary which took place a week ago in Vale Parra, Guia. I was burgled once 14 years ago when I first came here. I did report to the GNR at that time, but nobody was interested in catching any criminal, only in the fact that a report was provided for insurance. This time, like most people feel, I did not want to spend 3 to 4 hours giving statements at the police station and facing all the bureaucracy. I had reservations in reporting the crime because of that. It is not a good feeling when you are interrogated or treated like a criminal while you are a victim. What happened to me is another crime which has not been reported, but it does not mean nothing has happened. It is a reflection that most people have little or no faith in the idea that the police will help. A few months ago I asked to be involved in the Safe Residence Programme, but the GNR (Police) said I did not qualify (despite being a pensioner), because my house was on a main road.</p> <p>NAME &amp; ADDRESS SUPPLIED</p>
7	19/1/13	TPN	<p><b>The verb 'to destroy'</b></p> <p>SIR,</p> <p>I know we are still in January, but I would like to nominate last week's letter about your newspaper's use of English for a 'The Silliest Letter of 2013' award. The person concerned didn't have the nerve to put their name to the nonsense, so your readers might never know if my nomination has been successful. You were absolutely correct to use of the word destroy in this context, and if your correspondent had bothered to consult a dictionary before penning this rubbish, there might have been room left on the page for a sensible letter. In my copy of the Oxford Concise Dictionary, the meaning is quite clear, coming in at number 3: 3 kill (esp. a sick or savage animal) by humane means. It can't be clearer than that, can it? My beef is not about whether a vicious dog should be destroyed (for the record, I think it should</p>

			<p>have been shot immediately, so that the dogooders had no opportunity to interfere), but more about these attacks on the beautiful language that is English. As you can see from above, the word destroy is utterly precise about the reason for, and the method of, the killing. Euthanize, put down, put to sleep, send to doggy heaven, or just plain kill, are not only clumsy, but do not carry the clarity of meaning of that one word. And this is happening all about us, where single issue zealots are offended by certain words. The reason is that the offending word is too precise for their own comfort, so they try to force a woolly and vague substitute onto the rest of us.</p> <p>DAVID HARDY, by email</p>
8	02/02/13	TPN	<p><b>Pitbull killing</b></p> <p>SIR,</p> <p>Regarding your article in The Portugal News (19 Jan 2013), in which nearly 70,000 people have signed a petition to stop Zico a pitbull-cross from being destroyed, I have to doubt the sanity of these people. Trying to put up a defence that the dog was asleep in a dark room and the toddler stumbled over him is ludicrous. Oh, so that makes it okay for the animal to justifiably kill the toddler? Would any of these signatories with young children take Zico in and leave the children alone with him? Trying to analyse why the dog did the killing is insane. The dog is not human - there is no psycho-analysis or behavioural therapy or any other procedures that can find the reasons or find the cures for this type of dog behaviour. Dogs are basically a [<i>sic</i>] wild animals that has been domesticated over the centuries. Sometimes these primeval urges cannot be suppressed, and they express themselves in their basic forms: to kill. If it's done it once, it will repeat its action, given similar circumstances. The dog is a killer and should be put down immediately. Full stop.</p> <p>DR. CORMAC MURPHY, by email</p>
9	02/02/13	TPN	<p><b>Destroy (1)</b></p> <p>SIR,</p> <p>I've just read the letter from the crackpot who withheld his/her name and address and complained about the use of the word 'destroy' in reference to putting down dogs, in the article on the pitbull savaging a child to death. (19 Jan 2013) Is it possible that inmates of institutions are forbidden to give their names and addresses in correspondence to newspapers? Joking apart, the real sinister part of this letter is the use of quotes when describing the toddler 'falling'. Is this person implying the toddler had planned a premeditated attack on the dog and fell in the process? Or that this whole scenario was a set-up and the toddler was not really attacked by the dog, but by someone or something else? Whatever this imbecile is implying, his/her letter reveals more about their mental state and warped thinking, than about the dog's or the toddler's actions. I really believe the author of this letter should seek professional psychiatric help.</p> <p>DR. CORMAC MURPHY, by email</p>
10	09/02/13	TPN	<p><b>Dogs</b></p> <p>SIR,</p> <p>The two letters last week by Dr.C. Murphy are appalling; the personal attack, attitude and failure to even understand, and a real case of 'the kettle calling</p>

			<p>the pot black.’ With his attitude and lack of compassion, I hope he is not a medical doctor. For his assistance, my wife had a fall last week, was that “implying “ or it was a “set up,” that she planned it, so to have the pain and week in hospital, to use his words? No child should be allowed to be near a dog without supervision, I have seen a child, knowing no better, poke a stick at a dog. It is for adults, supposedly able to think forward to supervise; to be responsible. In this case, according to the newspaper reports, this certainly did not happen in the case concerned; the owner admits not only a failure to be careful, negligence, but to not wanting the dog. Any person expecting a young baby to join the family needs to educate, involve their dog(s); just like you would do with an older sibling! There is no difference. There are dangerous dogs, but very few, usually, it is the owner. Is Dr. Murphy, therefore, suggesting that they too be put down? May I ask Dr. Murphy what he would do, and he is I believe , a rational human being with thought, if he was fast asleep, in the dark and someone suddenly fell on HIM? I end with another saying for Doc. Murphy, “engage brain before,” in his case, “writing.”</p> <p>D TAYLOR-SMITH, By email</p>
11	04/01/13	A/PR	<p><b>UK TV</b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>In response to Biton Walstra and others regarding UK TV, I would point out that many companies strive to keep the custom of the expat communities from various countries (e.g. supermarkets, telecom, magazines etc).</p> <p>These markets are not there to discourage us from enjoying the local culture but just to help us make a connection with home and so television becomes part of that market.</p> <p>Losing UK TV is not the end of the world but it is also not necessary in a world which allows us to cross borders without losing access to our telephone services.</p> <p>The EU promised us ‘television without frontiers’ which would allow any EU member access to the television of their home country, anywhere within the EU community – this seems to have given way to profits and restrictions, unlike phone access, which just hikes the price but still allows access.</p> <p>How would people react if in this modern world we were told our mobile phones will just not work in Portugal, so we have to buy a Portuguese phone!?</p> <p>We live in a very small world in 2012 and can access many of the things we enjoy from our home countries, so television is something many people take for granted and naturally do not want to lose.</p> <p>Gary Partington</p>
12	19/1/13	TPN	<p><b>Security and Insurance</b></p> <p>SIR,</p> <p>Referring to Mr Goodkind’s letter of last week I hope that David Thomas will respond with assurances that information is not being withheld “by intent” and, if it is, both he and the GNR will address the situation. However, despite the Lusophile view often expressed by your correspondents, we do not live in paradise and crime is a real problem here as it is anywhere. I therefore disagree with Mr Goodkind and feel that we should not disregard</p>

			<p>the SCA or any other organisation that can only contribute to the safety of our neighbours, ourselves and to the community as a whole in the fight against crime. Speaking of crime, in addition to an alarm system I have recently added another layer of security to my own property by employing the services of a private security company that will respond to my address within 10 minutes of activation. Obviously this service comes at a cost and as this will also be of enormous benefit to any insurance company, I approached several brokers in an attempt to reduce my premium. None were prepared to offer a saving, which I found astounding, but then again the mission statement of most insurers must be to take as much as possible and pay out as little as they can.</p> <p>K SUMMER, Loulé</p>
13	26/07/13	A/PR	<p><b>Residential robbery</b></p> <p>Dear Editor</p> <p>After my robbery, I still remain very nervous in my own home. Windows and doors locked permanently and bolted, alarm and sensors switched on every evening, lights all around.... I'm now trapped in my own home. I never heard another word from the police. The thieves got away with a substantial amount of jewellery, goods, cash etc, even though there was someone downstairs and two dogs in the house. I just thank God nobody was hurt. There was no follow up (from the police), not one arrest, no items recovered... It seems the criminals are getting away with far too many crimes and there are not enough arrests. Several houses were robbed in our area and still no police action. We pay for the police to protect us. They are not doing their job. Maybe some are more interested in stopping white vans on roundabouts and imposing fines to people trying to earn a living. The thieves should be caught and deported before people are killed.</p> <p>L.C., By email</p>
14	08/03/13	A/PR	<p><b>Senseless new drinks law</b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>In the 20 odd years that I have lived in Portugal, I have frequently found myself thinking, "It could only happen here". Of course that is far from true, but the reality is that many situations occur in Portugal which make little or no sense to many of us.</p> <p>Last week's Algarve Resident offered me yet again a moment of, "It could only happen here". The reporting on the new alcoholic drinks law was frankly unbelievable. At a time when we are bombarded with health warnings, particularly the over-consumption of alcohol, it seems that the message Portugal is sending out is that it is OK at 16 to drink wine and beer, but spirits have to wait another two years.</p> <p>I would dare to suggest that in a line up of teenage men or women (boys or girls if you prefer) most people would be hard pushed to determine who was 16 and who was 18. I certainly could not.</p> <p>So how are the hapless bar owners and bar staff supposed to make that judgement?</p> <p>Is everyone going to have to show their ID or passport to prove that they are old enough for a Jack Daniels rather than a glass of house red? Good luck with that.</p>

			<p>And then there are the young tourists, who habitually do not carry their passports with them to prove their age.</p> <p>This new drinks law is ill thought out – nothing new there then – and will surely result in the (innocent) business person (bar owner) being fined and potentially being prevented from carrying out their legitimate business for a number of years.</p> <p>Well done law makers – just what we need – another way to reduce the number of people that are employed!</p> <p>Mrs J. Carlsson</p>
15	15/03/13	A/PR	<p><b>Disgraceful police behavior</b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>I feel I must share this experience with other readers.</p> <p>I drove down to Armação de Pêra on Wednesday March 6 at about 8.45 in the morning to get my newspaper, which I do most mornings.</p> <p>I got back in the car and had driven about 600 yards round the corner past the Holiday Inn when I heard a siren.</p> <p>I looked in my rear view mirror and saw the police car which was clearly indicating for me to pull over, which I did.</p> <p>I put my window down and the officer asked if it was a rental car. I said no, I had bought it four years ago when I moved out here to live.</p> <p>He asked me for my documents which I showed him and everything was ok. He then asked if I knew why I had been stopped. I said ‘no, I have no idea’.</p> <p>He then informed me that I was to be fined for using my cellphone while driving and he would go and see how much the fine was. I said that is impossible as I have left my phone at home as I only nipped out for a paper. ‘No,’ he said, ‘you were definitely on your phone and when you saw us you put it straight down’.</p> <p>At that point I got out of my car. I asked him if he was based at Armação police station, he said he was. I suggested we drove down there and while I was reporting him to his station commander for what I call police harassment, they could search my car and me for this cellphone.</p> <p>After consulting his colleague, he came back to me and said, ‘it’s ok you can go’.</p> <p>Can you imagine what the outcome would have been had I got my mobile with me - my word against theirs and we all know the answer to that.</p> <p>Is this how low the police will go to get some money in? I find it absolutely disgraceful.</p> <p>Steve Smith</p>
16	15/03/13	A/PR	<p><b>Grumpy Old Resident - Another piece of crass legislation</b></p> <p>Well Algarve Resident, I thought I was going into the realms of fantasy when I read the news recently on the alterations to laws pertaining to drinking alcohol.</p> <p>Who thinks up these crazy ideas? Overpaid, underworked suits in the city</p>

			<p>who cannot put a logical thought into practice.</p> <p>So, having had that grump let's go back to the latest bit of nonsense – you can drink certain things when you are 16 and others when you are 18.</p> <p>I have a couple of good friends, both of whom have retired to the Algarve. When I showed them the article in your illustrious paper they both stated that they were glad they were not in the 'pub' trade here.</p> <p>In the UK publicans are frequently being fined for serving underage drinkers – usually of the female variety. Have you ever tried to guess the age of a female? Guess the age too high and they get upset and offended – too low they get upset and offended.</p> <p>But seriously, I see 'girls' coming out of school, who could easily pass for 25 years old or more. How are those serving in bars supposed to know whether a young lady is old enough to drink beer or whether she can drink a spirit?</p> <p>Yes, you are right, they can ask to see identification, but is that going to happen? Maybe when the bar is not busy and the bar tender can be bothered. But come the summer, when tourists mingle with residents and the bars are full, this law stands no chance of working.</p> <p>And, of course, the smart cookies will send their legally-aged friend to buy the Jack Daniels or Gin and Tonic, which could then be imbibed on the bar's patio or outside area, probably out of the view of the licensee. Does the bar tender know, or care, who which drink was being bought for? We all know the answer to that! According to this crazy piece of legislation, he should but he may not always take the time to find out.</p> <p>So this is another piece of legislation which has cost Mr &amp; Mrs Average taxpayer and which is doomed to failure. Licensees will be fined or lose their livelihood and underage drinkers may see it as a challenge to drink the type of alcohol they are not legally allowed to drink.</p> <p>Well done to the government on this crass piece of legislation – the cost would have been better spent on advice and education on drinking alcohol and its affects on health.</p> <p>Or am I just being Grumpy?</p>
17	22/03/13	A/PR	<p><b>Re: Building blocks for progress (March 15 edition)</b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>I have just wasted five months looking for property in Algarve. Here's my summary:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Property is still 70% over priced</li> <li>• most surrounding areas are rubble and without proper infrastructure</li> <li>• dogs barking from back yards and balconies</li> <li>• Health care does not provide for the elderly, this is the main reason why they sell up and leave</li> <li>• electricity costs are a total rip off</li> <li>• no central heating in a region that IS cold in winter</li> </ul>

			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Portuguese are the most aggressive and dangerous drivers I have ever encountered (I have lived and worked in nine countries)</li> <li>• despite most tourists saying Portuguese are friendly and hospitable (could be in summer months when tourists hand over cash) but in winter I found some very arrogant and openly aggressive/racist towards foreigners.</li> <li>• basically, like Spain, corruption is rife, it's still a very primitive country, especially in the south, and laws are not compliant with the rest of EU. this is why Portuguese themselves cannot wait to leave their own country</li> </ul> <p>It's a shame because landscapes, countryside and weather are nice.</p> <p>Hope this feedback is viewed constructively but most get annoyed at other's truthful opinions.</p> <p>Trevor</p> <p>By email</p>
18	28/03/13	A/PR	<p><b>Re: Letter 'Building blocks for progress by Trevor'</b></p> <p><b>(last week's edition)</b></p> <p>Dear Editor,</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Does Trevor set the price of property in UK and how is he qualified to comment on the level of prices here?</li> <li>2. No one asked Trevor to come and live here and, with his attitude, I would not think anyone would want him to.</li> <li>3. Dogs bark in UK too and, believe me, people make more noise than dogs.</li> <li>4. Electricity costs in UK are a rip off too.</li> <li>5. Put your own central heating in if you want it and can afford it.</li> <li>6. Expat drivers can be just as bad as the Portuguese.</li> <li>7. We have lived here for 10 years, have learnt the language and made Portuguese friends. Try looking at your attitude - seems very colonial to me.</li> <li>8. See 1.</li> </ol> <p>No country is perfect and people who want to move from their native land cannot expect to find the same laws, customs etc in their new country.</p> <p>Arrogance will not make friends. In 10 years we can count the number of non-friendly Portuguese we have met on one hand. I cannot say the same for the UK! If you want to live here, put a bit of effort into it.</p> <p>Jennifer</p> <p>By email</p>
19	22/03/13	A/PR	<p><b>Grumpy Old Resident - Lunchtime drinking</b></p> <p>I know I had a good old grump last week about the new laws on drinking, but this led me on to another tack – so let me have another grump about drinking. And before your readers start thinking that I belong to a temperance group, be sure I like a drink, enjoy some great Alentejo red wine and during the</p>

			<p>winter have been known to down the odd pint of Guinness.</p> <p>Just today I was in a tasca from 11 am until 12.30pm. My friend and I chewed the cud, as we always do on a Wednesday. We put the world to rights – because we grumpy old residents are good at that – and generally watched the world go by.</p> <p>During that time, the tasca was visited by upwards of 10 men, all of whom were driving commercial vehicles – some larger than others – the vehicles that is, not the drivers! All of them drank a coffee and at least one brandy, bagaço or similar, and one guy drank two imperiais, and a brandy as well as his coffee.</p> <p>When I went to pay our pitifully small bill for two waters and four coffees I asked the charming lady who owns the tasca about alcohol consumption during the day. Keen to practice her English, she told me that most of the commercial visitors she serves drink at least one and probably two alcoholic drinks when they stop for a coffee.</p> <p>But she expressed more concern about the number of drivers who visit her establishment for lunch, and who drink wine with their meal and then down a couple of digestifs with their coffee. Good for her bar takings of course, but like me she had other concerns.</p> <p>Now my grumble and that of my fragrant bar owner is this. Some of these commercial drivers are going to be over the drink-drive limit when they get back into their vehicles. They are putting themselves at risk, but they are also putting me at risk as they are not fit to drive and may involve me or some other innocent party in an accident.</p> <p>This got me to thinking that there are numerous GNR across the Algarve, stopping drivers on a regular basis to check that paperwork is in order etc. But, in all my time in the Algarve, I have never seen a driver being breathalysed during the day at any of these stops.</p> <p>Perhaps it is easier just to check paperwork as this involves less work for the police than having to check, register and, in some instances, take additional action if a driver is over the limit prescribed by law. Or is it that the drivers I am speaking of feel confident that they will not be stopped by the long arm of the law, as the GNR's presence will be reduced as some of their number will be having a lunch break?</p> <p>Whilst I am good at having a grump, I am not so good at putting forward a solution to this issue – except perhaps no drinking and driving at all.</p> <p>But then that would probably contravene some human right or other – oh dear I feel another grump coming on.</p>
20	11/04/13	A/PR	<p><b>Re: Grumpy Old Resident (Algarve Resident, March 29 edition)</b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>I totally agree with 'Grumpy Old Resident'.</p> <p>It makes my blood boil when I see on television a lone female with 4/5/6/7/8/9/10 children complaining that she needs a bigger house, and in one instance in the UK, getting one. They have, of course, the large TV, computers etc. But what riles me most of all is when they say of the income they are receiving from the British tax payers: "I am entitled to it."</p>

			<p>As the other letter states, when we were younger, we thought about whether we could afford to have a child. If you couldn't, you didn't.</p> <p>Of course, the lone parents claiming these excessive amounts are entitled under UK laws to have this money, so are the number of immigrants that are arriving in the country. Our hospitals, housing etc, are suffering and cannot continue with this ridiculous situation.</p> <p>I have three children, all self employed and struggling to pay their income tax, and to see it going to these selfish, mindless, grabbing individuals makes my blood boil.</p> <p>I could go on, but I am going to have to have a cup of tea and a lay down to lower my blood pressure.</p> <p>Very angry UK resident, who loves to come frequently to Portugal for a bit of R &amp; R.</p> <p>Name supplied</p>
21	20/05/17	TPN	<p><b>Brexit</b> SIR,</p> <p>There seem to be many British citizens concerned about losing their 'rights' as EU citizens when the UK leaves the EU. I have been more concerned about losing my UK rights, built up over centuries, that have been incrementally ceded to the EU by successive UK governments over the past 40 years. If anything expresses more clearly the loss that would have accrued should the UK have voted 'remain' in the referendum last year, it would be the loss of British common law and with it the right to habeas corpus. No sooner had we voted 'remain' the EU commission would have rolled out the imposition of Corpus Juris. I was handed part of an article that appeared in 'The Guardian' just after the referendum on just this point. It is worth quoting here. "Setting aside the overwrought rhetoric on both sides, it is arguable that the UK dodged a dangerous bullet in exiting the EU. Because by the terms of the Lisbon Treaty, eventually the UK would, like all other EU countries, have had to submit to EU Corpus Juris in order to harmonise the legal system across the continent. That means giving up the fairest legal system the world has ever known, British common law". In the interests of efficiency, EU Corpus Juris would dispense with the right of habeas corpus, trial by jury of one's peers (Corpus Juris is trial by 3 or 5 judges) would no longer consider an accused person innocent until proven guilty. No more judicial oversight of police search - no longer respecting privacy so that "a person's home is their castle". Criminal law is where the power of the state can exert its power on the individual citizen and the prospect of eventual imposition of EU Corpus Juris is sufficient justification for every UK citizen with any self respect to vote "Leave". A massive step towards Corpus Juris is already in place in the form of the European Arrest Warrant (EAW). A provision of this is that an EAW need only state the alleged offence and should not provide any indication of evidence of a prima facie case and the receiving country is not permitted to ask for evidence but has to trust the requesting country blindly. This accepts mutual recognition of each of the other 27 state's criminal due process and legal decisions. Clearly, this already tramples roughshod over habeas corpus rights. Brexit is not only about restoring UK rights to form trading agreements freely throughout the world but for UK citizens to regain their right to freedom under the British common law and regain control over the making of British law, and over who does or does not come into the UK and retain their rights to control over fiscal and monetary policy. All about how much Britons value British sovereignty.</p> <p>ROBERT PRITCHARD, Silves</p>
22	26/08/17	TPN	<b>Tips for Tourists</b>

			<p>SIR,  Now we are at the peak of the tourist season I thought it would be a good time to provide some help to the many Brits coming to Portugal for the holidays.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) On arrival at Faro airport, stop in the middle of the exit area, blocking everyone else, look quizzically at the array of welcome signs, go outside and then come back in again.</li> <li>2) When picking up your hire car, congratulate yourself on getting a really good deal. This won't last long when you realise how much the extras cost.</li> <li>3) Most Portuguese cars are not fitted with indicators so if you are one of the lucky ones just ignore them.</li> <li>4) The wrong side of the road is actually the right side of the road in most of the rest of the world.</li> <li>5) At road junctions, stop. Look at your map appreciating the line of cars behind you then act as if you are turning left and at the last minute turn right.</li> <li>6) Portuguese roads have very limited space so most drivers will drive as closely as they can to you. Looking in your wing mirror every two seconds and complaining to your passengers is useful.</li> <li>7) Portuguese love the way you talk to them. The best way to help is to speak very loudly and slowly and point. If in doubt add 'o' after English words. Understando?</li> <li>8) In restaurants make sure you don't eat any of that foreign muck, stick to your traditional British food, hamburgers, pizzas, curries and French fries</li> <li>9) Quirky ring tones enhance the eating experience. Make sure your 'phone volume is set to high.</li> <li>10) Dress code in restaurants is football shirts, preferably ones that complement your tattoos.</li> <li>11) When you eat in beach restaurants the fewer clothes you have on the better. The next person sitting in your seat will really appreciate the mixture of factor 3 and sand.</li> <li>12) In supermarkets remember to wear the same clothes as you would in British supermarkets. Bikinis and budgie smugglers. Any further tips for our welcome visitors?</li> </ol> <p>SALEMA FERGUS, By email</p>
23	10/06/17	TPN	<p><b>So-called 'Gardeners'</b>  SIR,  I had occasion to read the very informative magazine 'Mediterranean Gardening' on my last visit to the Algarve. I read an article by a lady complaining about the lack of qualifications and the amount of noise and disturbance caused by what she called 'so-called' gardeners employed close to her home. I must admit I thought at the time: Pft they have to do a job,whats the fuss? How bad can it be? Well having just rented a villa in a Prestigious and so-called. Area de Sonho in Praia da Luz, I can offer her my heartfelt apologies and sympathies . I just found out how bad it can be. We have been blasted virtually every day from 8 am to well into the afternoons with the most horrendous noise, from everything from strimmers to hedge clippers, to leaf blowers.etc The noise levels were so bad that my wife has had to retreat indoors and close all windows and doors to get some of the so called promised 'Sonho' type peace. We have rented here before and I have no recollection of noise levels and intrusion at anything like this level ever before. On Tuesday, the gardeners arrived next door at 8am when we came back from golf at lunchtime they were still at it. An hour or two of peace ,then off again at 2.15 pm. It was unbelievable. In the same small garden Every single property around us had this treatment . From the Monday afternoon after we arrived to the Saturday when we departed. The villas are in the very expensive range.I won't waste my money on them again if this is the future. As a gardener myself I know that none of this is necessary,at least to this extent. I also know that the more you cut the faster those hedges and bushes will grow.Is this the idea? It certainly isn't for the comfort and enjoyment of those paying the piper i.e. me and my wife. I would strenuously</p>


			suggest that the Câmara de Lagos takes a closer look at these ‘cowboys’ and applies stricter rules,if they wish to continue enjoying the revenue from tourists that is. Anyone else finding these noise levels ruining their holidays? NAME AND ADDRESS SUPPLIED, By email
24	10/06/17	TPN	<p><b>New Law</b></p> <p>SIR,</p> <p>I wish I could say that I welcome the new Priority law. I am 80-years-old, walk with the aid of a stick and have only on one occasion been shown this courtesy. Last Friday I went shopping in a local store. I entered, collected all my purchases and proceeded to a cash desk where a customer was just paying. I put my purchases on the belt and was told ‘Fechado’. But it doesn,t say that I said and was told the barrier was closed. Again I said it was not, so the cashier grudgingly said alright, I will serve you. I then went to Pingo Doce, picked up what I wanted plus The Portugal News and went to priority where a customer was just finishing. The security man came over from his desk, almost pushed me aside to collect all the baskets and said ‘Fechado’ which the cashier endorsed aggressively and told me with an arm wave to go to the other end of the shop to pay. I have also had another altercation with MEO as I wanted to cancel my land line. I cancelled my DD from the bank and 2 days later received my final invoice of 1 euro 25 cents. I went purposely to Tavira to pay this and was told the computer was not set up to take my money. The next day I went to the local MEO office and was told that the bank had paid. I replied that it had not as I had cancelled, but she was unable to take my money.I next tried at a pay shop and got the same result. I went to my bank and after 30 minutes and a phone call from her to MEO, I was able to do a transfer.</p> <p>MRS E. LANNIGAN, Castro Marim</p>
25	17/06/17	TPN	<p><b>Motoring misery</b></p> <p>SIR,</p> <p>We recently had the misfortune to break down while touring in the Western Algarve in our British registered car. While I went for assistance nearby as the fix was minor, my wife waited by the car. The police happened to pass, but their only concern was that we had the correct warning triangle out and yellow vests, which is fair enough. While my wife waited by the roadside, various vehicles passed and as is normal these days nobody except one kind gentleman and his wife from Portugal’s former colonies showed any concern to help a stranded woman on her own. One Portuguese gentleman though, in his new 4x4 pick-up, made a point of deliberately driving over our warning triangle. As my wife relates, the look he gave her as he passed was that he was pleased with himself that he could inflict deliberate additional stress to a British woman in time of stress. It is precisely this undercurrent that ensures that (to quote a multimillionaire who decided not to invest millions in Portugal as the expatriate Portuguese wife of his Spanish partner told him not to invest in her home country which she described as “a country going nowhere” - Portugal has an uphill struggle with its future. Nobody wants to live where the locals hate them so much but rely on their spending for survival and the choices for those with free capital these days are immense. Added to out home being robbed at night and various other incidents, we opted not to make Portugal our permanent home. My wife simply does not feel safe when I am abroad and she is on her own, in what is described as one of the top 6 safest countries in Europe. The incident with the passing pick-up driver is indicative of a disturbing undercurrent, which entirely wipes out the memories of the many lovely and decent people we have met in our short time in the country.</p>

			NAME SUPPLIED, By email
26	05/01/17	A/PR	<p><b><u>Yet more noise and idiocy in the Portimão hillsides</u></b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>I will no doubt be dismissed as a killjoy - and someone who should either 'suck it up' or go back to my home country - but the arrival in the already ravaged countryside near Portimão autodrome of yet another noise-generating activity has impelled me to question who is in charge of Algarve planning?</p> <p>There are so many bodies we read about (the CCDR, APA, Polis Litoral, etc) telling us what we can and cannot do in terms of preserving Portugal's sainted environment. What in God's name possessed any one of them to sanction Hovertrack Portugal? I just don't get it.</p> <p>Of course, new ventures should be welcomed; investment laid-out the red carpet, and all that, but do we really need this Hooray Henry lunacy, churning up dust and noise in an area already blighted by acres of tarmac and concrete that appear to be attracting very few?</p> <p>Have environmental impact studies been carried out to assess, for instance, the effects on wildlife, or even the sanity of local residents? I for one had not even heard of this coming until it was on the scene.</p> <p>Reading up via Facebook, these massively intrusive craft appear to be powered by fuel - so there's no environmental plus there - and publicity appears to have been limited to a few road signs, and online posts.</p> <p>The 'infrastructures' (other than the swathe of blasted earth) appear to be no more than a selection of metal containers.</p> <p>According to Facebook, the business only officially started on December 31. Can you please find out who has sanctioned this latest horror, and can it be challenged in any way?</p> <p>Yours in despair, a very concerned local resident</p> <p>Editor's reply: Thank you for this, which we received only minutes before our press deadline for this week. We will endeavour to find answers for you to be published in next week's paper.</p>
27	07/07/17	TPN	<p><b>Albufeira Brawls</b></p> <p>SIR,</p> <p>I read with dismay the account of the brawls in The Portugal News of 30 June. It is increasingly apparent that Portugal, and Albufeira in particular, are attracting parties of young people intent on disrupting the peace and tranquility of this beautiful country. I live in a quiet residential area west of Albufeira, which is not traditionally a location for rental villas. Unfortunately one property that has been for sale since it was built ten years ago has, in the last two years, been turned into a rental villa despite the fact that most of its ground floor has not been finished and is simply blocked off by opaque windows. This is a large villa nonetheless with four bedrooms sleeping nine people officially, although this is often exceeded. Despite its location away from the bright lights it attracts many large parties of young people who have no regard for residents, and party and play loud music all day and until the early hours, and fill the waste bins so that we cannot dispose of our refuse. The Portuguese agent who describes herself on her website as enjoying 'having a laugh', itself an implicit incitement to bad behaviour, does nothing to address complaints from neighbours despite herself living close by. As well as marketing the villa through her own company, she also acts on behalf of AirBNB which is increasingly a huge problem because there is very little monitoring of who is renting and how they behave and almost no accountability. Even though these rental properties sound expensive, when</p>

			<p>divided by nine or ten people they are much cheaper than hotel accommodation. If Albufeira Câmara and its tourist department want to rid themselves of the increasingly negative publicity created by these groups of rowdy tourists, it needs to get a proper grip of the rental market and the way it operates, which the recent changes to regulation seem to have done very little to improve.</p> <p>PHILIP GEE, By email</p>
28	07/07/17	TPN	<p><b>Invasion Portugal</b></p> <p>SIR,</p> <p>Having laid waste to most UK city centres and European capitals on weekend binges, young Brits are focusing their deeply unpleasant behaviour here in the Algarve. Yet another appalling exhibition of young Brits displaying their arrogant disregard for Portuguese residents and other “normal” visitors to Albufeira and the Algarve. Why are a party of 600 young revellers booked for a holiday called “ Invasion Portugal” ? The itinerary specifically states all-night clubbing and pubbing and this huge group of “party animals” on the “Strip” and elsewhere is very obviously going to cause violent problems for residents and other visitors. Surely the warning is in the name - “Invasion Portugal”? Air travel from the UK with the spectre of Stag parties and Hen parties can now turn any normal flight into an alcohol- charged bedlam with the cabin crew unable and unwilling to keep order because of intimidation. My wife and I have already suffered these alarming experiences at 35,000 ft and informed The Airline involved but nothing stops profits. The responsibility for these very unpleasant and alarming incidents starts in the UK with cash greedy Tour Operators, a laissez-faire attitude to cabin behaviour by airlines and continues with the frenzied mob-mentality that is generated by partying en masse. This latest newsworthy event apparently warranted little attention in the UK press. Surely Algarve tourism cannot afford this very bad image and should be positively discouraging these unwelcome visitors.</p> <p>Robert Hepburn, By email</p>
29	19/01/17	A/PR	<p><b>Courts grand reopening</b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>I read your report on the much-anticipated reopening of the nation’s courthouses axed during the years of the last government, and I must say it sounds something of a mixed blessing.</p> <p>What is the point of reopening a courthouse that has to close every time the court official needs to go to the lavatory? It doesn’t make the country look any better. It cannot conceivably be considered to be “bringing justice closer to the people” – as presumably the people are shuffled out on these occasions – and it sounds like it serves to increase State costs to very little real effect.</p> <p>Perhaps the object of the exercise was to make people ‘think’ they have a local courthouse, when in fact they simply have a place where someone is employed to sit and tell them they will need to go somewhere else.</p> <p>In Monchique, for example, the mayor has been saying how delighted people are to have their courthouse back but it is operating with reduced services, as are the majority of newly-opened premises throughout Portugal.</p> <p>Rather than delighting people, the grand reopening of the nation’s courts</p>

			<p>looks like it may well end up frustrating them, which leads me to my real question: when are we going to have politicians that look at things ‘wholistically’ (if that can be made into a word)?</p> <p>If we had a Ministry of Time and Motion, or Logistics we might see blatantly populist decisions stopped in their tracks before (even more) hard-earned taxpayers’ money was sent into the ether.</p> <p>Gertrude Robinson Salema</p>
30	26/01/17	A/PR	<p><b><u>Loss of the stunning 19th century palace in Loulé</u></b></p> <p>Dear Editor</p> <p>Something is wrong with the way this country looks after its ancient monuments. The loss due to an unexplained fire early this week of Loulé’s beautiful 18th century palace was, to my mind, unpardonable. We have so many authorities here. Just try and put a window into a solid area of brick wall, or a skylight into an old roof and you soon discover how many authorities have to waste weeks debating on whether or not they can possibly allow it.</p> <p>Yet when there is something beautiful, iconic, historic, architecturally in a tiny class of its own, what happens? No one does a thing! The council bleats that the building isn’t its responsibility, environmental groups ‘lament’ (having done absolutely nothing in this case for years), the owners are demonised in their absence for wanting to build an urbanisation that ‘is not permitted’ and ‘drug addicts’ are saddled with all the blame. This is not right.</p> <p>Despite the crisis, far too much money sloshes around the corridors of power promoting hideous exhibitions and ludicrous initiatives. Where was the concern for this palace before Tuesday’s fire? If it hadn’t burnt down, the building would have been left to rot as it has been anyway for years. There is so little left of real quality in the Algarve, I hope all the authorities that rake in funds to protect this, that and the next thing are feeling extremely ashamed of themselves - and let’s watch to see if the ancient building’s ‘almost complete destruction’ will mean that the “British fund” that owns it suddenly gets the building permission it requires!</p> <p>Yours in disgust Name and address withheld</p>
31	07/07/17	TPN	<p><b>Disabled</b> SIR,</p> <p>I completely understand your reader, Angry Carer, and it must be hard pushing a wheelchair on local pavements but the problems are worse than the lady writes about. The new law also covers parking but it is ignored by cars with Portuguese plates on. It is also, as priority in shops, unenforceable, even in private shopping centres. If someone selfishly parks in a reserved disabled space, that’s it. Oh yes, you can make a complaint to the GNR but does that let you park in the space you need, NO! Like many Portuguese laws it is not meant to work, just to look good. (Look at forest control laws.) And the Portuguese reaction, a shrug of shoulders, “so what.”</p> <p>Yours faithfully D Taylor-Smith, By email</p>
32	02/02/17	A/PR	<p><b>Lagoa’s lagoon just perfect for nature reserve</b></p>

			<p>Dear Editor,</p> <p>The land opposite Aldi in Lagoa would have been perfect for a nature park open for the enjoyment and environmental education of the local people - i.e. always respecting the wildlife.</p> <p>The more I think about it, the more I feel this would have been the best solution for the town, which desperately needs a bit of “green”.</p> <p>Everywhere I look in Lagoa, I see “grey”. This particular area of the town, south of the EN125, has been marked in the PDM for industrial/business purposes, but aren’t there enough of this type of developments in the area? Another supermarket? Why? Does Lagoa need another supermarket?</p> <p>Shame on you, Lagoa council ...</p> <p>C. Morley By email</p>
33	09/02/17	A/PR	<p><b><u>Algarve 365? No, thanks</u></b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>I read online this week that one of the Algarve hotel bosses is ‘upset’ at the lack of instant results of a project called “Algarve 365”, designed to make the Algarve a year-round tourism destination. He is complaining that it isn’t filling hotel rooms sufficiently. But, in the end, what he is really complaining about is that his industry is not making the kind of money it makes in the summer.</p> <p>My instant question is: why should it?</p> <p>First of all, the peak summer season is hell for anyone who lives and works here.</p> <p>If any of us thought the summer frenzy would be a 12-month feature in our lives, people would run from this sunshine paradise in droves.</p> <p>Secondly, people employed in the tourism industry need time to recharge their batteries, hug their children and enjoy evenings by the fire, eating meals slowly, instead of gulping food down in order to be ready to pander to the whims of an endless conveyor belt of clients expecting perfect service.</p> <p>The Algarve should not be seen as a golden goose to be stuffed for foie-gras 365 days a year. It is too special for that, and local people deserve their well-earned rest when the place is back to being just theirs again, even if it does mean that there is slightly less money in evidence.</p> <p>Success is too often mistaken for euros in the bank and, in this case, the person winging comes from a corner of the industry that traditionally pays its staff peanuts in return for inhuman working hours.</p> <p>Algarve 365? No, please, let’s leave it the way it is: ‘Algarve mais ou menos 200’.</p>

			K. Dobbs Albufeira
34	09/03/17	A/PR	<p><b><u>Portugal beaches on Trip Advisor</u></b></p>  <p>Dear Editor,</p> <p>For the Algarve to have 8/10 of the best beaches in Portugal shouldn't necessary be local news; I think we all knew that. What is more worrying is that none of these beaches made the Top 25 in the world. Praia Santa Maria in Cabo Verde (22/25) came the closest to representing Portugal.</p> <p>Let's not forget that the Algarve once had the most beautiful beach in Europe, Praia Dona Ana. Unsurprisingly there was no mention of this beach, which is fair enough given its transformation into a complete and utter mess (pictured).</p> <p>Charlie Frew, MSc</p>
35	20/04/17	A/PR	<b><u>Trash collection in Lagos</u></b>



A while back I wrote about the situation of poor trash collection in Lagos, particularly around the west Porto de Mós area. I have noticed certain improvements upon our return this spring, and commend the city of Lagos for lids on the larger bins, as well as new lids on the recycling bins. However, this is just part of the problem.

Residents in this area are frustrated, as there are only a few pick-up points for trash collection and only two recycling areas. These fill up fast, and there seems to be no end to tourists and perhaps also more permanent residents dumping everything from small bags to large items of furniture around these points when they are obviously full already!

In addition, the main recycling post is in a windy area, so the surrounding field is covered in both plastic and paper garbage.

There is now an extended building project in west Porto de Mós, and I hope that Miralagos will work together with the city to plan more recycling points as well as larger bins. But it is also everyone's responsibility to deal with this. Lagos is a beautiful city - let's keep it that way! Perhaps an organised effort by local schools can do an annual or semi-annual clean up of the areas outside of the city walls? It would be much appreciated!

MARK SEWITSKY, by email

36	29/06/17	A/PR	<p><b><u>Albufeira Old Town</u></b></p> <p>Dear Editor,</p> <p>I have been coming to Albufeira for the last 20 years, two or three times a year, and think of it as a second home.</p> <p>I know so many lovely people and don't want to stop coming, however, something needs to be done about the stag parties ruining the old town.</p> <p>They are loud, intimidating, and don't care about the mess they leave behind.</p> <p>Many of my friends who also make trips every year feel the same and can't understand why the police let this go on.</p>
----	----------	------	--

			<p>Families are now keeping away and whilst the pubs and bars may be making money, it won't go on when the stag parties move on to a new resort, but the regulars will also move on unless this stops.</p> <p>I have written to Albufeira 365, who share my concerns.</p> <p>The old town is being ruined and has become a no-go area.</p> <p>Anne Reid By email</p>
37	24/06/17	TPN	<p><b>RE: 'new law' Letter 10 June.</b></p> <p>SIR,</p> <p>I have to agree 100%! My husband has been in a wheelchair for two months and NOT ONCE have we been shown any priority in any of the shops or cafes we frequent. In fact I got into an awful confrontation with a 'lady' who rammed us with her trolley so she could go first. The staff all watched and when I pointed to the sign, they shrugged. Charming! However, many of the public have been very kind, helping cross the road (have you any idea how many potholes are on zebra crossings?), reaching up to high shelves, helping load and unload heavy wheel chair from car and so on. To them thank you, I am most grateful. I suggest the law is scrapped as it is a total waste of time.</p> <p>ANGRY CARER, By email</p>
38	24/06/17	TPN	<p><b>Response to 'Socalled Gardeners'</b></p> <p>SIR,</p> <p>With the greatest respect to the author of 'Socalled Gardeners' letter (10/6/17), who complained about the noise of strimmers and leaf blowers. Why do you choose to stay in built up coastal resorts? Head for the hills. Cheaper rents, more to discover and peace and quiet. Apart from the dogs barking all night, which a fan in bedroom cancels out. As a hillbilly I cannot imagine why anyone would do anything but go to the coast for lunch occasionally. Just to sneer.</p> <p>ELKE HOLLICK, Faro</p>
39	24/06/17	TPN	<p><b>Tourist Rip Off</b></p> <p>SIR,</p> <p>We recently went to a restaurant on the outskirts of Albuferia [<i>sic</i>] that had recently reopened with a change of management. Well I may not be a tourist but I sure felt like one. The old covert trick was used although with a new twist. We were offered 4 deep fried croquet looking meatfilled tasters, on the house. We did not ask for the bread olives or butter but they were placed on the table at the same time. When we got the final bill the bread olives and butter were charged at very high cost. The drinks house wine and small bottled water were also well above the average local price. They were obviously not also aware that a proper t cash register type bill should be presented for payment, not two scrappy bits of paper. I bet the Financas [<i>sic</i>] would be interested in that one. So if you're a tourist, be aware that putting food on the table you did not ask for and charging you for it is against the law. Giving you a bill that is not properly presented is against the law. If you're an expat, warn your visiting friends. If any readers want to clarify my comments please do.</p>

			ANONYMOUS, Albuferia [ <i>sic</i> ].
40	01/07/17	TPN	<p><b>Praia da Luz</b></p> <p>SIR,</p> <p>I have recently returned from a holiday in Praia da Luz at my villa in Luz Parque which I have owned for some 30 years. I read with interest two letters in your edition of 6th May regarding the run down state of the town and the amount of weeds growing out of the pavements and on the roundabouts. It never used to be like this. I have complained over some years about the state of the front of Luz Parque where the original Burgau road was realigned which has become a rubbish tip with a partially built wall. This gives a very bad impression to anyone approaching Luz from the west. Having visited the Câmara offices in May I was assured that the roads in Luz Parque would be resurfaced this spring as they are now in a dangerous condition. So far no action! Seems Praia da Luz is becoming the poor relation.</p> <p>ALLAN RICHARDS , Essex</p>